



ANUÁRIO COLÓQUIOS DA LUSOFONIA ANO 2021

Revista de ESTUDOS LUSÓFONOS, LÍNGUA E LITERATURA

ISSN 2183-9239 em linha / ISSN 2183-9115 DVD

EDIÇÃO CHRYS Chrystello ©2001-2021

### Índice geral

1. [Historial AICL](#)
2. [DISCURSO PRESIDENTE DA AICL ABERTURA DO 33º COLÓQUIO](#)
3. [TRABALHOS FINAIS 33º COLÓQUIO](#)
4. [TRABALHOS FINAIS 34º COLÓQUIO](#)

## 1. HISTORIAL DA AICL, a sociedade civil atuante (após 32 colóquios da lusofonia)

Aqui se traça em linhas gerais o já longo percurso da AICL. Um exemplo da sociedade civil num projeto de Lusofonia sem distinção de credos, nacionalidades ou identidades culturais.

Em 2001, os Colóquios brotaram do intuito do nosso primeiro patrono JOSÉ AUGUSTO SEABRA de criar uma Cidadania da Língua, proposta radicalmente inovadora num país tradicionalista e avesso a mudanças. Queríamos que todos se irmanassem na Língua que nos une. Tínhamos gerido o seu projeto ALFE desde 1997 e quisemos torná-lo universal. Pretendíamos catapultar a Língua para a ribalta, numa frente comum, na realidade multilingue e multicultural das comunidades que a usam. A nossa noção de LUSOFONIA abarca os que falam, escrevem e trabalham a língua, independentemente da cor, credo, religião ou nacionalidade. Gostaria de parafrasear Martin Luther King, 28 agosto 1963, “*I had a dream...*” para explicar como nascidos em 2001 já realizámos trinta e dois Colóquios da Lusofonia (dois ao ano desde 2006 quando passamos a incluir a divulgação da açorianidade literária) numa demonstração de como ainda é possível concretizar utopias num esforço coletivo. Cremos que podemos fazer a diferença, congregados em torno de uma ideia abstrata e utópica, a união pela mesma Língua. Partindo dela podemos criar pontes entre povos e culturas no seio da grande nação lusofalante, independentemente da nacionalidade, naturalidade ou ponto de residência. Os colóquios juntam os congressistas no primeiro dia de trabalhos, compartilhando hotéis, refeições, passeios e, no último dia despedem-se como se de amigos - as de longa data se tratasse, partilham ideias, projetos, criam sinergias, todos irmanados do ideal de “sociedade civil” capaz e atuante, para – juntos – atingirem o que as burocracias e hierarquias não podem ou não querem. É o que nos torna distintos de outros encontros científicos do género. É a informalidade e o contagioso espírito de grupo que nos irmana, que nos tem permitido avançar com ambiciosos projetos. Somos um vírus altamente contagioso fora do alcance das farmacêuticas. Desde a primeira edição abolimos os axionimos, ou títulos apensos aos nomes, esse sistema nobiliárquico português de castas que distingue as pessoas sem ser por mérito. Tentamos que todos sejam iguais dentro da nossa associação e queremos que todas contribuam, na medida das suas possibilidades, para os nossos projetos e sonhos... A nossa filosofia tem permitido desenvolver projetos onde não se reclama a autoria, mas a partilha do conhecimento. Sabe-se como isso é anátema nos corredores bafientos e nalgumas instituições educacionais (universidades, politécnicos e liceus para usar a velha designação), e daí termos tido o 21º Colóquio na esplanada de uma praia...

Em 2010 passamos a associação cultural e científica sem fins lucrativos e, em dezembro de 2015 passamos a ser uma entidade cultural de utilidade pública. Desconheço quando, como ou porquê se usou o termo lusofonia pela primeira vez, mas quando cheguei da Austrália (a Portugal) fui desafiado pelo meu saudoso mentor, José Augusto Seabra, a desenvolver o seu projeto de Lusofalantes na Europa e no Mundo e aí nasceram os Colóquios da Lusofonia. Desde então, temos definido a nossa versão de Lusofonia como foi expresso ao longo destes últimos anos, em cada Colóquio. Esta visão é das mais abrangentes possíveis, e visa incluir todos numa Lusofonia que não tem de ser Lusofilia nem Lusografia e muito menos a Lusofolia que, por vezes, parece emanar da CPLP e outras entidades. Ao aceitarem esta nossa visão muitas pontes se têm construído onde hoje só existem abismos, má vontade e falsos cognatos. Felizmente, temos encontrado pessoas capazes de operarem as mudanças. Só assim se explica que depois de José Augusto Seabra, hoje, os nossos patronos sejam Malaca Casteleiro (Academia das Ciências de Lisboa), Evanildo Bechara (Academia Brasileira de Letras) e a Academia Galega da Língua Portuguesa. Depois, acrescentamos como sócios honorários e patronos Dom Ximenes Belo em 2015 e em 2016 José Ramos-Horta (os lusofalantes do Prémio Nobel da Paz 1996), a que se juntaram (em 2016) Vera Duarte da Academia Cabo-Verdiana de Letras e a Academia de Letras de Brasília. Aguardamos a prometida adesão da Academia Angolana a este projeto. O espaço dos Colóquios da Lusofonia é um espaço privilegiado de diálogo, de aprendizagem, de intercâmbio e partilha de ideias, opiniões, projetos por mais díspares ou antagónicos que possam aparentar. É esta a Lusofonia que defendemos como a única que permitirá que a Língua Portuguesa sobreviva nos próximos duzentos anos sem se fragmentar em pequenos e novos idiomas e variantes que, isoladamente pouco ou nenhum relevo terão. Se aceitarmos todas as variantes de Português sem as discriminarmos ou menosprezarmos, o Português poderá ser com o Inglês uma língua universal colorida por milhentos matizes da Austrália aos Estados Unidos, dos Açores às Bermudas, à Índia e a Timor. O Inglês para ser língua universal continuou unido com todas as suas variantes.

Ao longo de quase duas décadas realizamos colóquios em vários locais. Começámos no Porto, depois tivemos Bragança (como base entre 2003 e 2010), Brasil (Floripa 2010), Macau (2011), Ourense (Galiza 2012), Seia (2013 e 2014), Fundão (2015), Montalegre (2016), Belmonte (2017 e 2018), e nos Açores na Ribeira Grande (2006-2007), Lagoa em São Miguel 2008-2012), Vila do Porto (Santa Maria 2011 e 2017), Maia (S Miguel 2013), Moinhos de Porto Formoso (São Miguel 2014), Santa Cruz da Graciosa (2015), Lomba da Maia (S Miguel, Açores 2016), Madalena do Pico 2018. Belmonte e Santa Cruz da Graciosa (2019).

Os Colóquios são independentes de forças políticas e institucionais, através do pagamento das quotas dos associados e do pagamento de inscrições dos congressistas. Buscam apoios protocolados especificamente para cada evento, concebido e levado a cabo por uma rede de voluntários. Pautam-se pela participação de um variado leque de oradores, sem temores nem medo de represálias. Ao nível logístico, tentam beneficiar do apoio das entidades com visão para apoiar a realização destes eventos. Estabeleceram várias parcerias e protocolos com universidades, politécnicos, autarquias e outros que permitem embarcar em projetos mais ambiciosos e com a necessária validação científica.

Nos Açores, agregaram académicos, estudiosos, artistas plásticos e escritores em torno da identidade açoriana, sua escrita, lendas e tradições, numa perspetiva de enriquecimento da LUSOFONIA. Pretendia-se divulgar a identidade açoriana não só nas comunidades lusofalantes, mas em países como a Roménia, Polónia, Bulgária, Rússia, Eslovénia, Itália, França, e onde têm sido feitas traduções de obras e de excertos de autores açorianos, além de dois livros de autor, das quatro (4) antologias que já publicamos, dois (2) livros de Dom Ximenes Belo dedicados aos *Missionários Açorianos em Timor*, a história infantojuvenil trilingue *O menino e o crocodilo* de Ramos-Horta entre várias outras obras que editamos.

SOMOS uma enorme tertúlia reforçando a lusofonia e a açorianidade. De referir que em todos os colóquios mantivemos sempre uma sessão dedicada à tradução que é uma importante forma de divulgação da nossa língua e cultura. Veja-se o exemplo de Saramago que vendeu mais de um milhão de livros nos EUA onde é difícil a penetração de obras de autores de outras línguas e culturas.

Provámos a vitalidade da sociedade civil quando congregámos vontades e esforços de tantos académicos e investigadores como aqueles que hoje dão vida aos nossos projetos. Esperemos que mais se juntem à AICL – Colóquios da Lusofonia - para fazermos chegar o nosso MANIFESTO a toda a gente e aos governos dos países de expressão portuguesa. Ponto de partida para o futuro que ambicionamos e sonhamos. Com a vossa ajuda e dedicação muito mais podemos conseguir como motor pensante da sociedade civil.

### **Solução - síntese:**

Transformar a consciência do Português. O processo deve começar na comunidade onde vive e convive o cidadão. A comunidade, quando está politicamente organizada em Associação de Moradores, Clube de Mães, Clube de Idosos, etc., torna-se um microestado. As transformações desejadas serão efetuadas nesses microestados, que são os átomos do organismo nacional – confirma a Física Quântica. Ao analisarmos a conduta das pessoas nos países ricos e desenvolvidos, constatamos que a maioria segue o paradigma quântico, isto é, a prevalência do espírito sobre a matéria, ao adotarem os seguintes princípios de vida:

1. A ética, como base;
2. A integridade;

3. A responsabilidade;
4. O respeito às leis e aos regulamentos;
5. O respeito pelos direitos dos outros cidadãos;
6. O amor ao trabalho;
7. O esforço pela poupança e pelo investimento;
8. O desejo de superação;
9. A pontualidade.

Somos como somos, porque vemos os erros e encolhemos os ombros dizendo: “não interessa!” A preocupação de todos deve ser com a sociedade, que é a causa, e não com a classe política, que é o triste efeito. Só assim conseguiremos mudar o Portugal de hoje. Vamos agir! Muito mais se poderia dizer sobre a ação dos Colóquios quer a nível das suas preocupações com o currículo regional dos Açores e outras questões nacionais e internacionais, mas o que atrás fica dito espelha bem a realidade das nossas iniciativas.

#### No 1º Colóquio 2002 afirmou-se:

Pretende-se repensar a Lusofonia, como instrumento de promoção e aproximação de povos e culturas. O Porto foi a cidade escolhida, perdida que foi a oportunidade, como Capital Europeia da Cultura, de fazer ouvir a sua voz nos média nacionais e internacionais como terra congregadora de esforços e iniciativas em prol da língua de todos nós, da Galiza a Cabinda e Timor, passando pelos países de expressão portuguesa e nos outros onde não sendo Língua oficial existem Lusofalantes. Há tempos (2002) o emérito linguista anglófono Professor David Crystal escrevia-nos dizendo:

*“O Português parece-me, tem um futuro forte, positivo e promissor garantido à partida pela sua população base de mais de 200 milhões, e pela vasta variedade que abrange desde a formalidade parlamentar até às origens de base do samba. Ao mesmo tempo, os falantes de português têm de reconhecer que a sua língua está sujeita a mudanças – tal como todas as outras – e não se devem opor impensadamente a este processo. Quando estive no Brasil, no ano passado, por exemplo, ouvi falar dum movimento que pretendia extirpar todos os anglicismos. Para banir palavras de empréstimo doutras línguas pode ser prejudicial para o desenvolvimento da língua, dado que a isola de movimentações e tendências internacionais. O Inglês, por exemplo, tem empréstimos de 350 línguas – incluindo português – e o resultado foi ter-se tornado numa língua imensamente rica e de sucesso. A língua portuguesa tem a capacidade e força para assimilar palavras de Inglês e de outras línguas mantendo a sua identidade distinta. Espero também que o desenvolvimento da língua portuguesa seja parte dum atributo multilingue para os países onde é falada para que as línguas indígenas sejam também faladas e respeitadas, O que é grave no Brasil dado o nível perigoso e crítico de muitas das línguas nativas.”*

Posteriormente, contactei aquele distinto linguista preocupado com a extinção de tantas línguas e a evolução de outras, manifestando-me preocupado pelo desaparecimento de tantas línguas aborígenes no meu país e espantado pelo desenvolvimento de outras. Mostrava-me apreensivo pelos brasileirismos e anglicismos que encontrara em Portugal após 30 anos de diáspora. Mesmo admitindo que as línguas só têm capacidade de sobrevivência se evoluírem eu alertava para o facto de terem sido acrescentadas ao léxico 600 palavras pela Academia Brasileira (1999) das quais a maioria já tinha equivalente em português.

Sabendo como o Inglês destronou línguas (celtas e não só) em pleno solo do Reino Unido a partir do séc. V, tal como Crystal (1977) afirma no caso do Câmbrico, Norn e Manx, perguntava ao distinto professor qual o destino da língua portuguesa, sabendo que o nível de ensino e o seu registo linguístico eram cada vez mais baixos, estando a ser dizimados por falantes, escribas, jornalistas e políticos ignorantes, sem que houvesse uma verdadeira política da língua em Portugal. A sua resposta em março 2002 pode-nos apontar um de muitos caminhos. Diz Crystal:

*“As palavras de empréstimo mudam, de facto, o carácter duma língua, mas como tal não são a causa da sua deterioração. A melhor evidência disto é, sem dúvida, a própria língua inglesa que pediu de empréstimo mais palavras do que qualquer outra, e veja-se o que aconteceu ao Inglês. De facto, cerca de 80% do vocabulário Inglês não tem origem Anglo-Saxónica, mas sim das línguas Românticas e Clássicas incluindo o Português. É, até, irónico que algumas dos anglicismos que os Franceses tentam banir atualmente derivem de Latim e de Francês na sua origem. Temos de ver o que se passa quando uma palavra nova penetra numa língua. No caso do Inglês, existem triunviratos interessantes como kingly (Anglo-saxão), royal (Francês), e regal (Latim) mas a realidade é que linguisticamente estamos muito mais ricos tendo três palavras que permitem todas as variedades de estilo que não seriam possíveis doutro modo. Assim, as palavras de empréstimo enriquecem a expressão. Até hoje nenhuma tentativa de impedir a penetração de palavras de empréstimo teve resultados positivos. As línguas não podem ser controladas. Nenhuma Academia impediu a mudança das línguas. Isto é diferente da situação das línguas em vias de extinção como por exemplo debati no meu livro Language Death. Se as línguas adotam palavras de empréstimo isto demonstra que elas estão vivas para uma mudança social e a tentar manter o ritmo. Trata-se dum sinal saudável desde que as palavras de empréstimo suplementem e não substituam as palavras locais equivalentes. O que é deveras preocupante é quando uma língua dominante começa a ocupar as funções duma língua menos dominante, por exemplo, quando o Inglês substitui o Português como língua de ensino nas instituições de ensino terciário. É aqui que a legislação pode ajudar e introduzir medidas de proteção, tais como obrigação de transmissões radiofónicas na língua minoritária, etc. existe de facto uma necessidade de haver uma política da língua, em especial num mundo como o nosso em mudança constante e tão rápida, e essa política tem de lidar com os assuntos base, que têm muito a ver com as funções do multilinguismo. Recordo ainda que não é só o Inglês a substituir outras línguas. No Brasil, centenas de línguas foram deslocadas pelo português, e todas as principais línguas: espanhol, chinês, russo, árabe afetaram as línguas minoritárias de igual modo.”*

Por partilhar a opinião do professor David Crystal espero que possam todos repensar a Lusofonia como instrumento de promoção e aproximação de culturas sem exclusão das línguas minoritárias que com a nossa podem coabitar.

#### Em 2002.

Patenteamos que era possível ser-se organizacionalmente INDEPENDENTE e descentralizar sem subsidiodependências e os Colóquios já se afirmaram como a única realização regular, concreta e relevante - em todo o mundo - sobre esta temática, sem apoios nem dependências. Os Colóquios inovaram, na primeira edição, e introduziram o hábito de entregar as Atas em DVD - CD no ato de acreditação dos participantes.

#### No 2º Colóquio [2003] afirmou-se:

“Só através de uma política efetiva de língua se poderá defender e promover a expansão do espaço cultural lusófono, contribuindo decisivamente para a sedimentação da lingua portuguesa como um dos principais veículos de expressão mundiais. Que ninguém se demita da responsabilidade na defesa do idioma independentemente da pátria. Hoje como ontem, a língua de todos nós é vítima de banalização e do laxismo. Em

## Anuário 2021 Belmonte e PDL

Portugal, infelizmente, a população está pouco consciente da importância e do valor do seu património linguístico. Falta-lhe o gosto por falar e escrever bem, e demite-se da responsabilidade que lhe cabe na defesa da língua que fala. Há outros aspetos de que, por serem tão correntes, já mal nos apercebemos: o mau uso das preposições, a falta de coordenação sintática, e a violação das regras de concordância, que, logicamente, afetam a estrutura do pensamento e a expressão. Além dos tratos de polé que a língua falada sofre nos meios de comunicação social portugueses, uma nova frente se está a abrir com o ciberespaço e com as novas redes de comunicação em tempo real. Urge, pois, apoiar a formação linguística dos meios de comunicação social, promover uma verdadeira formação dos professores da área, zelar pela dignificação da língua portuguesa nos organismos internacionais, dotando-os com um corpo de tradutores e intérpretes profissionalmente eficazes. A atual crise portuguesa não é meramente económica, mas reflete uma nação em crise, dos valores à própria identidade. Jamais podemos esquecer que a língua portuguesa mudou através dos tempos, e vai continuar a mudar. A língua não é um fóssil. Também hoje, a mudança está a acontecer. Num país em que falta uma visão estratégica para uma verdadeira POLÍTICA DA LÍNGUA, onde o cinzentismo e a uniformidade são a regra de referência, onde a competição é uma palavra tabu, onde o laxismo e a tolerância substituem a exigência e a disciplina, onde a posse de um diploma superior constitui ainda uma vantagem competitiva, claro que continua a grassar a desresponsabilização. Os cursos superiores estão ainda desajustados do mercado de trabalho, as empresas vivem alheadas das instituições académicas, existem cursos a mais que para nada servem, existem professores que mantêm cursos abertos para se manterem empregados. Ao contrário do que muitos dizem Portugal não tem excesso de licenciados, mas sim falta de empregos. Mas será que falam português? “

**No 3º Colóquio [2004],** o tema era a Língua Mirandesa, dizia-se que o Colóquio, como pedrada no charco que pretendia ser, visava alertar para uma segunda língua nacional que mal sabemos que existe e cujo progresso é já bem visível em menos duma década de esforço abnegado e voluntarioso duma mão cheia de pessoas que acreditaram. Alertávamos para a necessidade de sermos competitivos e exigentes, sem esperar pelo Estado ou Governo e tomarmos a iniciativa em nossas mãos. Assim como criamos estes Colóquios, também cada um pode criar a sua própria revolução, em casa com os filhos, com os alunos, com os colegas e despertar para a necessidade de manter viva a língua de todos nós. Sob o perigo de soçobrarmos e passarmos a ser ainda mais irrelevantes neste curto percurso terreno. Nesse ano, lançamos a campanha que salvou da extinção o importante portal Ciberdúvidas.

### No 4º Colóquio [em 2005] sobre a Língua Portuguesa em Timor-Leste

“O português faz parte da História timorense. Não a considerar uma Língua oficial colocaria em risco a sua identidade”, defende o linguista australiano Geoffrey Hull no seu recente livro Timor-Leste. Identidade, língua e política educacional. A língua portuguesa "tem-se mostrado capaz de se harmonizar com as línguas indígenas" e é tanto mais plausível porque "o contacto com Portugal renovou e consolidou a cultura timorense e quando Timor-Leste emergiu da fase colonial não foi necessário procurar uma identidade nacional, o país era único do ponto de vista linguístico. O português não é um idioma demasiado difícil para os timorenses pois estes já possuem um relativo conhecimento passivo do português, devido ao facto de que já falam o Tétum-Dili", afirma Hull. " A juventude deve fazer um esforço coletivo para aprender ou reaprender a língua portuguesa”. Estas eram, de facto, as premissas com que partimos para o 4º Colóquio. Tivemos a presença do Prémio Nobel da Paz, D. Carlos Filipe Ximenes Belo, e a exposição de fotografia do Presidente Xanana Gusmão (Rostos da Lusofonia). Durante dois dias foi debatido o futuro do português na ex-colónia, além de temas mais genéricos como as tradições, a literatura e a tradução em geral. Em termos linguísticos é a primeira vez que se faz uma experiência destas no mundo: impor-se uma Língua oficial numa nação onde não existe uma língua própria, mas várias línguas: a franca (Tétum) e vários dialetos. A organização do Colóquio entende que "foi sobremodo graças à ação da Igreja Católica que a língua portuguesa se manteve em Timor", e daí a relevância da presença do Bispo resignatário de Dili, D. Carlos Ximenes Belo, no segundo dia de trabalhos. Dentre os temas debatidos focando aspetos curiosos da Geografia à História de Timor, passando pelo Ensino e Cooperação, é importante realçar que os projetos com melhor e maior acolhimento foram aqueles que saíram das linhas institucionais rígidas. Trata-se de projetos em que os professores e cooperantes adaptaram os programas à realidade timorense e assim conseguiram uma adesão e participação entusiástica dos timorenses, que hoje os substituem já nessas tarefas.

Este aspeto é notável, pois colide com a burocracia oficial e rígida que estipula quais os programas a aplicar sem conhecimento da realidade local e suas idiossincrasias. A ideia transversal e principal deste Colóquio era o futuro do português em Timor. “*O Tétum está a ser enriquecido com toda uma terminologia que deriva automaticamente do português, e não do Inglês. Enquanto as línguas tradicionais cada vez mais se servem do Inglês, o Tétum está a servir-se do português para criar palavras que não existem o que enriquece tanto o português como o Tétum*”.

**Em 2006, no 6º Colóquio debateram-se os modelos de normalização linguística na Galiza** e a situação presente, onde o genocídio linguístico atingiu uma forma nova e subtil, pela promoção social, escolar e política de uma forma oral e escrita deturpada, castelhanizada, a par de uma política ativa de exclusão dos dissidentes lusófonos (os denominados reintegracionistas e lusistas). Debateu-se uma Galiza que luta pela sobrevivência linguística, numa altura em que a UNESCO advertiu do risco de castelhanização total nas próximas décadas. Falou-se de história, dos vários avanços e recuos e de vários movimentos a favor da língua portuguesa na Galiza, apontaram-se soluções, sendo exigida a reintrodução do Português na Galiza através de várias formas e meios. Existe aqui ampla oportunidade para as televisões portuguesas descobrirem aquele mercado de quase três milhões de pessoas. As oportunidades comerciais de penetração da Galiza podem ser uma porta importante para a consolidação da língua naquela Região Autónoma. Foi sobejamente assinalada a quase generalizada apatia e desconhecimento do problema da língua na Galiza por parte dos portugueses e o seu esquecimento por parte das entidades oficiais sempre temerosas de ofenderem o poder central em Madrid. Faltam iniciativas como esta para alertar, um número cada vez maior, as pessoas para este genocídio linguístico, desconhecido e que mora mesmo aqui ao lado. O atual impacto mundial da língua portuguesa existe sobretudo por ação dos outros. A República Popular da China prepara [em Macau] os seus melhores quadros para dominarem a língua portuguesa e desta forma conquistarem os mercados lusófonos. Irá depender sobretudo do esforço brasileiro em liderar que a Lusofonia poderá avançar, levando a reboque os países africanos ainda cheios de complexos do seu velho e impotente colonizador Portugal. A língua portuguesa é alimentada de forma diferente de acordo com as realidades sociais, económicas, culturais, etc., dos países onde está instituída e os quais estão geograficamente distantes uns dos outros. A Língua Portuguesa pode ser o veículo de aproximação entre os países lusófonos e as comunidades lusofalantes. Os meus compatriotas aborígenes australianos preservaram a sua cultura ao longo de sessenta mil anos, sem terem escrita própria, mas a sua cultura foi mantida até aos dias de hoje, pois assentava na transmissão via oral de lendas e tradições. Este é um dos exemplos mais notáveis de propagação das características culturais de um povo que nunca foi nação. Devemos aceitar a Lusofonia e todas as suas diversidades culturais sem exclusão, que com a nossa podem coabitar.

### Em 2007, buscou-se um tema ainda mais polémico e a necessitar de debate: “O Português no século XXI, a variante brasileira rumo ao futuro.

O risco real da separação ou não. Unificação ou diversificação: esta a agenda para as próximas décadas.” Assim, a verificar-se (e creio ser só uma questão de tempo) a emancipação da variante brasileira, a língua portuguesa europeia estará condenada a uma morte lenta associada a uma rápida diminuição e envelhecimento da população de Portugal que aponta para uns meros 8,7 milhões em 2050 contra os atuais 10,7 milhões.



## Anuário 2021 Belmonte e PDL

Os desafios que se põem nestes Colóquios são grandes... O Português, ao contrário do que muitos pensam não tem pernas para andar sozinho com uma população entre 9 e 15 milhões se incluirmos os expatriados, e tem de contar sobretudo com o número de falantes no Brasil, Galiza, Angola, Moçambique, Timor, Cabo Verde, S. Tomé, Guiné-Bissau e por toda a parte onde haja comunidades de lusofalantes, mesmo nas velhas comunidades esquecidas de Goa a Malaca. São lusofalantes os que têm o Português como língua, seja Língua-Mãe, língua de trabalho ou língua de estudo, vivam eles no Brasil, em Portugal nos PALOP's, na Galiza, em Macau ou em qualquer outro lugar, sejam ou não nativos, naturais, nacionais ou não de qualquer país lusófono.

**Em 2008 foi atribuído o 1º Prémio Literário da Lusofonia e debateu-se, pela primeira vez em Portugal, o Acordo Ortográfico 1990.**

Inaugurámos a Academia Galega da Língua Portuguesa e o Presidente da Academia de Ciências de Lisboa Professor Adriano Moreira deslocou-se propositadamente para dar “o apoio inequívoco da Academia de Ciências aos Colóquios da Lusofonia”. Na sequência da vinda, doaria o seu espólio a Bragança onde se encontra na Biblioteca Municipal com o seu nome. Idêntica visita ocorreu em 2009 na Lagoa (Açores) onde se homenagearam Dias de Melo e Daniel de Sá. Prosseguimos, incansáveis, a campanha pela implementação total do Acordo Ortográfico 1990, com o laborioso apoio de Malaca Casteleiro e Evanildo Bechara na luta pela Língua unificada que propugnamos para as instâncias internacionais. Desde então, esta é regra inelutável da AICL sobre a Ortografia: dado haver inúmeras ortografias oficiais em Portugal e no Brasil, a AICL converteu e uniformizou, para o AO 1990, todos os escritos posteriores a 1911, incluindo títulos de obras. A caótica ortografia anterior a 1911 foi mantida sempre que possível.

**Em 2009 nos 11º e 12º colóquios definimos os projetos do MUSEU DA LUSOFONIA (Bragança) e do MUSEU DA AÇORIANIDADE (Lagoa),** que infelizmente não tiveram cabimento financeiro. O projeto de Bragança viria a desenvolver-se sem a nossa paternidade após 2016, e reavivamos o projeto em Belmonte 2017 para ser integrado no Museu dos Descobrimentos com apoio da Câmara local. Em 2009 convidámos o escritor Cristóvão de Aguiar para a primeira Homenagem Contra O Esquecimento, que incluía ainda Carolina Michaëlis, Leite de Vasconcellos, Euclides Da Cunha, Agostinho da Silva, Rosália de Castro. Um protocolo foi estabelecido em 2009 com a Universidade do Minho para ministrar um Curso Breve de Estudos Açorianos que decorreu em 2011.

**Em janeiro de 2010 lançámos os Cadernos de Estudos Açorianos (em** formato pdf no nosso portal <https://www.lusofonias.net/acorianidade/cadernos-acorianos-suplementos.html> que trimestralmente publicámos, estando disponíveis mais de três dezenas de cadernos, suplementos e vídeo-homenagens a autores açorianos. Servem de suporte ao curso de Açorianidades e Insularidades que pretendemos (um dia) levar em linha - online - para todo o mundo e de iniciação para os que querem ler autores açorianos cujas obras dificilmente se encontram.

**Nesse ano, o 13º colóquio deslocou-se ao Brasil,** participou na conferência da CPLP em Brasília, visitou o Museu da Língua Portuguesa em São Paulo e no Rio foi recebido na Academia Brasileira de Letras, onde palestraram Malaca Casteleiro, Concha Rousia e Chrys Chrystello, antes de se rumar a AÇORIANÓPOLIS, a décima ilha açoriana, Florianópolis no Estado de Santa Catarina.

**Em 2010, Bragança, no 14º colóquio,** tivemos poemas de Vasco Pereira da Costa, uma vídeo homenagem ao autor e a declamação ao vivo do poema “Ode ao Boeing 747” em 11 das 14 línguas para que foi traduzido pelos Colóquios (Alemão, Árabe, Búlgaro, Catalão, Castelhana, Chinês, Flamengo, Francês, Inglês, Italiano, Neerlandês, Polaco, Romeno, Russo).

**Em 2011, no 15º colóquio, uma numerosa comitiva deslocou-se a Macau** com o generoso apoio do Instituto Politécnico local e lá se firmaram novos protocolos. Ali se lançou o livro *Crónica Açores* vol. 2 de Chrys Chrystello. No 16º colóquio, fomos pela primeira vez a Santa Maria, Ilha-Mãe homenagear Daniel de Sá. Em Vila do Porto, além de se apresentar a Antologia bilingue de autores açorianos, aprovou-se uma DECLARAÇÃO DE REPÚDIO pela atitude de Portugal que olvidando séculos de história comum da língua, excluiu a Galiza - representada pela AGLP - do seio das comunidades lusófonas. A Galiza esteve sempre representada desde 1986 em todas as reuniões relativas ao novo Acordo Ortográfico e o seu léxico foi integrado em vários dicionários e corretores ortográficos. A sua exclusão *a posteriori* do seio da CPLP representa um grave erro histórico, político e linguístico que urge corrigir urgentemente.

**Em 2012 no 17º colóquio na Lagoa, reunimos 9 autores na HOMENAGEM CONTRA O ESQUECIMENTO:**

Eduardo Bettencourt Pinto (Canadá), C. Valadão Serpa (EUA); de São Miguel: Eduíno de Jesus, Fernando Aires (representado pela viúva Idalinda Ruivo e filha Mª João); Daniel de Sá; da Ilha Terceira, Vasco Pereira da Costa e Emanuel Félix representado pela filha e poeta Joana Félix; da Ilha do Pico, Urbano Bettencourt, e do Brasil, Isaac Nicolau Salum (descendente de açorianos) com a presença da filha Maria Josefina.

**Em outubro 2012, no 18º colóquio, levamos os Colóquios a Ourense, Galiza, parcela** esquecida da Lusofonia, berço da língua de todos nós. Ali houve uma cerimónia especial da AGLP em que foram empossados oito novos Académicos Correspondentes. Foi um evento rico em trabalhos científicos e apresentações, mas com fraca adesão de público. Nesse ano difundimos o MANIFESTO AICL 2012, a língua como motor económico (<http://coloquios.lusofonias.net/projetos%20aicl/manifesto2012aicl.pdf>) contributo para uma futura política da língua no Brasil e em Portugal. Dois importantes projetos viram a luz do dia em 2011 e 2012, a Antologia Bilingue de (15) Autores Açorianos Contemporâneos e a Antologia de (17) Autores Açorianos Contemporâneos (em 2 volumes), da Calendário de Letras e autoria de Helena Chrystello e Rosário Girão, lançadas em Portugal e Açores (2011-2013), Galiza e Toronto (2012) bem como as obras completas em poesia celebrando 40 anos de vida literária de Chrys Chrystello num volume intitulado *Crónica do Quotidiano Inútil* (vols 1 a 5).

**Na Maia (2013) no 19º colóquio, surgiram vários novos projetos,** a Antologia 9 Ilhas 9 escritoras, o projeto de musicar poemas, e novo Prémio Literário AICL Açorianidade. Registou-se a presença, pela primeira vez de representantes do Camões e do IILP (Instituto Internacional da Língua Portuguesa) da CPLP além do convidado de honra Dom Ximenes Belo.

**Em Seia (2013) no 20º colóquio, criou-se um projeto de levantamento do Corpus da Lusofonia pelo Grupo Interdisciplinar, de Pesquisas em Linguística Informática (GIPLI).**

Iremos continuar com o projeto de musicar poemas de autores açorianos, como a Ana Paula Andrade demonstrou no 19º e 20º colóquios ao apresentar temas de Álam Oliveira, Luísa Ribeiro, Norberto Ávila, Concha Rousia e Chrys Chrystello. Igualmente iremos prosseguir com o projeto de musicar autores em versão *pop*, como tem sido feito pelo grupo de professores da Escola da Maia em São Miguel. Prosseguiremos à medida das disponibilidades dos nossos tradutores, com traduções de excertos de autores açorianos. Tenta-se colocar a Antologia no Plano Nacional (já consta do Plano Regional de Leitura dos Açores).

## Anuário 2021 Belmonte e PDL

**2014, o 21º colóquio teve a particularidade de obrigar a fechar as inscrições dois meses antes da data** por excesso de oradores para o idílico local – a Praia dos Moinhos de Porto Formoso. Lançou-se o 2º Prémio Açorianidade (Poesia). Lançamos neste 21º Colóquio mais dois projetos: a Coletânea de Textos Dramáticos de autores açorianos, da autoria de Helena Chrystello e Lucília Roxo (incluindo Álamo Oliveira, Martins Garcia, Norberto Ávila, Daniel de Sá, e Onésimo T Almeida) bem como a Antologia no feminino “9 Ilhas, 9 escritoras” incluindo Brites Araújo, Joana Félix, Judite Jorge, Luísa Ribeiro, Luísa Soares, Madalena Férrin, Madalena San-Bento, Natália Correia, Renata Correia Botelho.

**Em 2014, no 22º colóquio em Seia, tivemos dois dos maiores vultos da ciência portuguesa**, desconhecidos para a maioria da população – José Carlos Teixeira do Canadá, especialista em Geografia Humana e o professor José António Salcedo, especialista mundial em ótica e laser. Conseguimos trazer um grupo de 20 dançarinos de Timor-Leste (Timor Furak e Le-Ziaval) que ao longo de três sessões nos encantaram, numa aproximação entre culturas lusófonas distantes.

**23º colóquio no Fundão 2015:** Anunciou-se a preparação do volume 9 Ilhas, 9 autores 9 línguas traduzidas.

**24º Graciosa 2015, aceite a proposta do associado José Soares de admitir Dom Carlos Filipe Ximenes Belo como Sócio Honorário** - tentamos apoios para a publicação do livro de D. Ximenes Belo sobre um missionário açoriano no Oriente. Aceite a proposta do júri do Prémio AICL para que Norberto Ávila seja o autor a homenagear em 2016

**25º Montalegre abril 2016. Foi anunciada a presença no 26º colóquio do outro Prémio Nobel da Paz de 1996, Dr José Ramos-Horta.** Nesse colóquio lançaremos o CD de autores açorianos musicados. Em 2018 no Pico iremos ter um concerto especial com partituras do Padre Áureo da Costa Nunes e convidaremos autores picoenses ainda vivos

### **26º colóquio Lomba da Maia 2016: PROJETOS SAÍDOS DESTE COLÓQUIO**

A possibilidade de se editar em Portugal o livro infantojuvenil do presidente Ramos-Horta, aceitar Ramos-Horta como sócio honorário da AICL e patrono. Nomear Urbano Bettencourt como autor escolhido para a Homenagem contra o Esquecimento 2017 em Belmonte e Vila do Porto.

### **27º colóquio Belmonte 2017: Aceitar a proposta da EMPDS e da Câmara Municipal de sediar os próximos colóquios de forma definitiva em Belmonte.**

Aceitar a proposta de revitalizar o nosso projeto de 2009 do Museu da Lusofonia e construir nos próximos dois anos o primeiro módulo dedicado ao período de início da língua galaico-portuguesa até Carta de Pero Vaz de Caminha, a fim de poder ser incluído no Museu dos Descobrimentos. Foi já criada uma equipa multidisciplinar liderada pelo Professor Malaca Casteleiro, coadjuvado pelas professoras Maria Francisca Xavier e Maria de Lourdes Crispim. A preparação de imagens e textos deverá estar pronta no prazo de um ano a fim de a entregarmos à EMPDS para encomendar a transposição para elementos interativos. Posteriormente iremos tratar do segundo módulo, com a inclusão de línguas nativas da era dos Descobrimentos e posteriores (tupi, guarani, etc.) e evolução até aos nossos dias.

**28º colóquio da lusofonia Vila do Porto 2017. Foram firmados novos protocolos com o Município de Belmonte e Hotel Belmonte Sinai** a vigorar – pelo menos – durante quatro anos, em que a nossa base será em Belmonte e nela se realizará um colóquio anual. Foi renovado o protocolo com o IECCPMA (Instituto Europeu de Ciências da Cultura Padre Manuel Antunes). Face ao protocolo com a autarquia de Belmonte tivemos de mudar a nossa programação futura (mais 4 em Belmonte, até 2021, e os restantes obviamente nas ilhas dos Açores). O autor açoriano homenageado em 2018 será a compositora e maestrina Ana Paula Andrade. No Pico apresentaremos com a Ana Paula Andrade e Raul Leal Gaião a obra musical do Padre picoense Áureo da Costa Nunes e faremos uma Homenagem a Dom Jaime Garcia Goulart na Candelária com Raul Gaião e Dom Carlos Ximenes Belo. Igualmente iremos introduzir temática arqueológica e apresentar novo documentário de Timor-Leste e convidaremos a Mirateca ARTS a colaborar. Projetos a apoiar e desenvolver nos próximos 2 a 3 anos: Editar o 2º livro da série *Missionários açorianos em Timor* de Dom Carlos F Ximenes Belo; Iniciar o projeto de poemas dedicados aos Açores a fotografias do Porto pela Fátima Salcedo; Trabalhar na preparação do 2º CD de autores açorianos musicados pela Ana Paula Andrade e divulgar o 1º CD; Prosseguir na antologia dos açorianos traduzidos em várias línguas que a Helena Chrystello começou em 2015 e apoiar dentro das nossas possibilidades não-financeiras, a edição do Dicionário de Crioulo Macaense de Raul Leal Gaião e a futura edição crítica das obras anglófonas dedicadas aos Açores na segunda metade do séc. XIX, a produzir por Rolf Kemmler. Por sugestão do nosso patrono e presidente da Assembleia-Geral, em 2018 iremos experimentar o modelo de 20 minutos para todas as sessões.

### **29º colóquio da lusofonia Belmonte março 2018,**

- A EMPDS vai diligenciar para musealizar e converterem conteúdo digital o primeiro módulo do Museu da Lusofonia
- Proposto para ser incluído no Museu dos Descobrimentos já no 31º colóquio abril 2019 (Dos primeiros documentos em galaico-português à Carta de Pero Vaz de Caminha)
- o ICPD (Instituto Cultural de Ponta Delgada, Vice-Presidente (João Paulo Constância) vai assinar um protocolo com a AICL para a colaboração ativa em vários projetos, a AICL vai lançar, em moldes ainda por determinar, o 2º volume de Dom Ximenes Belo missionários Açorianos em Timor, a AICL vai convidar a MiratecArts para colaborar numa sessão especial do 30º colóquio na Madalena do Pico em outubro 2018

### **30º colóquio da lusofonia Madalena do Pico out 2018 Conclusões –**

1. Congratulamo-nos pelo acordo com a Câmara de Ponta Delgada para ali realizarmos o 34º colóquio de 1 a 5 outº 2020 EDUCAÇÃO: uma ciência transversal que todos os governos deviam privilegiar, com os Convidados de honra Alexandre Quintanilha Presidente da Comissão Parlamentar de Educação e Ciência

<https://www.parlamento.pt/DeputadoGP/Paginas/Biografia.aspx?ID=5930>; José António Salcedo cientista <https://www.facebook.com/jose.a.salcedo.988> e ainda o escritor Richard Zimler como escritor convidado.

2. Congratulamo-nos com os reforços dos laços com a autarquia de Belmonte que vai instalar o núcleo da Lusofonia no Museu dos Descobrimentos com abertura prevista para abril 2019

## Anuário 2021 Belmonte e PDL

3. Congratulamo-nos com o resultado das diligências da AICL que irão permitir a geminação entre a Madalena do Pico e Belmonte, e conta-se com a presença lá do Sr. Presidente da Câmara,
4. Depois de propormos à C M Madalena o regresso dos Colóquios a esta vila ficou o mesmo mutuamente acordado para 23 a 27 de setº de 2021
5. Congratulamo-nos, que graças à ação da AICL, Ponta Delgada possa vir a ser incluída na Rede das Judiarias e que esse acordo seja já celebrado no próximo colóquio em abril 2019
6. Por proposta de Frederico Cardigos do Gabinete dos Açores em Bruxelas, vamos estudar a possibilidade de levar um grupo restrito (10-12) de autores açorianos a Bruxelas para numa sessão de 1 a 2 dias, divulgar a literatura de matriz açoriana e alguma da sua obra (livros ou excertos já traduzidos noutras línguas)
7. Proposta da AICL de acolher como sócio Sérgio Rezendes e promovermos a sua deslocação a escolas secundárias para promover o conhecimento da História dos Açores
8. Vamos prosseguir com o projeto de finalizar o projeto do busto de Dom Carlos Ximenes Belo com um custo entre os 6 e os 8 mil euros cujo molde inicial foi feito pelo artista plástico picoense Rui Goulart (ver em <http://coloquios.lusofonias.net/XXX/ximenes%20um%20busto.mp4>). Pensamos que uma autarquia ou outra entidade que financie esta obra possa ficar com ela para expor em local apropriado.
9. Damos publicamente um voto de congratulação á MIRATECARTS por colocar ao longo destes últimos sete anos, o Pico no mapa cultural internacional através das suas atividades diversificadas
10. Os autores homenageados pela AICL em 2019 e 2020 serão, respetivamente, EDUÍNO DE JESUS e ONÉSIMO T ALMEIDA

### CONCLUSÕES 31º colóquio da lusofonia, Belmonte 12-15 abril 2019

Salientamos com satisfação a assinatura de protocolo entre o Museu Judaico de Belmonte e a Sinagoga de Ponta Delgada, promovido no 30º colóquio da Madalena do Pico, a que se seguirá no 25 de abril a celebração da geminação da Madalena do Pico com a vila de Belmonte, também originado no 30º colóquio. Estas sinergias intermunicipais refletem bem o carácter agregador e dinâmico da AICL que agradece a presença do Sr. Presidente José Manuel Bolieiro e da sua delegação. Salientamos a participação de académicos de várias áreas científicas, vários países e regiões com a habitual presença da Galiza (Alexandre Banhos e Margarida Martins), a presença pela quinta vez de representação diplomática de Timor-Leste e a segunda participação de Cabo Verde pela académica, poetisa e juíza desembargadora Vera Duarte, nossa nova associada, e do nosso patrono e sócio-honorário Dom Carlos Ximenes Belo que assinalou a sua sétima presença de forma bem vocal no painel dedicado aos 20 anos após o referendo de Timor-Leste de 1999. Foi oficialmente confirmada a participação de 3 autores lusófonos no 32º na Graciosa (Teolinda Gersão, Joel neto e José Luís Peixoto) e de cerca de uma vintena de autores açorianos, em novos moldes com formato de mesa redonda. Notável envolvimento da comunidade local nas sessões, em especial nos concertos e recitais em que a sala do auditório municipal praticamente encheu. Foi assinalada a qualidade dos 5 livros apresentados pelos autores neste colóquio (D Ximenes Belo, **Missionários açorianos em Timor vol. 2;** Raul Gaião, **Dicionário de Crioulo Macaense;** Vera Duarte **“A Matriarca” e “A reinvenção do mar”;** José Andrade **“Açores no Mundo: as 15 Casas dos Açores”**, Luciano Pereira, **“Lusofonografias, Ensaio pedagógico-literários”**. Regista-se com apreço a enorme capacidade de Ana Paula Andrade de conglomerar vontades para apresentar “Sodade” de Cesária Évora como música de fundo na intervenção do escritor timorense Luís Cardoso de Noronha (Takas) e em seguida, apresentou a mesma versão cantada, em versão impromptu com Piki Pereira e Mintó Deus, além de chamar ao palco a jovem talento local Joana Carvalho que cantou, de improviso, em segunda voz “As ilhas de bruma”.

A participação local de jovens intérpretes foi uma agradável surpresa e enviamos os nossos parabéns a todos (Francisca Marques (piano), Edgar Costa (acordeão), Juliana e Rodrigo bernardo (o mais jovem maestro português) e a Joana Carvalho. O associado Terry Costa da MiratecArts apresentou um ambicioso projeto da Quinta da Lusofonia, um espaço de cerca de 800 metros quadrados dedicado às palavras, dos poetas e das poetisas de língua portuguesa, espalhados pelo mundo - desde os que já disseram o seu último adeus, às novas gerações que por aqui passam. A Quinta da Lusofonia está projetada para uma inauguração no outono 2021, arrancando as celebrações dos 10 anos da Associação MiratecArts, e na altura do 36º Colóquio da Lusofonia a acontecer na Madalena, ilha do Pico.

Foi bastante proveitosa e participada a divulgação do tema Judaísmo quer na visita à Sinagoga, Museu Judaico ou mesmo nas duas sessões dedicadas ao tema, muito enriquecidas pela apresentação por José de Mello da História da Sinagoga de Ponta Delgada e da inauguração de uma exposição de peças da mesma sinagoga que ficará em exibição até finais de maio.

Numa reunião com Paulo Monteiro (GloryBox) responsável pela instalação do Museu dos Descobrimentos e pela sua próxima remodelação foi possível aumentar o polo da lusofonia para 3 módulos a saber: 1, medieval do galego-português a Pero Vaz de caminha, seguindo-se o português clássico renascentista, e 3º módulo os crioulos e dialetos locais e sua influência na língua. Se bem que o primeiro módulo coordenado pela equipa de Malaca Casteleiro, Maria de Lourdes Crispim e Maria Francisca Xavier esteja pronto será preciso trabalhar no segundo módulo e para o terceiro a AICL disponibilizou já os contactos a fim de a empresa encarregue da renovação do Museu tratar diretamente com os especialistas.

O presidente da Direção da AICL comprometeu-se a oferecer a sua Biblioteca pessoal a Belmonte como prova de gratidão aos excelentes anfitriões dos Colóquios 2016-2021,

A EMPDS mostrou-se disponível para renovar este ano o nosso protocolo por mais 5 anos (até 2026). Luís Mascarenhas Gaivão comprometeu-se a expor a sua “Angola: Muxima, desenho e texto (ver <https://www.dailymotion.com/video/x6hq5l2> )” de sua coautoria com Luís Ançã no 33º colóquio em Belmonte e apresentar o seu mais recente livro no 32º na Graciosa

A AICL pediu o apoio do Presidente da Câmara de Ponta Delgada (que prontamente acedeu) para ali levar no 34º colóquio uma exposição de pintura chinesa de Lotus de Jade Tchum e pediu apoio na deslocação da jovem Joana Carvalho à Graciosa e a EMPDS comprometeu-se a custear a viagem da jovem intérprete dando a AICL apoio na estadia. A AICL decidiu também patrocinar e levar à ilha branca, ilha da música, as sonoridades de Timor com Piki Pereira e Mintó Deus. Vera Duarte comprometeu-se a estar presente, uma vez ao ano, e tentar obter apoios para uma pequena comitiva da AICL organizar um encontro em Cabo Verde, o que temos vindo a tentar há vários anos. A Câmara de Ponta Delgada prontificou-se a aceitar o repto do Presidente da Câmara de Belmonte para se juntar à Rede das Judiarias e se geminarem as duas localidades num futuro próximo. Saudamos o nosso patrono e cessante Presidente da Mesa da Assembleia-Geral Professor Malaca Casteleiro e a sua afável Conceição Casteleiro pelo apoio prestado e glorificação dos colóquios no período de 2007 a 2019. De igual modo saudamos o outro patrono fundador Professor Evanildo Bechara e Dona Marlit, por tão meritória ação em prol dos colóquios e publicamente anunciamos que na Assembleia-Geral de 12 de abril os elegemos Presidentes Honorários da AICL em preito de admiração pela projeção que trouxeram a estes eventos. Ao novo presidente da Mesa Luciano Pereira desejamos as maiores venturas.

### CONCLUSÕES 32º colóquio Graciosa 2019

- 1.1. Assinala-se a importância da celebração de novo acordo entre a Câmara de Belmonte e a AICL garantindo a presença dos colóquios em Belmonte de 2022 a 2026 e a consolidação do projeto do núcleo da Lusofonia no Museu dos Descobrimentos.
- 1.2. Celebra-se a intenção aceite pelas partes da geminação entre a Câmara de Belmonte e a de Santa Cruz da Graciosa que irá permitir intercâmbios a nível de teatro e de grupos musicais (coros, etc.) entre ambas as Vilas, e que permitiu já a vinda da jovem cantautora Joana Carvalho. Assim prevemos que Manuel Avelar presidente da Câmara de Santa Cruz assine esse protocolo de geminação na abertura do 33º colóquio



## Anuário 2021 Belmonte e PDL

- 1.3. Assinala-se com honra a presença neste 32º colóquio de Teolinda Gersão e de José Luís Peixoto, duas referências a nível da literatura nacional e internacional que muito brilho vieram trazer a este colóquio e satisfaz anunciar a sua vontade de estarem presentes no 33º em Belmonte.
- 1.4. Temos igualmente a promessa da participação no 33º em Belmonte de Joel Neto (ausente por motivo de força maior) e do cientista Félix Rodrigues
- 1.5. A Casa dos Açores em Lisboa enviou uma mensagem a congratular-nos pela homenagem a Eduíno de Jesus autor AICL 2019 a qual foi lida na sessão dedicada ao poeta.
- 1.6. Recebemos e aceitamos o convite a regressar à Graciosa que ficou desde já previsto para 2023
- 1.7. A comunicação social de Santa Catarina, Brasil (que aqui esteve representada por Sérgio e Marize Prosdócimo) deu cobertura ao evento, bem como a Rádio Graciosa, RTP Açores e Lusa além de outros jornais açorianos

2. Agradecimentos são devidos ao prestimoso Presidente da Câmara de Santa Cruz, Manuel Avelar, bem como ao Governo Regional e suas Direções Regionais do Turismo, das Comunidades, da Cultura, ao Hotel Graciosa Resort e Adão Torres que foi seu diretor executivo até dia 29/9, e à **Neuza Muzemba atual gestora**, ao Dr Jorge Cunha, diretor do Museu coordenador da vertente cultural (rotas geoculturais) deste evento, ao Conselho Executivo da EBS Graciosa que nos recebeu e agraciou com um delicioso almoço. O nosso apreço vai para os convidados de honra que, prontamente, aceitaram o nosso convite, escritores Teolinda Gersão, José Luís Peixoto, cientista Professor Félix Rodrigues e ao nosso mestre, decano das letras açorianas EDUÍNO de JESUS homenageado da AICL em 2019. Agradecemos ao nosso parceiro institucional, a Câmara de Belmonte aqui representada pelo Eng.º Joaquim Feliciano da Costa, que aqui nos traz a fabulástica voz da jovem cantante JOANA CARVALHO, e agradecemos a disponibilidade total que, desde 2018, demonstram os amigos e músicos timorenses Piki Pereira e Mintó Deus que muito enriquecerão as nossas sessões. Encômios ainda para os convidados escritores Eduardo Bettencourt Pinto do Canadá, Jorge Arrimar de Angola, Álamo Oliveira, Manuel Jorge Lobão e Victor Rui Dorés da Graciosa. Demos as boas vindas aos novos associados o escritor Pedro Almeida Maia dos Açores, e o escritor cabo-verdiano Hilarino da Luz, terminando congratulando a presença do Conservatório Regional de Ponta Delgada, com a maestrina, compositora e pianista Ana Paula Andrade, a violinista Carolina Constância, a soprano Carina Andrade.

Ao nosso laborioso adjunto da direção, Pedro Paulo Câmara coadjuvado pela infatigável Carolina Cordeiro, o nosso obrigado pelo incomensurável apoio na seleção de convidados e na gestão da sua estadia. **Por fim reiteramos a nossa gratidão ao Governo Regional aqui representado pela Secretária Regional da Energia, Ambiente e Turismo (Marta Guerreiro), cujo apoio financeiro nestes últimos dois anos tem sido fundamental para o leque alargado de mais de 20 escritores presentes.**

Muito resumidamente, foi isto que os Colóquios fizeram numa década e meia. Leia o sempre atual MANIFESTO (2012) contra a crise: a língua como motor económico  
<http://coloquios.lusofonias.net/projetos%20aicl/manifesto2012aicl.pdf>

## 2. DISCURSO PRESIDENTE DA AICL ABERTURA DO 33º COLÓQUIO DA LUSOFONIA 9-10 abril 2021

Nem nos sonhos mais delirantes imaginei em 2001 ao preparar o 1º colóquio que chegaríamos ao 33º, o quarto em Belmonte, que passou a ser a nossa casa depois da primeira visita em 2015. Estou hoje, também, imensamente feliz por ter concretizado grande parte da modesta doação à Empresa Municipal de Promoção e Desenvolvimento de Belmonte dos poucos milhares de livros do meu espólio literário. Reitero em nome da AICL, os agradecimentos e o caloroso reconhecimento ao Presidente da autarquia, Dr **António Pinto Dias da Rocha** e ao Eng.º **Joaquim Feliciano da Costa**, Presidente da Empresa Municipal, pela visão demonstrada ao firmarem um convénio estabelecendo Belmonte como capital da Lusofonia até 2026, e a criação do núcleo da Lusofonia no Museu dos Descobrimentos, agradecimentos sempre extensíveis aos incansáveis Susana Miranda, Elisabete Manteigueiro, Hugo Nabais e Marco Santos Silva.

Graças a estas sinergias oportunamente se celebraram parcerias e protocolos entre Belmonte e os Açores, com as autarquias de Ponta Delgada, Madalena do Pico e Santa Cruz da Graciosa e que se não fosse a pandemia se repercutiriam hoje aqui com a presença da senhora presidente da câmara de Ponta Delgada, Dra. Maria José Lemos Duarte. o historiador Dr. José de Almeida Mello, além da habitual presença do Dr José Andrade, atual diretor regional das comunidades. Foi assim que levamos a jovem cantautora Joana Carvalho à Graciosa que agora nos iria retribuir com a vinda do diretor do museu, Dr Jorge de Medeiros Borges e Cunha que, com o Art'Trio nos trariam música da ilha branca. Com estas parcerias pretendemos levar e dar a conhecer Belmonte a outras paragens e trazer a este recanto de Portugal, um pouco das 9 ilhas dos Açores.

Depois de 12 meses de incertezas, medos e pandemia, adiamentos e mudanças, decidimos avançar na plataforma Zoom e página Facebook, um novo formato que nos priva do calor humano e do contacto pessoal que sempre nos caracterizou mas nos permite a ilusão de estarmos ainda todos juntos nos nossos sonhos e utopias.

Na edição deste ano temos a presença do aclamado poeta Luís Filipe Sarmento que traduziu a Torá, dos escritores açorianos Pedro Almeida Maia, Pedro Paulo Câmara, Carolina Cordeiro e o regresso da associada, a guitarrista galega Isabel Rei que compôs o nosso Hino da Lusofonia. Infelizmente este evento fica marcado pelo súbito desaparecimento do nosso patrono Professor Malaca Casteleiro e da Maria Francisca Xavier que, com Maria de Lourdes Crispim, foram os obreiros do núcleo da lusofonia no Museu dos Descobrimentos. A sua falta será sentida por todos mas a melhor forma de os recordarmos será continuarmos a obra que nos deixaram. Como 2020 foi o ano de todas as homenagens a Álamo Oliveira nós aqui lhe prestamos mais um pequeno tributo. Queria lembrar que os Colóquios da Lusofonia pugnam por concretizar utopias num esforço coletivo, em torno da ideia abstrata de união pela mesma Língua. Partindo dela construímos pontes entre povos e culturas no seio da grande nação lusofalante, independentemente da nacionalidade, naturalidade ou residência.

No final do século passado quando cheguei da Austrália (a Portugal) fui desafiado pelo meu saudoso mentor, José Augusto Seabra, a desenvolver o projeto de Lusofalantes na Europa. Desde então, definimos a nossa versão de Lusofonia, das mais abrangentes possíveis, e que visa incluir todos os que trabalham com a Língua.

Depois do nosso primeiro patrono, tornaram-se patronos em 2007, dando uma enorme projeção aos colóquios João Malaca Casteleiro (Academia das Ciências de Lisboa) e Evanildo Bechara (Academia Brasileira de Letras). Acrescentamos a Academia Galega da Língua Portuguesa em 2011, e em 2015 e 2016, acrescentamos os lusofalantes do Prémio Nobel da Paz 1996, Dom Carlos Ximenes Belo e Ramos Horta.

Idealizamos os Colóquios da Lusofonia como palco privilegiado de diálogo, de aprendizagem, de partilha. A partir de 2005, nos Açores agregamos académicos, estudiosos, artistas e escritores em torno da divulgação da identidade, escrita, lendas e tradições não só nas comunidades lusofalantes, mas na Eslovénia, Roménia, Polónia, Bulgária, Rússia, França, Itália, com traduções de autores açorianos. Somos uma tertúlia lusófona reforçando a açorianidade e vincando bem a insularidade.

*A Lusofonia é uma capela sistina inacabada; é comer vatapá e goiabada, um pastel de bacalhau ou cachupa, regados com a timorense tuaka ao ritmo do samba ou marrabenta; voltar a Goa com Paulo Varela Gomes, andar descalço no Bilene com as Vozes anoitecidas de Mía Couto, ler No país de Tchiloli da Olinda Beja, rever os musseques da Luanda com Luandino Vieira, curtir a morabeza cabo-verdiana ao som De boca a barlavento de Corsino Fontes, ouvir patuá no Teatro D. Pedro IV na obra de Henrique de Senna-Fernandes e na poesia de Camilo Pessanha; saborear a bebinca timorense em plena Areia Branca ao som das palavras de*



*Francisco Borja da Costa e Fernando Sylvan, atravessar a açoriana Atlântida com mil e um autores telúricos, reencontrar em Salvador da Bahia a gíngua africana, os sabores do mufete de especiarias da Amazônia, aprender candomblé e venerar Iemanjá, visitar as igrejas e casas coloridas de Ouro Preto, Olinda, Mariana, Paraty, Diamantina, e sentir algo que não se explica em Malaca, nos burghers do Sri Lanka, em Korlai ou no bairro dos Tugus em Jacarta. É esta a nossa lusofonia*

### 3. TRABALHOS FINAIS, nas páginas seguintes

#### 1. CAROLINA CORDEIRO, ESCRITORA, UNIV DOS AÇORES AICL.

*Uma abordagem à obra Autobiografia de José Luís Peixoto por Carolina Cordeiro*

É sabido que Autobiografia é um relato de uma vida, da vida própria de quem a escreve. Contudo, como tudo, os tempos mudam, definições interligam-se e cria-se uma nova ideia sobre o que outrora existia. A obra *Autobiografia*, de José Luís Peixoto é uma reinterpretação do género que Phillipe Lejeune defende. Um escritor escreve sobre um escritor onde as linhas da narrativa cruzam-se e revelam o outro lado do espelho, qua Narciso. Que leitura nos espera ao ler esta nova obra de Peixoto? Que Saramago pretendemos encontrar? Ou, será que o título é apenas um título de um romance que nos envolve nas angústias de um escritor? Seguindo os passos de Lejeune e de Clara Crabbé Rocha tentaremos desvendar os meandros de uma ficção cuja nomenclatura é apenas o início de uma (re)interpretação.

«Contar-me a mim próprio através do outro e contar o outro através de mim próprio, eis a literatura.»

José Luís Peixoto

Desde os primórdios da espécie humana, o desejo de comunicar esteve sempre patente nas mais variadas circunstâncias.

Nas palavras de Posteguillo “todos os autores são, em determinada altura, influenciados por um outro autor anterior a ele. São influenciados pelo trabalho e por aquilo que as obras deixam transparecer. (Posteguillo, 2012: 113). Carvalho afirma que “Um dia, os autores empíricos morrerão mas as suas palavras não, nem tão pouco os seus personagens” (Carvalho, 2014: 21) É através da Literatura que o Homem aprenderá como integrar-se, melhorar-se e compreender-se melhor.

Ao abordarmos um tema tão vasto quanto o da Literatura, não podemos dissociá-lo das suas mais variadas *nuances*. Todos os leitores são influenciados pelas múltiplas interpretações e são, de igual modo, interpelados por todos os escritores. A Literatura ajuda a manter o Homem e as suas existências vivas, em todos os seus parâmetros, apesar das suas condicionantes exteriores. No nosso caso, a Literatura é tão vida quanto o ler é beber e comer pois o espírito que não lê emagrece como um corpo que não come, como Victor Hugo (Hugo, 1990: 45) afirmou.

Quem escreve, escreve sobre o que sabe ou sobre o que vive ou viveu. Há uma mundividência que se reflete na escrita de cada autor, quer se queira quer não se queira, quer seja apreciada ou não (Almeida, 2011: 198).

Em cada escrito há irremediavelmente a presença do autor nas linhas produzidas, pois “cada pessoa carrega consigo um rascunho, perpetuamente reescrito da história da sua vida” (1989: *xixi apud* 1986: 32) e há influências recebidas e uma subsequente metamorfose dos autores já que todo o escritor é permeável e há um número indeterminado de modos de apropriação das influências recebidas. (Garcia, 1993: 98) É nessa senda que nos propomos discutir o título da obra de José Luís Peixoto, nomeadamente o seu romance de 2019, *Autobiografia*.

A palavra a autobiografia no contexto da Literatura, quanto às marcas do seu género, poderão ser tão díspares e imensuráveis como a inspiração/emoção vinda do que o/a rodeia ou, simplesmente, poderão ser tão individuais como a presença do seu visível “eu” real que oscilará, por ventura, entre a forma e a função desse mesmo “eu” (Rocha, 1992), até porque tratará de um assunto já resolvido e fechado, por assim dizer, daí amiúde servindo-se da memória e, de tal forma que, por vezes, o autor desse género literário é apelidado de “aquele que mente sobre si mesmo” (Lacouel-Labarthé e Nancy, 1978: 125 *apud* Catelli, 1991: 10). Lembremo-nos que a palavra escrita é um veículo de comoção e de tratamento da realidade. Dessa feita, a leitura tanto pode emocionar como relatar um simples facto histórico ou biográfico.

“A autobiografia [é] considerada como parte de variadas manifestações do *eu*.” (Didier, 2012: 16). Uma autobiografia “é poder ser também entendida como “uma forma de salvação individual num mundo que começa a descer de sucessivos modelos ideológicos de salvação coletiva.” (Rocha: 1992, 19), ou ainda como Lejeune afirmou: “não é apenas um texto no qual alguém diz a verdade sobre si próprio, mas um texto em que alguém real diz que a diz. E este compromisso produz efeitos particulares sobre a receção.” (Lejeune: 2013, 538) Acreditamos que em toda a obra de ficção está patente o traço autobiográfico de quem a concebe, provocando um olhar “impuro” — por assim dizer — já que se trata, na narrativa, de um olhar que já passou por diversas interpretações, e que há, também, um certo traço de “intimidade”, até porque se nesta obra se dá voz a uma pessoa já falecida e cuja importância para a História da Literatura é incalculável, poderemos afirmar, de certa maneira, que toda a obra faz parte de uma prosopopeia “limite último del intercambio retórico” (Catelli, 1991: 52)

Segundo Todorov “não se dá vida ao outro deixando-o intacto, assim como não se pode fazê-lo abafando completamente a sua voz. (...)” (Todorov, 1999) É por isso que, ainda segundo Todorov, “pode-se descobrir os outros em si mesmo, e perceber que não se é uma substância homogênea, e radicalmente diferente de tudo o que não é si mesmo; eu é um outro. Mas cada um dos outros é um *eu* também, sujeito como eu” (*Ibidem*).

Há um eu “eu” que é o ponto de partida e há um outro “eu” que é o ponto de chegada, e na autobiografia, por esta ser o relato da própria vida do “eu” emissor “no instante em que a narração começa (...) aparecem dois sujeitos: um que ocupa o lugar da forma e outro o lugar da máscara que o desfigura. E dois sujeitos: um eu que se apresenta e um outro eu, ambos intercambiáveis.” (Catelli, 1991: 17)

Esse fator leva-nos ainda a um outra questão que nos parece deveras pertinente: o quanto pode um escritor ser influenciado por todos os fatores exteriores ao seu nascimento, crescimento e educação e, consequentemente, o quanto desses elementos ele/ela carregará no corpo e da sua escrita, quando escreve para um público? O que nos importa é evidenciar que um/a escritor/a não se separa do espelho de quem é. E, segundo a nossa perspetiva, o/a autor/a empírico e individual não se desvincula taxativamente da sua escrita, pois ao escrever pode ser-se muitas coisas, mas não se pode deixar de ser quem é. A palavra solta-se de várias formas, a grafia altera-se em distintos traços mas o âmago de quem escreve é sempre o mesmo, é o do Ser.

De acordo com o Dicionário Literário de Carlos Ceia, uma obra autobiográfica é

“em sentido estrito: a centralidade do sujeito da enunciação colocado numa relação de identidade com o sujeito do enunciado e com o autor empírico do relato; o pacto referencial, que institui a representação de um percurso biográfico factualmente verificável; a acentuação da experiência vivencial detida por esse narrador que, perfilhando uma situação expressa ou camufladamente autodiegética, projeta essa experiência na dinâmica da narrativa; o teto quase sempre exemplar dos acontecimentos relatados, concebidos pelas autor como experiências merecedores de atenção. A classificação de uma narrativa como autobiografia releva de um pacto autobiográfico implícita ou explicitamente estabelecido segundo o qual se observa a relação de identidade entre autor, narrador e personagem.” (Reis, 1996: 36)

Inicialmente, e parafraseando Lejeune, para a distinção entre autobiografia e o romance, o leitor teria apenas a necessidade de descortinar os elementos externos aos textos, elementos como a verificação dos dados biográficos que suporta e tem a identidade do autor, do narrador e do protagonista. (1989: ix). Todavia, escrever sobre um “eu” é uma tarefa difícil. Logo, enquanto escrita autobiográfica, poderá haver a necessidade de subdividir a questão entre uma abordagem literária e uma abordagem sociológica.

Para além da autobiografia poder desviar-se temporalmente do discurso, bem como usar antecipações, ter características catárticas, com ou sem a volúpia da autocontemplação e a humildade das confissões cristãs, ainda pode conter outros propósitos, tais como os elencados por Rocha:

“1) o escritor pode responder à expectativa do leitor que deseja conhecer na intimidade uma figura pública (...); 2) corrigir ou desmentir opiniões erradas de que foi ou pode vir a ser vítima (...); 3) dar-se corajosamente na revelação do seu lado “bom” e do seu lado “mau” (...); 4) pedir uma absolvição; 5) fazer a crónica pessoal dum tempo, transformar a autobiografia num testemunho; 6) tentar recuperar o passado através da memória (...); 7) exprimir a angústia do futuro, a vertigem do escoamento do tempo.” (Rocha, 1992: 33-34)

Utilizando as palavras de Rocha, o pacto de leitura entre o autor e o leitor, a fiabilidade da escrita será, então, “com a verificação da identidade do autor/do narrador/da personagem ao nível do texto com o(s) empíricos e que o pacto romanesco equivale à garantia do carácter fictício do texto uma vez que a identidade de nomes não a mesma, logo ficção. Haverá ainda um terceiro pacto, o pacto zero que se patenteia pela ausência de qualquer um dos anteriores e, também, pela ausência de nome da personagem. Assim, existiria um contrato de leitura da narrativa indeterminado.” (Rocha, 1992: 36)., sabendo que

“a crítica deixou de procurar na autobiografia a representação mais ou menos fiel da história pessoal, e prefere entendê-la como uma recriação em que se fundem memória e imaginação, uma combinação entre a experiência vivida e efabulação. Nesta perspetiva, a formação do eu através da palavra corresponde a um segundo nascimento, e o sujeito que (se) narra é um outro, um duplo da pessoa real. Esse eu é uma personagem, que apenas difere da personagem de ficção por ser protagonista duma vida da qual o próprio eu não é autor, é somente o coautor” (Ricoeur *apud* Rocha, 1992: 46)

Literariamente falando, e continuando nas palavras de Rocha, o *eu* que fala não é o *eu* físico mas o *eu* de quem esse já mantém “uma relação distanciada (...) [onde] existe um desvio temporal entre o *eu* passado e o *eu* presente, entre o ator e o autor da enunciação.” (Rocha, 1992: 49). No fundo, “[na] ambivalência da sua natureza, o eu é ainda e sempre razão de ser de uma busca afinal impossível.” (Rocha, 1992: 47)

Ora, seguindo essa explanação, o título da obra de Peixoto é sugestivo e amplamente interpretativo. Trata-se de uma narrativa centrada numa Lisboa dos finais dos anos noventa, um jovem escritor em crise vê o seu caminho cruzar-se com o de um grande escritor. Dessa relação, nasce uma história que mescla realidade e ficção, um jogo de espelhos que coloca em evidência alguns desafios. É assim a sinopse comercial da obra.

Segundo Pilar del Rio, a obra “Autobiografia” é uma narrativa que não deixa ninguém desprevenido, pois o leitor saberá que existirá comunicação muito próxima entre um jovem escritor chamado José (quicá do autor empírico) que se encontra com um autor consagrado como o é José Saramago. Entre essas duas personagens uma que, à partida não existiu fora do contexto do livro e outra que sim, existiu na vida real, surge uma história de encontros e desencontros numa atmosfera que às vezes lembra, em outro tempo e circunstância, a que José Saramago criou para contar a vida de Ricardo Reis e Fernando Pessoa durante o ano em que ambos morreram. Cria-se, aqui, então, o referido pacto de ligação entre o que está escrito e o que o leitor esperará.

Ainda segundo Pilar del Rio

“A história de Peixoto, ao contrário da de José Saramago, não é sobre morte, conta uma vida que começa com brios e desejos. O escritor consagrado é a referência, o futuro desejado, que provoca admiração e um incontrolável repúdio: em todas as circunstâncias da vida os mestres são a medida das coisas, o estímulo que precisa de ser combatido para que o aprendiz não fique cerceado. Este livro é a agónica luta do escritor jovem com amores e perdas, aventuras diversas aqui e ali, personagens que vêm de outros mundos, vozes diáfanas e vozes misteriosas, todas elas no compasso do ritmo próprio e já consagrado de José Luís Peixoto.” (Rio, 2014)

Temos, então duas personagens chamadas José e, juntamente com o José, o autor empírico da obra, forma-se uma tríade homónima que se entrelaça irremediavelmente no enredo, desorientando sobretudo o personagem do jovem autor perdido, refletido como homem duplicado, quicá triplicado! numa narrativa que orbita em si mesma, presa num circuito excitante, onde as definições de um eu, de um outro, de um romance, de uma biografia e de uma autobiografia se embaralham na medida em que tudo é invenção. Nesse desnorteio vertiginoso, não só espacial mas também temporal, há o

“livro, esquecido por momentos, caiu-lhe da ponta dos dedos. Esse estrondo puxou Saramago dos pensamentos. Levantou-se, dobrou-se, posição acrobática, e apanhou o livro. Voltou a acomodar-se na cadeira e folheou o romance de José até à página certa. Entrou numa frase, palavra a palavra, e prosseguiu. Tomando consciência de si próprio, ou transformando-se naquelas linhas, lia sobre alguém que lia. E, sem que ninguém o testemunhasse, sozinho no escritório, pareceu-lhe que a menção a um rosto imóvel, nem festivo, nem acabrunhado, se referia ao seu próprio rosto. (Peixoto, 2019: 96)

Há, na obra de Peixoto, uma Lisboa com todas as suas particularidades. Segundo Real, “o seu tempo narrativo interliga-se entre os momentos da existência das personagens, formando um puzzle, no qual, porém, um novo momento temporal da narração não só condensa todos os momentos e factos narrados anteriormente como revela um sentido antes oculto à história narrada, como se, em cada capítulo, uma outra estória estivesse a acontecer e o romance avançasse por camadas sucessivas”, situação que vai exigir do leitor um trabalho extra de atenção, já que a ficção se funde, por vezes, com a realidade e que a personagem fictícia se metaforize no discurso do narrador.

Nesta obra são abordados diferentes temas, desde a escrita *per se*, passando pelo colonialismo, pela ausência parental até chegarmos à luta emocional do “eu”. A estrutura da narrativa, o diálogo recorrente com o leitor, a inclusão de personagens e de acontecimentos de vários livros de Saramago torna a leitura do livro *Autobiografia* numa leitura intertextualmente muito cativante, pois há um entendimento claro da literatura enquanto jogo de espelhos, enquanto “espaços vazios a serem preenchidos por quem os interpreta”; há sobreposição de vidas, de espaços e de factos que confundem ainda mais o leitor na distinção entre a realidade e a ficção. Descobrir se o jovem escritor José acaba ou não por escrever a biografia de Saramago, fica para a interpretação de cada um, já que dependerá, também da leitura que cada um fará de quem é o verdadeiro autor dessa biografia, e, portanto, quem será o autor da *qua* “autobiografia”.

## Anuário 2021 Belmonte e PDL

*Autobiografia*, de José Luís Peixoto, é, na nossa opinião, um texto ficcional de cariz biográfico já que se trata de uma abordagem dos momentos comuns entre as vidas de José Saramago e de José Luís Peixoto, num palco da literatura, orientado pela criatividade da língua, num fio temporal intrinsecamente ligado à memória de um passado, aproximando-a a uma ansiosa vivência de um presente quase irreal.

### Bibliografia

ALMEIDA, Onésimo Teotónio. (2011). *Açores, Açorianos, Açorianidade*. Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura, 2a ed.

CATELLI, Nora. (1991). *El espacio autobiografico*. Barcelona: Editorial Lumen, Pa- labra Crítica no12.

GARCIA, José Martins. (1993) “Lirismo e “ficção nos poemas de Roberto de Mesquita” *in Atas da III Semana de estudos da Cultura Açoriana e Catarinense*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores. 97-108.

LEJEUNE, Philippe. “Da autobiografia ao diário, da Universidade à associação: itinerários de uma pesquisa” *in* JACOBY, Sissa e CABALLÉ, Anna. (orgs) (2013) *A escrita auto/biográfica = la escritura auto/biográfica*. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul: Centro de Estudos da Língua Portuguesa, Letras de hoje; 48 (4).

PEIXOTO, José Luís. (2019) *Autobiografia*. Lisboa: Quetzal Editores. 1ª ed. ISBN:978-989-722-459-1

POSTEGUILLO, Santiago. (2012) *A Vida Secreta dos Livros*. Lisboa: Clube do Autor.

REIS, Carlos e LOPES, Ana Cristina. (1996) *Dicionário de Narratologia*. Coimbra: Livraria Almedina. 5a ed.

RICOEUR, Paul. (1991) “O si-mesmo como um outro” Campinas: Papiros *in* JA- COBY, Sissa e CABALLÉ, Anna. (orgs) (2013) *A escrita auto/biográfica = la escritura auto/biográfica*. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul: Centro de Estudos da Língua Portuguesa. Letras de hoje; 48 (4), ISSN 0101-3335).

ROCHA, CLARA. (1992) *Máscaras de Narciso: estudos sobre a literatura auto- biográfica em Portugal*. Coimbra: Almedina.

## 2. CHRYS CHRYSTELLO. AGLP, AJA/MEEA E UTS SYDNEY, NAATI CAMBERRA, AUSTRÁLIA.1 2

### 1 CHRYS CHRYSTELLO

ALGUMA BIBLIOGRAFIA LIVROS, PREFÁCIOS E TRADUÇÕES DE LIVROS

2019 Poema “Não quero saber o teu nome” in vol. XI da Antologia de Poesia Portuguesa Contemporânea “Entre o Sono e o Sonho” Chiado

2019. ChrónicAçores: uma circum-navegação, vol. 4 – 2011-2018 versão Quase final <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1175/chronicacores-2011-2019-vol-4-draft-sem-cortes.pdf>

2019. ChrónicAçores: uma circum-navegação, vol. 3 – 2005-2018 versão Quase final <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1024/chronicacores-VOL.-3-vol-2005-2018-rascunho-sem-cortes.pdf>  
<https://www.academia.edu/s/22eafae916/chronicacores-uma-circum-navegacao-volume-3-chronicacores-uma-circum-navegacao-de-timor-a-macau-australia-brasil-braganca-ate-aos-acores?source=link>

2018. Poema “Partir II” in vol. X da Antologia de Poesia Portuguesa Contemporânea “Entre o Sono e o Sonho” Chiado ED ISBN: 9789895243648

2018 FOTOEMAS foto book, fotografia de Fátima Salcedo e poemas dos Açores de Chrys Chrystello e-livro <http://www.blurb.com/b/8776650-fotoemas> ISBN: 9781388351083

2018 revisão, compilação e Nota Introdutória de Missionários açorianos em Timor vol. 2 de D Carlos F Ximenes Belo, ed. AICL e Câmara Municipal de Ponta Delgada, ed. Letras Lavadas

2018. ChrónicAçores: uma circum-navegação, vol. 2, 3ª ed. [https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1012/ChronicAcores-uma-circum-navegacao-vol.-2-\(3%C2%AA-ed-2018\).pdf](https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1012/ChronicAcores-uma-circum-navegacao-vol.-2-(3%C2%AA-ed-2018).pdf)

2018, ChrónicAçores: uma circum-navegação, vol. 1, 3ª ed. <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1013/chronicacores-uma-circum-navegacao-vol.1--3%C2%AA-ed-2018.pdf>

2017. Bibliografia Geral da Açorianidade em 2 vols. 19500 entradas, Ed. AICL e Letras Lavadas Publiçor, Ponta Delgada

2’17, revisão, compilação e Tradução de “O mundo perdido de Timor-Leste” de José Ramos-Horta ed. AICL e LIDEL

2017. Poema “Maria Nobody” in vol. VIII Volume da Antologia de Poesia Portuguesa Contemporânea “Entre o Sono e o Sonho” Chiado ED. ISBN: 9789895215423

2017. A língua portuguesa na Austrália, Capítulo em "A Língua Portuguesa no Mundo: Passado, Presente e Futuro". Ed. Univ. Beira Interior, org. Alexandre da Costa Luís, Carla Sofia Gomes Xavier Luís e Paulo Osório

2017. “Três poemas açorianos” in Antologia ed. Artelogy dezº 2016

2017. “Não se é ilhéu por nascer numa ilha”, in “Povos e Culturas - A ilha em nós”, Revista Povos e Culturas nº 21-2017 Centro de Estudos de Povos e Culturas de Expressão Portuguesa, Universidade Católica Portuguesa Lisboa

2017. “Não se é ilhéu por nascer numa ilha”, capítulo do livro “A condição de ilhéu”, Centro de Estudos de Povos e Culturas de Expressão Portuguesa (CEPCEP), Universidade Católica Portuguesa Lisboa

2016. compilação, revisão e Prefácio de Missionários açorianos em Timor “Um missionário açoriano em Timor” vol. 1 de D. Carlos F Ximenes Belo ed. AICL e Moinho Terrace Café

2015. CD Trilogia da História de Timor. 3760 páginas, contém os 3 vols. e ed. em inglês do 1º vol., 4ª ed. AICL, Colóquios da Lusofonia

2015, Crónicas Austrais (1978-1998 monografia) 4ª ed. <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1007/CRONICAS-AUSTRAIS-1978-1998-4%C2%AA-ed-2015.pdf>

2014. Prefácio de “O voo do Garajau” Rosário Girão & Manuel Silva, ed. Calendário de Letras e AICL [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0807-89672015000300016](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0807-89672015000300016)

2013, Crónicas Austrais 1978-1998, monografia, 3ª ed. <https://www.scribd.com/document/3051472/cronicasaustrais>

2012, Trilogia da história de Timor, ed. AICL Colóquios da Lusofonia, ISBN: 978-989-95641-9-0 (Timor Leste O Dossiê Secreto 1973-1975 vol. 1, Timor-Leste 1983-1992 vol. 2 Historiografia de um repórter e Timor Leste vol. 3 - As Guerras Tribais, A História Repete-se (1894-2006) ed. AICL Colóquios da Lusofonia, ISBN: 978-989-95641-9-0 <https://meocloud.pt/link/Of421777-0158-43a4-80a8-41c9a0c32c21/TRILOGIA%20COMPLETA%20compressed.pdf/>

2012. Crónica do Quotidiano Inútil. Obras Completas (poesia) 5 vols, 40 anos de vida literária, ISBN 9789728985646 ED. AICL e Calendário de Letras 2012

2012, volume 3 da trilogia da História de Timor, As Guerras Tribais, A História Repete-se 1894-2006, 1ª ed. <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1006/TRILOGIA-vol.-3-Historia-de-Timor.pdf>

2012, volume 1 da trilogia da História de Timor: East Timor - The Secret Files 1973-1975 3ª ed. <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timore.pdf>

2012, Tradução “Uma pessoa só é pouca gente / A lonely person is not enough people, the sex and the divine” de Caetano Valadão Serpa

2000, volume 1 da trilogia da História de Timor: Timor-Leste O Dossiê Secreto 1973-1975, 2ª ed.

2012, volume 2 da trilogia da História de Timor: Historiografia de um repórter - Timor-Leste 1983-1992 DVD – 1ª ed. 2005-2012 <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timor2.pdf>

Error! Hyperlink reference not valid. / <https://www.scribd.com/document/40234122/Timor-Leste-Historiografia-de-um-reporter-vol-2-193-1992>

2011, Tradução da Antologia Bilingue de (15) autores açorianos contemporâneos, ed. AICL e Calendário de Letras

2011, ChrónicAçores uma circum-navegação vol. 2, 2011 ISBN 978-9728-9855-47 Ed. Calendário de Letras <http://www.calendario.pt/index.php?id=246&cat=203&pid=55>

2010, tradução para inglês dos Guia de Mergulho da Madeira; Guias de Mergulho das Ilhas dos Açores, Ed. VerAçor

2009, ChrónicAçores: uma circum-navegação, vol. 1 esgotado, <https://www.scribd.com/doc/39955110/chronicacores-uma-circum-navegacao-de-timor-a-macau-australia-brasil-braganca-ate-aos-acores-volume-um-da-trilogia>

[https://www.worldcat.org/title/chronicacores-circum-navegacao-de-timor-a-macau-australia-brasil-braganca-ate-aos-acores/oclc/357576846&referer=brief\\_results2009](https://www.worldcat.org/title/chronicacores-circum-navegacao-de-timor-a-macau-australia-brasil-braganca-ate-aos-acores/oclc/357576846&referer=brief_results2009), ChrónicAçores: uma circum-navegação, vol. 1, 2009 ISBN 989-8123-12-1 VerAçor ed. 2009

2008, Tradução para inglês de “S. Miguel uma ilha esculpida” Daniel de Sá. Ed. VerAçor.

2008, Tradução de “Ilhas do Triângulo, viagem com Jacques Brel” Victor Rui Soares, prelo, ed. VerAçor.

2008, Prefácio e Revisão “A Freira do Arcano, Margarida Isabel do Apocalipse” de Mário Moura, ed. Publiçor, Ponta Delgada

2007, Tradução para inglês “E das pedras se fez vinho” de Manuel Serpa ed. VerAçor, Açores Portugal

2007, Tradução para inglês, “Santa Maria Ilha Mãe” Daniel de Sá, ed. VerAçor, Açores, Portugal

2005, coautor tradução para português “The Lost painting” Jonathan Harr, ed. Presença

2005, Cancioneiro Transmontano, ed. Santa Casa da Misericórdia Bragança, <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1000/cancioneiro-braganca-2005.pdf> -

2004, tradução para português “A People’s War” de Vo Nguyen Giap, Editora Sílabo Portugal

2004, tradução para português, “Dien Bien Phu” de R. H. Simpson, Editora Sílabo Portugal

2002, tradução de “La familia: el desafio de la diversidad” Adelina Gimeno (castelhano, Psicologia), Instituto Piaget Portugal

2000, Crónicas Austrais - 1978-98 (monografia) 1ª ed. <http://www.ebooksbrasil.org/microreader/cronicasCA.lit> <http://www.ebooksbrasil.org/REB/cronicasCA.rb>,

2000, vol. 1 da trilogia da História de Timor: Timor-Leste O Dossiê Secreto 1973-1975, 2ª ed. [www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timorp.pdf](http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timorp.pdf),

<https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1005/TRILOGIA-VOL--1--ET-dossier-secreto-73-75-PT-cc0.pdf>

2000, vol. 1 da trilogia (inglês) da História de Timor: Timor-Leste The secret files 1973-1975, 2ª ed. [https://www.scribd.com/doc/253855631/East-Timor-the-Secret-Files-1973-1975-Eng -](https://www.scribd.com/doc/253855631/East-Timor-the-Secret-Files-1973-1975-Eng-),

<https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1004/TRILOGIA-VOL-1-East-Timor-secret-file-73-75-eng.pdf> <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timore.pdf> ,

1999, vol. 1 da trilogia (português) da História de Timor: Timor-Leste O Dossier Secreto 1973-1975, Porto, 1999, ed. Contemporânea (Esgotado) 1ª ed. ISBN 10: 972-8305-75-3 / ISBN 13/EAN: 9789728305758

1991-2011 Yawuji Bara e Yawuji Baia Os avós de barra e Avós de Baía, ed. 1991-2011 <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1003/Yawuji-Os-Avos-de-Barra-e-os-Avos-de-Baia.pdf>



*Eulogia a João Malaca Casteleiro e Maria Francisca Xavier*

Há textos que jamais se espera escrever e este é um deles. Dia 7 de fevereiro 2020 é um dia muito triste, vinte e oito anos e um dia depois da morte do meu pai morreu um dos meus mentores, uma pessoa que muito estimava e que me honrava com a sua amizade. Escrevo estas linhas, a quente, pouco depois de ter sabido da notícia e tenho pena de não ter acedido aos pedidos dos associados da AICL, Luciano Pereira e do Rolf Kemmler em 2018, quando propuseram fazer uma homenagem aos nossos dois patronos, e decidimos que eles fossem (na nossa assembleia-geral de 2019) nomeados nossos Presidentes Honorários e continuassem como Patronos. Esperava eu que a sua longevidade nos permitisse fazer essa homenagem num colóquio inteiramente dedicado a ambos.

Claro que os homenageamos a ambos durante os anos em que com eles aprendemos tanto quando, connosco, humildemente partilhavam o seu saber. Iremos manter a nossa tradição de sempre homenagear os nossos autores em vida

O Professor João Malaca Casteleiro surgiu no nosso seio em outubro 2007 com Evanildo Bechara quando ambos aceitaram o meu ousado convite a estarem presentes, e lembro-me, como se fosse hoje, que depois de um dos jantares, no Poças em Bragança, quando regressávamos a pé, à velhinha Residencial Classis onde estávamos todos alojados, eles me perguntarem já perto da meia-noite se eu os queria aceitar como nossos patronos, dado que o primeiro patrono JOSÉ AUGUSTO SEABRA falecera em 2004. Nem queria acreditar que a sorte nos bafejara naquela conversa informal, quando eu me queixava da falta de visibilidade do 8º colóquio em 2007.

Logo a seguir, fruto desse mesmo colóquio em Bragança, a comunicação social daria tanto relevo ao acordo ortográfico de 1990 que ali se debatera, que prontamente o estado português o ratificou e começou a implementar. A partir desse momento, durante anos a fio, em escolas, universidades, colóquios, Malaca Casteleiro e Evanildo Bechara eram as faces mais visíveis dos colóquios e do AO 1990, da Galiza a Portugal, Brasil, Macau, catapultando estes colóquios para a ribalta.

Durante os primeiros anos estabelecemos as metas necessárias para que a novel Academia Galega da Linga Portuguesa se pusesse de pé e frutificasse e a sua palavra e as suas estratégias ajudaram a conseguir o que poucos acreditavam ser possível numa Galiza espanholizada e castelhanizada linguisticamente.

Quando em outubro de 2010 fomos vítimas de uma ameaça da Câmara Municipal de Bragança de tomar conta dos nossos colóquios encontrei em ambos, o apoio necessário para avançar a todo o gás para a nossa associação, a AICL, garantindo os direitos de autor do nosso logótipo, do nosso nome e do nome dos colóquios.

Depois, foi Malaca Casteleiro quem coordenou as diligências para irmos a Macau em 2011, no ano a seguir à nossa bem-sucedida ida ao Brasil, onde marcamos presença na conferencia de Brasília da CPLP (março 2010), no Museu da Língua em São Paulo e no 13º colóquio em Florianópolis. Assim, acabaríamos por levar uma extensa comitiva de 43 participantes, dos quais 19 totalmente apoiados pelo Instituto Politécnico de Macau.

Recordo as passadas rápidas e vigorosas de Malaca Casteleiro na nossa ida ao Canadá em setº 2012, pela Yonge St abaixo rumo à Universidade de Toronto, onde a Manuela Marujo nos esperava para celebrar os 65 anos de estudos portugueses. Antes disso, em abril 2009 na Lagoa, o nosso patrono recusara a carrinha de 9 lugares que andava numa lufa, para a frente e para trás, e decidira meter pés ao caminho que separava o teatro da Lagoa da residencial Arcanjo na vizinha Atalhada, onde estava hospedado, e quase conseguia chegar ao mesmo tempo que a viatura.

Durante os primeiros anos estabelecemos as metas necessárias para que a novel Academia Galega da Linga portuguesa se pusesse de pé e frutificasse. Já em 2016 em Montalegre, em amena cavaqueira, com ele, e a sua inseparável Conceição, perdemo-nos do nosso guia, o célebre Padre Fontes e fomos a pé cavalgando as ruas e caminhos de Vilar das Perdizes, enquanto os restantes faziam a rota cultural estabelecida.

Mais tarde quando o meu filho João foi convidado pelo Ministro da Ciência e Tecnologia a ir falar a Picoas, ao atual edifício Altice, em maio 2017 nos 30 anos do programa Ciência Viva, o Malaca e a Conceição lá estavam, a partilhar o meu orgulho imenso, jantando connosco e ficando em amena cavaqueira até altas horas quando fecharam o bar do Hotel.

1985 Crónica XI Aborígenes na Austrália <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1002/cronicaX-aborigenes-na-australia.pdf>  
1981. Crónica do quotidiano inútil vol. 3&4 (1973-81) poesia, ed. Macau (esgotada) <https://www.scribd.com/document/77870662/cronica-do-quotidiano-inutil-cqi-Volume-3-4#scribd> –  
1974. Crónica do quotidiano inútil vol. 2 (poesia) ed. abril 1974 Díli, Timor Português (esgotada) <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1015/cronica-do-quotidiano-inutil-vol.-2-.pdf>  
1972, Crónica Do Quotidiano Inútil vol. 1 (Poesia) Porto (Esgotado) <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/quotidianoinutil.pdf> , <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1017/cronica-do-quotidiano-inutil-vol.-1-1972-original-1%C2%AA-ed-CQI.pdf> (fac-símile do original)  
2009 rtp 1 hora no 11º colóquio Lagoa [https://www.youtube.com/watch?v=xPtsdTXiaNA&t=0s&index=281&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C\\_4tvtkerI](https://www.youtube.com/watch?v=xPtsdTXiaNA&t=0s&index=281&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI) (demora 10 segundos a iniciar)  
2010 no 13º colóquio na academia brasileira rio 2010 [https://www.youtube.com/watch?v=1zmdwp1b6JU&t=0s&index=277&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C\\_4tvtkerI](https://www.youtube.com/watch?v=1zmdwp1b6JU&t=0s&index=277&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI)  
2010 rtp 13º em floripa [https://www.youtube.com/watch?v=CtBeJxBook8&t=0s&index=174&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C\\_4tvtkerI](https://www.youtube.com/watch?v=CtBeJxBook8&t=0s&index=174&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI)  
2011 no 15º em macau [https://www.youtube.com/watch?v=MoDyWJp2Ffi&t=0s&index=135&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C\\_4tvtkerI](https://www.youtube.com/watch?v=MoDyWJp2Ffi&t=0s&index=135&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI)  
2011 no 15º em macau – poesia na gruta de camões – [https://www.youtube.com/watch?v=MNGwj\\_RnH\\_Q&t=0s&index=134&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C\\_4tvtkerI](https://www.youtube.com/watch?v=MNGwj_RnH_Q&t=0s&index=134&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI)  
2011 rtp na apresentação do CHRÓNICAÇORES vol 2 [https://www.youtube.com/watch?v=x93R7pVnWKQ&t=0s&index=240&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C\\_4tvtkerI](https://www.youtube.com/watch?v=x93R7pVnWKQ&t=0s&index=240&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI)  
2012 rtp 17º lagoa [https://www.youtube.com/watch?v=BYHcdO-XDho&t=0s&index=278&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C\\_4tvtkerI](https://www.youtube.com/watch?v=BYHcdO-XDho&t=0s&index=278&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI)  
2012 17º na lagoa 2012 concha dedica poesia com nomes de poesias de chrys [https://www.youtube.com/watch?v=ABAJiRQfvoA&index=233&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C\\_4tvtkerI](https://www.youtube.com/watch?v=ABAJiRQfvoA&index=233&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI)  
2013 chrys diz poesia [https://www.youtube.com/watch?v=-7ptLKOHJxQ&t=0s&index=169&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C\\_4tvtkerI](https://www.youtube.com/watch?v=-7ptLKOHJxQ&t=0s&index=169&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI)  
2013 chrys diz cristóvão de aguiar [https://www.youtube.com/watch?v=PE1IZ3RQbN8&t=0s&index=167&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C\\_4tvtkerI](https://www.youtube.com/watch?v=PE1IZ3RQbN8&t=0s&index=167&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI)  
2014, 21º colóquio poesia nos moinhos 2014 [https://www.youtube.com/watch?v=DjO96teeI28&t=0s&index=227&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C\\_4tvtkerI](https://www.youtube.com/watch?v=DjO96teeI28&t=0s&index=227&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI)  
2015, 23º colóquio poesia fundão 2015 [https://www.youtube.com/watch?v=0FgfXzw2wXA&t=0s&index=117&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C\\_4tvtkerI](https://www.youtube.com/watch?v=0FgfXzw2wXA&t=0s&index=117&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI)  
2015, 24º graciosa 2015 rtp [https://www.youtube.com/watch?v=PO8V7agLXns&t=3s&index=108&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C\\_4tvtkerI](https://www.youtube.com/watch?v=PO8V7agLXns&t=3s&index=108&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI)  
2015, 24º colóquio graciosa 2015 mais na rtp [https://www.youtube.com/watch?v=vADEDJP1hHg&t=2s&index=109&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C\\_4tvtkerI](https://www.youtube.com/watch?v=vADEDJP1hHg&t=2s&index=109&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI)  
2015, 24º colóquio graciosa 2015 poesia [https://www.youtube.com/watch?v=5n3tKmQJopw&t=0s&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C\\_4tvtkerI&index=99](https://www.youtube.com/watch?v=5n3tKmQJopw&t=0s&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI&index=99)  
2016 chrys diz cais da saudade de eduíno [https://www.youtube.com/watch?v=G5iWY8Rltmw&t=0s&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C\\_4tvtkerI&index=90](https://www.youtube.com/watch?v=G5iWY8Rltmw&t=0s&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI&index=90)  
2017 poesia no 27º belmonte [https://www.youtube.com/watch?v=U9QfJT6S9sk&t=0s&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C\\_4tvtkerI&index=46](https://www.youtube.com/watch?v=U9QfJT6S9sk&t=0s&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI&index=46)  
2017 mais poesia belmonte 2017 [https://www.youtube.com/watch?v=RPh4SrTm1\\_w&t=0s&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C\\_4tvtkerI&index=45](https://www.youtube.com/watch?v=RPh4SrTm1_w&t=0s&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI&index=45)  
2017 S MIGUEL TV chrys entrevistado in a voz dos açores <https://youtu.be/xsdaS0pbG2U>  
2017 poesia no 28º colóquio vila do porto [https://www.youtube.com/watch?v=Kchoz36Iv94&t=0s&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C\\_4tvtkerI&index=34](https://www.youtube.com/watch?v=Kchoz36Iv94&t=0s&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI&index=34)  
2017 poesia no 28º colóquio vila do porto asas do ATLÂNTICO [https://www.youtube.com/watch?v=gi9AwkXjzCI&t=2s&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C\\_4tvtkerI&index=33](https://www.youtube.com/watch?v=gi9AwkXjzCI&t=2s&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI&index=33)  
2017 apresentação bga [https://www.youtube.com/watch?v=xTRrs\\_i6shc&t=22s&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C\\_4tvtkerI&index=27](https://www.youtube.com/watch?v=xTRrs_i6shc&t=22s&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI&index=27)  
2018 poesia timor 29º em belmonte 2018 [https://www.youtube.com/watch?v=lyuOI7rCsPs&t=372s&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C\\_4tvtkerI&index=14](https://www.youtube.com/watch?v=lyuOI7rCsPs&t=372s&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI&index=14)  
2018 poesia ao meio-dia no 30º na madalena do pico [https://www.youtube.com/watch?v=wDOZ-7ClSbM&t=204s&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C\\_4tvtkerI&index=6](https://www.youtube.com/watch?v=wDOZ-7ClSbM&t=204s&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI&index=6)

## Anuário 2021 Belmonte e PDL

E sempre estiveram connosco desde 2007, menos no ano de 2018 quando a saúde do nosso mestre e patrono o traiu e ele não pode estar presente no 29º Belmonte 2018, 30º Madalena do Pico 2018 e 32º na Graciosa 2019 (por temer a falta de condições hospitalares em caso de necessidade urgente nas ilhas). Ainda em novembro último confirmara a sua presença em Belmonte este ano...

Não vou falar da sua notável carreira, nem da sacanice da perseguição que a Academia lhe moveu nos últimos anos que nos levou em 2009 a propor uma ACADEMIA DE LETRAS DE PORTUGAL mas que infelizmente, não lograria apoios suficientes para arrancar e deixar de ser uma subserviente Secção de Letras da Academia de Ciências de Lisboa, mas recordarei sempre a sua confissão de que tinha vindo de uma família humilde e, como quase todos os desta geração, subira a pulso, fruto de muito trabalho e estudo, coisas que, indubitavelmente fazem falta hoje em dia. Muitas vezes falamos disto, da ética de trabalho, da necessidade de sermos exigentes e perseverantes.

Guardarei comigo tudo o que partilhamos nestes 13 anos de convívio são e fico eternamente grato pelo muito que com ele aprendi e que tanto nos ajudou e influenciou. Continuará sempre como nosso patrono e Presidente Honorário, ele que presidiu à Mesa da Assembleia-Geral da AICL desde a sua fundação em 2010 até à Assembleia-Geral de 2019.

Igualmente deixo aqui uma pequena recordação e que peca pela exiguidade de imagens nos nossos arquivos, da grande obreira do projeto do Museu da Lusofonia juntamente com Malaca Casteleiro e Maria de Lourdes Crispim, a Maria Francisca Xavier, que há poucos meses também nos deixou e que durante dez anos foi presença sensata, cordial, amiga com a sua suave postura. Também ela nos deixou órfãos pela sua sabedoria, extrema humildade e pela enorme estima com que sempre nos presenteou a todos. Termina com as imagens da passagem de ambos no nosso seio (ver em <https://youtu.be/bxPpv43gM1E>), e faço votos de que possamos honrar a sua memória continuando o vasto legado que nos deixaram

Chrys Chrystello, 9.2.2020 Presidente da Direção da AICL, Colóquios da Lusofonia

*POESIA DO VOL. 1 CRÓNICA DO QUOTIDIANO INÚTIL 1972*

**378. EU SOU O RIO 1972 CHRYS**

eu sou o rio  
tenho-to dito repetidas vezes.  
caminho da nascente  
direito às areias,  
o rio não acaba  
nem se reproduz em lago ou mar  
vai fraco, moribundo  
até às dunas.  
eu sou o rio.

só se é rio uma vez.

**222. inconfessável 1970 PEDRO PAULO**

fecha os olhos  
imagina-te  
debruçado sobre o rio

com um dedo  
pressão ligeira  
igual a empurrão

abrirás os olhos  
na convicção  
de teres realizado  
um dos inconfessáveis  
desejos teus.

**343.1. dia de fiéis 1971 carolina**

parado, com respeito de vivo  
por entre veneradores de memórias-saudade  
observo as faces humoradas das pessoas anónimas  
sinaleiros uniformizados regulam o trânsito

param com um sorriso malicioso nas pupilas brilhantes  
com corpo de adormecer estrelas  
passa uma figura impante de formas  
os carros param, há comentários  
brilham sóis no sexo das pedras pisadas  
e lá dentro no cemitério do “eterno repouso”  
nem um só morto se moveu dentro do caixão.

---

**309. insofridamente, vives 1971 LUCIANO**

Esta lua inventada  
prostituta velha, desdentada  
de face rugosa, caiada  
espera na esquina do TEMPO VAGO  
um louco ou poeta que a vá buscar  
dormirá com ele em lençóis de luar.  
dará o corpo, o nome, a alma,  
dela ficarão as palavras dum poema a chorar.

---

**0. CRÓNICA 0 DO QUOTIDIANO 1970 CHRYS**

- 11 h.

a correr do café com leite para o elétrico torrado.  
palavras marteladas pelo HÁBITO INCÓMODO.

- Quinze tostões.

Direito a empurrões, pisadelas.

O pó é grátis.

Por vezes o cheiro da democracia custa a engolir.

- O século vinte é o da poluição.

Chiar metálico, profundo, a fundo.

Projetam-se corpos em várias direções.

Desculpas.

Insultos.

Protestos.

- Chego sempre depois do prof.

Subo as escadas repetidas.

Essencial não correr AGORA.

47 degraus, 4 patamares, 23 degraus mais dois patamares.

Inconvenientes de haver faculdades em sótãos.

Corredores austeros e mudos.

Portas gravemente fechadas.

Abro uma, baixo a cabeça.

Equilibrismo

Sento-me na última fila.

Ao longe, mesmo lá onde o fumo acaba, um tipo discursa.

Língua de símbolos que ninguém entende.

Papalvos olham sem escutarem.

Palavras metálicas chocam na surdez das paredes.



- INEXORAVELMENTE O TEMPO.

Chegar.

Dormir.

Sair.

Sempre caras iguais

gordas

coradas

tímidas

sem remorso nos OLHOS INÚTEIS

sempre iguais

esguias

pálidas

ousadia dançando nos lábios sensuais.

O Tó-filho-família continua a trocar de carro cada três meses

ar de superioridade afivelado ao desdém.

Sentado à minha direita um barbudo sebento

limpa unhas com fósforos (ah! estes contestatários!)

Enfim, uns leem, outros fingem que escrevem.

De repente como impelidos por molas, saem, misturam-se.

Perdem-se até se reencontrarem nos mesmos sítios, dias, horas.

Um dia não aparecem.

Passados meses são homenageados, postumamente.

HERÓIS-DE-ESPADAS-DE-TÉDIO;

escudados na indiferença venceram a vida:

jamais tornarão a ler jornais desportivos.

Engrossarão o slogan dos que deixaram de fumar.

- Saio.

Respiro ar poluído e não noto.

Paro à porta da U.

Entram. Saem. Espero.

Por entre corpos que caminham, vejo-a.

atravessámos o HÁBITO INCORRUPTO feito rua,

tomámos o mesmo elétrico.

Falamos, nada dizemos: “adeus, até logo”.

Vejo se há correio, subo.

2 degraus, patamar,

mais 18 degraus no elevador das pernas.

Chave na fechadura.

Sobretudo no bengaleiro, num aconchego.

Livros na cadeira.

Um almoço igual a outros.

À tarde, o café, os amigos de ontem,

esperando hoje um amanhã que os leve.

As petas do costume.

Conversas repetidas.

Irreprimível vontade de mudar,

algo se escoa por entre os dedos do tempo.

Sol disfarçado de sombras

proporcionais à altura, à luz, à superfície.

Nas profundezas a revolta de um grito adiado.

- Jantar.

“A família é um ente coletivo, sagrado, indestrutível”.

Perguntas morrendo sem resposta.

O enfado. O café. Os amigos.

Uma cama com um jornal, um rádio com música.

essencialmente música.

Um sono.

Dormir.

Este todo que se esgota, se repete.

Monólogo de vida,

até um diálogo de morte.

Quem sabe se sonho, pesadelo?

Desânimo.

Um da, noite, sempre.

Até que seja tarde.

Irremediavelmente

como certeza na angústia, essa DOR DERROCADA.

- INCOMPLETA A OBRA.

---

**271. LISBOA porto e maio 1968 PEDRO PAULO**

LISBOA, este sentir de perto o longe tão longe

amar o amor não amando

desejo súbito de fugir

LISBOA este amanhã que ficará por hoje

este dar-se de dentro renovado em cada recusa.

LISBOA chão que piso, imagem de sol que amo

este sentir de perto o longe tão longe

LISBOA de ti fala a memória dos dias longe e perto

LISBOA cidade pequenina, onde as pessoas se chocam e seguem

na indiferença ao rio-destino,

provincianismo mesquinho de te saber distante, ausente.

LISBOA impessoal

européia

americana

que nunca portuguesa

LISBOA este correr rápido, constante, asfixia, cansa, mata,

tempo de agora vivido na pressa de cada momento.

a gente,

os carros,

bulício mecânico,

roda-dentada da civilização rotineira

grilheta do desenvolvimento.

a fauna,

monólogos que se entrechocam.

cara,

mãos,

olhos de cidade,

gestos urgentes que se dão e se vendem,  
promessas-mentiras de prostituição aviltada, sofisticada.  
LISBOA coletiva,  
social,  
necessária, enojantemente vendida ao mito,  
ao desejo  
à farsa  
até onde à beleza?  
LISBOA onde nunca, mesmo nunca, encontrarás um lisboeta.

**366. A lembrança dos dias (à mi) 1971 carolina**

bato à lembrança dos dias  
pela porta entreaberta  
ouço saudade  
entro na sala vazia  
nas paredes nuas e frias  
nem uma fotografia  
para enganar os olhos

vasculho nos cantos e buracos imaginados  
nem uma migalha para a memória  
incrédulo saio a correr  
com a sensação de ter perdido  
parte de mim.

**360.2 a planta da cidade na parede em frente 1971 LUCIANO**

e as ruas do silêncio onde estão?  
onde moram as prostitutas de corpos engelhados sem direito à reforma?  
onde são os bairros elegantes e as avenidas novas da mentira?  
onde fica o casebre-de-lata construído de ilusões?  
onde ficam as ruelas de má-fama com sonhos desfeitos,  
trapos pendurados às janelas sem sol?  
onde vivem os frustrados, os padres-ricos, os senhores?  
coabitarão todos no emaranhado de traços, do papel da parede?  
os cidadãos coma 4ª classe que vão aos barbeiros de 4ª,  
vivem em enxovias e comem o pão que ninguém mais quer, onde estão?  
os barqueiros do douro prematuramente reformados  
à espera de sonhos para passarem à outra banda,  
onde dormem com suas barcas velhas?  
os mendigos das esquinas, os pedintes, os aleijados,  
os estropiados, os cegos arranhando violinos mudos, onde comem?  
os meninos sem casa, crescendo por entre a vida  
onde vão fazer amor com as raparigas sem futuro?

-- e a isto nada me responde a planta da cidade --

**312. ESTE TEMPO É QUADRADO 1971 CHRYSLER**



este tempo é quadrado  
em cada canto uma angústia  
o centro sou eu.  
meu pai chama-me (sempre) egocentrista.

---

**281-1 ALQUYBIRISMOS 1971 PEDRO PAULO**

zuniam martelos  
de voz sem gente  
mudos fantoches  
soletradas tradições  
sonoras imagens  
acidental  
(in)organicamente  
colorávamos sentidos

(azul – paráfrase de amizade  
irisado formigueiro  
multiforme  
deslizando dos cabelos).

perdidos projetos  
no verde espanto  
escancaradas  
as bocas jamais vencidas  
sofríamos sedes  
fomes de muitas eras

obrigado  
silente  
searas esquecidas  
de mãos nos cabelos  
e foices na alma  
tudo de meu passou a nada

exaltados pensamentos  
agitantes  
aquietavam mordças

escalavrados outros  
futuro nunca o souberam

imaginavam  
vaga  
inseguramente  
o tempo

acreditando-se  
únicos  
privilegiados habitantes

adormecentes  
os indeclináveis erros

ancestrais lutas  
                  soterravam  
justificar-se não podiam  
condenados  
                  por tribunais do povo  
nada (pre)nunciavam  
                  eternos-escravos-do-malquisto-sonho

vogavam névoas antigas  
governados por reis de gaze  
perdidos na poeira dos compêndios  
                                  sorriam  
entrevados destinos  
                  míseras lágrimas  
                                  párias  
e de tanto esperarem  
                  lhes nasceram neves nos olhos  
e de tanto sonharem  
                  respiravam vulcões já extintos  
e de tanto viverem  
                  sem o pressentirem  
                                  iludidos morreram

ninguém deles  
                  hoje ouviu  
defenestradas memórias  
                  colonizadores de paisagens

---

**398.1. bucólica (à helen mcneill) 1972 carolina**

colinas tranquilas do tédio  
resgatam céus do hábito  
pastores de entoar estrelas  
sacro ofício de deuses  
ninfas de lã  
                  sacolejantes  
                                  campesinas  
descendo aldeias de lousa  
vendendo corpos de inverno.

- ciclos transumantes de vida –

cabanas de colmo  
                  com odor de homem  
áridos sons  
                  montesa linguagem  
frugais merendas de condutores de rebanhos  
sonhos de fome e frio

rústica paisagem

fragosas escarpas  
cio longo  
          noites de vigília  
uivantes lobos  
          no hálito das trevas  
agrestes vales  
          povoados  
                  anjos desasados  
estábulo com horizontes de lua-cheia  
poeira de tojo esventrando a solidão  
mulheres nascidas de bafo  
                  cristais de cinza  
na terra esboroada  
          estes pastores  
                  na sorte diferentes.

---

**407. ODE 1972 LUCIANO**

os dedos são o engenho ancestral  
boca, sexo, movimento perpétuo  
animo-os repetidamente com gestos pensados  
                                  calculados  
                                  repetidos.

Os dedos são a medida do TEMPO VAGAROSO  
suados  
calosos  
trémulos  
linguagem universal de poesia.  
Os dedos são a poesia  
vibrantes pedras  
raro metal,  
eternas máquinas de fabricar dinâmica  
eles partem e vão  
arrojados exploradores do silêncio  
à conquista da seiva branca, virgem,  
empunhando moderna arma  
filha da técnica atual:  
a esferográfica.  
Os dedos-bandeirantes-sem-medo  
partem e vão, indómitos  
desbravando a folha branca, enorme  
trilhando caminhos insuspeitados  
traçando hieróglifos nos confusos mapas  
carícias brandas de cristal que não arde.  
Não rasgam corpos de bruma  
nem destroem ignotas civilizações  
apenas escrevem poemas nas folhas de papel.

---

**338.4. CROSSROADS 1972 CHRYS**



seguimos caminhos cruzados  
na esperança infundada  
de nos encontrarmos no infinito:  
e ninguém lhe vai pedir  
a antecipação desse encontro.

---

**293. A PALAVRA-BREVE 1971 PEDRO PAULO**

A PALAVRA-BREVE suspende-se do fio tenso das bocas  
expande-se pelas propriedades elásticas  
queda-se no limiar deste SILÊNCIO MASTIGADO.

A PALAVRA-BREVE é uma saudade  
dor plangente por quem parte  
vai-se de nós esse instante  
fica-nos a muda constelação do sonho.  
Acordámos com um travo salgado de lágrimas ou estrelas.

A PALAVRA-BREVE nasce com a amizade  
na fronteira do interesse  
cresce por entre ondas de necessidade  
e vai repousar exangue no suor húmido dos amantes.

A PALAVRA-BREVE é o instante-não-imaginado  
mediando vida e morte  
detendo-se no enfadonho momento  
a que postumamente chamaremos feliz  
quedar-se-á numa laje branca de cemitério.

---

**409 a mulher de metal . à maria teresa horta 1972 carolina**

*(ainda a parede em frente  
eivada rotina do insulto  
mística música de pedras  
não partem  
não cedem.)*

a mulher-de-metal emergiu  
sacrossanta (mas não muito)  
entoava um qualquer eletrónico salmo  
ridente pendia um crucifixo

sexo irradiante de aço  
mecânica erupção

roliças ancas  
inconclusos seios  
o reflexo de zinco compunha

fria linguagem  
metal-de-mulher

linear o tijolo e a calíça  
talha grosseiro de cristo  
acobreada pelo cio  
primavera-de-uma-só-noite  
robô-de-mulher-teleguiada  
refulgente é o olhar  
iridium-4  
carnuda  
desenganosa engrenagem  
oleada  
para não cerrar dentes  
ao prazer  
à derrota  
sonora  
inflorescente fêmea

- também tu crês na emancipação da mulher? -

---

**414 a poesia é uma bola sempiterna 1972 LUCIANO**

*(a poesia é uma esfera sempiterna  
máquina de fabricar sonhos  
semovente tablado dos dias  
a António Gedeão, poeta e homem)*

a esta bola colorida  
deslizando frágil  
irisado vitral da imaginância  
devo o fugaz instante  
combustão de amor  
em pedra dura  
– CASA  
- MUSEU  
- AQUÁRIO de mim mesmo.  
circundo a cabeça  
sórdida aldeia  
no sonolento cenário  
a sibilante esfinge  
imponderal contraponto  
na superfície do eu  
no palco do centro  
rolantes águas se projetam  
contra as paredes do corpo  
  
- (há um eu a boiar dentro de mim!) –  
  
esfera colorida  
nas mãos de uma criança  
verso branco da ideia  
refulgente íris de mil sóis

.. na refração do instante  
boiam gemidos nas esporas da canção  
livres margens da poesia  
sem forma nem lei  
aparente alfabeto  
sem adornos de lua velha

bola colorida  
matizada  
cintilante angústia  
ora me choca  
ora me afaga  
inquebrantável raiz de não ser-só

adolescente apoteose  
coruscante liturgia  
apunhala a garganta do grito  
saber dos outros  
a opaca sinfonia

lá fora  
no mundo longe  
ascendem clamores  
deliquescentes compassos  
e o ator sou eu nesta CASA  
MUSEU  
AQUÁRIO de mim mesmo.

isolado  
mudo e suplicante  
sem gritar que existo  
só  
memória de invenção antiga

EU (o) DEUS DE MIM PRÓPRIO

---

**347. como é triste sermos adultos 1971 CHRYIS**

eu queria ser deus  
com alma de criança,  
para não ouvir as crianças  
dizerem mal de deus.  
quem cria o homem  
a fome, a guerra e a morte  
tem forçosamente de ser tido por mau.

---

**343.2. a farsa dos dias no calendário 1971 PEDRO PAULO**

as flores hoje venderam-se bem  
para cumprirem o dever anual de murcharem  
por entre castiçais, velas, ossadas

hoje as flores sentem-se sagradas  
vão nas mãos dos vivos dar cor e perfume aos mortos

mas ninguém reparou  
naquela flor murcha  
na jarra do “TEMPO INÚTIL”

ninguém pegou nela com mãos de vida  
e ela morreu sem flores nem velas.

---

**415 missmundície 1972 carolina**

autoestrada da fama fácil  
estirada  
    jacente confusão  
intricados ossos  
    sangue e ferros  
        contorcidos  
perdida a grande corrida  
sem títulos que valessem  
nem sorrisos vagos  
    desocupados  
onde os olhos-de-embalar-promessas  
        publicidade  
objeto - sim(biótica mulher) de símbolos  
    signos  
coisificado o mito da feminilidade  
viagens  
    prémios  
        diversões  
e um automóvel-caixão  
    para morrer à fatal velocidade  
        concurso de beleza última  
já no tabuleiro frio da morgue  
se ergueu trémula  
para se maquilhar de branco  
    tom suave  
        próprio para o evento  
bela-de-dia-se-deitou  
    extenso sorriso noturno  
  
e o corpo premiado na grande exposição  
à terra desceu  
    sem ovações nem desejo.

---

**422.2. heróis à força, sem força 1972 LUCIANO**  
**runaway schoolboy, a allen ginsberg)**

rescende no instante a muda seiva



gorgolejante  
    apocalítico rumor  
horizonte longe  
    perdido limite sem idade  
refratário sol  
    no grande Canyon de todos nós  
abrasa-nos este suco de texas-tea

impetuosa  
    a boca do vento  
        rasgou a fonte do olhar

diante de nós *the trip*  
miragens eternizadas  
    paisagens sem nome

inundadas armas do ventre  
lento se abriu  
    o tempo do delta  
fulminantes deuses  
    estátuas de visco  
o triângulo  
    vertiginosas ancas

crecemos na seca sede  
- o país do corpo em retrato inteiro –  
espoliamos a nudez virgem  
    sem um vagido

correm duendes na floresta da seiva  
irreprimida alegria escrava  
pérfidos os gestos  
    devoravam a paisagem de medos

e tu  
    minha pobre árvore despedaçada  
        permaneceste

extensa  
    plácida testemunha  
e duma só vez  
    ao homem prometido  
silenciaram o relógio das veias  
amputadas vinte-e-três vozes de mistério

o grande escravo branco da medicina  
encolheu indiferentes ombros  
sarcástico cuspiu  
    *god's away on a trip*

então o intenso aroma  
                  *peyote* nos estremecia  
e pintávamos  
          jeronimus bosch na cela hospitalar  
ríamos do *straight PhD MD*  
*gettin' high* embandeirámos o desprezo

lembras-te, meu amor?  
o Berkeley tribe tão póstumo

na face do cortejo  
frisco era a cidade

e nunca lá fomos.

---

### **388.2. um poeta-ministro das finanças 1972 CHRYS**

Um poeta-ministro das finanças  
seria uma calamidade económica.  
Se houvesse um ciclone  
não importaria o vento nas frestas do ministério  
haveria subvenções aos desgraçados dos “bidonvilles”.  
Quando houvesse um terramoto  
seriam salvos os soterrados mais pobres  
para terem uma vida (MAIS) decente.  
Os ricos pagariam mais impostos  
miseráveis, pedintes, velhos  
seriam a elite do desafogo.  
Os novos teriam subsídios de amor.  
Os industriais da guerra passariam a lavradores  
para ninguém morrer de fome.  
Num país assim os poetas seriam desnecessários  
para dar corpo a tal mito.  
Mas é urgente descobrir um poeta

REPITO  
É INDISPENSÁVEL UM SÓ!  
                  PARA MINISTRO DAS FINANÇAS.

---

### ***Poesia do planeta açores 2010-2021 / CRÓNICA DO QUOTIDIANO INÚTIL VOL 5 E 6 2012-2020***

#### **573. fados e sambas 2013 Luciano**

ser ilhéu é um fado triste  
entoado como um samba alegre  
cantigas ao desafio  
cantorias desgarradas

os corpos e as palavras

pintam realidades inesperadas  
todos ficam todos partem  
em dia de são vapor  
tão longe sempre perto  
em calafonas e canadás

ser ilhéu é um fado triste  
entoado como um samba alegre  
manta remendada de nove cores  
tapete voador da saudade  
sementes da memória  
nas paredes do tempo  
rasgando o silêncio  
mundos mágicos sem chave

e eu ilhéu de abril  
filho de muitas ilhas  
choro este fado

---

**632. ser açoriano, 2013 Luciano**

não se é ilhéu  
por nascer numa ilha  
é preciso sentir-lhe a alma  
partilhar raízes e dores  
acartá-la nos partos difíceis  
tratá-la nas enfermidades  
acariciá-la nas alegrias  
plantar, semear e colher seus frutos  
alimentar as suas tradições  
preservar a sua identidade

não se é açoriano  
sem amar as suas ilhas  
levá-las ao fim do mundo  
morrer por elas

com elas  
para elas

---

**660. demo-cracia, 2014 LUCIANO**

tanto mar, tanto sal  
tanta dor em portugal

primeiro foi-se o império  
depois finou-se a ditadura  
hoje agoniza a democracia  
sujeita à banca e à usura

e neste recanto da ilha do arcanjo  
sonha-se poesia e utopia

como se ainda houvesse esperança  
ou o político se vestisse de anjo  
por entre crimes e desgovernação

tanto mar, tanto sal  
tanta dor em portugal

---

**703. mar de palavras, à Ana Paula Andrade. 2018 *LUCIANO***

parti as palavras  
como quem parte pedra  
com elas calcetei avenidas  
de sonhos incumpridos  
plantei catos e cardos  
como quem planta rosas  
colhi espinhos  
como quem colhe pétalas

e do ramo que te ofertei  
brotaram palavras felizes  
neste mar de letras que habitamos

---

**559. alabote 2012 (ao vasco pereira da costa e Eduardo bettencourt.pinto) *Isabel***

o mar de novo  
e sempre  
as ondas e a espuma  
sem sabor a maresia  
esperma salgado do atlântico

não se vive sem mar  
numa ilha

---

**580. primaveras 2013, (à ni) *Isabel***

trazias primaveras nos cabelos  
e verões no olhar  
demos as mãos e rumámos ao futuro  
voamos nas asas do vento  
vivemos vulcões, tremores e furacões  
cruzámos mares e continentes  
perdemos o norte e o rumo  
encontrámos paraísos desconhecidos  
sussurrámos promessas e sonhos  
navegando as asas da açorianidade  
assim se explicam os açores  
ilhas de mil e uma dores

---

**641. aos açores, 2013 *Isabel***

aos açores só se chega uma vez



depois são saídas e regressos  
transumâncias  
trânsitos e errâncias  
...  
dos açores não se parte nunca  
levamo-los na bagagem  
sem os declararmos na aduana  
acessório de viagem  
como camisa que nunca se despe  
...  
nos açores nunca se está  
a alma permanece  
o corpo divaga  
mas a escrita perdurará.

---

**675 mar e bruma (2015) *Isabel***

todos os poetas  
que escreveram sobre os açores  
gastaram a palavra mar  
e a bruma

a mim para escrever açores  
resta-me a palavra  
amar

---

**557. açores (ao luiz fagundes duarte) 2012 *Pedro Paulo***

estar numa ilha é um modo de vida  
por vezes sinto-a prisão sem grades  
rodeado de mar, céu e vacas  
aves e peixes que não me falam

peessoas com passados heroicos  
gestas de povo sofrido e resignado  
de basalto e pedra-pomes também  
gente que veio no mar e a ele se condenou  
em terra e nas ondas dos baleeiros  
quando a terra não tremia  
e os vulcões estavam silentes

mares de mil e uma cores  
do azul ao negro e ao vermelho do sangue  
cheio de monstros e poucas sereias  
gente que veio com sonhos e fomes  
sofreu a escravatura infame dos senhores

feudalismos tardios e encobertos  
a coberto do manto da igreja  
em troco de promessas etéreas

suor, lágrimas e sacrifícios

povo que dominou fajãs  
gente que criou maroiços  
construiu ambições e voou  
para outros países sem deixar este  
à roda do qual o mundo gira  
e regressam sempre e sempre  
superando os que ficaram  
e construíram estas nove ilhas  
do enorme orgulho pátria  
ser açoriano é ser único  
em nove identidades afins

não sei descrever os sons  
os cheiros, as cores, os paladares  
todos iguais, todos diferentes  
todos açorianos

aceito este destino estrangeiro  
moldo-me e adapto-me  
ao clima e ao ritmo  
a esta velocidade lenta  
de início de mundo  
a este fatalismo ingente  
a estas devoções salvadoras  
às promessas com que se enganam  
romagens de comprar perdões  
folclores e tradições recriadas  
alheios ao que roda lá fora

toleram a autonomia que não têm  
e no meio destas gentes  
surgem escritores, poetas, autores  
neles me encontro e observo  
imagem refratada doutro espelho  
o lado de lá do eu  
até quando?

---

**615. brumas 2013 *Pedro Paulo***

eram de espuma  
as palavras  
eram de sal  
as ondas  
eram de gaze  
as nuvens  
eram de orvalho  
as lágrimas  
eram de névoa  
os montes

o verde surreal  
as lagoas  
eram de medos  
os vulcões  
e procissões  
eram de espuma  
as ilhas dos açores

---

**652. literários voos, 2014 PEDRO PAULO**

o pássaro furtivo  
veio debicar a palavra  
migalha de frases  
que o poeta jorrara

na ilha do arcanjo  
e noutras ilhas dos açores  
os pássaros chilreiam poesia

---

**676 o ruído do poema, (2015) PEDRO PAULO**

o ruído do poema  
enche o silêncio da palavra  
pássaro fugaz  
alquimia breve

há magias por decifrar  
na negra lava  
vulcões silentes  
no ruído da palavra

no porto de abrigo  
sem naus nem caravelas  
palavras mudas  
no ruído do poema

---

**510. lancha do pico (2011) chrys**

lá vem a lancha  
lá vem  
traz imigrantes, viajantes  
memórias vãs por limar  
da terra, do fogo  
do tempo sem prazo  
da fome e do medo  
das socas de milho  
das pedras por maroiçar  
votaram com os pés  
fizeram-se ao mar  
sem botes nem baleias  
para a lonjura das amercas

novas vinhas por esmoutar  
voltam abonados  
impantes de dólas  
sem sueras nem albarcas  
ao rossio do mar  
lampeiros, apatacados  
emigrantes mendigos  
de memórias por aparar  
perderam as terras  
ganharam o mar

lá vem a lancha  
lá vem  
a bordo não traz ninguém  
picarotos perdidos  
como só esta ilha tem  
comem e bebem  
reveem parentes  
e gente de bem  
perdidos em tempos idos  
repetem saudades dos entes  
sabe-se lá de quem  
apadrinham festas e procissões  
pagam dízimos e promessas  
missas por alma de quem partiu  
emigrados em amarcas missões  
lágrimas da ilha que os repeliu  
do sangue fizeram vinho  
do magma medraram uvas  
em terra de rola pipas  
debouçam bocainas, traveses e jarões  
plantam casas e novos luxos  
nas ilhas vazias de gente  
com leiva de memórias idas  
musgo de antepassados  
à espera de filhos e netos  
sem regressos nem partidas

lá vem a lancha  
lá vem  
vazia  
já não traz ninguém



**576. onde os açores não voam, 2013 chrys**

tu que nasceste açoriano  
nem vais acreditar  
onde os açores não voam

não bebi café em ouarzazate  
não fui aos 2 mil anos de persépolis



não cacei leões na gorongosa  
não comi chicharrinhos em rabo de peixe  
não vi petra nem os budas de bamiyan  
nem vi índios de roraima  
não fumei ganza nas praias de goa  
nem fui em adoração a katmandu  
nunca cheguei a machu picchu  
nem a hotel de gelo nórdico  
nadei na areia branca em dili  
em cheoc van em coloane  
em bondi de sydney  
em kuta beach de bali  
em pattaya tailandesa  
no bidé das marquesas de s. martinho do porto  
na praia azul de espinho  
nas águas límpidas de daydream island  
nas areias de byron bay  
banhei as mãos em tijuca  
as cataratas do niágara molharam-me  
vi o sol a pôr-se na lapónia  
e a nascer em bobonaro  
vi sóis, luas, mares e céus  
no faial, pico e flores  
e nas 3 ilhas santas dos açores  
nadei em rotnest island  
comi em fremantle  
dormi em towal creek comara  
vivi no amial, maria pia e campo lindo  
mafra, tomar e leiria  
bobonaro na montanha  
lecidere em dili  
nas antas e em macau  
cottesloe e claremont em perth  
waverley, centennial park  
randwick em sydney  
prahran em melbourne  
e em caminha  
sou de bragança sem lá ser parido  
sou australiano sem lá ter nascido  
carrego frações da galiza e do brasil  
de cristãos novos e alemães  
minhotos e marranos  
das cruzadas até áfrica  
onde nunca estive

e de todos esses locais  
que terás de buscar num mapa  
encontrei as tuas ilhas  
nelas serei açoriano até morrer.



**710. não quero saber o teu nome, 4.8.2019 CHRYS**

não quero saber o teu nome  
nem a tua idade  
nem o teu bairro  
nem o teu emprego

não quero saber a tua riqueza  
nem o teu carro  
nem as tuas férias  
nem a tua família

quero saber como tratas as estrelas  
e os animais

quero saber onde nasce teu sorriso  
e as tuas lágrimas

quero saber como tratas as nuvens  
e a bruma  
e o sol pôr

quero saber como sonhas  
onde moram teus sonhos  
e se neles há lugar para os meus

---

**711. desculpa o atraso 5.1.2020 chrys**

Meu amor desculpa o atraso  
Fiquei preso num poema  
Que nunca cheguei a escrever  
Que nunca cheguei a declamar  
Que nunca cheguei a dedicar  
E queria tanto ter chegado a horas  
Queria tanto ter escrito  
Queria tanto declamar  
Meu amor desculpa o atraso  
Fiquei preso num poema  
Com as palavras que nunca te disse  
Com os sentimentos que nunca te expressei  
Como se o amanhã existisse  
E queria tanto ter dito  
Queria tanto expressar esse amor  
Como se o amanhã fosse hoje  
Meu amor desculpa o atraso  
Fiquei preso num poema  
E só tu me podes libertar

---

**3. HILARINO DA LUZ, CABO VERDE – INVESTIGADOR DA NOVA FCSH E INVESTIGADOR INTEGRADO DO CHAM, FCSH-UNL/UAC**

## SINOPSE

**PALAVRA-CHAVE:** Brasil; Cabo Verde; Gilberto Freyre; viagem; realidade cabo-verdiana; intelectuais.

Pretendemos, com este artigo, abordar a problematização que Gilberto Freyre fez da realidade cabo-verdiana, resultante da sua passagem pelo país, aquando de uma viagem que fez por Portugal e pelas colónias portuguesas, na década de 1950. Nessa altura, Cabo Verde já conhecia a modernidade literária, consequente da publicação da revista *Claridade*, uma revista fundada por nomes como Baltasar Lopes, Jorge Barbosa e Manuel Lopes, em março de 1936. (Luz, 2013).

Publicada em duas fases, essa revista sofreu um interregno entre 1938 e 1946. Com o texto de abertura “*Lantuna & 2 motivos de finanças* (batuque da ilha de Sant’Iago)”, a primeira fase, de março de 1936 a março de 1937 e com apenas três números publicados, ficou marcada pela colaboração de poucos autores. (Luz, 2013). Aos seus fundadores acrescentaram-se apenas os nomes de Osvaldo Alcântara – pseudónimo de Baltasar Lopes –, com três poemas “Almanjarra”, “Noturno” e “Mamãe”; Pedro Corsino Azevedo, com “2 Poemas”; de José Osório de Oliveira, com o artigo “Palavras sobre Cabo Verde para Serem Lidas no Brasil”; com Artur Augusto, que publicou o texto “O Sentido Heroico do Mar”, e João Lopes, com o texto “Apontamento”. Conta com dois textos visados pela censura (“O Lobo e o Chibinho – Conto Popular de S. Nicolau” e “Tomada de Vista”, de Manuel Lopes. No final da página 10, do terceiro número, os seus responsáveis dão a conhecer alguns periódicos que receberam de Portugal:

“*HUMANIDADE (quinzenário de defesa e propaganda do Ultramar Português). Lisboa. n.ºs 12-20; PORTUGALE (Revista Ilustrada de Cultura Literária e Científica). Porto. n.ºs 49-50; O MUNDO PORTUGUÊS (Revista de Cultura e Propaganda, de Arte e Literatura Coloniais. Lisboa. n.ºs 30-37; COMÉRCIO DA BEIRA (Semanário noticioso e literário). Beira. n.ºs 13/146-31/164)*”. (CLARIDADE, 1937:10).

O artigo “Palavras sobre Cabo Verde para Serem Lidas no Brasil”, de José Osório de Oliveira, um ensaísta e jornalista português, que muito escreveu sobre Cabo Verde, foi antecedido pelas seguintes palavras:

“*Por deferência do autor, publicamos estas notáveis considerações de José Osório de Oliveira, cuja compreensão do caso crioulo se tem traduzido de forma tão inteligente e assídua. Congratulamo-nos com a colaboração de Osório, sempre Benvinda nesta revista que, justamente, procura revelar a mensagem da alma patricia*”. (Osório, 1936:4).

A segunda fase, com seis números publicados e irregulares, decorreu de 1947 a 1960. Assim, em 1947 foram publicados os números quarto e quinto; em 1948 o sexto; em 1949 o sétimo, em 1958 o oitavo e em 1960 o nono. Nuno Miranda foi editor dos números quarto a sétimo e Joaquim Tolentino dos números oitavo e nono. Teve como principal dinamizador Baltasar Lopes, sendo que Jorge Barbosa se encontrava a trabalhar na ilha do Sal e Manuel Lopes nos Açores. Registou um maior número de colaboradores, tais como: António Aurélio Gonçalves; Félix Monteiro; Baltasar Lopes; Jorge Barbosa; Corsino Fortes; Manuel Lopes; Gabriel Mariano; Sérgio Frusoni; Aguinaldo Brito Fonseca; Arnaldo França; Pedro Corsino de Azevedo; Nuno Miranda; Tomás Martins; Osvaldo Alcântara; Manuel Serra; Mário Macedo Barbosa; Teixeira de Sousa; e outros nomes. (Luz, 2013).

Viveu-se com a sua publicação uma era agitada, através da eliminação de muitos preconceitos em detrimento da exposição de contradições económicas e sociais. Promoveu-se, ainda, o debate de ideias entre escritores e artistas. Surgiu, assim, um novo tipo de tratamento da realidade cabo-verdiana, através da tematização da seca; da fome; da morte; da emigração, baseada na evasão e no dilema bipartido (querer partir – ter de ficar; querer ficar – ter de partir); da solidão; da nostalgia; da ansiedade; da evasão; da esperança; das festas; das histórias tradicionais; das crenças; dos cantares; do movimento dos cargueiros; da insularidade; do património cultural – o crioulo, a culinária, a morna, a tabanca, o batuque –; da emigração forçada para S. Tomé e Príncipe; do declínio do Porto Grande de S. Vicente. (Luz, 2013).

O dilema anteriormente referido, querer partir – ter de ficar; querer ficar – ter de partir, esteve muito presente na produção literária dos claridosos. Esse desejo bipartido é suscitado pela vivência do cabo-verdiano que, estando a viver num meio insular com poucos recursos financeiros, recorre à prática agrícola para tentar a sua própria forma de sobrevivência. A escassez da chuva acaba por o desiludir com constância, restando-lhe apenas a emigração com única saída. A esperança de que no dia seguinte vai chover faz com que ele se mantenha preso nas ilhas porque quando chove há produção agrícola em abundância, logo há abundância.

Quando não chove, embora com um forte apego à terra natal, o cabo-verdiano sente a necessidade de sair para procurar novas formas de sobrevivência, de modo a ajudar a sua família. Abandona a sua terra natal de coração partido, como se nota na seguinte passagem da obra *Famintos*, de Luís Romano:

“- *Minha terra tem fala que está no sangue da gente: - Menino morrendo, segura a torrar o campo, homem dando e levando de chicote, toda esta grande estiagem, é falar que entra dentro do povo e pega para deixar ninguém daqui. Este lugar não tem coisa nenhuma, a não ser maldade e afronta. [...]. Pois, agora que eu vou embarcar é que eu [estou] sentindo saudade, pedindo, rogando para eu não deixar esta ilha. [...]. Terra tem poder que ninguém sabe onde está. Saudade é que dá cabo da criatura e marca destino de quase tido o filho daqui.*” (Romano, 1983:334).

Há, contudo, aqueles que fantasiavam uma viagem consequente das circunstâncias miseráveis vividas no país, mas que, por vezes, acabam por a renunciar. Mané Quim, um personagem da obra *Chuva Braba*, de Manuel Lopes, de mala pronta, renunciou uma ida ao Brasil, com o seu padrinho, assim que começou a chover, dizendo as seguintes palavras: “*Não é uma pouca água. Choveu toda a noite. Chuva braba. O Ribeirãozinho deve estar a transbordar até ao primeiro pilar, com certeza... É lá o meu lugar agora*”. (Lopes, 1965:249).

Desta feita, havendo uma realidade e um imaginário locais, o sociólogo brasileiro Gilberto Freyre, ao abordar a realidade cultural cabo-verdiana causou um certo desconforto nas forças vivas, mormente em Baltasar Lopes e Jorge Barbosa. O primeiro chegou a referir que “o messias desiludiu-nos”. (Lopes, 1956:8). Trata-se de um termo que utilizou em resposta a algumas afirmações feitas pelo dito sociólogo aquando da sua passagem pelo país. A sua curta estadia e o pouco contacto que estabeleceu com os seus intelectuais fizeram-no formar uma visão errónea da realidade sociocultural cabo-verdiana, desiludindo esses jovens que o apreciavam e desejavam a sua presença no arquipélago, a par do estudioso português Artur Ramos – que, refira-se, teve morte prematura (Luz, 2013), conforme podemos confirmar nas seguintes palavras de Baltasar Lopes:

“*Logo, como fogo em mato seco, começou a alastrar-se entre os do nosso grupo a esperança de que viessem um dia a Cabo Verde deslocar a sua tenda de estudos de campo estes dois especialistas das culturas tropicais, munidos, como estavam, de técnicas e experiência que nenhum de nós possuía. [...]. No que diz respeito a Artur Ramos, o maná não pode cair diretamente. Se não fosse a sua morte prematura, estou a ver o que ele poderia apurar e sistematizar em matéria de aculturação, relações de raças e de cultura [...]. Enfim, Gilberto Freyre veio. Chegou, viu, interpretou. Porém, [...] poderia ele dar das nossas ilhas uma interpretação não eivada de pressa jornalística ou turística, no tão pequeno espaço de tempo e na pobreza de contactos com que teve [...]*”. (Lopes, 1956: 7-8).

Neste sentido, o mesmo autor defende que:

## Anuário 2021 Belmonte e PDL

*“Há um pouco mais de vinte anos, eu e um grupo reduzido de amigos começámos a pensar no nosso problema, isto é, no problema de Cabo Verde. Preocupava-nos sobretudo o processo da formação social destas ilhas, o estudo das raízes de Cabo Verde. Entrevíamos o problema, mas faltava-nos a especialização e também a experiência desta espécie de estudos. Se excetuarmos um ou outro raro domínio como, por exemplo, o da linguagem, éramos perfeitamente hóspedes em tantos outros, como o da antropologia cultural, da aculturação, das relações de raças e de cultura, do folclore, entendido como ciência. Precisávamos de certezas sistemáticas, que só nos podiam vir, como auxílio metodológico e como investigação, de outras latitudes”.* (Lopes, 1956: 6).

Porém, Gilberto Freyre fez uma interpretação *tant bien que mal*, segundo o autor anteriormente citado. Nesta senda, também asseverou que o sociólogo manifestou algum menosprezo ao crioulo de Cabo Verde, atualmente língua cabo-verdiana, incentivando Jorge Barbosa a também dizer que: *“O grande sociólogo brasileiro, que todos nós, de há muito, estimámos e admiramos, não tem razão.”* (Barbosa, 1953:24). Nesta linha de pensamento, José Osório Oliveira já tinha escrito no segundo número da *Claridade* que:

*[É], precisamente, essa resignação que os cabo-verdianos cultos precisam de combater no seu povo. Bem sei que a luta do homem de Cabo Verde com a inclemência do clima é trabalho de Sísifo. [...]. Falei dum jovem poeta de Cabo Verde. Quero dizer aos brasileiros que escutaram estas palavras que em Cabo Verde existe um grupo de poetas e de prosadores que só por si justifica toda a simpatia por aquelas ilhas perdidas no Atlântico. Porque quero dizer isso especialmente aos brasileiros? O alto nível mental dos cabo-verdianos é, há muito, uma das maiores provas da excelência da colonização portuguesa [...].* (Oliveira, 1936:4)

Esses intelectuais manifestaram-se profundamente desiludidos com a interpretação de Cabo Verde que o sociólogo escreveu, sobretudo em *Aventura e Rotina*. Nessa obra, esse “irmão” brasileiro, antes estimado pelos jovens intelectuais islenhos, viu os habitantes das ilhas como sendo mestiços ou crioulos, e como africanos que, tendo recebido certos valores europeus, se encontravam num estado de indefinição cultural, justificada pela fragilidade económica, pelo uso “generalizado” do crioulo, incapaz de servir como meio complexo de expressão, e ausência de uma arte popular legítima. (Freyre, 1953). Baltasar Lopes, que se encontrava no Brasil aquando da sua presença em Cabo Verde, conforme referimos anteriormente, respondeu-lhe com o seu artigo *Cabo Verde Visto por Gilberto Freyre*, em 1956, onde, além de explicar as razões que levaram o seu grupo a ansiar pela ida do sociólogo ao arquipélago, apresentou os pontos negativos da sua abordagem, chegando a afirmar que do seu trabalho só se aproveitavam algumas “migalhas” (Luz, 2013), como se nota na seguinte transcrição:

*“Como todo o arrazoadado que fica aí, pretendi sugerir que metodologicamente não devemos tomar como traduzindo o Cabo Verde cabo-verdiano certas conclusões a que implícita e explicitamente chegou Gilberto Freyre no seu livro “Aventura e Rotina”. Muito mais, mas muitíssimo mais, teria o mestre brasileiro de observar, talvez melhor, de surpreender, para que essa necessidade de interpretação a que há pouco aludia pudesse ser satisfeita. As próprias dificuldades de comunicação que impressionaram Gilberto Freyre determinam vivências insuspeitadas, que não se aprendem com uma rápida visita a centros urbanos de poucas ilhas. [...]”.* (Lopes, 1956:10).

Quanto à literatura do arquipélago, Gilberto Freyre, além de ter ficado desapontado, achou-a parecida com a brasileira e entendeu que os poetas cabo-verdianos precisavam de se distanciarem da do seu país. Apesar de manifestar a sua oposição em relação às ideias de Gilberto Freyre, Jorge Barbosa, já referido, assumiu a influência da literatura brasileira na cabo-verdiana. (Luz, 2013). No entanto, desvalorizou uma situação de dependência, visto que os cabo-verdianos construíram o seu próprio caminho literário e que essa influência foi pontual, na medida em que, segundo o próprio, não foi *“tão duradoura, porque depressa soubemos encontrar o nosso caminho, embora tivesse ficado em nossos escritos, por coincidência de reações, alguma parecença com a literatura brasileira. Uma parecença de família”.* (Barbosa, 1953:24).

Manuel Ferreira apontou dois pontos de distinção entre a poesia cabo-verdiana e as demais, a nível temático, ao procurar a afirmação de uma personalidade originada da mistura de duas raças diferentes (o negro e o branco), sendo que o mestiço se movimentava *“livremente (tão livremente quanto é possível numa sociedade estruturada em formas tradicionais) reagindo perante o meio socioeconómico com uma consciência sábia e refletida”.* (Ferreira, 1960:9-10).

Nessa ótica, José Lopes, similarmente, já tinha antecipado no artigo “Apontamento”, publicado no número dois da revista *Claridade*, que:

*“Podemos considerar em Cabo Verde dois grupos de cultura, se não totalmente diferenciados, pelo com características que em parte lhes definem fisionomia própria. E essa dualidade resulta, a meu ver, das bases económicas e agrícolas em que assentou o teor da vida do arquipélago. Neste capítulo, dada de materiais de estudo que permitam refazer a história económica e social das ilhas, temos de preencher lacunas com ilações tiradas da situação atual e subsidiariamente dos estudos levados a efeito no Brasil, para explicação do fenómeno brasileiro, em cuja integração aturam os dois fatores capitais da formação de Cabo Verde: o europeu e o afronegro* (Lopes, 1936:9).

Nesta linha de pensamento, o supracitado Baltasar Lopes, no seu artigo “Uma Experiência Românica nos Trópicos”, na sua abordagem sobre Gilberto Freyre referiu que:

*“O eminente sociólogo brasileiro Gilberto Freyre, nas suas conferências na Europa, reeditadas em 1940, com o título O Mundo Que o Português Criou, apresenta um ponto de vista rico de sugestões e que, quando transportado para o problema linguístico, está de acordo com o que suponho ser a tenacidade românica nos territórios ultramarinos de cunho português. Para o ensaísta brasileiro, “Portugal, o Brasil, a África e a Índia Portuguesas, Madeira, os Açores e Cabo Verde constituem hoje uma unidade de sentimento e de cultura”. Os lusodescendentes – puros e mestiços – de áreas diversas (continua Freyre) quando se põem em contacto uns com os outros são para se sentirem espantosamente semelhantes nos seus motivos e nos seus estilos de vida. [...]”.* (Lopes, 1947:15).

Essa teoria deu um novo alento ao regime salazarista, ao ter apresentado características que, no entender do seu autor, suportavam a ideologia desse regime, sobretudo por uma natureza etnicamente democrática, assente em boas relações entre os escravos e senhores, e pela capacidade civilizadora portuguesa nos trópicos:

*“Também quanto à relativa benignidade nas relações, no Brasil, entre os vários grupos etnoculturais. São grupos que, interpenetrando-se, vêm concorrendo, através de considerável mobilidade social, quer horizontal, quer vertical. Para favorecer, nesta parte da América, sob forma de uma civilização moderna em ambiente tropical, uma democracia dinamicamente étnico e cultural com o mérito pessoal tendendo, cada vez mais, a superar desvantagens tanto de etnia quanto de classe que possa prejudicar indivíduos.”* (Freyre, 1971: XXI).

Ainda no que se concerne à sua ida ao arquipélago de Cabo Verde, em resposta à sua opinião em relação aos respetivos intelectuais insulares, Gilberto Freyre afirmou que:

*“Fiquei, de certo modo, dececionado, pois esperava mais e melhor. A influência brasileira é manifesta. Prejudicial porque dela os intelectuais de Cabo Verde não souberam libertar-se. Falta-lhes, portanto, originalidade. Falta-lhes personalidade. Uma literatura própria diferenciada, não se cria pela insistência na escolha de temas locais. É necessário ir mais longe, trazer esses temas para o plano universal.”* (apud Barbosa, 1953:23).

Esta abordagem fez Jorge Barbosa, igualmente supracitado, acusá-lo de não ter obtido elementos suficientes que o pudessem ajudar a ter uma visão positiva das ilhas, ao ter passado pouco tempo no país e ao ter tido pouco contacto com os “homens das letras”, conforme também defendeu Baltasar Lopes:



“Ora, não sei se Gilberto Freyre terá colhido elementos informativos suficientes para fazer aquela rápida alusão às pessoas, bem poucas por sinal, que em Cabo Verde se dedicam às letras. Teve entre nós, como não podia deixar de ser, passagem de bem curta duração. Seus contactos connosco foram limitados e poucos. [...]. Como terá sucedido em vários climas em várias épocas, e terá sucedido no Brasil também, não é caso invulgar os escritores e as literaturas sofrerem influências de outros escritores, mesmo na sua fase de renovação, em que se iniciam, portanto, novas rotas, diferentes das segundas até então. [...]”.

(Barbosa, 1953: 23).

Em suma, Jorge Barbosa também defendeu que as obras produzidas no país nem sempre se limitaram aos assuntos locais, conforme defendeu o sociólogo brasileiro, visto que também tiveram a preocupação em procurar universalizar a literatura cabo-verdiana, pelo que, mais uma vez, não concordava com a interpretação da realidade cabo-verdiana que o autor de *Sobrados e Mucambos* intentou. (Barbosa, 1953).

#### Referências bibliográficas

Barbosa, Jorge (1953). “Crónica de S. Vicente: nós e Gilberto Freyre”. *Cabo Verde - Boletim de Propaganda e Informação*, 42, 23-24.

Cardão, Marcos et Castelo, Cláudia (orgs.). 2015. *Gilberto Freyre. Novas Leituras do Outro Lado do Atlântico*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

Carvalho, Alberto Duarte (1988). *A Ficção de Baltasar Lopes. Contributo para a Originalidade da Literatura cabo-verdiana*. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.

Ferreira, Manuel (1960). “Uma Página de Artes e Letras”. *Cabo Verde. Boletim de Propaganda e Informação*, 133, 9-10.

Ferreira, Manuel (Org., coord. e dir.) (1936). *Claridade. Revista de Arte e Letras*, S. Vicente, 1937, 10.

Freyre, Gilberto (1953). *Aventura e Rotina. Sugestões de uma Viagem a Procura das Constantes Portuguesas e de Ação*. Lisboa: Livraria José Olímpio Editora.

Freyre, Gilberto (1971). *Novo Mundo nos Trópicos*. São Paulo: CEN / EDUSP.

Lopes, Baltasar (1947). “Uma Experiência Românica nos Trópicos”. Ferreira, Manuel (Org., coord. e dir.), *Claridade. Revista de Arte e Letras*, 4, 15.

Lopes, Baltasar (1956). “Cabo Verde Visto por Gilberto Freyre”. *Cabo Verde. Boletim de Propaganda e Informação*, 84, 7-17.

Lopes, Manuel Lopes de (1965). *Chuva Braba: Ulisseia*.

Luz, Hilarino da (2013). *O Imaginário e o Quotidiano Cabo-verdianos na Produção Literária de Jorge Barbosa*. Tese de Doutoramento apresentada à FCSH - Universidade NOVA de Lisboa.

Oliveira, Osório de. 1936. “Palavras sobre Cabo Verde para Serem Lidas no Brasil”. *Claridade. Revista de Arte e Letras*, S. Vicente, 1936, 4.

Romano, Luís (1983). *Famintos*. Lisboa: Ulmeiro.

## 4. ISABEL REI SANMARTIN, ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA E CONSERVATÓRIO PROFISSIONAL DE MÚSICA DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

### Três mulheres guitarristas galegas

Depois da grande transformação política e social acontecida na Europa a partir da Revolução Francesa com a criação dos novos Estados atuais, seguiu-se na Galiza um fenómeno social que na Alemanha denominaram período *Biedermeier* e nós bem podemos encarnar na personagem valenciana do Senhor de Montenegro. Este Senhor de Montenegro é uma figura representante da fidalguia galega em decadência, no contexto dos novos valores liberais e capitalistas que traziam a cultura urbana da industrialização e do afastamento da terra e a cultura popular. O *Biedermeier galego* é esse período entre o final da Guerra do Francês (1814) e a revolução soberanista de Solís (1846) em que o ambiente bélico dominava a vida social na Galiza. Nesse período produziu-se o fenómeno contrário a esse belicismo, a burguesia recolheu-se nas casas familiares e, longe dos campos de batalha, desenvolveu uma cultura musical característica galega e europeia, em que a guitarra/viola foi protagonista.

Em 2014 gravamos o disco intitulado *A viola do século XIX: Música de salão na Madeira*, patrocinado pela Direção da Educação Artística e Multimédia do Governo Regional madeirense. No artigo de apresentação do disco publicado na revista *Glosas* do Movimento Patrimonial pela Música Portuguesa (*mpmp*), dissertávamos sobre o ambiente vespertino no Funchal, imaginávamos os sons da viola/guitarra a saírem de alguma janela aberta e descerem pelas ruas junto do aroma a bolos do caco com manteiga e alho, e lembrávamos os cadernos por onde liam a música os intérpretes, que hoje são autênticos tesouros nacionais. Os serões musicais eram também na Galiza um meio de relacionamento social que gerou numerosos desses tesouros para a história da guitarra/viola. As reuniões de sociedade em torno da música, acompanhada dos petiscos imprescindíveis, deixaram coleções de partituras a representar toda uma época comum à Madeira e à Galiza, e também a toda a Europa.

Alguém poderia perguntar-se por que motivo devemos falar da viola, ou guitarra, num Congresso Internacional como os Colóquios da Lusofonia, sendo a Lusofonia um conjunto de países em que o uso das violas foi, é e será parte quotidiana da vida das pessoas, especialmente das que se dedicam à expressão musical. Como no resto de países lusófonos, Galiza também foi desde sempre um território propício para o uso das violas, ou guitarras. As pessoas galegas também tocaram cordofones dedilhados ao longo da sua história até ao presente de modo quotidiano. Então, por que trazer à baila este tema?

Como mulher, galega e guitarrista, devo advertir ao auditório de que a situação de anormalidade política que vivemos na Galiza, sendo como é, um território lusófono governado pelo Reino da Espanha, as questões mais corriqueiras são sujeitas a alterações inusitadas e controvérsias inesperadas, que não aconteceriam em países em boas condições democráticas. Imaginemos como será, se falarmos de questões menos corriqueiras como é uma atividade artística.

No caso da guitarra, ou viola, um dos elementos que me levou a realizar a longa investigação que hoje, em parte, apresento aqui, foi o estudo e definição do conceito político, que não musicológico, da expressão “guitarra espanhola”, que na Galiza provocou o receio do instrumento no mundo cultural e, durante a época franquista em que esse conceito ganhou intensidade, ele provocou também o desconhecimento dos valores próprios do país.

O conceito de “guitarra espanhola” associado à música castelhano-andaluza surge no novo Reino da Espanha com o objetivo de construir um símbolo musical espanhol num momento, o último terço do século XIX, em que, curiosamente, a guitarra galega está em expansão popular com o *boom* das orquestras de plectro, a atividade das Tunas universitárias e são mais frequentes as visitas de guitarristas profissionais em giras e recitais. O afã espanhol de definir musicalmente o Estado, na sua incipiente construção nacional, deixa de fora a música galega para guitarra, com grave prejuízo para as intérpretes e para a música galega em geral, que não se vê refletida no modelo espanhol.

Fazendo parte duma família de músicos galegos e galeguistas, que tocavam música galega para guitarra e outros instrumentos, foi chocante o modo como eu descobri ao entrar a estudar no Conservatório de Música, que a viola ali era chamada de “guitarra espanhola”. Isto que eu vivi sempre como uma contradição, foi o motivo do início das minhas pesquisas. Após sete anos oficiais, e mais não oficiais, a fazerem um total de vinte anos, as pesquisas frutificaram numa tese de doutoramento sobre o estudo da guitarra na Galiza.

A tese prova a existência e uso na Galiza de guitarras, violas de mão, cistres, alaúdes, e todo o tipo de instrumentos cordofones dedilhados, desde o século XII até ao XIX. A quantidade e qualidade de documentos referentes a textos históricos, iconografia, intérpretes, construção e venda de instrumentos, ensino oficial e não oficial, famílias e fundos guitarrísticos de partituras, os conjuntos de guitarras e outros instrumentos de plectro, e as composições para estes agrupamentos definem um mapa inicial da intensa atividade guitarrística galega.

## Anuário 2021 Belmonte e PDL

Dentro dessa atividade hoje quero debruçar-me sobre três mulheres guitarristas nascidas no século XIX, duas delas conhecidas por outras atividades diferentes da música e a terceira bem desconhecida em todos os âmbitos, que dedicaram parte das suas vidas à aprendizagem e cultivo da guitarra, ou viola, contribuindo para o desenvolvimento da música galega, cada uma no seu âmbito de atuação. Estas três mulheres são a estradense Avelina Valladares Núñez, a compostelana Rosália Castro de Murguía e a lucense Paz Armesto Quiroga.

Avelina Valladares Núñez nasce em Vilancosta, Berres, em 1825 e morre setenta e sete anos mais tarde no mesmo lugar, em 1902. A sua é uma família fidalga, dona de terras e da conhecida por Casa Grande no lugar de Vilancosta, que pertencia à família da mãe Concha Núñez. O pai, José Dionísio, natural de Graba (Silheda), ao casar entra a viver na casa da mulher. Ele estudou no Seminário de Lugo e depois na Universidade de Compostela, onde acabou a carreira de Letras. Em ambos os lugares é provável que ele tenha tido contacto com a música e tenha aprendido a cantar, a tocar guitarra e a conhecer todos os instrumentos. Sabemos isto pelos documentos musicais que a família foi acumulando, entre os que há partituras desde bem o início do século até atingir uma coleção de perto de 700 obras para diversos instrumentos, principalmente para fortepiano, guitarra, violino, flauta de bisel e canto.

O pai, e possivelmente também a mãe, ensinaram música aos filhos e filhas, os irmãos e irmãs de Avelina que tocavam cada um o seu instrumento: Sérgio, a flauta; Marcial, o violino e também guitarra e piano; Isabel, Luísa e Segunda, o piano e o canto. Neste contexto não admira que Avelina Valladares tenha sido uma boa intérprete de guitarra, de piano, de canto e de teatro, além de ser compositora de várias obras para guitarra e piano.

Avelina e o irmão Marcial viveram na Casa Grande de Vilancosta até à sua morte, que acontece no início do século XX. Assim, durante mais dum século a casa está ocupada pelos seus donos e donas, num tempo em que era costume das famílias fidalgas abandonar as terras e ir morar na cidade. Ali tinham mais perto os cartórios e as instituições, mas não reparavam em que era a presença nas terras e o cuidado dos lavradores e lavradoras a sua maior fonte de legitimidade histórica, aquilo que lhes conferia a carta de nobreza num mundo cada vez mais diferente. Na cidade, estas famílias acharam uma nova elite legitimada no novo Estado, muitas vezes composta por sujeitos não galegos, que concorria com força pelos poderes e o governo. E, nessa concorrência, se não tinham as contas e propriedades bem reconhecidas havia muitas possibilidades de as perderem.

Não foi assim para a família Valladares, pois Avelina foi uma das encarregadas de cuidar e manter o património familiar, que ela entendia também como património social e galego. Veja-se a sua participação em concursos agrícolas em que era premiada, as obras benéficas na comunidade de Berres que ela levava para a frente, e o legado do pai de quem o génio popular tinha composto uma cantiga: “O senhor de Vilancosta / só a ela tem apego / vive entre os seus lavradores / honra-se de ser galego”. Poderia dizer-se o mesmo da senhora de Vilancosta, Avelina Valladares. Desse modo é que a família conseguiu trazer até ao século XXI uma casa em perfeito estado de conservação, uma biblioteca com inúmeros exemplares de grande valor e uma das maiores e mais completas coleções de partituras dos fundos musicais galegos. Dessa coleção queremos hoje destacar a obra de Avelina Valladares, que é a primeira obra documentada, escrita por uma mulher galega para guitarra, no século XIX. Intitulada ‘Soidade’, a peça é um delicado exemplo dos sentimentos de Avelina, que escolheu viver solteira e dedicada ao património familiar. Imaginamos Avelina a compor o seu poema musical para guitarra durante as horas do entardecer no Vale do rio Ulha, no jardim da parte de trás da Casa Grande onde os Valladares teriam passado tantas veladas felizes.

Na sala da música da Casa Grande está o fortepiano da família, onde Avelina teria composto as três obras para piano que também nos deixou: *Melodia*, *Valsa* e *Mazurca a L. E.*, esta última dedicada ao seu sobrinho e herdeiro, Laurentino Espinosa. Além disso, conservam-se rascunhos com a assinatura de Avelina, e um Método para guitarra, anónimo, manuscrito, muito completo e adornado, cujo título indica que foi escrito para uso da pessoa com as iniciais A. V., portanto, Avelina Valladares, e representa o método para guitarra mais antigo dos achados até agora nos fundos guitarrísticos galegos.

Rosalía Castro de Murguía, a poeta fundadora da recuperação da língua na Galiza no século XIX, nasce em Compostela em 1837, e morre muito cedo, em Padrão, em 1885. Escritora, poeta, romancista, cantora, atriz de teatro, a talentosa Rosália era também pintora e música. Ela tocava vários instrumentos como o fortepiano, a flauta e várias guitarras. Desse modo, o filho Ovídio Murguía herdou a vocação da pintura e aprendeu a tocar guitarra com a mãe.

E por falar em vocações, uma muito forte de Rosália era a docência. Rosália era uma autêntica professora, como se vê no relato que o viúvo Murguía escrevia em lembrança pela morte da mulher, em 1885. Conta Murguía que no intervalo de descanso duma representação no Teatro Principal de Compostela, foi conversar com Rosália num desses momentos que na Galiza chamamos de “mocear”, que refere a fala dos namorados. Rosália contou-lhe uma anedota que tinha acontecido dias antes na casa dela. Era que estava ela reunida com vários convidados quando ouviram entrar pela janela um som absolutamente fascinante. A talentosa e musical Rosália desceu as escadas às carreiras e procurou na rua a origem daquela beleza. Achou um menino a pedir, uma criança pobre que visitava a cidade em 1853, ano de fome que seguia a outros anos de fome anteriores. Rosália pediu para a criança que subisse e cantasse para eles. Como o menino não tinha nada que perder, e mesmo algo poderia ganhar, subiu e no salão cantou para os convidados da nossa poeta. A sua voz era maravilhosa, afinada, e cantava com beleza umas canções galegas desconhecidas, que a criança variava e aumentava como faria um compositor. Ficaram todos fascinados. Então Rosália colheu a sua guitarra inglesa (que é muito semelhante à guitarra portuguesa) e tocou para a criança a Barcarola da ópera *A Estrangeira*, de Vincenzo Bellini, o compositor italiano mais famoso e mais tocado da época.

A criança chorava de emoção e alongava o braço para chegar às cordas, por ver de as premer com os seus dedos. Então Rosália ficou ciente de que o menino tinha verdadeiro talento para a música e ofereceu-lhe ir todos os dias à sua casa para comer, vestir e aprender instrução geral e de música. E assim foi durante um tempo, até que um dia a criança apareceu e disse que não poderia voltar, porque tinha de ir com a sua família trabalhar a Castela, daqueles empregos temporários na sega. A decepção foi imensa, mas dela nasceu uma aprendizagem: A mensagem de Rosália e de Murguía é que devemos criar, cuidar e manter as condições sociais necessárias para desenvolver os nossos talentos.

Graças a este relato podemos ver Rosália a tocar na sua guitarra inglesa, mas ela também possuía uma guitarra clássica, com caixa em forma de oito, que foi o instrumento que o filho Ovídio aprendeu. Repassando na ópera *A Estrangeira* de Bellini, vemos provável que a Barcarola interpretada por Rosália fosse a da primeira ária que abre a ópera, intitulada “Voga, voga, il vento tace”. Entra dentro dos nossos planos de futuro recuperar esta transcrição para guitarra.

Paz Armesto Quiroga foi uma guitarrista galega que nascia em 1882 em Pinheiras, um lugar do município de Guntim, em Lugo, e falecia em Barcelona em 1964. Ainda desconhecemos os motivos vitais que a levaram até à Catalunha. Paz Armesto deveu chegar na capital catalã por volta de 1903 junto com o que já devia ser o seu marido, António Quiroga Camba, médico, professor universitário e empresário nascido em 1885 e assassinado em 6 de agosto de 1936. Paz era filha do notário João Armesto Erro, natural de Pinheiras, e de Filomena Quiroga Vázquez, natural de Melide. Uma das irmãs de Paz Armesto foi a freira Sor Mercedes del Corazón de Jesús (1866-1938), arquivista e cronista das clarissas do Mosteiro da Anunciada, em Vila Franca do Bierzo, que deixou escrito o primeiro volume da *Crónica da Anunciada*, a conter umas quatrocentas páginas de história do mosteiro.

A vida em Lugo oferece um alto ambiente guitarrístico já desde a primeira metade do século XIX. Por essa época envolve a estadia da família Valladares nessa cidade e a elaboração do fundo para guitarra conservado no Arquivo da Catedral, manuscrito pelo violinista e guitarrista Luís Vila, membro da Capela de Música, em que se acha uma obra do famoso guitarrista João de Arizpacochaga. A atividade de grupos de

plectro e de orfeões foi crescente e notável em Lugo no último terço do século. Havia lojas a servirem instrumentos e acessórios como a de José Varela Hortas e a de Ubalda Ulhoa. Vários guitarristas visitavam frequentemente os seus teatros e cafés como Agostinho Rebel, Rafael Tost, Miss Zaida e Julia Óscar, criavam-se certames onde participavam coros e orquestras de plectro, fundava-se a *Estudiantina Lucense* ao abrigo do grande compositor galego João Montes. O próprio Montes organizou um recital em Lugo ao virtuoso cego e andaluz Antonio Jiménez Manjón, em 1886, como depois fez com o ferrolano João Parga em 1889. Na época está o também guitarrista cego Gerónimo Ducha a tocar e a estabelecer-se em Lugo com uma tabacaria onde vendeu durante muito tempo cordas e acessórios para guitarra. Também os virtuosos irmãos Salaverri, de Mondonhede, tocam em Lugo por volta de 1896. Registam-se na cidade várias orquestras de plectro desde 1892, e havia também conhecidos guitarristas locais como o duo de cítara e guitarra formado pelos senhores Álvares e Jesus Rodrigues Lopes, os barbeiros da cidade Vicente Armas e Franciso Doel que apresentam os filhos como meninos prodígio em 1899, ou o famoso Chiva, guitarrista e autêntico animador sociocultural da cidade, de que se tem notícia desde 1866. E há que ter também em conta os indícios de atividade guitarrística e musical em diversas localidades lucenses durante o século XIX como Monforte, Samos, Viveiro e Ribadeu.

No meio deste fragor guitarrístico, não seria de estranhar que a menina Paz Armesto Quiroga recebesse lições de guitarra e se entusiasmasse pelo instrumento. Domingo Prat, um historiador de guitarristas, diz dela que tocava diariamente a guitarra e que foi a impulsora, através dos seus contactos no Centro Galego de Barcelona, dos concertos que um jovem Andrés Segóvia realizou entre os anos de 1915 e 1916, quando estava a iniciar a ascensão da sua carreira artística. Com efeito, o casal devia ter influência sobre a vida social barcelonesa, pois o marido, António Quiroga, ocupou lugares de importância na diretiva do Centro Galego e a sua atividade como cirurgião, professor universitário e empresário era bem conhecida e noticiada na imprensa.

Para finalizar, diremos em resumo que com estas breves informações biográficas e os comentários sobre o ambiente galego, quisemos dar a conhecer tanto a atividade guitarrística na Galiza quanto três das suas melhores cultivadoras, mulheres, guitarristas, galegas.

Muito obrigada.



5. **LUCIANO JOSÉ DOS SANTOS BAPTISTA PEREIRA, ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO, INSTITUTO POLITÉCNICO DE SETÚBAL, PORTUGAL AICL PUBLICAÇÕES3**

*O Haiku português, Palavras de Luz, Luciano Pereira, Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Setúbal, Belmonte, 2 a 5 de abril*

**1. Introdução**

Foi desde a primeira metade do século XVI que a cultura portuguesa se enfeitiçou pelos mistérios do extremo Oriente. O exotismo oriental tornou-se rapidamente um dos aspetos mais típicos da nossa literatura e em particular da nossa literatura de viagens. Gil Vicente, Camões, Fernão Mendes Pinto, Diogo do Couto, Lucena, Faria e Sousa, Francisco de Sousa, João de Barros, Gaspar Coreia, António Galvão, Gaspar da Cruz, Bocage, Roberto de Mesquita, Eugénio de Castro, Alberto Osório, Eugénio de Castro, Camilo Pessanha....

Muitas serão as descrições e as reflexões sobre as distantes paragens tais como a Índia, a China e o Japão.

O Padre Luís Fróis (1553-1597) foi o primeiro autor português de uma História do Japão. A experiência nipónica foi para Wenceslau de Moraes a sua maior experiência literária e de vida. O fascínio da cultura nipónica tem continuado a revelar-se em traduções e criações recentes. Casimiro de Brito é talvez o primeiro a traduzir e adaptar haikus nos anos sessenta. Teresa Ferro, em parceria com a francesa Bernadette Poisson, apresenta-nos em 2013, na senda de uma longa e prestigiada tradição feminina que nos chegou, em 2007, pela mão de Luísa Freire, uma obra bilingue, Português/Francês, *Os haikus da Lusitânia*. Foi também

3 Luciano Pereira 1.Comunicações e artigos:  
A cultura açoriano-catarinense na obra de Franklin Cascaes  
Paiva Boléu e a cultura açoriano-catarinense.  
A representação da Ilha na literatura de temática açoriana  
A representação da Arrábida na literatura portuguesa  
A lagoa das sete cidades: cristalizações de memórias, mitos e lendas  
O contributo africano para o fabulário de língua portuguesa  
O cavalo e o touro nos fabulários, nos bestiários e no imaginário popular  
Os contributos mitríacos no culto do Divino Espírito Santo e algumas das suas expressões na literatura tradicional  
A rosa não tem porquê. Homenagem a uma poetiza vulcânica  
A Bélgica na poesia de Vitorino Nemésio  
Vitorino Nemésio: Poème dramatique au soldat portugais inconnu mort à la guerre. Contributos para a sua tradução  
O mau-olhado na cultura popular  
A Paixão segundo João Mateus ou a infinita paixão de Norberto Ávila  
Referências e indícios hebraicos na literatura popular  
Contributos árabes na literatura popular portuguesa  
As mouras encantadas no imaginário galaico-português  
A representação dos Açores na poesia publicada no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro  
2.Ensaios:  
A fábula em Portugal. Contributos para a história e caracterização da fábula literária.  
3.Unidades Didáticas para alunos do Ensino Complementar da Língua Portuguesa na Alemanha (em colaboração):  
A cidade  
A língua.  
EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL  
Colaborador da Divisão do Ensino do Português no Estrangeiro da Direção Geral de Extensão Educativa (1990/1995)  
Coordenador do Ensino da Língua e Cultura portuguesas - Embaixada de Portugal em Bona (1995/1996)  
Vice-Presidente do Conselho Diretivo (2005-2008)  
DISCIPLINAS LECIONADAS:  
Globalização das Expressões, Literatura para a Infância, Introdução à Literatura Comparada, Retórica e argumentação, Culturas Populares, Língua e Cultura Portuguesas para Estrangeiros, ...

em 2013, que, tanto pela mão de Jack Kerouac, como pela inspiração do próprio Bashô, e após uma viagem ao Japão, que Tolentino Mendonça nos oferece a sua magnífica obra: A Papoila e o Monge, dando assim uma expressão moderna à relação entre o misticismo do Extremo Oriente e ao misticismo do extremo ocidente que Dalila da Costa já havia tão bem interpretado em algumas das suas obras.

## 2. O Haiku um género literário

O *haikai*, forma arcaica do universalmente conhecido *haiku*, é constituído por três versos de dezassete sílabas numa disposição de 5-7-5. Género poético de expressão oriental e totalmente original, o haiku desenvolveu-se no Japão. São pequenos poemas que transmitem um especial e incisivo poder de observação. É-nos apresentado como uma imagem instantânea. O seu híperrealismo é tão intenso que nos projeta para o mundo da maravilha. Capta-se ou captura-se o ínfimo momento que se eterniza pela magia da palavra. A sua dimensão ecológica aproxima-o da poesia mística ou é uma das formas da expressão do misticismo. Não é por acaso que é um monge o seu criador e mestre absoluto: Bashô. Também não é de admirar a sua entusiasta receção por parte de alguns místicos e religiosos ocidentais, tais como o brasileiro monsenhor Primo Vieira e o português Cardeal Tolentino Mendonça.

O haiku apresenta uma forma e um ritmo muito próprio, difícil de se expressar nas línguas ocidentais. Em português, tradutores e autores confrontaram-se com esse forte constrangimento. A nossa língua exige um muito maior número de palavras para referir ou descrever uma paisagem ou uma situação muito breve que ela seja. Para além da sua estrutura poética e silábica, acrescentou-se a obrigatoriedade de incluir um *kigo* (palavra que remete para uma das cinco estações do ano japonesas). Uma das outras regras que apresentava uma dificuldade bastante acrescida era a proibição da utilização de palavras de origem chinesa. Afirmava-se assim, como um género extremamente nacionalista, de um amor sem limite à sua terra, ao seu império e ao seu imperador.

Nenhum dos nossos tradutores e dos nossos autores se inibiu perante tais características e não deixou de se maravilhar perante as situações e a expressividade de uma forma de pensamento tão intensa quanto delicada e concisa.

O escritor e o leitor parecem transportados para uma outra dimensão do tempo e do espaço, inefável, talvez seja essa a definição mais perfeita do Além.

Apresentemos para ilustrar esta introdução uma magnífica composição de Moritake (século XVI), e três *haikus* do mestre por excelência, o monge zen Bashô. O seu tradutor, José Carlos Raposo Nunes (1977:5) não nos deixa de merecer profunda simpatia e admiração:

Uma pétala caída  
Regressa ao seu ramo  
Ah: é uma borboleta

Moritake - tradução inédita de Luciano Pereira a partir da versão francesa de Dussert (2003:6)

Acende o lume  
Mostrar-te-ei uma coisa bonita -  
Uma grande bola de neve.

Lua nova  
Na terra esbranquiçada  
As flores de trigo negro

No rabanete  
Que me amarga a boca  
O vento do outono

A sua origem é bastante modesta, nasce num ambiente de serena paz familiar, embora numa forma mais longa: o *hokku*, com cinco versos, tal como tal como o seu antepassado, o *tanka*. Contenta-se em ser um jogo de palavras, utilizando um reduzido vocabulário, bastante particular a que se chama *pushi-mono*. A sua dimensão oral mal tem sido referida, condicionando, todavia, tanto a sua dimensão formal como a sua dimensão temática. Trata-se de uma disciplinada expressão dos sentimentos, submissa a regras estreitíssimas e a um formalismo inviolável. Um dos elementos da família dizia os dois primeiros versos apelidados de *hokku* e um outro completava-o com três versos, apelidados de *haiku*. Cada palavra explode em múltiplos significados, evoca diversificadas impressões e sensações. Abre-se um mundo de maravilhas e de fantasia, de uma tessitura imaginária de muito difícil acesso para os leigos na riquíssima cultura nipónica. Espreitam conotações e simbologias imbuídas das diferentes filosofias e religiões orientais, taoismo, budismo, xintoísmo, em cada palavra, um mito, uma lenda, uma constelação de símbolos, uma festa de sentimentos e emoções. A partir de 1500 da era cristã, constata-se uma rápida e profunda transformação pragmática, temática e formal que consolidará o género que hoje conhecemos como haiku. *Haijins* (autores de *haikus*) tais como Mori Také (1473-1549), Sokan (1553) e Teito Kou em torno do qual se viria a estruturar uma verdadeira escola poética no fim do século (por volta de 1600) seriam as figuras proeminentes que permitiram o surgimento de um *Kigin*, o grão-mestre que viria a instruir aquele que a crítica viria a considerar o seu expoente máximo, Bashô. Foi ele que consolidou a sua forma clássica e definitiva, dedicando toda a sua vida literária exclusivamente ao género que tanto prezava. Deixou-nos uma curiosa definição de si próprio: *Nem monge nem leigo, nem pássaro nem rato, mas algo de intermédio*.

Oriundo de uma família de Samurais e após um grande desgosto, eventualmente de amor, Bashô retira-se de uma vida socialmente ativa e ociosa para peregrinar pelas amenas e mimosas paisagens nipónicas. Abraçou a pobreza como uma dádiva divina. Repousava onde a sorte aconselhava, ora sob o teto de um rico admirador, ora protegido pela luminosidade do céu estrelado. Constrói uma cabana humilde e simples onde se recolhe nos intervalos das suas deambulações e onde exerce o seu ministério de Mestre de Haiku.



### 3. Bashô e a sua herança

O mestre reúne à sua volta discípulos das mais diversas condições sociais, muitos ricos samurais outros pobres camponeses e até marginais, sem afastar criminosos arrependidos que, como ele, procuravam uma forma alternativa de se aproximarem da natureza, dos seus espíritos e da radical essência do ser, longe das multidões e mais perto do silêncio e dos impercetíveis signos do eterno. A todos prodigava os seus afetos, a sua compreensão e a sua sensibilidade poética que se afirmava como uma forma de oração e uma catar-se na procura do absoluto. O seu retiro foi construído junto a um bananal, árvores que idolatrou acima de todas as outras. Em japonês, *bashô* significa bananeira, a árvore que está na base do seu nome e foi uma bananeira que os seus discípulos decidiram plantar junto ao seu último espaço de repouso. A sua fama percorreu todo o país, vinham de todos azimutes e de todas as regiões. Eram tantos (mais de dois mil) que Bashô formou um grupo distinto chamado *Jittetsu*, dez sábios. Foi durante esses anos que publicou a maior parte das suas obras, diários e notas de viagens.

Os seus poemas revelam a ternura e o respeito por todas as formas de vida e traduzem o mais profundo amor pela natureza ora com humor, ora recorrendo a neologismos, ora ocultando-se e fundindo-se com a natureza.

ver a cerejeiras em flor  
é algo maravilhoso –  
mas o que eu tive de andar!  
Palma, Joaquim M. (2016, 365)

durante a Festa das Estrelas  
se não há encontro de corações  
resta o êxtase da chuva a cair  
Palma, Joaquim M. (2016, 391)

o sol de inverno congelou  
a sombra do monge  
sobre o cavalo  
Palma, Joaquim M. (2016, 392)

Animais e vegetais são metáforas dos homens e das mulheres, o poeta recorre a outros poetas e personalidades históricas, a intertextualidade é uma forma de valorizar e enriquecer a sua própria estética:  
como é frágil  
uma flor  
no calor do verão  
Palma, Joaquim M. (2016, 393)

quando floresce a ameixeira  
nada sei  
como o coração dos poetas  
Palma, Joaquim M. (2016, 393)

O *Sabi* corresponde a uma forma de beleza nostálgica, de solidão, desolação e algo de indefinido que nos assola:  
pela estrada  
onde ninguém passa  
parte o outono  
Palma, Joaquim M. (2016, 394)

A comparação entre elementos extremamente distantes e quanto mais distantes maior será o efeito emocional e estético:  
como uma menina  
a lua crescente  
vai cedo para a cama  
Palma, Joaquim M. (2016, 394)

Nada era vulgar para ele. Solitário escreve um dia, *estou só e escrevo para a minha alegria*. Envolve-o a lenda – diz-se que foi uma rã que o despertou para a verdade do zen:



*Ah! o velho lago  
e quando uma rã mergulha  
o ruído da água.*

Nunes, João Carlos Raposo (2016:53)

Kobaya Issa, nascido em 1763, na aldeia de *Kashiwabara*, bem no centro do Japão, merece uma palavra especial pela sua fecundidade poética. Nos cerca dos seus vinte mil *haikus*, é sempre possível encontrar um poema para cada momento da existência. Curioso é também o facto de ter dedicado mais de dois mil aos animais, apresentando um verdadeiro bestiário enraizado no pensamento budista e xintoísta, em total conformidade com o pensamento do grupo religioso chamado *Jôdoshinsu* (O verdadeiro ensinamento da terra pura), a que veio a aderir. Os mistérios da reencarnação nas mais frágeis formas de vida estão constantemente presentes, numa exuberante exaltação da vida:

menino  
não a mates  
essa pulga tem filhos!  
Palma, Joaquim M. (2019, 280)

que doce harmonia  
poder renascer  
como borboleta do campo!  
Palma, Joaquim M. (2019, 71)

Serpente na toca  
Vê se consegues ser borboleta  
Na próxima vida!  
Palma, Joaquim M. (2019, 329)

O género difundiu-se até se tornar uma das práticas socioculturais mais apreciadas e emblemáticas da cultura contemporânea nipónica:

A atmosfera onde este exercício literário se passa tem a ver com a qualidade de ação do indivíduo, neste mundo, sendo essa acção, na sua relação com que está mais além da matéria, encarada segundo uma perspetiva unificada e unificadora suportada pelos pilares da paz, justiça e liberdade.

Palma, Joaquim M. (2016, 14)

Apreciado ao mais alto nível não apenas pelos eruditos, mas pela generalidade do povo japonês, o género aparece, na sua pureza ou com pequenas variantes formais, incrustado nos mais diversos géneros literários tal como nos romances de Prémio Nobel da Literatura de 1968, Yousunara Kawabata:

*A menina e o cricri, a borboleta,  
O gafanhoto, a cigarra e o ralo  
Encantam as montanhas.*  
Carvalho, Armando da Silva, 2003,110

Fora do Japão, ainda no oriente, recordemos apenas os poemas breves de Tagore:

Tagore, nascido em Calcutá, talvez o mais fecundo dos homens das artes e das letras, começou a escrever *Pássaros Perdidos* ainda no Japão (1916), onde tomou contacto a cultura nipónica e onde a pintura e a poesia o sensibilizaram profundamente. É o haiku que serve de inspiração a este seu livro. Não segue a forma canónica do género, mas é o resultado de uma vivência que questiona o real e o transcendental de forma lapidar e minimalista. Alguns poemas apresentam magníficos laivos platónicos afirmando a sua universalidade: *Tu não vês o que realmente és; o que vês é a tua sombra*. Palma, Joaquim M. (trad.) (2016, 23). Terá uma forma de cartesianismo inspirado o pensamento seguinte: *Existo. Que maravilhosa surpresa é a vida!* Palma, Joaquim M. (trad.) (2016, 24). Aqui fica uma reflexão que o mais puro dos cristianismos imediatamente subscrive: *A vida foi-nos dada e nós, dando-a, a merecemos*. Palma, Joaquim M. (trad.) (2016, 33).

Formalmente mais próximo do haiku, refira-se esta pérola poética do pensamento:

Fotografia –  
uma memória da luz  
guardada pela sombra.  
Palma, Joaquim M. (trad.) (2016, 139).

#### 4. O Haiku no Ocidente

O *haiku* no Ocidente teve um grande impacto, motivou poetas de vários países na busca dessa forma simples mas tão profunda de economia verbal. A dificuldade surge na construção do poema, nas 17 sílabas, tal como já referimos para a língua portuguesa.

Nos Estados Unidos, a geração Beat e os seus cultores, na esteira de Ezra Pound, operaram múltiplas transformações temáticas e formais, pesquisando exaustivamente todas as potencialidades da língua inglesa atingindo resultados surpreendentes. Na europa, a pesquisa inglesa, francesa e alemã caminhou de forma paralela e articulada, tornando o haiku uma das formas poéticas mais universais e vanguardistas, um verdadeiro emblema de uma nova cultura globalizada. A exigência básica centra-se na estrutura constituída por três versos curtos, sendo o último uma espécie de chave tal como o soneto nos havia habituado. Basil Hall Chamberlain, foi o primeiro autor inglês a apresentar um estudo desenvolvido sobre o género que publicou em *The Tansactions of the Asiatic Society of Japan* (1902): *Basho and the Japanese Poetical Epigrams*, embora tenha sido William George Aston a apresentar o primeiro estudo sumário sobre o género: *A History of Japanese Literature* (1899). Em França surge no início do século XX em circunstâncias bastante peculiares. Dezassete anos antes da publicação da *Nouvelle Revue Française* (NRF) dirigida por Jean Paulhan em 1920 com o objetivo de divulgar e promover o haiku, enquanto género universal e merecendo destaque nacional, três *haijins* franceses (Couchoud, Faure e Poncin) publicaram uma brochura de trinta páginas: *Au fil de l'eau* (1903), impressa em trinta exemplares e fora do comércio que foram seduzindo um publico bastante vasto e entusiasta. O género reavivou um certo gosto clássico pelo terceto tradicional, lembrando produções de Francis Ponge ou as *Cent Phrases pour un éventail* de Paul Claudel (1927). Foi verdadeiramente impressionante a entusiasta receção do género pelos franceses:

« [...] nous sommes aux environs de l'année 1900. Quelques amis, tous étudiants, se réunissent périodiquement, rue Champollion, dans la chambre de l'un d'eux, Paul-Louis Couchoud, qui, titulaire d'une bourse de la fondation Kahn, revient d'un voyage au tour du monde, imprégné, ébloui, parfumé de son contact avec les anciens maîtres, sages et poètes, du Japon. Tout en nous offrant du saké dans de minuscules tasses nippones [...] tout en déroulant pour nous quelques-uns des précieux kakémonos rapportés de là-bas, il nous dévoile les beautés de Bashô et de Buson, nous initie à la sensibilité japonaise, nous explique ce qu'est le haikai, et, entre les trois noms qui désignaient alors cette forme de poésie, choisit celui qui devait bientôt prévaloir définitivement. [...]

En 1905, trois des compagnons susvisés, Couchoud, Faure et Poncin, encore tout pénétrés des longues causeries d'antan, décident de faire en péniche un voyage d'excursion sur les canaux français. [...] Vocance, Julien, « Sur le Haikai français », in *Revue France-Japon*, n° 38, 15 février 1939, p. 80, em Dussert, Éric (2004: 7-8).

São estes três *haijins* os que expressaram, pela primeira vez, com alma e sensibilidade nipónica as suas impressões e sensações vividas ao longo da sua espartana viagem pelos calmos e sugestivos canais de França:

Dans une lettre du 4 mai 1924, Paul-Lois Couchoud salue les vers de Julien Vocance, le meilleur *haijin* de sa génération derrière lequel l'étoile de Paul Éluard pâlit terriblement : « Vous avez porté le haïkaï français aux sommets de la poésie, note Couchoud. Vous en avez fait l'instrument de la sincérité absolue, de la substance pure, de la note essentielle et criante. » Car c'est bien « la note essentielle » que traque le haiku. Il doit faire vibrer l'instant, rendre compte de l'éphémère lorsqu'il touche paradoxalement au permanent ou à l'universel. Pour reprendre les mots de la poète Valérie Rouzeau, « le haiku est une épiphanie » ce moment fugitif où l'être perçoit avec une forte netteté sa relation au monde, au cosmos. Il n'est pas indifférent de constater à ce propos que la *Beat génération* américaine, éprise de bouddhisme, de philosophie extrême-orientale et d'esprit zen, popularisera à son tour l'haïkaï aux États-Unis dans les années 1950. À bon escient : les haïkaïs de Jack Kerouac sont probablement les plus beaux d'Occident. Dussert, Éric (2004 : 11)

Durante e depois da segunda guerra mundial, registou-se um certo desinteresse pelo género que Roland Barthes descreveu como “un mince horizon de mots”, não é menos verdade que, em França, os chamados poetas Beat dos anos 50, deixam-se novamente fascinar pelo Oriente misterioso e, em particular, pelos seu misticismo, tão exaltado nos *haiku*. Volta-se a redescobrir certos poetas, tais como Augusto Gilbert de Voisins (1877-1939), que após uma viagem à China, deixou-nos um conjunto de poemas delicadas tonalidades budistas:

Respectez une grenouille  
Sage. devant l'escargot  
Réfléchi, Je m'agenouille.  
Augusto Gilbert de Voisins em Dussert (2003)

No finais do século passado até aos nossos dias o haiku tornou-se onnipresente e onnisciente, raros são os poetas que lhe ficaram insensíveis, raros são os temas que lhe escaparam:  
Saison chaude des gares  
Où le métal se dissout  
Dans une brume noisette  
Jean-Richard Bloch em Dussert (2003)

## 5. O Haiku em língua portuguesa

### 5.1. O haiku no Brasil

Em 1988, foi publicado, em São Paulo, *O haikai no Brasil*, de H. Masuda Goga (1911-2008). Escrito originalmente em japonês, publicado em Tóquio, em 1986, a obra apresenta o percurso do haiku por terras brasileiras. O tradutor para o português, José Yamashiro, comentou:

Para o haijin (poeta de haiku) Hidekazu Masuda, cujo nome haicaístico é Goga, [O haikai no Brasil] representou a coroação de um longo e persistente trabalho de pesquisa e aperfeiçoamento na bela arte poética de Bashô. [...] Esta obra – pequena em volume, rica em conteúdo – narra as origens e expansão do haikai nos meios intelectuais brasileiros, onde se destacam nomes de haicaístas como Afrânio

Peixoto, Jorge Fonseca Júnior, Oldegar Franco Vieira, Guilherme de Almeida, Waldomiro Siqueira Júnior, Pedro Xisto, Monsenhor Primo Vieira, Luís Antônio Pimentel, Paulo Leminski, entre outros. Nunes, Roberson de Sousa. 2011:60

Masuda Goga, respeitado haijin japonês chegou ao Brasil no final da década de 1920. Após ter trabalhado nos cafezais (como a grande maioria dos primeiros imigrantes no Brasil nesse período), Goga tornou-se mestre e fundou o Grémio Haikai Ipê. É o próprio Goga que, numa curta metragem, nos revela que O haiku chegou ao Brasil através de duas entradas: Por um lado, acompanhou os primeiros imigrantes, por outro, chegou através de outras línguas em particular do francês e do inglês (Gaijin: caminhos da liberdade, de Tizuka Yamazaki.)

Monsenhor Primo Vieira destacar-se-á de entre uma plêiade de cultores, nos quais também se inserem grandes nomes da poesia brasileira contemporânea, tais como Cecília Meireles e Manuel Bandeira. *Borboletas Brancas* transporta o género ao seu expoente no Ocidente. A sua simplicidade mergulha-nos até ao limite da interiorização e até ao interior dos mais subtis movimentos do universo. Em rigor é ele, no Brasil, o que melhor articula a filosofia cristã com a filosofia budista através da língua portuguesa:

Humilde atinge os píncaros da poesia: *Por minhas mãos, hoje, / Deus atirou aos pardais/migalhas de pão*. E atinge o futuro pela lembrança: Uma folha mortal de malva no livro antigo.../ Tão viva saudade...

João Carlos Raposo Nunes in, jornal Europeu, 25-1-1989, pp.16-17 em Nunes, João Carlos Raposo (2016: 55).

## 5.2. O haiku em Portugal

O haiku não podia ter sido omitido na reflexão de Wenceslau de Moraes sobre a arte e a literatura japonesa que constituiu o capítulo décimo do seu *Relance da alma japonesa*, obra amadurecida ao longo do seu ensaio histórico sobre o Japão, constituindo uma espécie de complemento:

[...] Alma que se apraz na impersonalidade, que esquiva da cena para deixar livre o campo à serena sucessão das modalidades naturais, que por isto mesmo experimenta repugnâncias tenazes em se ocupar em considerações de si própria – alegrias e sofrimentos próprios -, a alma japonesa sentiu, criou uma poesia sua, em perfeita concordância com as suas preferências afetivas. A poesia japonesa pouco mais é e pouco mais pretende ser do que uma exclamação – um! – ordinariamente inspirada na beleza do cenário, nas surpresas da paisagem, mas podendo alcançar outros assuntos – os assuntos de ordem moral. Em todo o caso, não é nem pode ser uma descrição, é uma sugestão; não aspira ao completo acabamento de uma ideia, antes prefere limitar-se a enunciar-lhe o início, deixando o resto para ser adivinhado; bastando-lhe assim as dezassete sílabas do *hokku*; devendo acrescentar-se que soube realizar o seu propósito de uma maneira magistral. Está-se vendo como a arte poética se inspirou no mesmo espírito estético das outras artes, da pintura por exemplo – fluidez no traço, simples esboço, ignorância dos detalhes, embora possam ser imaginados. Há pintores japoneses, sendo Hokusai um deles, que se deleitam em desenhar um objeto – uma cegonha, um pato, uma tartaruga, ou outra coisa – de um só rápido movimento de pincel, como a nossa pena de europeus traça, correndo, um a cursivo no papel; pois o *tanka* e o *hokku* correspondem, na poesia japonesa, à cegonha de Hokusai, em pintura.

Para estudiosos portugueses, todavia, o *tanka* e o *hokku* não devem merecer tanta estranheza. Nós temos a quadra portuguesa, a nossa deliciosa quadra popular, tão cheia de sedução que, uma só, pode constituir um poema emocionante. Dá-se também a circunstância de serem certos processos de construção, de uso vulgar na poesia japonesa, como o jogo de palavras, o calembur, ou então a reunião de dois períodos, independentes um do outro no sentido, também vulgares na quadra portuguesa. Em minha opinião, a nossa quadra, quando habilmente manejada, seria suscetível de dar excelentes traduções dos poemas japoneses.

Para encurtarmos razões, vão seguir-se alguns *hokku*, com a sua tradução, literal quanto possível, em chata prosa. A alguns acrescentei, por desfastio, a tradução em versos – e pé quebrado, é evidente, ficando o leitor incumbido, com mais pachorra do que eu, de fazer as correções.

Eis um *hokku* de Bashô:

*Furu-iké ya  
Kawazu tobi-komu  
Mizu no oto*

A tradução é a seguinte: Ah, o velho tanque! E o ruído das rãs, atirando-se para a água!... O leitor não se encontra prevenido para poder encontrar belezas, assim de surpresa, numa pequenina poesia japonesa. Mas pense um pouco. Não acha encantador este instantâneo, recordando a paz de um lugar, provavelmente junto de algum vetusto templo budístico, em cujo terreiro se encontra um velho tanque, sendo o silêncio apenas cortado pelo som melancólico que acompanha a queda das rãs sobre a água adormecida?...

Eis a tradução em verso:

Um templo, um tanque musgoso;  
Mudez, apenas cortada  
Pelo ruído das rãs,  
Saltando à água. Mais nada...

Eis um outro *hokku*, de outro autor:

*Moski nakabá  
Chôchô kago no  
Ku wo uken*

A tradução é como segue: Se a borboleta cantasse, teria de sofrer o martírio de uma gaiola. Quer isto dizer que a borboleta é tão formosa, pelas cores de que se adorna, que, se cantasse, toda a gente quisera tê-la como prisioneira, dentro de uma gaiola; salva-a a sua desengaçada mudez.

Bashô era extremamente bondoso para com todos os animais, não admitindo que os maltratassem, mesmo por pensamento. Em certa ocasião, jornadeava ele campos fora, em companhia de kikaku, seu discípulo. Este dando fé de um tira-olhos escarlate, exclamou em verso:

*Aka tombó  
Hane wo tottara  
Tô-garashi*

que quer dizer: Arranquem as asas a um tira-olhos escarlate; ficará um pimento. Esperava o discípulo, talvez, do mestre um cumprimento. Mas Bashô repreendeu-o vivamente por tão cruel brincadeira; e, corrigindo os versos, proferiu:

*Tô-garashi  
Hane wo tsuketara  
Aka tombó*

que quer dizer: Juntem asas a um pimento; ficará um tira-olhos escarlate.

Não esqueça este famoso *hokku*, considerado como uma das mais delicadas produções do género e devido a Chiyo, célebre poetisa:

*Asagao ni  
Tsurubé torarete  
Morai mizu*

Traduz-se por esta forma: A trepadeira (campainhas, *Convolvulus tricolor*) enrolou-se à corda do poço; vai-se pedir água ao vizinho. A poetisa, mulher de fino gosto, indo uma manhã buscar água ao seu poço, deu com o pequenino evento que contei; não ousando molestar a planta, cujas flores são muito apreciadas no Japão, decidiu-se a ir pedir água ao vizinho...

Segue-se a tradução em verso:

A trepadeira trepou  
Pela corda do pocinho;  
Para não a molestar,  
Vai pedir-se água ao vizinho.

Eis um interessante poemazinho pitoresco:

*Furu tera ya  
Kané mono iwasu.  
Sakura chiru*

Traduz-se por este modo: Oh, o velho templo! O sino não toca; flores de cerejeira caem sobre o solo...

Outro no mesmo género:

*Yuki no mura  
Niwa-tori naite  
Aké shiroshi*

Quer isto dizer: Aldeia coberta de neve; galos cantando; rompe a madrugada.

Outro, de género bem diferente:

*Chôchô ni*  
*Kyonen shishitaru*  
*Tsuma koishi*

Traduz-se desta maneira: Duas borboletas!... No ano passado, a minha querida esposa morreu...

Expliquemos. No Japão, um par de borboletas simboliza gentilmente um consórcio feliz; e é costume antigo mandar aos noivos, como presente do noivado, um par de borboletas de papel. O solidário viúvo, achando-se no seu jardim - imaginemos -, poisou o olhar em duas borboletas e lembrou-se então dos presentes de noivado, que ele recebera anteriormente... Aqui fica pois apontado um *hokku* amoroso, embebido em saudade. Convém observar a propósito que na, poesia japonesa, o autor do poema nunca canta uns lindos olhos, ou uma bela trança de cabelo, ou a delicadeza do perfil do ente que ele estima, ou estimou; verso, o amor nipónico apresenta-se sempre como que pudicamente coberto por um véu, do qual uma das pontas se houvesse desprendido, deixando entrever uma nesga do mistério.

Eis a tradução em verso:  
Passa um par de borboletas  
Emblema do amor ditoso...  
Há um ano, se finou  
A mulher de quem fui 'sposo...

E por último um *hokku* moderno, tresandando a realismo, mas nem por isto menos curioso:

*Nusundaru*  
*Kagashi no kasa ni*  
*Amé kyû nari*

Traduz-se assim: Cai duramente a chuva no chapéu que eu roubei ao espantalho.

Quando o arroz está próximo da colheita, nuvens de pardais caem sobre o arrozal, na ânsia de devorar os bagos, maduros quase. O aldeão japonês fabrica então uns bonecos, uns espantalhos – e com que arte e graça! – veste-os com quimonos esfarrapados e inúteis, cobre-lhes as cabeças com chapéus de palha, da clássica forma piramidal, mas evidentemente podres à força de uso, não prestando para nada; e dispõe de espaços em espaços, no arrozal, alguns destes mostrengos, em trágicas posturas, a fim de espantarem os pardais. Para o nosso caso, devemos imaginar um pobre diabo qualquer, talvez um estudante pobre – e há tantos estudantes pobres no Japão!... – que fosse caminhando pela estrada, cabeça nua; surpreendido por um aguaceiro, arranca da cabeça de um espantalho o chapéu pobre, enfia-o na própria cabeça e continua o seu caminho, compondo, talvez por passatempo, a poesia que citei... Em tão minguadas linhas, não se poderia ser mais expressivo, ao descrever um quadradinho de penúria...

Segue-se a tradução em verso:

Vai molhado até aos ossos;  
Cai a chuva, mais e mais,  
No chapéu, que foi roubar  
No campo ao 'spanta-pardais.

Em 1970, a Moraes Editores publicou 50 *Haiku*, uma obra magnífica, em papel vergé, folhas soltas numa caixa de tela, impressão dourada, numa tiragem muito limitada de quinhentos exemplares. Trata-se de uma edição bilingue (Português-Japonês), com reproduções de caligrafias japonesas de Yukio Kito e tradução de Paulo Rocha e António Reis. A edição de quinhentos exemplares tornou-se raríssima, contém cinquenta haikus dos principais *haijins* japoneses.

Em 1977, João Carlos Raposo Nunes, com apenas 21 anos publica 30 *Haiku* e Flores Dispersas – Haiku em 1986, obra constituída por 23 poemas. Em 2016, João Carlos Raposo Nunes, agora resistente livreiro, contra ventos, marés e enchentes, na baixa histórica de Setúbal, volta a publicar parte da sua publicação anterior e alguns dos seus poemas posteriores inéditos, assim como duas reflexões que havia publicado nas duas primeiras publicações. Penso que João Carlos é verdadeiramente um dos primeiros cultores do género em língua portuguesa e seguramente um dos seus maiores admiradores.

Jorge de Sousa Braga, em 1987, seguindo quase integralmente a versão espanhola de Octávio Paz ( *Sendas de Oku*), ofertou-nos a sua tradução: O caminho estreito para o longínquo norte, mais próximo do título da versão inglesa de Nobuyuky Yuasa ( The narrow road to the deep north):

Depressa se vai a primavera  
Choram os pássaros e há lágrimas  
Nos olhos dos peixes.  
Bashô, Matsuo 1987:18

Em 2007, Luísa Freire, de forma muito pertinente, publicou O Japão no feminino II Haiku séculos XVII a XX.:  
Provando a dureza –

um vaso de sempre noiva  
bem no meio da neve.  
Den Surjo (1633-1698), Freire, Luísa, 2007: 23

Neve na primavera  
como promessas quebradas –  
caindo, caindo.  
Katayama Yumiko (n. 1952), Freire, Luísa, 2007: 134

É dia da mãe –  
e acabei por fazer  
a minha mãe chorar.  
Mayuzumi Madoka (n. 1965), Freire, Luísa, 2007: 137

Casimiro de Brito, nascido no Algarve em 1938, começou a publicar em 1957 (Poemas de solidão imperfeita), publicou mais de setenta títulos, dirigiu várias revistas literárias, esteve ligado ao movimento “Poesia 61”, ganhou vários prémios literários nacionais e internacionais, tal como o Prémio Mario Luzi, para o melhor livro de poesia europeu editado em Itália em 2006 com o “Libro delle cadutte” (Livro das Quedas), assim como o muito prestigiado Prémio Mundial de Haikus, atribuído pela World Haiku Association, de Tóquio. A sua obra Memória do Paraíso encena o amor, feliz, ora com uma tranquila sensualidade, ora com febril paixão:

eis o paraíso  
quando nossos corpos cantam  
a mesma canção

olhando para ti  
contemplando um sol terreno  
eis-me nu e cego

a casa regresso  
sentado no meu haiku  
tapete voador  
Brito, s.d.: 11

Teresa Ferro, em 2013, publica uma obra bilingue, em português e em francês, com Bernadette Poisson: Haikus da Lusitânia. Teresa Ferro é professora da Universidade do Porto desde 1992, publicou poesia, em França (Un peu de vie en poesie), participou em três antologias francesas (2011-2012). Participa regularmente em várias revistas de poesia francesa e em concursos poéticos internacionais, ganhou vários prémios e teve a feliz ideia de publicar com Bernadette Poisson uma verdadeira joia artística e literária. Bernadette é professora destacada da Academia de Lille no Instituto de Francês do Porto, durante trinta anos, pintora e poeta, publicou duas obras de poesia e de prosa poética. Participou em várias antologias portuguesas. A paixão dos haikus que as uniram, exhibe antes de mais uma pronunciada delicadeza extremamente feminina, um gosto pelas coisas simples da vida, pelas imagens singelas do quotidiano, pelo espanto que provocam os íntimos segredos da natureza, pelo prazer das sensações e ternas emoções. Obra profusamente ilustrada, cada poema, bilingue, dialoga com apontamentos de cores felizes e alegres, figuras, mais sugeridas que retratadas como se a pintura se quisesse discreto sussurro de um fugaz sopro poético. A obra é um sereno convívio de línguas num cerimonial sonho orienta. O haiku desabrocha na sua plenitude estética e pedagógica.

Chega a madrugada  
No canto da cotovia –  
Espreita o falcão.

L’aube se devine  
Au premier chant d’allouttr –  
L’oeil du faucon guette!  
Ferro, 2013:14

Um palpite de asas  
Aventura-seno céu –



Medo e liberdade!

Um battement d'ailes  
S'aventure dans l'azur –  
Peur et liberté!  
Ferro, 2013. 15

Joaquim M. Palma destacar-se-ia pela qualidade das suas traduções, em particular da obra de Bashô (2016) e de Kobayashi Issa (2019) já aqui referidas e bastante ilustradas.

Género que conquistou os espaços escolares e todas as tertúlias poéticas, imprescindível na pedagogia da escrita criativa, o género conquistou o coração do sagrado. Como um sopro, torna-se beijo do criador apaixonado pelas suas criaturas. Como uma oração torna-se namoro apaixonado entre a criatura e o seu criador. José Tolentino Mendonça, visita o Japão, no silêncio monacal de quem se habituou a viver o místico êxtase provocado pelas maravilhas da criação. Levava Jack Kerouac e o seu Book of Haikus na memória e Bashô no coração, dedicando-lhe uma espécie de ternura fraternal e amor universal. *A papoila e monge* representa um dos momentos mais altos de uma antiquíssima relação entre o Oriente e o Ocidente que a filosofia e religiosidade Sufi tão bem souberam expressar.

Oiçamos a voz trémula e apaixonada de Tolentino Mendonça, em *A Papoila e o Monge*:

O silêncio só raramente é vazio  
diz alguma coisa  
diz o que não é.  
Mendonça, Tolentino. 2013:15

Fazer calar para fazer dizer:  
uma injunção paradoxal  
o silêncio fala de si  
Mendonça, Tolentino. 2013:17

Quando o templo se esvazia  
então brilha  
esplêndido  
Mendonça, Tolentino. 2013:19

Há vários silêncios  
desde o início aprende a dizer  
o Plural  
Mendonça, Tolentino. 2013:27

Em silêncio o rochedo  
vê chegar e partir  
as estações  
Mendonça, Tolentino. 2013:29

Silêncio:  
na ravina inacessível  
o pardo em flor  
Mendonça, Tolentino. 2013:37

A montanha segue em silêncio  
os passos  
do peregrino  
Mendonça, Tolentino. 2013:45

Os que se assemelham a nada

assemelham-se  
a Deus  
Mendonça, Tolentino. 2013:51

A noite escuta com a mesma indiferença  
a toada solitária do monge  
a canção rouca das prostitutas  
Mendonça, Tolentino. 2013:63

Os estandartes de seda do tempo  
foram oferecidos  
pela corporação dos mendigos  
Mendonça, Tolentino. 2013:163

## 6. Conclusão

O haiku contemporâneo é muito mais que um jogo de palavras ou uma mera representação dos prazeres sensuais proporcionados pela magia dos momentos fugidios e sazonais. O haiku reforçou a sua dimensão mística, íntima, secreta, telúrica e cósmica. Afirma-se, hoje como um hino à beleza e solidariedade universal. Uno e múltiplo, aproximou os pensamentos mais distantes e aparentemente opostos.

Já Dalila L. Costa da Silva havia apontado a intensa relação entre estes duas formas de pensamento, tão distantes e tão próximas:

Filosofias transcendentemente naturalistas, suas imagens arquetipais serão o Céu e a Terra. Na linguagem taoista, como o Criativo e o Recetivo, Yang e Yin, elas serão formas de energia manifestando-se dualmente, mas nascidas e movidas por um princípio único, sentido ou Via única, inominável, e invisível., o Tao ou o espírito. Dualismo aparente que se resolvera em monismo, o pensamento português e o taoismo, serão filosofias do movimento, onde a realidade visível se desenvolve como interação de uma polaridade; em complementaridade e na oposição.

É nessa polaridade visível e invisível, alto e baixo, espiritual e material, terra e céu, um terceiro termo haverá que obrará a ligação entre ambos: O homem. Será ele, como mediador e ainda regulador, entre as forças do céu e da terra, a quem incumbirá o papel de pontífice da ordem cósmica. (Costa, Dalila, 1989:254)

Os sufistas também eles, já haviam, de facto, afirmado com vigor essa improvável unicidade na pluralidade mais radical: Tão revolucionário pensamento já havia encontrado a sua expressão mais perfeita no conceito de ágape, amor radical e incondicional pelo seu semelhante, amor universal e amor cósmico como manifestação do amor pelo criador e pelas suas criaturas:

O merveille ! Un jardin parmi les flammes...  
Mon cœur est devenu capable de toutes formes.  
C'est une prairie pour les gazelles et un couvent pour les moines  
Chrétiens,  
Un temple pour les idoles e la Ka'ba du pèlerin.  
Les Tables de la Tora et le livre du Qorân.  
Je professe la religion de l'Amour, et quelque direction  
Que prenne sa monture, l'Amour est ma religion et ma foi.  
Ibn'Arabi in Corbin Henry (1976 :109)

Em suma, não resisto a concluir com o mesmo registo poético que tanto nos enfeitiçou:

Os ventos do Oriente  
nas praias do Ocidente  
palavras de Luz.  
Luciano Pereira (2020, Inédito)

## Bibliografia

Bashô, Matsuo (2016), *O eremita viajante [haikus – obra completa]*. Porto: Porto Editora Assírio e Alvim.  
Bashô, Matsuo (1987), *O caminho estrito para o longínquo norte (Oku no osomichi)*. Lisboa: Fenda Edições Limitada.  
Bernardes, José Augusto Cardoso; Castro, Aníbal Pinto de; Ferraz, Maria de Lourdes A., Melo, Gladstone Chaves de; Ribeiro, Maria Aparecida (dir.) (1997), *Biblos Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*. vol. 2, pág. 960-962, Lisboa: Verbo.  
Braga, Teófilo (2019), *Agostinho da Silva e das Festas do Espírito Santo em A ideia* - revista de cultura libertária, II.ª série – ano XLV – vol. XXII – números 87/88/89 – outono, Évora.  
Brito, Casimiro de Brito (s.d.). *Memória do paraíso*. Lisboa. Editora Licorne.  
Coelho, Jacinto do Prado (dir.) (1976), *Dicionário de Literatura*. vol. 2, pág. 770-772, Porto: Figueirinhas.  
Corbin, Henry (1976). *L'imagination créatrice dans le soufisme d'Ibn'Arabi*. Paris.Flammarion.  
Costa, Dalila L. Pereira da (1989), *A Ladainha de Setúbal E o Eremita da Arrábida*. Porto: Lello & Irmão – Editores.  
Costa, Dalila L. Pereira da (1986), *Místicos Portugueses do século XVI*. Porto: Lello & Irmão – Editores.  
Dussert, Éric (2004), *Au Fil de Léau. Les premiers haiku français*. França: Éditions Mille et une Nuits.

Poisson, Bernadette e Ferro, Teresa (2013) *Haikus da Lusitânia*. Haikus de Lusitanie. Lisboa; Chiado Editora.  
 Issa, Kobayashi (2019), *Os animais [haikus]*. Porto: Editora Assírio e Alvim.  
 Janeira, Armando Martins (1993) (Seleção e introdução) Wenceslau de Moraes, *Antologia*. Lisboa: Vega.  
 Kawabata Yasunari (2003), Terra de Neve. Lisboa: Publicações Dom Quixote.  
 Mendonça, José Tolentino (2014), *A papoila e o Monge*. Porto: Editora Assírio e Alvim.  
 Moraes, de Wenceslau (1993), *Antologia*. Lisboa: Vega.  
 Moraes, de Wenceslau (1999), *Relance da Alma Japonesa*. Lisboa: Veja.  
 Moraes, de Wenceslau (1974), *Traços do Extremo Oriente*. Lisboa: Círculo de Leitores.  
 Nunes, João Carlos Raposo (2016), *Brancura. Livro de Haikus*. Portugal: Editora Licorne.  
 Nunes, Roberson de Sousa (2011), *Haikai e performance: imagens poéticas*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras (Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Literatura Comparada.)  
 Pires, Daniel (2004) Wenceslau de Moraes, Permanências e errâncias no Japão. Lisboa: Fundação Oriente.  
 Poisson, Bernadette; Ferro, Teresa (2023), *Haikus da Lusitânia*. Lisboa: Chiado Editora.  
 Renondeau, G. (1971), *Anthologie de la poésie japonaise classique*. França: Gallimard.  
 Santos, Luís Carlos dos (2019) *O pensamento ecuménico de Agostinho da Silva* em A ideia - revista de cultura libertária, II.ª série – ano XLV – vol. XXII – números 87/88/89 – outono, Évora.  
 Silva, Agostinho de (1990), *Educação de Portugal*. Lisboa: ulmeiro.  
 Stachak, Faly (2005), *Écrire, un plaisir à la portée de tous. 350 techniques d'écriture créative*. Paris: Eyrolles.  
 Tagore, Rabindranath (2016), *A Asa e a Luz*. Porto: Editora Assírio e Alvim.

Página consultada em 25.02.2020, <http://www.nipocultura.com.br/o-haikai-haikai-ou-haiku/>

Página consultada em 25.02.2020, <https://armazemdetexto.blogspot.com/2018/02/poema-haikai-monsprimo-vieira-com.html>

Página consultada em 25.02.2020, [https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/ECAP-8HCP4D/1/tese\\_rob\\_definitiva.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/ECAP-8HCP4D/1/tese_rob_definitiva.pdf)

## 6. MÁRIO JOSÉ SILVA MELEIRO, (UNIDADE DE INVESTIGAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DO INTERIOR, ESE, COMUNICAÇÃO E DESPORTO, INSTITUTO POLITÉCNICO DA GUARDA)

*Ricardo Reis em O ano da Morte de Ricardo Reis de José Saramago: do heterónimo à personagem saramaguiana. Mário José Silva Meleiro (Unidade de Investigação para o Desenvolvimento do Interior, Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto, Instituto Politécnico da Guarda)*

Não é novidade que as principais personagens do romance *O ano da Morte de Ricardo Reis*, de José Saramago, são o resultado de uma intertextualidade com um dos maiores poetas portugueses, senão o maior. Nomes como Ricardo Reis e Lídia (bem como a própria “personagem” Fernando Pessoa) são criação de Fernando Pessoa, mas são sobretudo uma adaptação literária por parte de Saramago que não se coíbiu de alterar, talvez em excesso, as suas características humanas. Relativamente a Marcenda, ficará por esclarecer a verdadeira origem do nome, se uma magistral adaptação de Saramago, se um pequeno erro de interpretação da ode onde este gerúndio ocorre.

O que se pretende neste artigo é mostrar como Saramago desconstrói as principais personagens criadas por Fernando Pessoa, tornando-as mais humanas, mais reais, mais completas do ponto de vista das sensações extremas, quer de felicidade plena quer de uma tristeza profunda, ambas incompatíveis como um heterónimo extremamente disciplinado.

Assim, será feito um breve levantamento das principais características do heterónimo Ricardo Reis, partindo de exemplos concretos das suas odes, e contrapondo-as com as características deste novo Ricardo Reis, personagem criada por Saramago, recorrendo, igualmente, a exemplos concretos retirados da obra. No fundo, parece que Saramago quis mesmo pregar uma partida a Fernando Pessoa.

### Introdução

*O ano da Morte de Ricardo Reis*, de José Saramago, publicado em 1984, é, nas palavras de Carlos Reis (2017), um romance extenso, escrito num estilo peculiar, onde Saramago nos conta uma história com personagens, lugares e acontecimentos conhecidos. Não é novidade que as principais personagens do romance são o resultado de uma intertextualidade com um dos maiores poetas portugueses, senão o maior. Nomes como Ricardo Reis e Lídia são criação de Fernando Pessoa, mas são sobretudo uma adaptação literária (incluindo a própria “personagem” Fernando Pessoa) por parte de Saramago que não se coíbiu de alterar as suas características. Relativamente ao nome Marcenda, é um excelente aproveitamento do gerúndio latino, cujo valor semântico está bem vincado na personagem.

A personagem principal do romance é, claramente, Ricardo Reis, que se vai relacionando com um conjunto de outras personagens secundárias ao longo da obra e em vários eixos de ação, nomeadamente o eixo da ação amorosa, o eixo da ação literária, o eixo da ação social e política e o eixo da ação histórica. Para quem está familiarizado com a obra, o esquema (figura 1) do professor e ensaísta Carlos Reis (2017:84) é, por si só, bastante ilustrador:

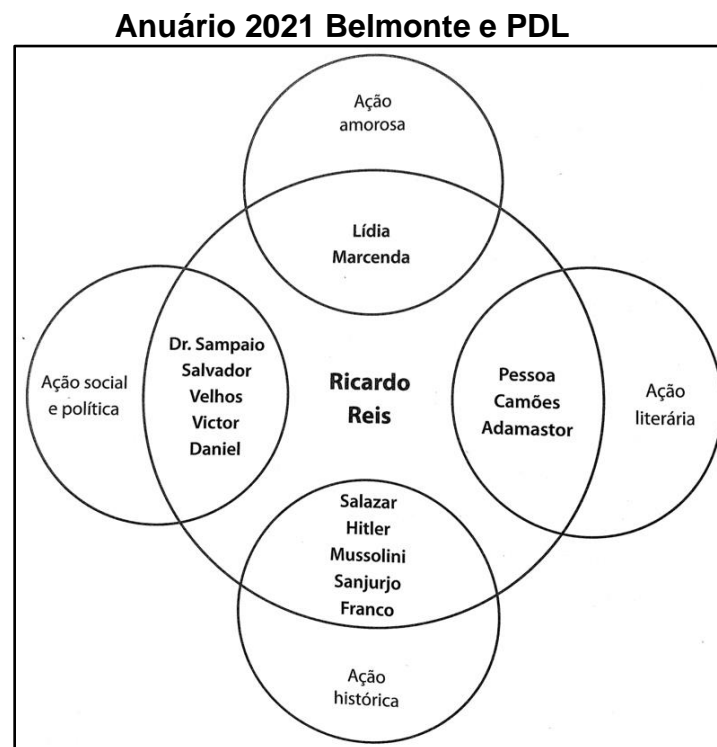


Figura 1 – Universo das personagens de *O Ano da Morte de Ricardo Reis*

## 2. Ricardo Reis, criação de Fernando Pessoa

A necessidade de multiplicação por parte de Fernando Pessoa é deveras conhecida e está sobejamente estudada. A grandeza interior não lhe cabia toda em si e, talvez também por isso, fragmentado, sentiu necessidade de se multiplicar. A explicação deixou-a numa carta ao amigo Adolfo Casais Monteiro (Pessoa, 1999:337), em resposta à também pergunta que este lhe dirigiu numa carta.

Numa tentativa que pretendia clara, Pessoa afirma:

*“Desde criança tive a tendência para criar em meu torno um mundo fictício, de me cercar de amigos e conhecidos que nunca existiram. (...) Esta tendência para criar em torno de mim um outro mundo, igual a este mas com outra gente, nunca me saiu da imaginação. (...) E assim arranjei, e propaguei, vários amigos e conhecidos que nunca existiram, mas que ainda hoje, a perto de trinta anos de distância, oiço, sinto, vejo. Repito: oiço, sinto, vejo... E tenho saudades deles”* (Pessoa, 1999:341).

Mais adiante, particulariza:

*“Aí por 1912, salvo erro (que nunca pode ser grande), veio-me à ideia escrever uns poemas de índole pagã. Esbocei umas coisas em verso irregular (não no estilo Álvaro de Campos, mas num estilo de meia regularidade), e abandonei o caso. Esboçara-se-me, contudo, numa penumbra mal urdida, um vago retrato da pessoa que estava a fazer aquilo. (Tinha nascido, sem que eu soubesse, o Ricardo Reis). (...) Arranquei do seu falso paganismo o Ricardo Reis latente, descobri-lhe o nome, e ajustei-o a si mesmo, porque nessa altura já o via”* (Pessoa, 1999:342-343).

Por fim, termina:

*“Ricardo Reis nasceu em 1887 (não me lembro do dia e mês, mas tenho-os algures), no Porto, é médico e está presentemente no Brasil. (...) Ricardo Reis é um pouco, mas muito pouco, mais baixo, mais forte, mas seco. (...) Reis de um vago moreno mate; (...) Ricardo Reis, educado num colégio de jesuítas, é, como disse, médico; vive no Brasil desde 1919, pois se expatriou espontaneamente por ser monárquico. É um latinista por educação alheia, e um semi-helenista por educação própria”* (Pessoa, 1999:344-345).

Temos, então, criado o heterónimo Ricardo Reis, pelo menos no que se refere à sua identidade, às suas características físicas e ao seu percurso de vida. Contudo, a nível psicológico, a nível da sua filosofia de vida, é à sua obra que temos de recorrer para o caracterizar.

Assim, podemos destacar alguns princípios, como:

- **A efemeridade da vida ou o fatalismo da morte** (Pessoa, 1994:173)<sup>4</sup>:

*Sereno aguarda o fim que pouco tarda.  
Que é qualquer vida? Breves sóis e sono.  
Quanto pensas emprega*

<sup>4</sup> Pessoa, F. (1994). *Poemas de Ricardo Reis - Volume III* (Edição crítica de Luiz Fagundes Duarte.) Lisboa: IN-CM. Todas as referências aos poemas de Ricardo Reis serão a partir desta edição.

*Em não muito pensares*

- **a apologia da suprema indiferença** (Pessoa, 1994:132):

*E, enquanto lá por fora,  
Ou perto ou longe, a guerra e a pátria e a vida  
Chamam por nós, deixemos  
Que em vão nos chamem, cada um de nós  
Sob as sombras amigas  
Sonhando, ele os parceiros, e o xadrez  
A sua indiferença.*

- **o gozo comedido** (Pessoa, 1994:74):

*Prazer, mas devagar,  
Lídia, que a sorte àqueles não é grata  
Que lhe das mãos arrancam.*

com destaque para a ode *Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio*, um verdadeiro exemplo de vida moderada (Pessoa, 1994:98-99):

*Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio.  
Sossegadamente fitemos o seu curso e aprendamos  
Que a vida passa, e não estamos de mãos enlaçadas.  
(Enlacemos as mãos).  
(...)  
Desenlacemos as mãos, porque não vale a pena cansarmo-nos.  
Quer gozemos, quer não gozemos, passamos como o rio.  
Mais vale saber passar silenciosamente  
E sem desassossegos grandes.  
(...)  
Amemo-nos tranquilamente, pensando que podíamos,  
Se quiséssemos, trocar beijos e abraços e carícias,  
Mas que mais vale estarmos sentados ao pé um do outro  
Ouvindo correr o rio e vendo-o.*

- **a apologia do *carpe diem*** (Pessoa, 1994:152):

*Tão cedo passa tudo quanto passa!  
Morre tão jovem ante os deuses quanto  
Morre! Tudo é tão pouco!  
Nada se sabe, tudo se imagina.  
Circunda-te de rosas, ama, bebe  
E cala. O mais é nada.*

### **3. Ricardo Reis, criação de José Saramago**

Até ao final de 1935, Ricardo Reis é um poeta inventado, um heterónimo de Pessoa. A partir de 30 de dezembro de 1935, quando regressa a Portugal, Ricardo Reis passa a ser uma personagem saramaguiana, a principal do romance a que dá nome: *O ano da morte de Ricardo Reis*, publicado por Saramago em 1984.

Enquanto personagem de ficção, Ricardo Reis é muito mais do que um heterónimo de Fernando Pessoa, embora possamos encontrar em ambos traços em comum e traços diferenciadores.

Quanto aos traços em comum, verifica-se uma correspondência na identidade, no nome, idade, naturalidade, estado civil, profissão:

*“nome Ricardo Reis, idade de quarenta e oito anos, natural do Porto, estado civil solteiro, profissão médico, última residência Rio de Janeiro, Brasil, donde procede”* (Saramago, 2016:19)<sup>5</sup>

No que se refere ao aspeto físico, também os traços são idênticos:

*“Um homem grisalho, seco de carnes (...) homem moreno”* (Saramago, 2016:11-12)

A referência à sua atividade literária também não é esquecida:

*“e calou-se repentinamente ao notar que formara, de enfiada, três versos de sete sílabas, redondilha maior, ele, Ricardo Reis, autor de odes ditas sáficas ou alcaicas, afinal saiu-nos poeta popular,”* (Saramago, 2016:50)

Como cidadão, é um espetador dos anos 30, testemunha da política de Salazar, da afirmação do fascismo, e do nazismo, do início da guerra civil de Espanha, no fundo, dos preparativos para a II Guerra Mundial.

Porém, é a nível psicológico, a nível da sua filosofia de vida, que Saramago nos apresenta um Ricardo Reis com traços diferenciadores, um Ricardo Reis pouco moderado, que vive até mais do que uma ligação amorosa. Uma com Lídia, relação física, erótica:

*“então Lídia entra, segura ainda a toalha à sua frente, com ela se esconde, não delgado cendal, mas deixa-a cair ao chão quando se aproxima da cama, enfim aparece corajosamente nua, hoje é dia de não ter frio, dentro e fora todo o seu corpo arde, e é Ricardo Reis quem treme, chega-se infantilmente para ela, pela primeira vez estão ambos nus, depois de tanto tempo, a primavera sempre acabou por chegar, tardou mas talvez aproveite.”* (Saramago, 2016:298)

outra com Marcenda, relação mais afetiva:

*“Ricardo Reis segurou-lhe a mão esquerda, levou-a aos lábios, depois bafejou-a muito devagar como se estivesse a reanimar uma ave transida de frio,”* (Saramago, 2016:344)

Esta alteração de carácter, do Ricardo Reis pessoano para a Ricardo Reis saramaguiano, não passou despercebida ao próprio Fernando Pessoa que, irónico, mas afetuoso, comenta os amores de Reis e o interroga, apontando as diferenças entre o Reis do passado e o Reis do presente:

*“O que eu não esperava era que você fosse tão persistente amante, para o volúvel homem que poetou a três musas, Neera, Cloe e Lídia, ter-se fixado carnalmente em uma, é obra, diga-me cá, nunca lhe apareceram as outras duas, Não”* (Saramago, 2016:322)

Ao longo da obra, é possível assistir a uma evolução da personagem. Assim, se no início da obra Ricardo Reis nos é apresentado como *“um espetador do espetáculo do mundo”*, que se caracteriza pela deambulação, não tendo outro propósito nem ocupação, um transeunte que não comenta a ação:

*“São horas de almoçar, o tempo foi-se passando nestas caminhadas e descobertas, parece este homem que não tem mais que fazer, dorme, come, passeia, faz um verso por outro, com grande esforço”* (Saramago, 2016:77)

aos poucos, percebemos que vai abandonando a sua atitude de distanciamento em relação ao mundo:

*“Ricardo Reis quer apenas manter-se a par das notícias, de maneira discreta e reservada, ouvi-las num íntimo murmúrio, assim não se sentirá obrigado a explicar a si mesmo, ou a tentar decifrar, que sentimento inquieto o aproxima do aparelho”* (Saramago, 2016:458)

Porém, no final da obra, Ricardo Reis já não corresponde à figuração original da criação pessoana, pautado por um ideal de indiferença e distanciamento:

*“Coitadinhos, refere-se aos marinheiros, mas Ricardo Reis sentiu esta doce palavra como um afago, a mão sobre a testa ou suave correndo pelo cabelo, e entra em casa, atira-se para cima da cama desfeita, escondeu os olhos com o antebraço para poder chorar à vontade, lágrimas absurdas, que esta revolta não foi sua”* (Saramago, 2016:489)

Ricardo Reis já não se contenta com o espetáculo do mundo, ganhou consciência cívica, mas não ganhou a força para viver segundo novos ideais. Assim, acompanhará Fernando Pessoa ao cemitério:

*“Então vamos, disse Fernando Pessoa, Vamos, disse Ricardo Reis.”* (Saramago, 2016:494)

#### 4. Conclusão

Resumindo, podemos dizer que o Ricardo Reis pessoano nasceu no Porto, em 1887, que vive no Brasil desde 1919, é de estatura média, forte, mas magro, com pele morena. É médico, monárquico e defensor do Epicurismo, do Estoicismo, do gozo comedido e do *carpe diem*. No fundo, um ser humano que valoriza a moderação e se apresenta extremamente disciplinado, quer na forma quer no conteúdo da sua obra.

Quanto a Ricardo Reis saramaguiano, nasceu no Porto, em 1887, vive no Brasil desde 1919, é de estatura média, forte, mas magro, com pele morena. É médico, monárquico, mas amante plural, observador mas também crítico do mundo. Saramago desconstrói a personagem criada por Fernando Pessoa e recria-a, tornando-a mais real, mais completa do ponto de vista das sensações extremas, quer de felicidade plena quer de

---

<sup>5</sup> Saramago, J. (2016). O ano da morte de Ricardo Reis. Porto: Porto Editora. Todas as referências a esta obra serão a partir desta edição.



uma tristeza profunda, ambas incompatíveis como um heterónimo extremamente disciplinado. No fundo, humanizou-a, como referiu Ana Paula Arnault, no congresso internacional "José Saramago: 20 anos com o Prémio Nobel". Saramago deu-lhe mais vida, prolongou “a biografia do heterónimo num singular processo de sobrevida e de refiguração” (Marfins, 2020:342).

A literatura não ficou, certamente, ofendida com a esta transformação. E os admiradores, quer de um quer de outro, certamente que também não.

Bela partida que Saramago pregou a Pessoa.

### Bibliografia

Arnault, A. P. (2017). *Para ler... O ano da morte de Ricardo Reis*. Lisboa: Edições Asa.

*Diccionario de personajes Saramaguianos*. Buenos Aires / Córdoba: Santillana / EDUCC, 2008. (Vários autores; Direção de Dr. Miguel Koleff; Codireção de María Victoria Ferrara).

Martins, J. (2020). “Reinvenção saramaguiana de Ricardo Reis: Impassibilidade perante o espetáculo do mundo” in *Atas do Congresso internacional José Saramago - 20 Anos com o Prémio Nobel (2020)*. Organização de Carlos Reis. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Pessoa, F. (1994). *Poemas de Ricardo Reis - Volume III* (Edição crítica de Luiz Fagundes Duarte.) Lisboa: IN-CM.

Pessoa, F. (1999). *Correspondência 1923-1935* (Edição de Manuela Parreira da Silva.) Lisboa: Assírio & Alvim.

Reis, C. (2015). *Diálogos com José Saramago*. Porto: Porto Editora.

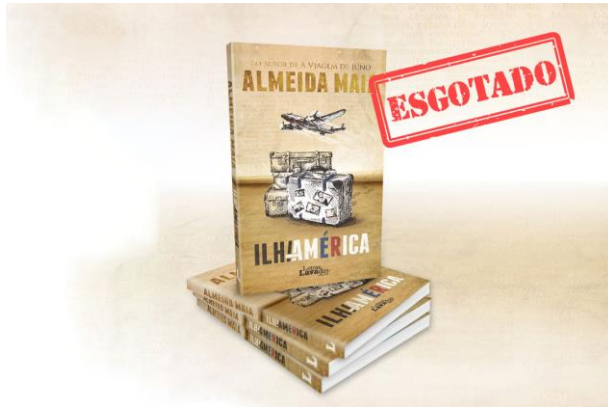
Reis, C. (2017). *O Ano da Morte de Ricardo Reis. Educação Literária - Leituras orientadas*. Porto: Porto Editora.

Saramago, J. (2016). *O ano da morte de Ricardo Reis*. Porto: Porto Editora.

Seixo, M. A. (1999). *Lugares da ficção em José Saramago. O essencial e Outros Ensaios*. Lisboa: IN-CM.

Silva, T. (1989). *Entre a história e a ficção: uma saga de Portugueses*. Lisboa: D. Quixote.

## 7. PEDRO ALMEIDA MAIA, ESCRITOR, S MIGUEL, AÇORES CONVIDADO6



“ILHAMÉRICA” O ROMANCE DO ROMANCE, ALMEIDA MAIA, *Colóquios da Lusofonia — edição #33 (Belmonte on-line, 10 de abril de 2021)*

A escrita de *Ilha-América* durou dois anos e foi o processo mais excêntrico de todas as minhas incursões na literatura, pelo menos até agora. A produção do texto teve início em novembro de 2017 e terminou em novembro de 2019, mas a sua publicação ocorreu apenas em setembro de 2020. Estes intervalos explicam-se sobretudo pelas inúmeras tentativas de localizar o verdadeiro protagonista da história. O processo deu azo a uma série de episódios, mas pretendo aqui relatar apenas uma parte.

É sabido que o meu interesse no tema surge com a leitura do artigo “O Avião e o Sonho”, do jornalista Pedro Barros Costa, com quem passei a corresponder-me periodicamente. Facultou-me dois números de telefone, do tempo em que ele próprio entrevistara o protagonista. Supunha-se que teria ainda residência em Fall River, onde se localizava a fábrica onde trabalhou quando chegou aos Estados Unidos da América.

Apesar da tentação, evitei telefonar para aqueles números. Prefiri preparar um conjunto de perguntas que considerasse relevantes, enquanto iniciava a pesquisa. Reuni, por exemplo, artigos de jornais, como o *Diário de Notícias* ou *O Século*, mas também uma entrevista do *Portuguese Times*, gentilmente cedida pelo diretor Francisco Resendes, informando que Raimundo Delgado, autor da peça, já teria falecido. Era o primeiro grande obstáculo.

Durante a busca, outra das primeiras pessoas com quem falei foi Carlos Bicudo, que me encaminhou para José Fernando Valério e Pedro Bicudo, contactos que se concretizaram mais tarde.

Outra peça fulcral para a investigação foi uma participação do protagonista no programa “Gente Nossa”, conduzido por Emanuel Carreiro em 1986. Contactado por mim, o jornalista da RTP Açores informou da possível existência de familiares, aconselhando-me a questionar José Lopes de Araújo.

A viver em Lisboa, Lopes de Araújo revelou ter sugerido aquele convidado para o programa televisivo; ter conhecido o seu pai, enquanto arrumador no Atlântida Cine; e ter recebido, em 2018, a notícia do seu falecimento, embora não segura. Encaminhou-me para outra pessoa que talvez pudesse ajudar: Rosélio Reis, autor de inúmeros textos ligados à história de Santa Maria.

Rosélio Reis adicionou aspetos do naufrágio do Arnel e experiências na primeira pessoa, mas outro grande contributo foi a forma de contactar o irmão mais velho do protagonista, que eu utilizaria mais tarde, e um segundo número, que utilizei em último recurso, como adiante explicarei. Sugeri ainda que eu contactasse Zenália Vargas, natural de Vila do Porto, então residente em Randolph, Massachusetts, e ainda José Fernando Valério, em São Miguel — que já tinha sido apontado por Carlos Bicudo.

---

6 PEDRO ALMEIDA MAIA

VEJA-O AQUI NOS Açores VIP <https://www.youtube.com/watch?v=wFyP7nPF9ek>

Leia a entrevista em <https://www.agendadosacores.publicor.pt/mini-entrevista-a-almeida-maia-um-escritor-que-nao-se-deixa-levar-pelo-impulso-da-criacao-difilmente-criara-algo-de-diferente/>

## Anuário 2021 Belmonte e PDL

Dona Zenália lamentou não saber notícias do protagonista desde 2015, mas referiu que a irmã dele vivia no Canadá.

Por esta altura, eu já trocava *e-mails* com José Fernando Valério, que forneceu a suposição de que Daniel de Sá pudesse ter conhecido o protagonista, por ter apontado esta aventura nos seus livros. Daí o potencial encontro em *Ilha-América*.

Estavam reunidas as condições para escrever um romance apaixonante e, acima de tudo, fiel aos factos. Imaginei-me ao telefone com o protagonista, horas e horas, ou mesmo a entrevistá-lo presencialmente. Preparei o guião e considerei deslocar-me aos Estados Unidos da América para esse empreendimento. Estávamos num mundo pré-pandémico.

No telefonema para o primeiro número a que recorri, atenderam de uma loja de conveniência. Perguntei se não seria de uma casa particular, ao que a funcionária — mascando pastilha elástica audivelmente —, disse desconhecer qualquer passado alternativo para aquele número. Do segundo número de telefone não obtive resposta.

No dia 22 de junho de 2018 decidi arriscar contacto com o irmão mais velho. Enquanto ouvia o sinal de chamada, revivi os meses de trabalho já investidos no projeto e na investigação. Atendeu uma voz simpática e disponível. Passámos quase uma hora a conversar sobre o passado, a vida nos Açores e outras questões existenciais. Quando abordei a aventura do irmão mais novo, notei desconforto. Ele confessou-me que a família tentava contactar o irmão mais novo há quase três anos, sem sucesso. O telefone de casa tinha sido desligado.

Com a informação obtida neste telefonema, complementei a história e continuei a redigir, com base no restante material. Na minha visão, seria uma questão de tempo até chegar ao contacto com o protagonista — com a vantagem de ele mostrar-se acessível e bastante expositivo, pelo menos nas entrevistas cedidas à comunicação social até então. No entanto, a realidade foi bastante diferente: seguiram-se meses de frustração e de insucesso. O guião e as perguntas para uma suposta entrevista estavam a aumentar, enquanto a minha esperança diminuía.

Decidi dirigir esforços para as redes sociais. Nas publicações relativas a este caso, abordei desconhecidos; pessoas que afirmavam conhecer o protagonista.

Um dos contactos foi António Ferra. Facultou-me o “Manuscrito do Pistolas”, que narrava uma tentativa de emigração análoga; aliás, episódio descrito em *Ilha-América*. Dedicou-me também a poesia da sua autoria “Cantigas de Santa Maria”, onde relata a história de «um rapaz que fugiu desta ilha escondido num trem de aterragem».

A segunda pessoa contactada nas redes sociais foi Francisco Estrela, um micalense próximo à minha família por muitos anos, atualmente morador em Fall River. Sugeriu que o protagonista vivia nos arredores de Boston, pois associava a história a alguém que chegara aos Estados Unidos num bote, colhido por um navio maior — factos de uma história paralela, disse-lhe eu.

Em terceiro lugar, contactei João Carlos Carreiro, que tivera contacto com um colega de trabalho do protagonista; porém, esse colega já falecera, o que impossibilitou obter informação adicional.

Seguiu-se o contacto com Luís Quental, furnense que informou desconhecer, nas Furnas, descendentes da família. Predispôs-se a consultar pessoas em Fall River.

Outra das tentativas pelas redes sociais foi através de Louis Melim, mariense residente em Fall River. Respondeu pacientemente a todas as minhas perguntas durante a investigação e tentou intermediar por diversas vezes, mas não era possível materializar o encontro ambicionado. Era hora de abandonar o projeto. Imaginei-me, num possível futuro, a revelar este colossal fracasso às minhas filhas.

Decorrido algum tempo, em troca de impressões com Terry Costa, diretor da MiratecArts, fui alertado para a genial série de televisão “Histórias da Terra e da Gente”, de Vasco Pernes e Rui Machado. Num dos episódios, narrava-se a aventura de um clandestino açoriano rumo à América. Contudo, a peça visava outra tentativa ocorrida a partir da Base das Lajes, envolvendo uma aeronave militar, também no ano de 1960.

Mas foi no dia 10 de fevereiro de 2019 que recebi a mensagem que me abalou os alicerces: «Caro Pedro, infelizmente já morreu em Fall River. Também precisei de falar com ele, mas cheguei tarde. Ficou a casa, em Fall River, vazia. Sobre familiares, também segundo conhecidos meus, ninguém sabe aonde param! Desculpe, mas não vou poder ajudá-lo neste pedido». O remetente tinha legitimidade para que esta informação fosse verdadeira. A minha alma adoeceu.

Poucos dias após, também por mensagem de uma outra pessoa próxima do procurado, recebi a garantia de que ele estaria vivo, mas não queria ser incomodado. Instalou-se a confusão. De qualquer forma, fiquei feliz por saber que ele ainda estava vivo. A esperança de o entrevistar ressuscitou.

E quanto ao segundo número de telefone facultado por Rosélio Reis? A senhora que atendeu começou por dizer que não falava português e que não conhecia ninguém com aquele nome, mas depois perguntou-me, com alguma impetuosidade, o motivo da minha procura. Eu disse-lhe que estava a escrever um livro e... antes de me deixar continuar, ela emitiu um «hum-hum» veemente. «I see...», acrescentou ela, e ainda enfatizou, em inglês, que eu devia ter vergonha por andar a destruir famílias. «Wrecking families» foram as palavras exatas. Desculpei-me e argumentei educadamente, mas a senhora já não estava a ouvir.

Liguei para a City Hall de Fall River, e a menina que me atendeu não encontrou informação daquele senhor. Significava que ainda podia estar vivo.

Telefonei ao Consulado de Portugal, e o senhor do outro lado foi extremamente prestável: fez uma pesquisa exaustiva nas bases de dados a que tinha acesso, começando pela portuguesa, confirmando a data de nascimento do nosso procurado e conferindo os registos estatais. Concluiu que ele podia não estar registado em Fall River.

No entretanto, surgiu uma morada de alguém com o seu nome na Flórida. Apressei-me a telefonar para o número correspondente, atendendo uma senhora simpática, que informou que alguém com aquele nome vivera naquela morada, sim, mas que se tinha mudado há cerca de um ano e não tinha deixado outra morada nem contacto. Era o fim do rasto, a dissolvência das minhas esperanças.

Em desalento, a 27 de novembro de 2019, liguei novamente para o irmão mais velho, que me disse que ele provavelmente teria morrido há cerca de um ano, porque soubera que andava doente, mas não tinha a certeza de onde teria falecido. Nesta segunda conversa, afirmou que desconhecia se o irmão tinha tido filhos.

## Anuário 2021 Belmonte e PDL

Helena e Chrys Chrystello apontaram-me o contacto com João Luís Morgado Pacheco, natural da Ribeira Grande a viver em East Providence, que se dirigiu a vários meios de comunicação social, sem que, no entanto, tivesse obtido respostas concretas.

Falei com outros amigos que se prontificaram a ajudar, entre eles: Ana Loura, Diniz Borges, Francisco Melo, João Figueiredo, José Pastor, Manuela Marujo, Onésimo Teotónio Almeida, Paulo Jorge Machado e Vamberto Freitas. Mais adiante, durante a Páscoa de 2020 e após um telefonema de Carlos Bicudo, o assunto foi encaminhado para Pedro Bicudo, que me respondeu por *e-mail*, predispondo-se a contactar pessoas nos EUA provenientes das Furnas ou de Vila do Porto. Mencionou também a possibilidade de publicarmos um anúncio no *Portuguese Times* ou mesmo de contratarmos um detetive privado.

Foi quando decidi dar por terminada a busca, ou estaria a escrever o romance sobre a escrita do romance: o romance do romance. Com o mundo do avesso com um vírus, preferi colocar cá fora esta história merecedora de ser contada. Ainda bem que o fiz.

Ponta Delgada,

10 de abril de 2021

## 8. PEDRO PAULO CÂMARA, ESCOLA PROF. APRODAZ, ESCRITOR, AÇORES, AICL7

### 7 PEDRO PAULO CÂMARA

Bibliografia - Breves elementos literário-culturais

2011 – Lançamento da obra *Perfumes*

2011 – Vencedor de menção honrosa no Concurso Aveiro Jovens Criadores, na área de Literatura, com o conto “Madrugadas”, pela Câmara Municipal de Aveiro

2011 – setembro – Organização de Roteiro Anteriano e declamação de poesia ao público

2012 – janeiro – Declamação de Poesia de Autores Açorianos (Escola Profissional Aprodaz)

2012 – Visita orientada ao Cemitério de São Joaquim e declamação de poesia de Antero de Quental e Alice Moderno

2013 – junho – Sessão de Poesia (Os mundos da PENA) – Ateneu de Ponta Delgada

2013 – Vencedor do concurso regional DiscoverAzores, promovido pela Miratecart, com o conto *(Re)Descobrir Açores*

2013 – Lançamento da obra *Saliências*

2013 – setembro – Palestra SALIÊNCIAS EM MOVIMENTO COMEMORAÇÕES - DO 90º ANIVERSÁRIO DO NASCIMENTO DE NATÁLIA CORREIA

2013 – novembro – Participação no Serão Cultural “da Poesia à Prosa, com Pedro Paulo Câmara e Patrícia Carreiro (Biblioteca Tomaz Borba Vieira)

2013 – novembro – Curador da exposição de pintura “Na Raiz das palavras”, da autoria de Daniel Fernandes (Biblioteca Tomaz Borba Vieira)

2014 – março – Palestra Natália Correia: mulher de lava - Escola Secundária da Lagoa

2014 – abril – Palestra Comemoração do Dia Mundial do Livro e do Direito de Autor – Escola Básica Integrada de Ginetes

2014 – maio – Palestra Natália: Hoje e Sempre - Escola Secundária da Povoação

2014 – junho – Lançamento da obra *Cinzas de Sabrina*

2014 – junho – Entrevista 105fm

2014 – junho – Entrevista Programa de rádio AgriDOCE

2014 – junho – Apresentação da obra *Reflexões de uma Adolescência*, de João Pedro Couto

2014 – julho – Declamação de Poesia Ateneu Criativo de Ponta Delgada

2014 – junho – Organizador, Moderador e Declamador no Sarau Poético Vozes de Lava I

2014 – junho – Participação no Azores Fringe Festival

2014 – setembro – Participação no 22º Colóquio da Lusofonia (presencial) – Seia

2014 – outubro – Apresentação da obra *Esvaziamento Precoce*, de Tiago Vieira Andrade

2014 – dezembro – Organização e gestão do Acantonamento “Literatura Radical”

2015 – maio – Participação no Encontro de Autores Pedras Negras

2015 – maio – Participação no jornal o Poente - LETRA SOLTA

2015 – junho – Participação no Azores Fringe Festival

2015 – junho – Organizador, Moderador e Declamador no Sarau Poético Vozes de Lava II

2015 – junho – Apresentação da obra *Naquele Tempo*, de Carolina Cordeiro

2015 – junho – Participação e Organização e de Declamação: “Poesia: palavra que cura”, no Festival da Luz (Solar do Loreto)

2015 – setembro – Organização do Percorso Cidadino “Na Rota dos Autores” (Ponta Delgada)

2016 – abril – Participação no 25º Colóquio da Lusofonia (orador) – Montalegre

2016 – maio – Participação no Encontro de Autores Pedras Negras

2016 – junho - Participação no Azores Fringe Festival

2016 – junho – Organizador, Moderador e Declamador no Sarau Poético Vozes de Lava II

2016 – agosto – Atribuição do Prémio de Mérito Cultural pela Filarmónica Minera e Junta de Freguesia de Ginetes

2016 – setembro – Participação no 26º Colóquio da Lusofonia (orador e moderador) – Lomba da Maia

2016 – outubro – Lançamento da obra *Na Casa do Homem Sem Voz*

2016 – dezembro - Apresentação da obra Se os Carvalhos Falassem e organização de tertúlia, da autoria de Concha Roussia (Junta de Freguesia de Ginetes)

2016 – dezembro - Apresentação da obra *Fortuna*, da autoria de Anamar (Casa Hintze Ribeiro)

2016 – dezembro – Colaboração no jornal *Correio dos Açores*, com o poema Um Sonho Colorido Nasceu Virgem

2016 – dezembro – Vencedor do Troféu “Artes” na Gala “Prémios Evidência”, promovida pela Junta de Freguesia de Ginetes

2017 - Representante, em São Miguel, da Chiado Editora

2017 - Eleito Secretário do Conselho Fiscal da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia

2017 – Contribuição para a Bird Magazine (crónicas)

2017 – Contribuição para a revista *Sem Equívocos*



2017 – abril – Participação no 27º Colóquio da Lusofonia (orador; moderador e declamador) – Belmonte

2017 – abril – Declamação de poesia judaica na Sinagoga “Portas do Céu”, de Ponta Delgada


2017 – abril – Convidado especial Termas da Ferrari (discurso Dia do Livro) e inauguração da biblioteca

2017 – maio – Participação no Encontro de Autores Pedras Negras

2017 – junho – Participação no Azores Fringe Festival



**Violante de Cysneiros:  
o outro lado do espelho de  
Côrtes-Rodrigues?**



**10 de abril de 2021**  
**XXXIII Colóquios da Lusofonia**  
**Pedro Paulo Câmara**

*APRESENTA A SUA MAIS RECENTE OBRA “Violante de Cysneiros - o outro lado do espelho de Côrtes-Rodrigues”*

2017 – julho – membro Académico Correspondente, na área de Letras, da Academia de Letras e Artes de Portugal.  
2017 – setembro – Apresentação da obra *Olhos nas Letras*, de Adelaide Vilela  
2017 – setembro – Participação no 31º Colóquio da Lusofonia (orador; moderador e declamador) – Vila do Ponto (Santa Maria)  
2017 – outubro – Apresentação na Casa dos Açores do Norte em “À conversa com os escritores micaelenses Pedro Paulo Câmara e Carolina Cordeiro”  
2017 – outubro – revisão da obra *Olhos nas Letras*, de Adelaide Vilela  
2017 – novembro – Criador, Dinamizador e Moderador da Sessão “À Conversa com o Escritor”, com a presença das escritoras Manuela Bulcão e Liliana Ribeiro  
2018 – Vencedor do Concurso Literário “Até que a Vida nos Separe”, promovido pela editora Papel d’Arroz, com o conto “Não te quero Assim”  
2018 – fevereiro – Apresentação da obra *Tatuagem: uma das artes móveis*, de Rodrigo Moniz  
2018 – abril – Participação nos Colóquios da Lusofonia (orador; moderador e declamador) – Belmonte  
2018 – abril – Instituído Adjunto da Direção da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia  
2018 – abril – Membro da Sociedade Brasileira de Poetas Aldravianistas  
2018 – maio – Colaboração no jornal *Correio dos Açores* com o texto Mães-mil  
2018 – maio – Participação no Encontro de Autores Pedras Negras  
2018 – junho – Participação no Azores Fringe Festival  
2018 – outubro – Participação nos Colóquios da Lusofonia (orador; moderador e declamador) – Madalena (Ilha do Pico)  
2018 – novembro – Participação na colectânea *O Livro da Amizade* (Casa Hintze Ribeiro)  
2018 – novembro – Autor do texto do catálogo da exposição Lena Gal  
2018 – novembro – Intervenção na Abertura da Exposição Lena Gal (Palácio do Egipto – Oeiras)  
2018 – dezembro - Participação na colectânea *Luz de Natal – Coletânea Lusófona* (Editora Sui Generis)  
2019 – fevereiro – Palestra Livros Humanos: não me julgues pela capa (Escola Profissional da Câmara do Comércio de Ponta Delgada)  
2019 – abril – Participação no 31º Colóquio da Lusofonia (orador; moderador e declamador) – Belmonte  
2019 – abril – Declamação de Poesia/ Sessão Pedagógica, a convite da CMPDL, na Escola Secundária das Laranjeiras  
2019 – junho – Sessão Pública e Conversa Aberta na Feira do livro da Ribeira Grande  
2019 – julho – Participação e apresentação de palestra no encontro internacional *Disquiet* (Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada)  
2019 – julho – Apresentação da obra *As Casas do Povo da Ilha do Pico*, da autoria de José Carlos Costa (Casa do Povo do Pico da Pedra)  
2019 – outubro – Participação no 32º Colóquio da Lusofonia (orador; moderador e declamador) – Ilha Graciosa  
2019 – novembro – Participação na colectânea *Ideários*  
2019 – novembro – Membro do Júri Contos da Montanha, Festival Montanha Pico Festival  
2019 – novembro – Apresentação da obra *12 Meses 12 Histórias*, de Flávia Medeiros  
2019 – dezembro – Apresentação da colectânea *Ideários* e declamação de poesia, no Palácio do Egipto, Oeiras  
2019 – dezembro – Defesa da Dissertação de Mestrado *Violante de Cysneiros: o outro lado do espelho de Côrtes-Rodrigues?*  
2020 – fevereiro – Lançamento da obra *Contos da Imprudência*



## Quem é quem?



Armando Côrtes-Rodrigues  
(1891, Vila Franca do Campo  
-1971, Ponta Delgada)



"[...] um anónimo ou anónima  
que diz chamar-se Violante de  
Cysneiros" (*Orpheu 2*)

## Objetivos:

- Realçar uma visão que se crê em falta para com o autor Armando Côrtes-Rodrigues e para com a sua escrita, e, em especial, para com Violante de Cysneiros;
- analisar as diferenças temáticas e formais entre os poemas publicados em *Orpheu 2* e os restantes textos dispersos pelo *O Autónomo*, pelo *Folha de Angra* e pelo *A Actualidade*;
- contribuir para a compreensão do papel de Violante no movimento órfico, mas, também, a prolongação da sua existência literária para além deste...

Violante de Cysneiros: pseudónimo  
ou heterónimo?



### Anabela Almeida:

*As constantes de Orpheu na obra de Côrtes-Rodrigues*,  
(2014)

*Armando Côrtes-Rodrigues, Vida e Obra do Poeta Açoriano  
de Orpheu* (TRL) (2019)

### Anna Klobucka:

"A mulher que nunca foi: para um retrato bio-gráfico de  
Violante de Cysneiros" (1990)

"A propósito de Violante de Cysneiros: Orpheu, Nova Sapho  
e as poéticas e políticas de género no Modernismo  
português" (2015)

### Alfredo Margarido:

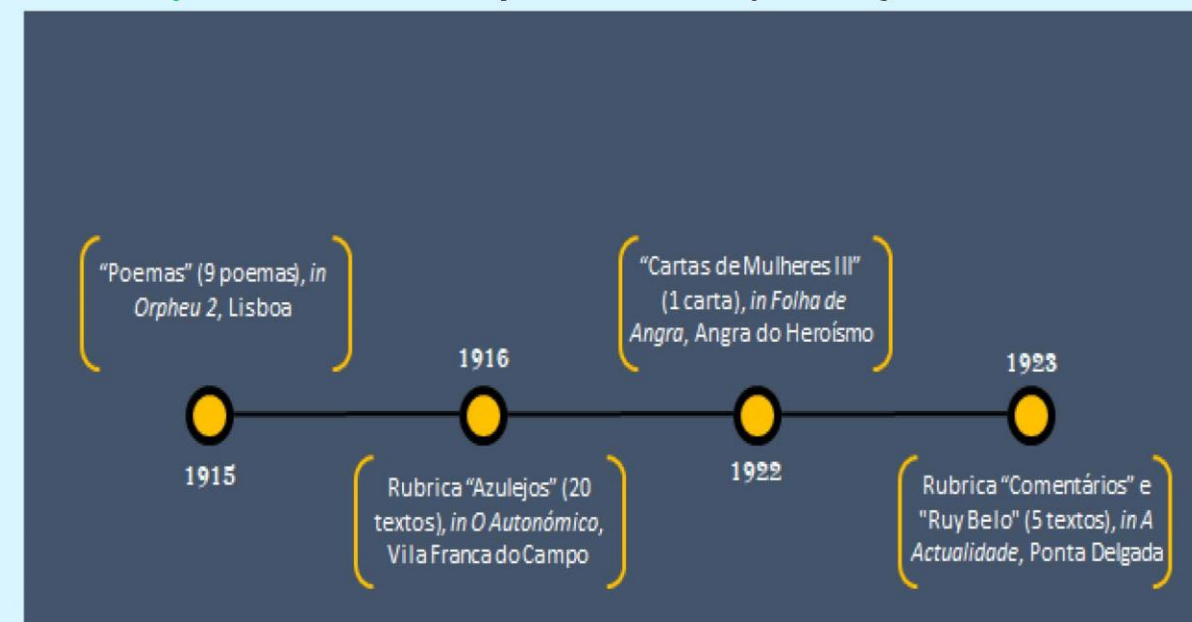
"Uma carta quase inédita de Violante de Cysneiros" (1990)

### Eduíno de Jesus:

*Antologia de poemas de Armando Côrtes-Rodrigues* (1956)

Literatura  
fundamental  
e  
estado da  
arte:

## O Corpus? Violante de Cysneiros: suas publicações...



Como?



Em *Orpheu* 2...

A Álvaro de Campos, o Mestre  
Ao Sr. Mário de Sá Carneiro  
Ao Sr. Fernando Pessoa  
Ao Sr. Alfredo Pedro Guisado  
Ao Sr. Côrtes-Rodrigues  
A mim própria, de há dois anos

### Violante assinala a participação feminina na revista, ainda que forjada\*...

**Papel:** unificar o grupo de homenageados pelos seus poemas (e por consequência todo o grupo órfico)

...alimentar, a *“atmosfera de expectativa, já antecipadamente irascível ou entusiasta [...] em que ia cair o segundo número da revista.”* (KLOBUCKA, Anna; 1990:104).

“Nada porém foi possível incluir de Cortes-Rodrigues, que é directamente de Orpheu, e os poemas de cuja personalidade inventada, Violante de Cysneiros, são uma maravilha subtil de criação dramática.”

“Aqui lhe deixamos, num abraço, a expressão da nossa camaradagem de sempre; e o perpetrador destas linhas, velho amigo seu, acrescenta a ela o desejo de que Cortes-Rodrigues se não embrenhe demasiado, como de há tempos se vai **embrenhando, no catolicismo campestre, pelo qual facilmente se aumenta o número de vítimas literárias da pieguice fruste e asiática de S. Francisco de Assis**, um dos mais venenosos e traiçoeiros inimigos da mentalidade ocidental.”

Textos de Crítica e de Intervenção . Fernando Pessoa. Lisboa: Ática, 1980. - 227

Sudoeste

“Nós os  
de  
Orpheu”

## Análise do que os dados sugerem... uma dúvida alimentada...

Assim...

no *O Autónomico*  
no *Folha d'Angra*  
no *A Actualidade*

### Violante reflete o (para Pessoa) indesejado (um adeus à sensualidade)...

- Forte pendor religioso (teor franciscano).
- Forte inclinação regionalista.

“«Tinha-me negado a dar qualquer poema, com receio de que isso me trouxesse complicações no exame do fim do ano. O Dr. Adolfo Coelho, meu mestre, que morava em Paço de Arcos, era meu companheiro de comboio entre Algés e Lisboa e, se vínhamos ao pé um do outro, levava toda a viagem a desancar impiedosamente os do Orpheu. Foi então que Fernando Pessoa, que muito frequentemente me recomendava a duplicação de personalidade (a frase era dele), sugeriu que arranjasse um **pseudónimo** de mulher, achando até excelente que aparecesse uma colaboração [feminina] entre tantos poetas, guardado o costumado sigilo para provocar maior curiosidade. E foi ele quem escolheu o nome» (*O Primeiro de Janeiro*, 1953:3).

«O próprio Côrtes-Rodrigues, todavia, em 1960, numa das muitas entrevistas que concedeu ao longo da vida, justifica a criação de Violante com o seguinte argumento: “O interesse de um nome feminino que espicaçasse a curiosidade pública e quebrasse a monotonia da revista no aspeto da sua colaboração só masculina” teria sido a razão que “fez com que Pessoa idealizasse esse **heterónimo**. Aceitei-o porque me agradava a sonoridade mediévia do nome”.» (*Exposição Orpheu 100 anos – “Nós, os de Orpheu”*)

Porém...



## Ainda os dados...

- » **Não** se verifica, na criação de Violante, uma atitude de duplicação emocional, psicológica, ideológica ou estética.
- » **Não** se verifica o reaproveitamento adulterado, em movimento original de desprendimento, de um determinado elemento textual previamente apresentado, com vista a uma original interpretação.
- » **Verifica-se, sim**, uma atitude perene de conservação ininterrupta; uma postura textual de continuidade, pelo reforço conceptual de perspectivas, embora assinadas por um nome alternativo, que não revela plasticidade suficiente que fomente distanciamento relativamente ao eu-criador, assumindo, portanto, uma posição sólida de perpetuidade.
- » “[...] a empresa heteronímica [...] equivalia à total negação do eu como sujeito coeso e estável — atitude de máximo radicalismo dentro do Modernismo português e europeu” (ZENITH, Richard, 1997).



## Conclusões :



Não se assiste, ao contrário do que ocorre em Pessoa, ao desdobramento do "eu", pela multiplicação de identidades.



...**concêntrica coesão temática e quase unidade formal, dos textos assinados por Côrtes-Rodrigues e Violante.**

“obra pseudónima é do autor em sua pessoa, salvo no nome que assina; a heterónima é do autor fora da sua pessoa, é de uma individualidade completa fabricada por ele, como seriam os dizeres de qualquer personagem de qualquer drama seu” (FEIJÓ, António, 2015:19).

Se consideramos que alguns dos *personagens* de Côrtes-Rodrigues nascem e se revelam assaz próximos da sua própria **postura moral**, revelando, vários deles, **características doutrinárias, éticas, sociais e ideológicas e estético-formais** que sobremaneira os harmonizam, permitimo-nos afirmar que esta proximidade também ocorre com Violante.

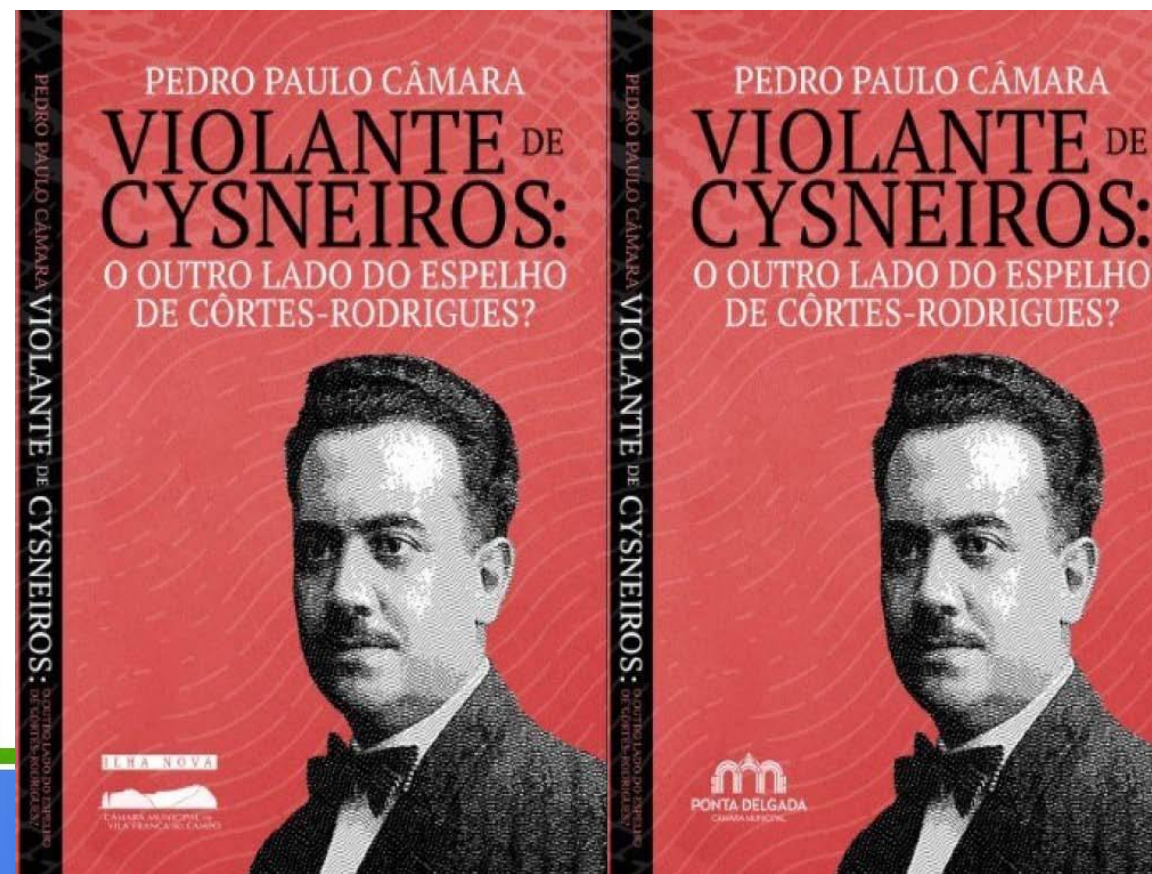
## Recomendações:

Uma vez que... “[o] ato artístico concretizado de criação de pseudónimos não é alheio a Côrtes-Rodrigues já que se conta cerca de uma dezena de nomes fictícios por si gerados e que surgem em diversos jornais [...]” (CÂMARA, Pedro; p. 38)

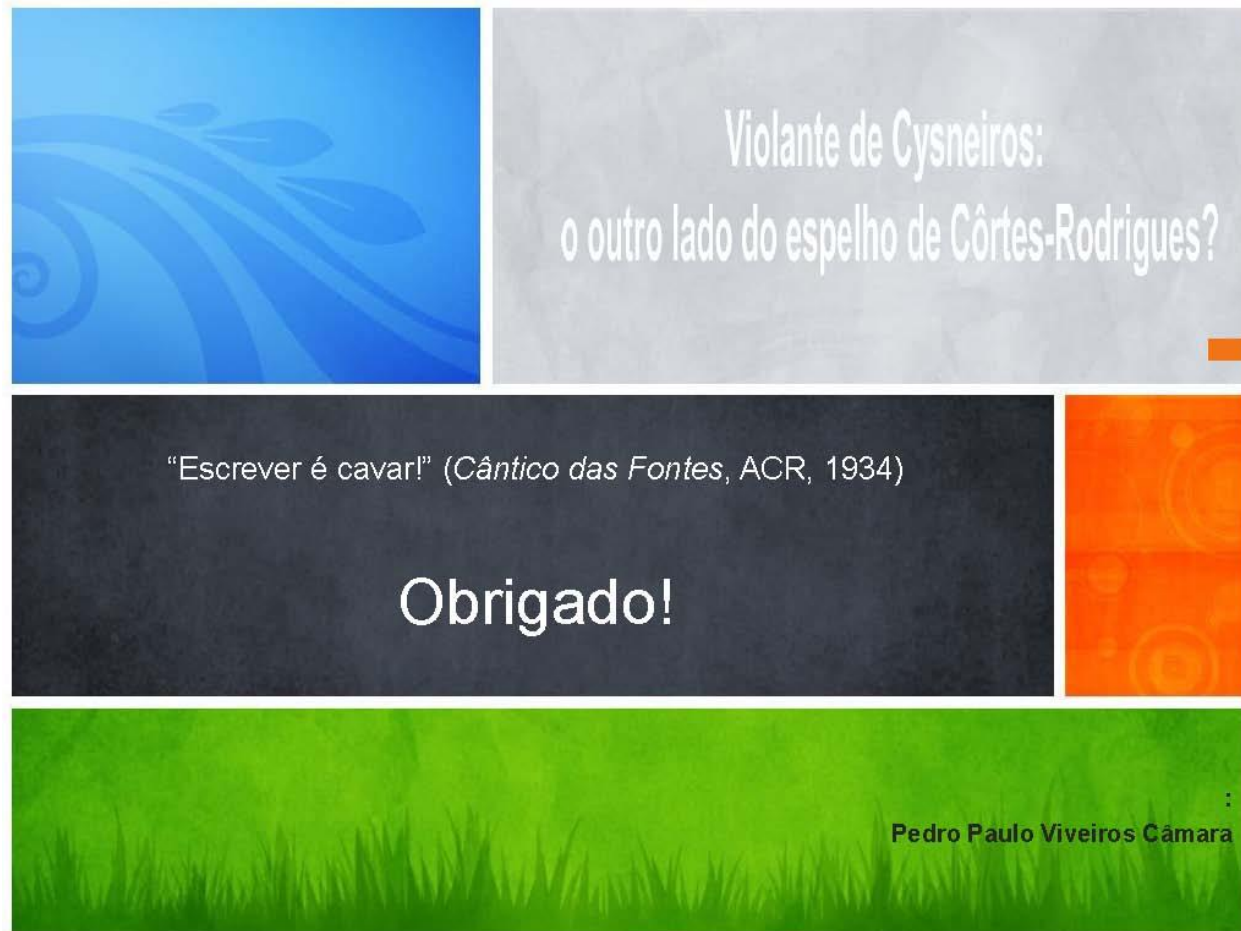
- |            |                     |                          |
|------------|---------------------|--------------------------|
| » Rusticus | » Simão de Vilanova | » Severo (de) Verdade(s) |
| » Ninguém  | » A                 | » X (1910)               |
|            |                     | » Cesário Negro (1912)   |

► **Ampliar a investigação sobre os restantes pseudónimos de Armando Côrtes-Rodrigues.**

<https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/9040>







## 9. ROLF KEMMLER, ACADEMIA DE CIÊNCIAS DE LISBOA, UTAD VILA REAL – ALEMANHA

*São Miguel e os seus habitantes em Happy Days: a Summer Tour to the Azores and Lisbon (1880) de Marianna Gibbons (1846-1929) Rolf Kemmler (Vila Real)\**

### 1 Introdução

Não obstante de termos oferecido as respetivas referências bibliográficas no nosso levantamento preliminar dos elementos da literatura de viagens anglófona sobre o arquipélago açoriano (Kemmler 2012), foi só muito recentemente que conseguimos obter acesso a um exemplar do raríssimo opúsculo *Happy Days: a Summer Tour to the Azores and Lisbon* (1880) que a professora e editora americana Marianna Gibbons (1846-1929) publicou como coleção monográfica de cartas que inicialmente tinha publicado no diário *The Times* de Filadélfia (Pensilvânia).

Na parte principal do seu opúsculo, a autora relata a sua estada no arquipélago, no breve período entre 8 e 30 de julho de 1879, narrando ainda uma brevíssima visita a Madeira, Lisboa e Sintra em inícios de agosto do mesmo ano. Ao seguir nas nossas outras investigações sobre a literatura de viagens anglófona oitocentista, pretendemos identificar as observações mais relevantes que esta autora tece sobre a ilha de São Miguel e os seus habitantes.

### 2 A autora Marianna Gibbons (1846-1929)

Marianna Gibbons nasceu no dia 6 de dezembro de 1846 na quinta *Beechdale Farm* que a sua família possuía no lugar de Bird-in-Hand, Upper Leacock Township, Lancaster County, Pennsylvania, em pleno espaço rural dos anabatistas 'Amish' e dos 'Menonitas', sendo filha do médico Joseph Gibbons (1818-1883)<sup>8</sup> e da sua mulher Phebe Hussey Gibbons (1821-1893).<sup>9</sup> Tanto os pais, como os cinco filhos, dos quais Marianna era a

\*\*\*Sócio Correspondente Estrangeiro da Classe de Letras da Academia das Ciências de Lisboa (ACL) e investigador do Centro de Estudos em Letras (CEL) da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD). O CEL é uma unidade de investigação financiada pela *Fundação para a Ciência e a Tecnologia* (UID/LIN/00707/2020).

<sup>8</sup> Também natural de Bird-in-Hand, Joseph Gibbons era filho do agricultor Daniel Gibbons (1775-1853), ainda hoje lembrado por causa da sua mentalidade abolicionista e da sua participação ativa na *Underground Railroad* ['Ferrovia Subterrânea'], cujo propósito era o auxílio à fuga de escravos fugitivos (veja-se, por exemplo, Calarco (2008:333) e Calarco / Vogel / Grover / Hallstrom / Pope / Waddy-Thibodeaux 2010: 144, 148, 310, 312, 314). Para um breve resumo biográfico sobre o pai da nossa autora, veja-se a entrada no segundo volume do *Appletons' Cyclopædia of American Biography* de James Grant Wilson (1832-1914) e John Fiske (1842-1901):

«GIBBONS. Joseph, philanthropist, b. near Lancaster, Pa., 14 Aug. 1818; d. there, 9 Dec. 1883. He was of a family of English Quakers who came from Wiltshire about the time of Penn's settlement of the colony. He was graduated at Jefferson medical college in 1845, and in the same year married Phebe, eldest daughter of Thomas Earle, who was the first candidate of the Liberty party for vice-president of the United States in 1840, the presidential candidate being James G. Birney. Dr. Gibbons's life was chiefly identified with the practical side of the anti-slavery movement. He was instrumental with his father in aiding over 1,000 runaway slaves to freedom by the system quaintly known as the "Underground railroad". [...] Dr. Gibbons was also an earnest temperance advocate, and did much to popularize the public school system of Pennsylvania in its infancy. He was regarded as one of the founders of the Republican party in his native state [...]. He established the "Friends' Journal" in 1873 and, though partially deprived of speech by apoplexy soon afterward, conducted it until his death» (Wilson / Fiske 1892, II, 637). Veja-se também a biografia mais extensa em Meginness (1903: 659-660). Joseph Gibbons foi sepultado no cemitério *Lampeter Friends Meeting House and Burial Ground*, Lancaster County, Pennsylvania (FindAGrave 2009a).

<sup>9</sup> Veja-se o seguinte trecho biográfico que Harris (1877: 234) ainda publicou em vida da mãe da nossa autora: «GIBBONS, MRS. PHOEBE EARLE, a lady of literary tastes, was born in Philadelphia, August 9th, 1821. Her father, Thomas Earle, was a man of great note in his day, and in 1840 was the first candidate of the Liberty party for Vice President. The subject of this sketch was well educated in select schools in Massachusetts, and taught in Mr. Picot's French school in Philadelphia and elsewhere for some years. In 1845 she was married to Dr. Joseph

## Anuário 2021 Belmonte e PDL

mais velha,**10** pertenciam à igreja dos 'Quakers', também conhecidos como *Religious Society of Friends* ou simplesmente como *Friends*. Ao comprometerem-se com a simplicidade e a paz, Quakers regulam-se através dos princípios da solidariedade, da filantropia e do pacifismo, o que leva ao facto de um grande número de Quakers estarem envolvidos na abolição da escravatura ou mesmo na libertação de escravos.

Existe um breve obituário de Marianna Gibbons, que convém reproduzir em seguida:

BRUBAKER--On the fifth month 6, at her home near Bird-in-hand, Lancaster County, Pennsylvania, Marianna Gibbons Brubaker, widow of Oram Brubaker, in her 83 year.

She was the oldest child of Joseph and Phebe Earle Gibbons, and granddaughter, of Daniel and Hannah Wierman Gibbons and of Thomas and Mary Hussey Earle. She took two degrees at the Millersville State Normal School in 1870 and '71 and taught at Friends School at Haverford and Germantown, also in private work for Marianna Longstreth. She was an editorial writer on the PHILADELPHIA PRESS and assistant to its founder, John W. Forney, later editorial worker on the TIMES. She also appeared on the platform, speaking on Friendly matters.

Upon the founding of the FRIENDS JOURNAL, by her father in 1872, she became and remained its editor, till his death in 1883, when it was consolidated with the INTELLIGENCER. Much of this effort was hers, her father having been stricken with apoplexy shortly after its inception.

Later in life she was deeply concerned and very active in the W. C. T. U. and its labor against war and for the welfare of the Negroes. Her interest in the latter, was in a sense an inheritance, her birth place having been a "station" on the "Underground Railroad," and her maternal grandfather Vice-Presidential candidate on the "Liberty Party" in 1840.

She Edited HISTORY OF UNDERGROUND RAILROAD, IN CHESTER AND THE NEIGHBORING COUNTIES OF PENNSYLVANIA, by R. C. Smedley, Edited by Robert Purvis & Marianna Gibbons, 1883, Reprinted 1968 by Negro University press, New York.

Her brother, Daniel Gibbons, of Brooklyn, New York, survives her (*Friends Intelligencer* Fifth Month 18, 1929, em: FindAGrave 2008b).**11**

Segundo este esboço biográfico, a nossa autora terá estudado na então *Millersville State Normal School* (fundada em 1855 como *Lancaster County Normal School*),**12** hoje *Millersville University of Pennsylvania*. Na sua vida profissional, destaca-se sua atividade como professora nas escolas dos *Quaker* nos arredores de Filadélfia que ainda existem hoje, nomeadamente na *Friends School Haverford* em Haverford, PA (1885) e na *Germantown Friends School* em Germantown, PA (1845).

Parece, no entanto, evidente, que terá adquirido mais notoriedade como jornalista nos jornais diários filadelfienses *The Philadelphia Press* (1857-1920) e *The Times* (1875-1902). No que respeita à atividade como editora auxiliar do semanário *The Journal: A Paper Devoted to the Interests of the Society of Friends* (1872-1883), de que era proprietário o próprio Joseph Gibbons,**13** nada conseguimos apurar. Seja como for, o censo de 1880 menciona tanto o pai Joseph Gibbons como a filha Marianna como 'Editor', ao passo que a mãe é referenciada como 'Author' e as duas irmãs Caroline e Frances como 'at Home' (1880, June, 17: fol. D40).**14**

Em 17 de junho de 1879, Marianna Gibbons requereu um Passaporte «[...] to Fayal, Azores Islands» que lhe foi conferido dois dias a seguir. Segundo pedido de passaporte, a nossa autora, aos 32 anos de idade era de estatura pequena (com ca. 158,75 cm de altura), tinha a testa alta, olhos azuis, o nariz direito, a boca natural, o queixo e a cara redondos, cabelo castanho e era de aparência normal:

---

Gibbons of Lancaster county. In 1861 she began the study of Greek, with Professor William M. Nevin, of Lancaster. A portion of the Odyssey, translated by her was published in the *Ladies' Friend* of Philadelphia. A small medical work was translated by her from the French, for Lindsay and Blakiston, which was published in 1866. She has also translated a portion of the Herman and Dorothea of Goethe. At different times she has written articles for magazines. In 1872 she published a small volume, entitled "Pennsylvania Dutch", a portion of which originally appeared in the *Atlantic Monthly*. Mrs. Gibbons is an active member of the Lancaster Linnaean Society. She is a lady of varied acquirements and marked intellectual capacity». São conhecidas as duas coletâneas de ensaios, intitulados *Pennsylvania Dutch and other essays* (Gibbons 1872) e *French and Belgians* (Gibbons 1879) – curiosamente esta última obra é uma descrição dos habitantes da França e da Bélgica que a mãe da nossa autora observou no âmbito de uma viagem aos dois países em 1878.

<sup>10</sup> Veja-se a genealogia de Earle (1888: 348). Tendo a segunda irmã Hannah C. Gibbons (1851-1860) falecido na infância, os restantes irmãos Caroline Gibbons (1848-1900), Frances Gibbons Pusey (1852-?) e Daniel Gibbons (1860-1929) chegaram até à idade adulta. Hannah e Daniel foram sepultados no mesmo cemitério como o pai (cf. FindAGrave 2008a, 2009) e Caroline foi sepultada junto com o seu marido no cemitério *Wilmington and Brandywine Cemetery* em Wilmington, New Castle County, Delaware (cf. FindAGrave 2014).

<sup>11</sup> Millersville ainda fica em Lancaster County, mais ou menos em meia distância entre Gettysburg e Filadélfia.

<sup>12</sup> Trata-se de um obituário publicado na revista *Friends Intelligencer* (Fifth Month 18, 1929) págs. 401-402. Infelizmente, ainda não conseguimos ter acesso ao texto original daquele artigo.

<sup>13</sup> Veja-se o anúncio publicitário dedicado a *The Journal* no fim de Smedley (1883: [I]) que começa a justificar a publicidade com as seguintes palavras: «The Journal is now nearing the middle of its eleventh volume. Its conductors consider this a fitting time and opportunity at which to urge its claims to recognition and support upon Friends. They feel at liberty so to do because they have, to the best of their ability, made it a paper worthy of such recognition and support; such a paper, in fact, as should be in every Friend's family».

<sup>14</sup> Ainda em 1870, o censo (1870, July, 19: fol. 36) regista que o pai ainda estava a exercer a profissão de médico ('*Physician*') e a mãe de dona de casa ('*Keeping house*'). Se Marianna não foi referida, parece que terá residido perto da escola normal onde se formaria pouco depois.

No. 13243 Issued June 19/79

UNITED STATES OF AMERICA.

State of Pennsylvania }  
County of Lancaster } ss.

I, Marianna Gibbons, do ~~swear~~ <sup>affirm</sup> that I was born in the State of Pennsylvania, on or about the 6th day of December, 1846. that I am a NATIVE AND LOYAL CITIZEN OF THE UNITED STATES, and about to travel abroad to Spain, Azores, and Marianna Gibbons.

Witness to before me, this 17th day of June, 1879.

J. L. Lytle,  
Notary Public.

I, William G. Gibbons of Wilmington Del<sup>a</sup>, do swear that I am acquainted with the above-named Marianna Gibbons and with the facts stated by her, and that the same are true, to the best of my knowledge and belief.

Given to before me, this Eighteenth day of June, 1879.

John C. Cole,  
Notary Public.

Description of Marianna Gibbons.

Age: <u>32</u> years.	Mouth: <u>natural</u> .
Stature: <u>5</u> feet <u>2 1/2</u> inches, Eng.	Chin: <u>full</u> .
Forehead: <u>high</u> .	Hair: <u>brown</u> .
Eyes: <u>blue</u> .	Complexion: <u>fair</u> .
Nose: <u>straight</u> .	Face: <u>full</u> .

I, Marianna Gibbons, do solemnly ~~swear~~ <sup>affirm</sup> that I will support, protect, and defend the Constitution and Government of the United States against all enemies, whether domestic or foreign; and that I will bear true faith, allegiance and loyalty to the same, any ordinance, resolution, or law of any State, Convention, or Legislature to the contrary notwithstanding; and further, that I do this with a full determination, pledge, and purpose, without any mental reservation or evasion whatsoever; and further, that I will well and faithfully perform all the duties which may be required of me by law. ~~So help me God.~~ So I affirm.

Witness to before me, this 17th day of June, 1879.

J. L. Lytle,  
Notary Public.

Marianna Gibbons.

The above affidavits and oath of allegiance must be attested by a Notary Public, or other officer authorized to administer oaths, whose signature must always be accompanied by his official seal or the certificate of his court as to his official capacity.  
When husband, wife, minor children, and servants, expect to travel together, a single passport for the whole will suffice.  
For any other person in the party a separate passport will be required.  
Address DEPARTMENT OF STATE, PASSPORT BUREAU.

(1879, June 17)

Afirma o obituário que Marianna Gibbons terá sido ativa na *Woman's Christian Temperance Union* (1873; União de Temperança das Mulheres Cristãs). Além disso, ela dedicou-se também ao pacifismo e ao bem-estar dos seus concidadãos afro-americanos recentemente libertados. Sendo ainda registada como mulher solteira na companhia de duas sobrinhas e de uma empregada no âmbito do décimo segundo censo (1900, June, 1: fols. B1-B2), foi em 15 de janeiro de 1902 que Marianna Gibbons contraiu matrimónio com o viúvo Oram David Brubaker (1862-1929).

Depois de o seu marido ter falecido a 12 de Março de 1929, Marianna seguiu-o pouco menos de dois meses depois, devido a uma hemorragia cerebral na idade de 82 anos (1929, 6 de Maio). Os cônjuges foram sepultados lado a lado no cemitério *Bird in Hand Methodist Cemetery* (FindAGrave 2008b, 2010).

Para além do opúsculo em que documentou a sua passagem pelo arquipélago açoriano, as únicas publicações independentes que conseguimos identificar estão relacionados com a história da 'Ferrovia Subterrânea' na sua área. Em primeiro lugar, ficou incumbida de tomar conta da edição da obra *History of the Underground Railroad in Chester and the Neighboring Counties of Pennsylvania*, uma obra de XXIV, 407, [I] páginas, cujo manuscrito o autor Robert Clemens Smedley (1832-1883) já não conseguira publicar antes de falecer. Com efeito, a obra foi impressa em junho de 1883 na oficina do *supra* mencionado semanário *The Jornal*, tendo a nossa autora colaborado nos trabalhos da edição com o conhecido abolicionista Robert Purvis (1810-1898).

Décadas mais tarde, já sob o nome de Marianna Gibbons Brubaker, a nossa autora publicou o artigo «The Underground Railroad» no periódico histórico *Papers read before the Lancaster County Historical Society* (Brubaker 1911).

### **3 Happy Days: a Summer Tour to the Azores and Lisbon (1880)**

Com apenas 41 páginas, o opúsculo *Happy Days: a Summer Tour to the Azores and Lisbon*, foi impresso em 1880 pelo tipógrafo e político John Andrew Hiestand (1824-1889; cf. Dodge / Koed 2005: 1248) em Lancaster. Como a autora informa no rosto, as suas experiências foram «described in a series of Letters, written for the Times» (Gibbons 1880: [1]), ou seja, trata-se de um empreendimento jornalístico em que Marianna Gibbons escreveu para publicação no diário *The Times* em Filadélfia.



## Anuário 2021 Belmonte e PDL

As seis cartas, datadas de 17 de julho a 8 de agosto de 1879 foram redigidas em Ponta Delgada, no Funchal e em Lisboa e são intituladas como se segue:

Data	lugar	páginas	título
17 de julho	Ponta Delgada	[5]-12	THE AZORES. A LIVELY SHIP S COMPANY AND WHAT THEY DID.
24 de julho	Ponta Delgada	12-18	AZOREAN GARDENS. SWEET ROSES THAT BEAT THE WORLD.
30 de julho	Ponta Delgada	18-24	ANOTHER DONKEY RIDE. MORE GARDENS — MANNERS OF THE PORTUGUESE PEASANTRY, ETC.
8 de agosto	Funchal	24-29	FLOWERS. THE VALLEY OF THE FURNAS — THE SEVEN CITIES —MADEIRA.
5 de agosto	Lisboa	30-36	LISBON. THE TRIP TO CINTRA.
8 de agosto	Lisboa	36-41	FAREWELL TO CINTRA. PORTUGUESE POLITICS.

A obra tem a seguinte dedicatória: «To the Honorable Senhors Manoel Pedro Furtado d’Almeida, of Flores, Joao Leite da Gama, and Filigenio d’Andrade Albuquerque Bettencourt, of St. Michael’s, Azores, companions in the trip to Cintra; to whom are owed so many of these "Happy Days." this little work is affectionately inscribed by the Author» (Gibbons 1880: [3]). É desta forma que a autora dedica o seu opúsculo aos seus companheiros de viagem, o florentino Manuel Pedro Furtado de Almeida, 1º visconde de Vale da Costa (1844-1914) e os micaelenses João Leite da Gama e Filigénio de Andrade Albuquerque Bettencourt, sobre os quais nada mais conseguimos apurar.

O opúsculo, de que se conserva um exemplar na livraria de Ernesto do Canto (1831-1900) na Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, é raríssima, pelo que não admira que até agora não seja referenciada na geralmente bem informada *Bibliografia Geral da Açorianidade* de Chrys Chrystello (2017, I/II). Também não consta que o opúsculo alguma vez tenha sido o objeto de qualquer estudo, tradução ou de outra publicação.

### 4 Marianna Gibbons e os Açores

Apesar de ter pedido o seu passaporte para uma viagem ao Faial (1879, June 17), consta que Marianna Gibbons passou por quatro ilhas do arquipélago, nomeadamente Flores, Faial e Terceira, passando a maior parte na ilha de São Miguel, de onde saiu no dia 30 de julho (Gibbons 1880: 28). Foi à tarde do 8 de julho de 1879 que o navio chegou às Flores, o que autora relata como se segue:

These islands, in the order in which they are visited by American vessels, are Flores, Fayal, St. Jorge, Graciosa, Terceira and San Miguel. Leaving the harbor of New Bedford, Mass., on the afternoon of Sunday, June, 29, in the steamer Mississippi, the property of the United States and Azorean Steam Packet Company, we got into a fog before the pilot left us and lay to until 7 P. M. Once fairly started we had generally fine weather and reached Flores on the afternoon of Tuesday, July 8 (Gibbons 1880: [5]).

Parece curiosa coincidência que Gibbons tenha chegado aos Açores no mesmo vapor *Mississípi* com o qual a sua conterrânea Charlotte Alice Baker (1833-1909) viria regressar ao país natal dois meses depois (cf. Baker 1882: 127). Com efeito, mesmo que não existam indícios de que se tenham conhecido pessoalmente, a presença das americanas no arquipélago cruzou-se, uma vez que Charlotte Alice Baker e as suas companheiras ficaram aí bastante mais tempo, chegando ao Faial em 8 de julho de 1879 e saindo de Ponta Delgada em 6 de setembro de 1879 (Kemmler 2017: 428).

Num momento bastante raro dentro da literatura anglófona de viagens que se dedica aos Açores, a nossa autora identifica alguns dos cidadãos americanos com quem partilhou a viagem. Entre as pessoas explicitamente mencionadas são as seguintes :

Among our company were Mr. J. B. Millet, of the local staff of the Boston *Advertiser*, a brother of "F. D. M.", your artist correspondent in Paris; Miss Minnie Russel, daughter of Judge Thomas Russel, of Boston, a friend of Anna Dickinson, and at one time United States Minister to Ecuador, and Mr. Ralph P. and the Misses Dabney, son, daughter and niece of the excellent American Consul at Fayal. Of course we had the usual number of "characters" among our twenty-one passengers. Massachusetts, not to say Boston, gave the prevailing tone (Gibbons 1880: 8-9).

Sendo então jornalista e mais tarde editor em Boston, Josiah Byram Millet (1853-1938) foi, de facto, irmão do pintor e jornalista Francis Davis Millet (1846-1912).<sup>15</sup> Natural de Columbia, Missouri, Minnie Louise Russell Thomas (1861-1947), filha do juiz Thomas Allen Russell (1834-1921) e da sua mulher Martha Louisa Lenoir (1831-1913) foi criada em St. Louis, Missouri, onde viria a ser fundadora de uma escola para meninas (FindAGrave 2008c). Já os Dabneys mencionados devem ser Ralph Pomeroy Dabney (1859-1899),<sup>16</sup> filho de Samuel Willis Dabney (1826-1893) que foi cônsul americano no Faial desde 1872 a 1892, bem como a sua prima Roxana Lewis Dabney (1827-1913), também ela autora de literatura de viagens sobre os Açores (veja-se, p. ex. Dabney 1873). Para além destas referências explícitas a elementos da alta sociedade americana, também se observa em seguida a habitual identificação de pessoas por meio de caracterizações mais estereotipadas.

Uma das primeiras impressões da autora, aquando da sua visita a Santa Cruz das Flores, não só diz respeito ao comportamento dos habitantes ao verem senhoras americanas, mas também repete o lugar comum sobre a suposta origem mourisca dos açorianos:

All the houses are built flush with the street and the dead monotony of the walls is broken only by doors and windows, out of which the women and children gaze in astonishment at the "Americanas". Many of them are as dark as mulattoes, but with clear skins. This is accounted for by the fact that there is Moorish blood in the veins of many of the natives (Gibbons 1880: 6).

<sup>15</sup> Como um dos passageiros de primeira classe, Francis Millet morreu em consequência do naufrágio do navio *RMS Titanic* em 15 de abril de 1912 (para mais informações, cf. Baxter 1912).

<sup>16</sup> Dado que já só havia uma outra irmã em vida que na altura ainda era menor de idade (Rose Dabney 1864-1947), parece-nos mais provável que a irmã que acompanhou Ralph P. Dabney nesta viagem deve ter sido a irmã mais velha Alice Dabney (1852-1923). Note-se que a esposa do Cônsul e mãe dos jovens Dabneys era Harriet Wainwright Webster (1830-1924), filha do professor bostoniano John White Webster (1793-1850) que em 1821 publicou uma obra monográfica sobre os Açores (cf. Kemmler 2012).



Semelhantemente, Gibbons (1880: 13, 16) considera como elementos mouriscos tanto «[...] the old Moorish clock tower [...]», que nos parece ser o edifício setecentista da Torre do Relógio e campanário da antiga igreja matriz da Horta, como ainda «[...] the Moorish style of architecture [...]» da Sé Catedral de Angra do Heroísmo.

Considerando que somente passou 22 dias no arquipélago e cerca de 13 em São Miguel, pouco surpreende que as caracterizações que Marianna Gibbons faz dos Açores e dos habitantes não podem deixar de ser pontuais. Assim, como regra, os micalenses da classe baixa são descritos como humildes e acolhedores que fundamentalmente seriam avessos ao crime:

The Azorean Portuguese of the lower class are an unsophisticated and simple-minded people. Great crimes, especially against the person, are almost unknown among them. They have no idea that anyone could be afraid of them, nor, indeed, is there any cause for such fear. One evening, as I was riding near the town, the donkey became very unruly and seemed inclined either to run off or rid himself of his rider. The driver turned him suddenly into a very narrow lane between two high black walls. Coming to a wooden gate he knocked and spoke to someone within. The gate was opened and we went into a very nice flower, fruit and orange garden. The driver motioned me to get off. Not liking to show any fear, I obeyed, though it was near nightfall. Master Ass was tied and left to compose himself, while his driver and the gardener showed me the garden and pineapple house and cut me a beautiful bouquet. I gave the gardener a vinten, a clumsy copper coin worth about five cents, which was received with a most grateful smile and graceful bow, withdrew in good order and had a pleasant ride to the hotel. Imagine the consternation which such an adventure would create among one's friends were it to occur near a large city in the United States (Gibbons 1880: 22)!

Gibbons aponta aqui, com razão, que nos EUA do seu tempo provavelmente não era normal convidar estranhos para a propriedade fechada sem mais nem menos.

No entanto, aproveita outro incidente como uma oportunidade para salientar que os açorianos da classe baixa seriam bastante desonestos, já que um membro da tripulação terá sido roubado dos seus sapatos e chapéu, depois de se ter embebedado durante uma tarde e noite, até que se deitou num banco público no centro de Ponta Delgada para descansar da sua bebedeira...

Concerning the honesty of the lower class here, the less said the better. One of our crew gained some useful information on this subject in a very amusing way. About five or six o'clock on the morning of the Mississippi's second day here, as the landlord of the hotel was sitting in his little office, he heard a shuffling sound, as of someone coming up stairs. Thinking it was one of the Portuguese, the poorer of whom always go barefooted, he went out on the landing to see what was wanted. There stood poor R—, without either hat or shoes. "Why, what's this mean?" said mine host. His story was soon told. Having imbibed, during the previous afternoon and evening too much of that evil spirit which lies in wait for poor Jack in every corner of the world, he was unable to go on board, and lay down on one of the benches of the plaza and went to sleep. Sometime during the night some Azorean kindly relieved him of his good hat and shoes. Of course, there was nothing to be done but to lend him a pair of shoes and to send out and buy him a hat. Thus equipped he departed for the ship, having learned that, though the climate of the Azores may make out-door lodging agreeable, the habits and manners of the people render it somewhat expensive (Gibbons 1880: 23-24).<sup>17</sup>

Uma particularidade que se mostra especialmente perturbadora para a nossa autora desde a sua chegada às Flores, é a aproximação dos açorianos ao tempo em que estes executam qualquer tarefa:

Some of the party called for wine. How long it was coming! A Portuguese minute is an hour, and a Portuguese hour is generally about half a day. No one is ever in a hurry. The native born Azorean is constitutionally tired. I called for water, which was longer in coming than the wine, and was warm when it came. There is no ice on these islands. None is imported, and of course nature does not furnish it (Gibbons 1880: 7).

Don't be in a hurry. Pacienza (patience) is the favorite Azorean word, and of all the Christian virtues, patience is the most popular here (Gibbons 1880: 10).

Como se percebe, ela entende os açorianos como não orientados para o serviço, se não preguiçosos, pelo menos lentos e imperturbáveis.

Mas nem todos os habitantes dos Açores são tão cómodos e pacientes, porque afinal as pulgas, ao contrário dos habitantes humanos, nunca chegam a descansar:

The most energetic, zealous and busy inhabitants of the Azores Islands are the fleas. Whatever may be said of the men and women, these insects are always industrious – they never tire. Morning, noon and night – yea, in the dead watches of the night – they are stirring, and the results which they accomplish upon the bodies of the unfortunate English and American visitors are something astonishing. The Portuguese do not even notice them (Gibbons 1880: 24).

Como não podia deixar de ser, o traje feminino tipicamente açoriano do Capote merece a atenção da nossa autora.

On St. Michael's Terceira, Fayal, and indeed all the islands, many of the women wear the long cloak reaching to their heels, with its very deep capote drawn over the head, which is the national costume. In such a garb a woman's own mother would not know her. One cannot help wondering whether it was not originally intended to conceal the women's faces, for certainly the ugliness of the middle-aged and old women of the middle and lower classes in the Azores is something fearful to contemplate. During one of my rides at Ponta Delgada I passed through the quarter where live the very poor. What squalid misery! In houses in which a Pennsylvania farmer would not put his animals, built of rough volcanic stone, guiltless of plaster within or without, with mud floors and rudest of wooden shutters at the unglazed windows, these people live, dirty, forlorn and comfortless. It is no wonder that the women are ugly (Gibbons 1880: 26).

---

17 Neste contexto, parece-nos lícito questionar o que teria acontecido ao mesmo tempo nos EUA se um viajante estrangeiro tivesse adormecido bêbado num banco?

## Anuário 2021 Belmonte e PDL

Na senda do humorista americano Mark Twain (Samuel Clemens, 1835-1910) que se limita a fazer uma descrição do capote dentro do seu respetivo capítulo em *The Innocents abroad* (Twain 1869: 51-52; cf. Kemmler 2019: 146-147), Marianna Gibbons não só descreve o próprio vestuário como feio, mas observa que provavelmente as mulheres que usam o capote também devem ser feias. Assim, as utilizadores do capote teriam de ser feias, simplesmente porque viviam na mais perfeita miséria e sob condições miseráveis, indignas para seres humanos.

Semelhanamente, a nossa autora caracteriza como insólita a forma como os açorianos (e até mesmo os portugueses do continente) estariam a "namorar por distância":

Passing a house in the suburbs of Ponta Delgada one day I saw a young man standing in the middle of the road talking to a young lady who was leaning over the railing of the balcony. When he saw us he walked away. Looking back I saw that he had returned and was again chatting with the lady. In answer to my inquiring look, an English lady of the party said: "Oh! that is an Azorean courtship. They always begin in that way. Indeed, they continue in the same way for a long while. The young gentleman is not admitted to the house until about to be engaged to the young lady, and then he sees her only in the presence of other members of the family". The last rule is common to the continent of Europe as well as to these islands, but the balcony arrangement I had never heard of before (Gibbons 1880: 25-26).

No que respeita aos tão emblemáticos espaços botânicos da cidade de Ponta Delgada, o Jardim que mais impressionou a nossa viajante foi o que hoje é conhecido como Jardim António Borges, construído entre 1858 e 1861 (cf. Albergaria 2014) por António Borges da Câmara de Medeiros (1812-1879):

The most beautiful spot, created by art, on this island, is the Borges garden. It contains from five to ten acres, right in the town. This place is literally crowded with the most beautiful and luxuriant trees and flowering plants. Near the centre of the garden winding steps, made of the volcanic rock, so as admirably to counterfeit nature, lead between borders of flowers down to the mouth of an artificial cave or passageway, through which one walks, part of the time in total darkness, and finally emerges in another part of the garden. Over this passage, and in fine view from the top of the steps leading to it, is a beautiful rustic bridge of volcanic stone. Everywhere, creeping, growing over everything, are flowers; fuchsias, four o'clocks, hydrangeas, roses, convolvulus, growing "like ill weeds" (Gibbons 1880: 20).

Já outro jardim merece-lhe observações bastante mais críticas:

Many among all classes are indolent and unambitious. The finest collection of plants here is in the garden of Senhor De C. Yet right in the midst of this beautiful place is a deep depression, originally intended for a lake but now filled with rocks and stones, overrun with convolvulus and all sorts of weeds and disfiguring the whole place. Near this is the former mansion of the family. About twenty-five years ago they were shaken out of it by an earthquake. Soon after the Senhor paid thirty pounds sterling for a plan of a new house. He then bought a quantity of lumber for building. The plan is still, it is to be supposed, among his papers; the lumber, or such part of it as has not been used, is rotting in an outhouse; the old house, shattered and crumbling, still disfigures the place; the new one hasn't been begun and never will be (Gibbons 1880: 22-23).

A referência ao prédio nunca mais reconstruído parece permitir a conclusão de que o 'Senhor De C.' será José do Canto (1820-1898), em cujo jardim se localizavam as ruínas das casas quinhentistas que antes tinham pertencido a Diogo Vaz Carreiro (cf. FJJC 2015).

Quanto à economia açoriana, Marianna Gibbons somente faz uma única observação relacionada com a exportação de frutos tropicais:

In the Island of St. Michael's both oranges and pineapples are cultivated with success, the former in the open air, the latter in hot houses, warmed only by the reflection of the sun upon the glass. The oranges are considered very fine. They are heavy, juicy, sweet, with a thin skin and almost without pits. Almost all of them, as well as the pineapples, are exported to England, but an effort is now being made by the United States and Azorean Steam Packet Company to establish an orange trade between St. Michael's and the United States (Gibbons 1880: 24-25).

Sem fornecer quaisquer dados adicionais, a nossa autora comenta sobre a qualidade das laranjas. Para além disso, informa que os responsáveis pela *United States and Azorean Steam Packet Company* estariam a ponderar a exportação de ananás para os Estados Unidos. Será que esta ideia sobreviveu o declínio dos navios a vapor em finais do século XIX?

Para terminar, também a Forna do Enxofre na Ilha Graciosa merece a atenção de Marianna Gibbons:

Imagine a great oval valley, surrounded on all sides by perpendicular walls of volcanic rock, covered in some places with a scanty verdure and broken by caves. In the centre of this valley is a small lake or pond. It does not look very far from the top where we are standing, but we know that it must be far, for some sheep that are feeding on its banks do not look any larger than small dogs. After resting awhile several of the party mounted their donkeys and going around the caldero to the left found a circuitous and steep path into the bottom. Here there is a remarkable cave, which was probably the last seat of the expiring volcanic fires. The ladies did not go further than the edge of the hole by which access is had to this cavern. Three of the gentlemen slid, one by one, for a short distance along a rocky path, which descends at an angle of forty-five degrees. Then, taking a rope, they let themselves down, hand under hand, a distance of seventy feet further, where they came to a huge stone, which, having lodged in this perpendicular passageway, affords a resting-place. Then, taking the rope again, they let themselves down five hundred feet to the bottom of the great cavern, which is five hundred feet high, one thousand feet in diameter and contains a lake about five hundred feet wide – like all such bodies of water, dark, noiseless, and apparently tenantless. The Misses Dabney, daughters of the American Consul at Fayal, are the only women that have made the descent to this cavern. It is a fearful place (Gibbons 1880: 15-16).

Se os visitantes modernos podem socorrer-se da comodidade da torre «[...] com cerca de 37 metros de altura e uma escadaria em caracol com 183 degraus [...]» (Gaspar 2011), não deixa de ser impressionante a maneira de como os visitantes oitocentistas (inclusive os irmãos Dabney!) tinham de superar a descida tão íngreme.

## 5 Conclusões

Como uma das obras menos bem conhecidas dentro do conjunto da literatura de viagens sobre os Açores, o opúsculo *Happy Days: a Summer Tour to the Azores and Lisbon* de Marianna Gibbons é fruto do crescente interesse no arquipélago açoriano que o público americano estava a mostrar sobretudo a partir da fase de reconstrução após a Guerra Civil de 1861 a 1865.

Dado que a autora somente passou 22 dias no arquipélago (dentro dos quais cerca de 13 em São Miguel), o leque de impressões que fez decerto terá sido algo reduzido. Mesmo que algumas das observações da nossa autora não possam, por isso, ser muito profundas, não pode, ao mesmo tempo, haver dúvidas de que ela misturou as suas impressões pessoais sobre o que na verdade testemunhou com os conhecimentos e pensamentos que tinha sobre a sociedade em que ela própria, como americana, se inseria.

Desta forma, o opúsculo de Gibbons contém um testemunho de alguns poucos aspetos da sociedade açoriana novecentista, que por um lado parece ser relativamente fiel, mas por outro está permeado de julgamentos de valores, que se devem provavelmente à personalidade da autora e ao seu ideário religioso-moral como membro ativo da Igreja dos Quakers.

Naturalmente, ainda se deve ter em conta a própria natureza das seis cartas, que datam de 17 de Julho a 8 de Agosto de 1879, uma vez que, como se constata na página de rosto do opúsculo, se destinavam a ser publicadas em *The Times* em Filadélfia. Mesmo que a autora, como correspondente daquele diário americano, tenha prescindido de ir beber na fonte de outros autores, como é tão típico na literatura de viagens anterior e posterior, ela não deixa de manifestar e documentar os mesmos preconceitos contra os Açores portugueses 'atrasados' que circulavam nos Estados Unidos progressistas (e protestantes) da época.

## 6 Referências bibliográficas

1870, July, 19, – Lancaster, *Census for the Family of Joseph Gibbons*, United States 1870 Federal Population Census, Pennsylvania: (2nd) Lancaster County (part) Includes East Lampeter, Eden Elizabeth, Ephrata, Fulton, Upper Leacock, and Lancaster (NARA Series M593, Roll 1356), fol. 36, image 36 of 50, database with images, em: <https://familysearch.org/ark:/61903/3:1:33HY-6SSW-NK6?cc=1438024&wc=92KY-924%3A518666601%2C518867101%2C520072801> (última consulta: 1 de março de 2020).

1879, June 17 – Lancaster, *Passport Application by Marianna Gibbons*, n.º 13243, United States Passport Applications (1795-1925), Roll 229, vol 509-510, 1879 May-Jun, image 1132 of 1456, database with images, in: [https://familysearch.org/ark:/61903/3:1:3Q57-89DZ-9W3J?cc=2185145&wc=3XCT-6TP%3A1056306401%2C1056369501, \(M1372\), Passport Applications \(1795-1905\).](https://familysearch.org/ark:/61903/3:1:3Q57-89DZ-9W3J?cc=2185145&wc=3XCT-6TP%3A1056306401%2C1056369501, (M1372), Passport Applications (1795-1905).)

1880, June, 17, – Lancaster, *Census for the Family of Joseph Gibbons*, United States 1880 Federal Population Census, Pennsylvania: Lancaster County (excluding city of Lancaster), Upper Leacock Township (NARA Series T9, Roll 1140), fol. D40, image 25 of 30, database with images, em: <https://familysearch.org/ark:/61903/3:1:33SQ-GYBH-BXL?cc=1417683&wc=X4HX-W38%3A1589394781%2C1589408463%2C1589413759%2C1589395192> (última consulta: 1 de março de 2020).

1900, June, 1, – Lancaster, *Census for the Family of Marianna Gibbons*, Twelfth Census of the United States: Schedule No. 1 – Population, Pennsylvania: Lancaster County, Upper Leacock Township (NARA Series T9, Roll 1140), fols. B1-B2, images 2 and 3 of 29, database with images, em: <https://familysearch.org/ark:/61903/3:1:3SHT-DCXW-6YQ?cc=1325221&wc=9BQN-Y48%3A1030550501%2C1032700301%2C1035773901> (última consulta: 1 de março de 2020).

1929, May 6 – Upper Leacock, *Certificate of Death for Marianna Gibbons Brubaker*, Pennsylvania Historic and Museum Commission, Harrisburg, Pennsylvania, Pennsylvania (State), Death certificates (1906–1967), Range of file numbers, 057001-060000, File N.º 57464, em: [https://search.ancestry.de/cgi-bin/sse.dll?indiv=1&dbid=5164&h=4412117&tid=&pid=&usePUB=true&\\_phsrc=XgN977&\\_phstart=successSource](https://search.ancestry.de/cgi-bin/sse.dll?indiv=1&dbid=5164&h=4412117&tid=&pid=&usePUB=true&_phsrc=XgN977&_phstart=successSource) (última consulta: 1 de março de 2020).

Albergaria, Maria Isabel Wytton da Terra Soares (2014): «Jardim António Borges», em: [siaram.azores.gov.pt/patrimonio-cultural/Jardins-dos-Acores/Jardim-Antonio-Borges/Jardim-AntonioBorges.pdf](http://siaram.azores.gov.pt/patrimonio-cultural/Jardins-dos-Acores/Jardim-Antonio-Borges/Jardim-AntonioBorges.pdf) (ultima consulta: 1 de março de 2020).

Baker, C[harlotte] Alice (1882): *A Summer in the Azores with a glimpse of Madeira*, Boston; New York: Lee and Shepard, Publishers; Charles T. Dillingham.

Baxter, Sylvester (1912) : «Francis Davis Millet: An Appreciation of the Man», em: *Art and Progress* 3/9 (July 1912), págs. 635-642.

Brubaker, Marianna Gibbons (1911) «The Underground Railroad», em: *Papers read before the Lancaster County Historical Society* 15/4 (April 7, 1911), págs. 95-119.

Calarco, Tom (2008): *People of the Underground Railroad: A Biographical Dictionary*, Santa Barbara: Greenwood Press.

Calarco, Tom / Vogel, Cynthia / Grover, Kathryn / Hallstrom, Rae / Pope, Sharron L. / Waddy-Thibodeaux, Melissa (2010): *Places of the Underground Railroad: A Geographical Guide*, Santa Barbara: Greenwood.

Chrystello, Chrys (ed.) (2017, *III*): *Bibliografia Geral da Açorianidade*, 2 volumes, Apoios técnicos e científicos por João Paulo Constância e Rolf Kemmler, Ponta Delgada; Lomba da Maia: Letras Lavadas; Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia (ISBN 978-989-735-150-1, 978-989-735-151-8).

Dabney [Roxana Lewis] (1873): «Summer Cruise Among the Azores and Canary Islands», em: *Harper's New Monthly Magazine* 276 (May, 1873), págs. 865-875.

Dodge, Andrew R. / Koed, Betty K. (dir.) (2005): *Biographical Directory of the United States Congress, 1774-2005: The Continental Congress, September 5, 1774, to October 21, 1788 and The Congress of the United States from the First through the One Hundred Eighth Congresses, March 4, 1789, to January 3, 2005, Inclusive*, Washington: United States Government Printing Office.

Earle, Pliny (1888): The Earle family: Ralph Earle and his descendants, compiled by Pliny Earle, of Northampton, Massachusetts, Printed for the family, Worcester, Mass.: Press of Charles Hamilton. [Pliny Earle (1809-1892)]

FindAGrave (2008a): «Memorial page for Hannah C Gibbons (1851-1860)», em: *Find A Grave Memorial no. 27894771*, em: <https://de.findagrave.com/memorial/27894771/hannah-c-gibbons> (última consulta: 1 de março de 2020).

FindAGrave (2008b): «Memorial page for Marianna Gibbons Brubaker (6 Dec. 1846-6 May 1929)», em: *Find A Grave Memorial no. 29512255*, em: <https://de.findagrave.com/memorial/29512255/marianna-brubaker> (última consulta: 1 de março de 2020).

FindAGrave (2008c): «Memorial page for Minnie Louise Russell Thomas (1861-1947)», em: *Find A Grave Memorial no. 27067161*, em: <https://de.findagrave.com/memorial/27067161/minnie-louise-thomas> (última consulta: 1 de março de 2020).

FindAGrave (2009a): «Memorial page for Joseph Gibbons (14 Aug. 1818-9 Dec. 1883)», em: *Find A Grave Memorial no. 37995132*, em: <https://de.findagrave.com/memorial/37995132/joseph-gibbons> (última consulta: 1 de março de 2020).

FindAGrave (2009b): «Memorial page for Daniel Gibbons (7 Nov. 1860-7 Oct. 1929)», em: *Find A Grave Memorial no. 38652173*, em: <https://de.findagrave.com/memorial/38652173/daniel-gibbons> (última consulta: 1 de março de 2020).

FindAGrave (2010): «Memorial page for Oram David Brubaker (1862-1929)», em: *Find A Grave Memorial no. 29512253*, em: <https://de.findagrave.com/memorial/29512253/oram-david-brubaker> (última consulta: 1 de março de 2020).

FindAGrave (2014): «Memorial page for Caroline Gibbons (1848-1900)», em: *Find A Grave Memorial no. 131196893*, em: <https://de.findagrave.com/memorial/131196893/caroline-gibbons> (última consulta: 1 de março de 2020).

FJJC (2015) = Fundação do Jardim José do Canto (2014): «Jardim José do Canto», em: [siaram.azores.gov.pt/patrimonio-cultural/Jardins-dos-Acores/Jardim-Jose-do-Canto/Jardim-Jose-do-Canto.pdf](http://siaram.azores.gov.pt/patrimonio-cultural/Jardins-dos-Acores/Jardim-Jose-do-Canto/Jardim-Jose-do-Canto.pdf) (ultima consulta: 1 de março de 2020).

Gaspar, João Luís (2011): «Furna do Enxofre», em: <http://siaram.azores.gov.pt/cavidades-vulcanicas/furna-enxofre/CavidadesVulcanicas-Furnas-do-Enxofre.pdf> (ultima consulta: 1 de março de 2020)

Gibbons, Marianna (1880); *Happy Days: a Summer Tour to the Azores and Lisbon*, Described in a series of Letters, written for the Times, Philadelphia, by Marianna Gibbons ("Maritana"), Lancaster: John A. Hiestand, Printer.

[Gibbons, Phebe Earle] ('1872): *Pennsylvania Dutch and Other Essays*, Philadelphia: J.B. Lippincott & Co.

Gibbons, Phebe Earle (1879): *French and Belgians*, By Phebe Earle Gibbons, Author Of "'Pennsylvania Dutch,' and Other Essays, Philadelphia: J.B. Lippincott & Co.

Harris, Alexander (1877): *A Biographical History of Lancaster County: being a history of early settlers and eminent men of the county, as also much other unpublished historical information, chiefly of a local character*, by Alex. Harris, Lancaster, Pa.: Elias Barr & Co.

Kemmler, Rolf (2012): «Notas sobre a perceção dos Açores no mundo anglófono novecentista I: Os habitantes dos Açores segundo Thomas Ashe (1813) e Mark Twain (1869)», em: Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia (2012): *Atas / Anais do XVII Colóquio da Lusofonia (Lagoa, São Miguel, Açores): 30 de março a 3 de abril de 2012*, CD-ROM (ISBN 978-989-95891-9-3), ficheiro CD atas Lagoa 2012/atasXVILagoa2012.pdf, págs. 175-190.

Kemmler, Rolf (2013): «Notas sobre a perceção dos Açores no mundo anglófono novecentista II: John White Webster e A description of the Island of St. Michael (1821)», em: Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia (2013a): *Atas / Anais do XIX Colóquio da Lusofonia (Maia, São Miguel, Açores): 14 -17 de março de 2013*, CD-ROM (ISBN 978-9898607-01-0), ficheiro atas-anais 2013maia.pdf, págs. 169-185.

Kemmler, Rolf (2017): «Charlotte Alice Baker: *A Summer in the Azores with a glimpse of Madeira* (1882)», em: Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia / Chrystello, Chrys (eds.) (2017): *Atas 28.º Colóquio da Lusofonia, Ano 2017 Vila do Porto, Ilha de Santa Maria, Açores*, CD-ROM (ISBN 978-989-8607-10-2), pasta 'CD', ficheiro 'atas.pdf', págs. 420-451.

Kemmler, Rolf (2019): «São Miguel e os seus habitantes em *A Summer Trip to the Island of St. Michael, The Azores* (1877) de Rupert Swindells (1835-1908)», em: Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia / Chrystello, Chrys (eds.) (2019): *Atas 32.º Colóquio da Lusofonia Graciosa 2-6.º outubro 2019*, em: <https://www.lusofonias.net/arquivos/425/Atas-dos-Coloquios/1201/ATAS-2019-GRACIOSA.pdf>, págs. 144-148.

[Meginness, John Franklin] (1903): *Biographical annals of Lancaster County, Pennsylvania: containing Biographical and Genealogical Sketches of Prominent and Representative Citizens and of Many of the Early Settlers, Illustrated*, [Chicago]: J. H. Beers & Co.

Smedley, R[obert] C[lemens] (1883): *History of the Underground Railroad in Chester and the Neighboring Counties of Pennsylvania*, Edition by Robert Purvis and Marianna Gibbons, Lancaster: Printed at the Office of the Journal.

Twain, Mark ('1869): *The Innocents abroad: or The New Pilgrims' Progress, being some account of the steamship Quaker City's pleasure excursion to Europe and the Holy Land, with descriptions of countries, nations, incidents and adventures, as they appeared to the author*, With two hundred and thirty four illustrations, By Mark Twain (Samuel L. Clemens), Hartford; Newark; Toledo; Chicago; Cincinnati; St. Louis; San Francisco: American Publishing Company; Bliss & Co.; R. W. Bliss & Co.; F. G. Gilman & Co.; Nettleton & Co.; F. A. Hutchinson & Co.; H. H. Bancroft and Company.

Wilson, James Grant / Fiske, John (1892, II): *Appletons' Cyclopedia of American Biography: Volume 2, Crane-Grimshaw*, New York, D. Appleton and Company.



## 5. TRABALHOS FINAIS 34º COLÓQUIO

10. **CHRYSTELLO. AGLP, AJA/MEEA, UTS SYDNEY, NAATI CAMBERRA, AUSTRÁLIA.**

APRESENTA UM ARQUIPÉLAGO PRENHE DE VOZES. SEM ILHAS NÃO HÁ VOZES.

Um excerto de dois novos livros *CHRÓNICAÇORES* que a pandemia atrasou J. Chrys Chrystello (AICL e AGLP)

Uma viagem pessoal à escrita açoriana e seu entorno socioeconómico e político com uma digressão pelo trabalho dos Colóquios da Lusofonia

A ilha para **Natália Correia** é *Mãe-Ilha*, para **Cristóvão de Aguiar** é *Marilha*, para **Daniel de Sá** é *Ilha-Mãe*, para mim nem mãe, nem madrastra, nem Marilha mas *Ilha-Filha*, que nunca enteada.

Para amar sem tocar, ver medrar nas dores da adolescência que são sempre partos difíceis. Toda a vida fui ilhéu, perdi sotaques mas não malbaratei as ilhas-filhas.

Trago-as a reboque, colar multifacetado de vivências de mundos e culturas distantes.

Primeiro em Portugal, insignificante ilhota perdida da Europa durante o Estado Novo, seguido de um capítulo naufragado da História Trágico-marítima, nas ilhas de Timor, de Bali e na [(pen)ínsula de] Macau (então fechada da China nas Portas do Cerco), antes de arribar à vasta ilha-continente da Austrália, criando raízes em Bragança, ilha esquecida do nordeste transmuntano e por fim nestas nove filhas de Zeus.

Não trago a reboque este arquipélago, mas deixar a ilha é sempre uma partida sem regresso marcado, como quem faz um luto indesejado ao correr dos dias. Não levo comigo a dor nem a lágrima furtiva, apenas acalento o perene desejo de regresso numa noite de luar como o de ontem.

Para sentir melhor estas ilhas, terei de inventar como sair delas mais vezes, sem nunca as deixar para trás, e retornar de amor acrescido.

Se houver estrelas no céu quero que sejam as minhas, gargantilha de pérolas para afagar pescoços arquipelágicos.

11. **CONCEIÇÃO MEDEIROS, NOVAS ROTAS, EBI CAPELAS, AÇORES**“*Novas Rotas: Um projeto de Inovação pedagógica*”, Conceição Medeiros (EBI das Capelas)

Tema: Educação 2

**Introdução**

Com esta comunicação, dá-se a conhecer o projeto de inovação pedagógica Novas Rotas, da EBI de Capelas, que começou a ser implementado no ano letivo de 2018-2019. Em primeiro lugar, apresentamos sucintamente a sua matriz teórica, seguindo-se as suas finalidades e objetivos; população-alvo; modo de organização e funcionamento; gestão interna e programa de visitas. Por fim, partilhamos um pequeno balanço sobre os três primeiros anos de implementação e tecemos algumas considerações finais.

**1. Matriz Teórica**

O projeto de inovação pedagógica Novas Rotas, que se constitui como núcleo escolar da EBI de Capelas, S. Miguel, Açores, é regulado pelo Decreto Legislativo Regional nº 7/2006/A. Este núcleo, cuja génese se reporta a 2010, foi aprovado pela Direção Regional da Educação no dia 3 de agosto e começou a ser implementado na Quinta do Norte, no edifício da Fábrica das Artes, da Associação Norte Crescente, Vila das Capelas, a 14 de setembro de 2018. O projeto assenta nos pressupostos teóricos da Educação Holística, proposta pela Aliança Global pela Educação Transformadora (GATE, 1991); da Lei de Bases do Sistema Educativo; do Currículo Regional (Creb) e das Ciências da Educação em geral. Para além disto, inspira-se nos princípios matriciais e lógica organizativa do Projeto Educativo da Escola da Ponte, em São Tomé de Negrelos, Distrito do Porto, que existe com sucesso reconhecido desde 1976<sup>18</sup>, e nos pressupostos dos Projetos: “Sementes para o Sucesso”<sup>19</sup> e “Âncora”<sup>20</sup>.

**2. Finalidades/Objetivos**

Tendo subjacente a matriz teórica referida, as finalidades e objetivos essenciais deste projeto são:

- . Desenvolver as crianças enquanto um todo, de acordo com a Educação Holística (Nascimento & Sousa, 2014; GATE, 1991), integrando a sua natureza multidimensional, nas vertentes emocionais e psicológicas, físicas e espirituais, intuitivas e criativas, racionais e lógicas (Öven, 2015; Gardner, 2010; Goleman, 2003, 1996);
- . Formar cidadãos que se pautem por valores, que sejam mais responsáveis, autónomos, críticos, solidários e competentes (capazes de mobilizarem recursos na resolução de problemas), em consonância com o perfil definido para os alunos do séc. XXI (2017).
- . Criar uma verdadeira comunidade de aprendizagem (todos aprendem com todos), num contexto de educação inclusiva, promovendo um maior envolvimento dos pais no projeto educativo dos filhos e aumentando a cooperação escola-família (Lima, 2002a);
- . Implementar um modelo organizacional alternativo ao da escola convencional, que favoreça o desenvolvimento da cidadania democrática, ativamente participada em estruturas de cooperação educativa, e promova o sucesso académico.
- . Criar uma solução orgânica que permita promover nos diversos contextos em que decorrem os processos formativos uma solidariedade ativa e uma participação responsável entre os diferentes agentes educativos, entre estes e as crianças e entre estas entre si;
- . Assegurar o acompanhamento permanente e individualizado do percurso curricular de cada aluno e a sua avaliação contínua, através do processo de tutoria (Pacheco, 2012);

<sup>18</sup> Esta escola tem sido alvo de várias avaliações externas que apontam no reconhecimento da especificidade, da coerência e da sustentabilidade das práticas educativas e da organização pedagógica da Escola. Uma destas avaliações foi levada a cabo pela Universidade de Coimbra, em 2003.

<sup>19</sup> “Sementes para o Sucesso” é o embrião de Novas Rotas. É, tal como este, um projeto de inovação pedagógica que foi apresentado à Escola Básica Integrada 2/3 de Ginetes, no ano letivo de 2012/2013. Foi sancionado cientificamente por dois Professores Doutores das Ciências da Educação da Universidade dos Açores e apresentado ao Senhor Secretário da Educação da altura, Duarte Fagundes, que reconheceu o seu valor e pertinência. No entanto, este projeto não chegou a ser implementado, porque o Conselho Pedagógico desta Escola não o aprovou.

<sup>20</sup> Projeto “Âncora” é um projeto fundado em 1995 por Walter Steurer, que, em 2012, alcançou o sonho do seu fundador: tornou-se uma escola alternativa às tradicionais que segue uma inovadora filosofia educacional. Este projeto é orientado no Brasil por José Pacheco, fundador da Escola da Ponte.

## Anuário 2021 Belmonte e PDL

- . Incrementar o trabalho cooperativo e de projeto entre os alunos e desenvolver os dispositivos pedagógicos necessários à sua participação ativa na gestão democrática da escola e na tomada de decisões que respeitem à organização e funcionamento desta (Niza, 2007, 2000, 1998);
- . Criar grupos de responsabilidades onde as crianças, assessoradas pelos seus orientadores educativos, possam assegurar o bom funcionamento dos espaços de trabalho e de lazer e garantir a eficácia das suas diferentes formas de intervenção na vida da escola e da comunidade onde se inserem.

### 3. População-alvo/ distribuição dos alunos

A população-alvo deste projeto são crianças dos 3 aos 12 anos (Pré-Escolar e 1º e 2º ciclos do ensino básico). Neste ano letivo de 2020-2021, frequentaram o projeto 50 crianças: 25 da educação pré-escolar; 13 do núcleo de iniciação (1º e 2º anos) e 12 do núcleo de autonomia (3º, 4º 5º e 6º anos).

### 4. Organização e Modo de Funcionamento

Nesta escola, as crianças estão divididas nos núcleos do projeto (Pré, Iniciação e Autonomia<sup>21</sup>) e aprendem em grupos heterogéneos (em vez de divididas em turmas e anos de escolaridade) em que as diferenças são valorizadas e todos aprendem com todos, ao seu ritmo e de acordo com os seus interesses, necessidades, desejos e idiosincrasias.

Das 9:00 às 15:30<sup>22</sup>, desenvolvem-se as atividades letivas e, a partir desta hora, sempre que possível, há atividades de enriquecimento curricular para todas as crianças. Estas atividades são orientadas pela equipa pedagógica e desenvolvidas pelos pais, por voluntários e por entidades públicas com as quais existem protocolos de cooperação.

Às 8:00, as crianças que chegam mais cedo são acolhidas por uma educadora<sup>23</sup> e às 8:30, há sempre a presença de um tutor que ajuda a acolher as restantes crianças que vão chegando e circulando livremente pelos espaços.

Às 9:00, iniciam-se as atividades letivas. Durante o tempo destinado ao lanche da manhã, recreio e almoço, os tutores procuram estar presentes para monitorizarem as relações interpessoais e intencionalizarem pedagogicamente as situações que ocorrem.

Na educação pré-escolar, o dia inicia-se com o acolhimento no tapete, com a roda onde se começam as rotinas diárias, se conversa sobre os trabalhos a fazer e se partilham ideias, sugestões ou histórias com os colegas. Depois, desenvolvem-se os trabalhos em projeto ou autónomos nas diferentes áreas da sala. No final da manhã, há o momento da socialização, em que algumas crianças comunicam aos seus pares o que estiveram a fazer nas diferentes áreas de interesse, ou trabalhos de projeto que terminaram. Na parte de tarde, há sempre a hora do conto onde se ouvem histórias com recurso a diferentes formas (livros, fantoches, sombras, PowerPoint...) e uma atividade coletiva por dia, que pode ser de música, jogo dramático, escrita coletiva, jogo exploração/matemática. À 6ª feira à tarde, faz-se a reunião de Conselho de Cooperação Educativa, um espaço de convivência democrática, onde se lê o Diário de Grupo, se avaliam as atividades propostas para a semana e se planifica a semana seguinte.

No núcleo da iniciação, as atividades têm início na roda reflexiva, juntamente com o núcleo da autonomia<sup>24</sup>. Aqui canta-se, faz-se um pouco de ioga (saudação ao sol), usa-se o dispositivo “Ler, Mostrar e Comunicar”, a dinâmica de concentração (com a taça tibetana) e debate/reflexão sobre temas específicos. Quinzenalmente, à 6ª feira, no Conselho de Cooperação Educativa (conselho gerido pelos alunos, onde os tutores não têm direito de voto), analisam-se os dispositivos pedagógicos de gestão emocional; tomam-se decisões relativas à gestão democrática da escola; ao plano anual de atividades (PAA) e dá-se conta do trabalho dos diferentes grupos de responsabilidade (GR) que todos os anos podem variar, conforme as necessidades que as crianças sentem para que a escola seja um lugar de bem-estar para todos. Durante este último ano letivo, funcionaram os GR dos Espaços Exteriores; Datas e Eventos; Comissão de Ajuda; Refeitório/Eco-Escola e Mesa do Conselho.

Às 9:30, os alunos elaboram em coletivo o Plano do Dia e, depois, seguem-no, com o apoio/orientação dos tutores.

Há três tardes na semana (2ª, 3ª e 5ª feiras) destinadas ao Plano Individual de Trabalho (PIT) de cada um. Nestes dias, as crianças trabalham as áreas que desejam e as que necessitam de desenvolver mais, de forma o mais autonomamente possível, utilizando os recursos disponíveis nos espaços. Nos restantes dias, desenvolvem as atividades em coletivo, consoante o horário do núcleo de iniciação.

Todas as crianças, individualmente, ou a pares, fazem pequenas pesquisas sobre os temas do seu interesse que comunicam no espaço das partilhas (socialização do conhecimento), à 6ª feira. No final do dia, é feita a avaliação da execução do plano diário.

Cada criança também faz parte de um grupo de alunos internúcleos (pré, iniciação e autonomia) que desenvolvem as atividades estabelecidas nos grupos de responsabilidades e nos projetos de intervenção comunitária ou consciência planetária.

O objetivo essencial deste núcleo é a alfabetização que se baseia em diferentes métodos, de forma a proporcionar a todos, simultaneamente, estratégias de processamento da leitura *bottom-up* (de decifração, que são mais analíticas) e *top-down* (de compreensão, mais globais).

Todas as crianças vão aprendendo ao seu ritmo e, mensalmente, é feita a avaliação das aprendizagens realizadas por cada uma. Esta avaliação qualitativa é partilhada com os pais.

No núcleo da autonomia, o dia inicia-se na roda reflexiva, juntamente com o núcleo da iniciação<sup>25</sup> na qual se desenvolvem as atividades elencadas acima. Como se trata de crianças com mais maturidade e com uma maior capacidade de atenção, às vezes, permanecem na roda um pouco mais de tempo do que os seus pares da iniciação para debaterem mais aprofundadamente determinados assuntos.

Depois da roda, os alunos começam a executar o plano do dia, elaborado na véspera, o mais autonomamente possível e com a orientação dos tutores disponíveis para o efeito.

O plano do dia inclui atividades de desenvolvimento curricular em trabalho partilhado em grupo (oficinas, tutoria, momentos de especialista, projetos) e trabalho autónomo, operacionalizado, através dos roteiros de estudo, de acordo com o horário do núcleo da autonomia.

<sup>21</sup> Logo que haja espaço disponível, começará a ser incluído o núcleo de Aprofundamento (7º, 8º e 9º anos de escolaridade).

<sup>22</sup> Este horário corresponde aos núcleos da Iniciação e Autonomia. O Núcleo da educação Pré-escolar termina às 15h

<sup>23</sup> Neste projeto, as assistentes operacionais são designadas de educadoras para enfatizar o papel que desempenham na educação das crianças. Para tal, recebem formação na filosofia do projeto e, este ano, estiveram a participar num programa de formação sobre Educação Consciente.

<sup>24</sup> Durante a fase pandémica, esta roda reflexiva deixou de integrar os 2 núcleos em simultâneo, passando a ser realizada no âmbito de cada Núcleo e só em determinados dias da semana.

<sup>25</sup> Como já se referiu anteriormente, durante a fase pandémica, esta roda reflexiva deixou de integrar os 2 núcleos em simultâneo, passando a ser realizada no âmbito de cada Núcleo.



## Anuário 2021 Belmonte e PDL

Neste núcleo, as crianças aprendem através de vários dispositivos pedagógicos, nomeadamente, rodas reflexivas; roteiros de estudo, grupos de responsabilidades, projetos de vida, de intervenção comunitária/consciência planetária e académicos nos quais se integram as diferentes áreas do saber. Alguns destes projetos, para além da orientação dos orientadores pedagógicos, são, por vezes, também apoiados por educadores da bolsa de voluntariado.

Quando há dúvidas / necessidades específicas, as crianças assinalam o respetivo nome no dispositivo pedagógico “Preciso de Ajuda” e inscrevem-se para terem uma aula direta ou consulta com o especialista, conforme os casos. No final do dia, cada criança faz a avaliação do seu PIT.

Todas as crianças vão aprendendo ao seu ritmo, de acordo com os seus interesses / desejos / motivações e necessidades e, sensivelmente de 15 em 15 dias (de acordo com o tempo que cada criança leva para desenvolver o seu roteiro), é feita a avaliação dos roteiros de estudo que incluem as aprendizagens essenciais realizadas. Esta avaliação, efetuada por cada aluno e pelo respetivo tutor, é partilhada com os pais.

### 5. Gestão Interna do Projeto

A gestão interna deste projeto é feita através de dois órgãos: Conselho da Comunidade de Aprendizagem e Conselho de Projeto e Coordenação Pedagógica.

O Conselho da Comunidade de Aprendizagem (CCA) é constituído por todos os pais, tutores e educadores, reúne ordinariamente todos os meses e toma decisões relativas ao PAA, logística das instalações e modo de funcionamento.

O Conselho de Projeto e Coordenação Pedagógica, constituído pela coordenadora do projeto e por todos os tutores, reúne uma vez por semana e é responsável pela gestão pedagógica.

Ainda há, a nível da gestão/articulação curricular, outro órgão, o Conselho de Núcleo, constituído pelos tutores de cada Núcleo, que reúne uma vez por semana e, sempre que necessário, ao final do dia.

### 6. Programa de Visitas

Desde que se iniciou o projeto até ao final do ano letivo anterior<sup>26</sup>, visitaram-no formalmente várias dezenas de pessoas, constando entre elas o Secretário Regional da Educação (Avelino Meneses); o Diretor Regional da Educação (Rodrigo Reis); a presidente do Conselho Nacional da Educação (Emília Brederode Santos) e a sua equipa; alguns deputados do partido socialista; uma doutoranda espanhola; várias alunas do curso de Educação Pré-Escolar e Ensino Básico e dos Mestrados em Educação e Filosofia para Crianças da UAÇ; professores de várias escolas; assistentes sociais e as responsáveis (Rita Alves e Ivete Azevedo) pelo programa apoiado pela Gulbenkian “Projeto Torrance Center Portugal” e Movimento “Por uma Escola Diferente”.

Neste programa de visitas formais, o projeto é apresentado pelas crianças que pertencem ao grupo de responsabilidade “Visitas”.

A nível de visitas informais, cujos interessados se inscrevem no blogue de Novas Rotas (<https://novasrotasblog.wordpress.com>) para o efeito, visitaram o projeto vários pais interessados em matricular os filhos neste projeto e muitos voluntários interessados em integrar a bolsa de voluntariado.

### 7. Balanço sobre os três anos de implementação do projeto

Durante estes três primeiros anos de implementação, as finalidades e os principais objetivos do projeto foram atingidos. Com efeito, neste momento, de acordo com a reflexão interna (feita pela equipa pedagógica, pais e crianças) e com os pareceres da equipa de acompanhamento do projeto da Direção Regional da Educação (DRE), podemos afirmar que conseguimos criar uma verdadeira comunidade de aprendizagem, onde todos aprendem com todos e se ajudam mutuamente para alcançarem os objetivos do coletivo.

Para além disto, verifica-se o envolvimento ativo dos pais no projeto educativo dos filhos, no PAA e na gestão logística da escola e está garantida uma lógica organizativa e modelo de ensino que permitem que todas as crianças aprendam e se desenvolvam de forma holística, ao seu ritmo individual, ao mesmo tempo que se valorizam as suas diferenças, se respeitam as limitações de cada um e se potenciam as áreas fortes individuais.

Nos relatórios produzidos pela Comissão de Acompanhamento do desenvolvimento do projeto da DRE, ao longo destes três anos de implementação, afirma-se que:

*“... A concretização do projeto NR [correspondeu] aos pressupostos que levaram à autorização do seu funcionamento (...). Concluímos que, tal como se previa, a implementação, no âmbito de uma escola pública, de um projeto de inovação pedagógica desta natureza pode trazer importantes contributos para enriquecer de diversidade as práticas de outras escolas. Todos os sistemas educativos respiram melhor quando contam com docentes e gestores que abraçam a audácia e desconstroem o que parece rígido com o objetivo de oferecer experiências educativas mais ricas e desafiantes aos alunos. Não se pode ter pressa na obtenção de resultados no sentido sempre reduzido da dimensão externa da avaliação, quando os fundamentos do NR vão muito além disso, focando-se no projeto educativo e no percurso de crescimento humano de cada criança e jovem, com as áreas de competência do PA sempre presentes e orientadoras do rumo a seguir. Obviamente que a qualidade das aprendizagens não é descuidada, muito pelo contrário, está sempre no foco da ação de docentes e discentes, pois o currículo é explicitado e trabalhado, respeitando-se o ritmo de cada um, mas sem esquecer os conhecimentos, capacidades e atitudes que têm de estar adquiridos e desenvolvidas até ao fim de cada ciclo do ensino básico...”* (Relatório 1, pág. 17 e 18). *“...O reconhecimento da qualidade do trabalho desenvolvido na comunidade de aprendizagem do NR é feito, também, pelas várias distinções que têm recebido: o galardão da Eco-Escola; o galardão da Escola Gentil; o galardão da Escola Amiga das Crianças; o galardão da Separação de Resíduos Sólidos; o selo da Cartilha de Sustentabilidade dos Açores (...) o certificado de alimentação saudável e sustentável (Eco-Escolas) na sequência de um projeto desenvolvido por uma aluna durante o período de E@D. Concluímos que, tal como se previa, a implementação, no âmbito de uma escola pública, de um projeto de inovação pedagógica desta natureza pode trazer importantes contributos para enriquecer de diversidade as práticas de outras escolas, incluindo a EBI de Capelas que acolheu o NR.”* (Relatório 2, pág. 13, 14).

Até à data (como é compreensível, pois este texto teve de ser escrito com a devida antecedência para poder ser incluído nas atas deste Encontro) ainda não foi produzido o relatório do 3º ano de implementação, mas tudo leva a crer, pelas apreciações recolhidas ao longo dos encontros de trabalho durante o ano letivo que a avaliação continuará a ser positiva e no sentido de desafiar mais professores, educadores e gestores para a criação de outros núcleos de projetos de inovação pedagógica similares.

---

<sup>26</sup> Infelizmente, este ano letivo de 2020-2021 este programa foi suspenso, devido à Covid 19.

## 8. Considerações Finais

Abraçar um projeto de inovação pedagógica, no sistema educativo regional público, é sempre um desafio, que exige visão, coragem, empenhamento, espírito de sacrifício, resiliência e muita disponibilidade interior e flexibilidade para ir ajustando a matriz teórica às exigências da reconfiguração constante das práticas educativas dos seus intervenientes.

Implica, igualmente, ter o suporte necessário dos decisores políticos e dos conselhos executivos e conselhos pedagógicos das unidades orgânicas.

No caso de Novas Rotas, tudo isto se congregou, durante um longo caminho que teve de ser percorrido, desde a sua conceção, à autorização e consequente implementação. Tratando-se de um projeto que centra a sua prática na Educação Holística e Aprendizagem por Projetos; na criação de uma Comunidade de Aprendizagem e num Modelo Organizacional alternativo ao da escola convencional, as dificuldades para o implementar foram exponenciais. Com efeito, durante quase uma década, foi necessário começar por sensibilizar a sociedade em geral, através de uma petição pública que chegou ao parlamento regional; apresentar o projeto a várias escolas da ilha de S. Miguel, mobilizar professores e pais e reunir com os decisores políticos, a par da formação constante da equipa pedagógica que foi aderindo ao projeto<sup>27</sup>. Depois de toda a sensibilização e várias iniciativas para informar os interessados sobre a natureza do projeto, o Conselho Pedagógico e a Assembleia da Escola EBI de Capelas aceitaram o repto de criar um núcleo com o projeto e a DRE autorizou a sua implementação.

Muitas foram as dificuldades que se colocaram ao longo dos três anos de desenvolvimento do projeto (a nível de espaços físicos, recursos materiais e humanos, operacionalização dos dispositivos pedagógicos e matriz axiológica do projeto), mas a coragem, resiliência, empenhamento, criatividade e espírito de missão da Comunidade de Aprendizagem Novas Rotas contribuíram para se encontrarem as soluções mais adequadas para as superar. Olhando para trás, concluímos que valeu a pena todo o esforço. Estamos a caminhar rumo à escola com que um dia sonhamos e temos a consciência de que vamos continuar a prosseguir com o rota traçada, para que, por um lado, as crianças se desenvolvam integralmente e sintam prazer em aprender; por outro, que os pais, tutores, educadores e voluntários continuem a crescer enquanto comunidade de aprendizagem, unida pelos valores e pressupostos teóricos que definiram. A nossa visão de Novas Rotas para o futuro passa por conseguirmos concretizar o projeto já elaborado de um edifício ecológico, totalmente autossustentável energeticamente, construído com materiais amigos do ambiente e com telhados verdes. Uma edificação a construir com a colaboração das crianças (que, neste momento, já estão a pensar desenvolver pesquisas sobre uma construção civil mais sustentável), pais, voluntários de várias partes do mundo e com o apoio da Câmara Municipal de Ponta Delgada e Governo Regional. Um edifício modular, com áreas abertas, para que o modelo pedagógico do projeto seja mais fácil de implementar, e com mais espaço para que seja possível funcionar o Núcleo de Aprofundamento (7º, 8º e 9º anos de escolaridade).

## 9. Bibliografia

Ainscow, M. (1999). Understanding the development of inclusive schools. London: Falmer Press.

Alves, R. (2001). A escola que sempre sonhei. São Paulo: Papirus.

Araújo, D. (1999). “Encontro entre margens - Um olhar sobre uma escola na sua relação com a comunidade” in Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação na especialidade de educação e diversidade cultural. Porto: FPCE –UP.

Araújo, J. (2008). Voluntariado. S. Paulo: Cortez.

Ausubel, D. (2012). Psicologia Educacional. Rio de Janeiro: Interamericana.

Benavente, A. et al (1992). Do outro lado da escola. Lisboa: editorial Teorema.

Bourdieu, P. (1970). La reproduction. Paris: Minuit.

Canário, R. (1991). Mudar as escolas. Inovação, 4(1).

Conselho Nacional da Educação (2019). Estado da Educação 2018. <https://www.cnedu.pt/pt/noticias/cne/1496-estado-da-educacao-2018> (acedido a 20/03/2021).

Decreto Legislativo Regional n.º 21/2010/A de 24 de junho e Decreto Legislativo Regional n.º 17/2011/A de 2 de agosto - CREB, Referencial Curricular para a Educação Básica na Região Autónoma dos Açores. Direção Regional da Educação e Formação.

Delors et al. (1996). Educação um tesouro a descobrir. Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o séc. XXI. S. Paulo: Cortez.

Despacho n.º 9311/2016, de 21 de julho – Perfil dos Alunos para o Século XXI.

Escamilla, A. (2008). Las competencias básicas: Claves y propuestas para su desarrollo en los centros. Barcelona: Graó.

European Commission (2007). Key competencies for lifelong learning: European reference framework. Luxembourg: Office for Official Publications of the European Communities.

Fillizat, I. (1997). A inteligência do coração: Rudimentos da gramática emocional. Lisboa: Editora Pergaminho.

Foucault, M. (1970). Vigiar e Punir. Petrópolis: Ed. Vozes.

Freire, L.G.L. (2009). Autorregulação da aprendizagem. Ciências & Cognição, 14(2), 276-286.

Freire, P. (1994) (17ª Edição). Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Freire, P. (1997). Pedagogia da Esperança. S. Paulo: Paz e Terra.

Freire, P. (2000). Pedagogia da Indignação. S. Paulo: Paz e Terra.

Freire, P. (2002). Pedagogia de la Autonomia – Saberes necesarios para la práctica educativa. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores.

Freire, P. (2002). Pedagogia da Autonomia. Coletivo Sabotagem (acessível online) [www. Sabotagem .revolt.org](http://www.sabotagem.revolt.org) ).

Fullan, M. & Hargreaves, A. (2001). Por que vale a pena lutar? O trabalho de equipa na escola. Porto: Porto Editora.

Gardner, H. (2010). Frames of Mind: the Theory of Multiple Intelligences. McGraw-Hill: N.Y.

GATE (Global Alliance for Transforming Education )(1991). Education 2000: a Holistic Perspective. [on line], disponível a 23/07/2019, em: <https://www.ties-edu.org/wp-content/uploads/2017/09/Education2000en.pdf>

Goleman, D. (2003). Inteligência Emocional. Lisboa: temas & Debates.

Goleman, D. (1996). Inteligência Emocional: A Teoria Revolucionária que Redefine o que é Ser Inteligente. Rio de Janeiro: Objetiva.

González, P. F. (2002). O Movimento da Escola Moderna. Porto Editora: Porto.

Gottman, J. & Declaire, J. (2000). A Inteligência Emocional na Educação. Cascais: Pergaminho.

Habermas, J. (2012). Teoria do agir comunicativo. São Paulo: Martins Fontes.

Hargreaves, A. (1998). Os Professores em Tempos de Mudança: O Trabalho e a Cultura dos Professores na Idade Pós-Moderna. Alfragide: McGraw-Hill de Portugal. Lda.

Kilpatrick, W. (1993). The educational frontier. New York: The century Co.

Lanz, R. (1990). A Pedagogia Waldorf. S. Paulo: Editora Antroposófica.

Lima, J. Á. (Org.) (2002a). Pais & professores, um desafio à cooperação. Porto: Asa.

Lima, J. Á. (2002b). As culturas colaborativas nas escolas: Estruturas, processos e conteúdos. Porto: Porto Editora.

Lima, J. Á. (2008). Em busca da boa escola: Instituições eficazes e sucesso educativo. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.

Lima, L. (1967). Escola da Comunidade. Petrópolis: Vozes.

Lima, L. (1974). Escola no futuro. Rio de Janeiro: José Olympio.

Lopes, J. & Silva, H. S. (2010). O professor faz a diferença. Lidel – Edições técnicas Lda: Porto.

Nascimento, G. S. & Sousa, M. E. S. (2014). Uma visão holística da educação: da fragmentação à totalidade. Interletras, vol. 3, edição 19, abril/setembro. [on line], disponível a 25/07/2019, em: [http://www.unigran.br/interletras/ed\\_anteriores/n19/conteudo/artigos/19.pdf](http://www.unigran.br/interletras/ed_anteriores/n19/conteudo/artigos/19.pdf)

Niza, S. (2007). “A cooperação educativa na diferenciação do trabalho de aprendizagem” in Escola moderna, nº 30, 5ª série (pp. 38-44).

Niza, S. (2000). “As práticas pedagógicas contra a exclusão social escolar no movimento da escola moderna” in Escola Moderna, nº 9, 5ª série (pp. 39-45).

Niza, S. (1998). A organização social do trabalho de aprendizagem no 1º CEB. Inovação, vol. 11, nº 1 Lisboa: IIE.

Öven, M. (2015). Educar com Mindfulness. Porto: Porto Editora.

Pacheco, J. (2012). A Avaliação da Aprendizagem na Escola da Ponte. Belo Horizonte, WAK.

<sup>27</sup> Esta equipa, que se foi alterando ao longo dos anos, apostou desde sempre na sua autoformação cooperada, através do Movimento da Escola Moderna, Rede da Educação Viva, ações de formação nas áreas consideradas prioritárias para o desenvolvimento de um projeto desta natureza e visitas à escola da Ponte, projeto ERA e estágio no Projeto Âncora.

Pacheco, J. (2013). Dicionário dos Valores em Educação. Porto Alegre, Edições SM.  
 Pacheco, J. (2014). Aprender em Comunidade. Edições SM. São Paulo.  
 Pacheco, J. (2018). Um Compromisso Ético. Lisboa: Mahatma.  
 Pacheco, J. (2018). Reconfigurar a Escola. S. Paulo: Cortez.  
 Pacheco, J. (2019). Inovação Educacional: Obstáculos e Possibilidades. Lisboa: Mahatma.  
 Perrenoud, P. (2008). Diez nuevas competencias para enseñar. Editorial Graó. Barcelona.  
 Rief, S. F. & Heimburge, J. A. (2000). Como ensinar todos os alunos na sala inclusiva: Estratégias prontas a usar, lições e actividades concebidas para ensinar alunos com necessidades de aprendizagem diversas. Porto: Porto Editora.  
 Roldão, M. C. (2003). Diferenciação curricular revisitada: Conceito, discurso e práxis. Porto: Porto Editora.  
 Siegel, J. & Bryson, T. P. (2018). O Cérebro da Criança: 12 Estratégias revolucionárias para treinar o cérebro em desenvolvimento do seu filho. Alfragide: Casa das Letras.  
 Tomlinson, C. A. (2008). Diferenciação Pedagógica e Diversidade: Ensino de alunos em turmas com diferentes níveis de capacidades. Porto: Porto Editora.  
 Vasconcelos, T. (Coord.) (2011). Trabalho por Projetos na Educação de Infância: Mapear Aprendizagens e Integrar metodologias. Ministério da Educação – Direção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular.

## 12. FÉLIX RODRIGUES, CIENTISTA, UNIV DOS AÇORES ~ CONVIDADO ESPECIAL

[HTTP://EXPRESSO.SAPO.PT/MISTERIOSAS-DESCOBERTAS-ARQUEOLOGICAS-NOS-ACORES=F812970#IXZZ2VLEXOPHJ](http://EXPRESSO.SAPO.PT/MISTERIOSAS-DESCOBERTAS-ARQUEOLOGICAS-NOS-ACORES=F812970#IXZZ2VLEXOPHJ) [HTTP://EXPRESSO.SAPO.PT/AS-MISTERIOSAS-DESCOBERTAS-ARQUEOLOGICAS-NOS-ACORES=F812970#IXZZ2VJM9HXZW](http://EXPRESSO.SAPO.PT/AS-MISTERIOSAS-DESCOBERTAS-ARQUEOLOGICAS-NOS-ACORES=F812970#IXZZ2VJM9HXZW)  
[HTTPS://EXPRESSO.PT/SOCIEDADE/2018-09-01-ESTUDO-REVELA-QUE-OS-ACORES-JA-ERAM-HABITADOS-HA-1000-ANOS#GS.7USYZKG](https://EXPRESSO.PT/SOCIEDADE/2018-09-01-ESTUDO-REVELA-QUE-OS-ACORES-JA-ERAM-HABITADOS-HA-1000-ANOS#GS.7USYZKG)  
[HTTPS://WWW.VORTEXMAG.NET/8-PROVAS-DE-QUE-OS-ACORES-JA-ERAM-HABITADOS-ANTES-DA-CHEGADA-DOS-PORTUGUESES/](https://WWW.VORTEXMAG.NET/8-PROVAS-DE-QUE-OS-ACORES-JA-ERAM-HABITADOS-ANTES-DA-CHEGADA-DOS-PORTUGUESES/)

### APRESENTA SERIA POSSÍVEL REALIZAR GRANDES VIAGENS NO ATLÂNTICO ANTES DOS PORTUGUESES? FÉLIX RODRIGUES

Nos últimos tempos, a descoberta de um conjunto de estruturas de arquitetura singular, no contexto da arquitetura vernacular secular das ilhas açorianas, na qual não se encaixam, têm levantado um conjunto de reações na comunidade académica e científica nacional e internacional.

Algumas dessas reações centram-se no campo das opiniões pessoais, e outras, em tentativas de esclarecer e apurar cronologias e funcionalidades dessas estruturas.

Independentemente das opiniões ou das cronologias já cimentadas (presença humana no arquipélago há mais de 1000 anos), tais descobertas levantam outras questões que necessitam resposta, como por exemplo: Seria possível viajar no Atlântico em tempos muito remotos?

Na ausência de restos de barcos, que ainda não foram pesquisados, o que parece à partida corroborar essa possibilidade é a existência nas ilhas de petróglifos de barcos, de âncoras de pedra de tipologias muito arcaicas e de objetos de terracota que funcionam como astrolábios.

Nesta comunicação apresentar-se-ão alguns dos últimos resultados da investigação em torno desta temática.

[PIAS EM ROCHAS LÁVICAS DO PORTO SANTO \(MADEIRA\) \(FOTOGRAFIA DE DAVID FRANCISCO\), ILHA TERCEIRA \(FOTOGRAFIA DE FÉLIX RODRIGUES\) E DA ILHA DE SÃO MIGUEL \(FOTOGRAFIA DE RAFAEL FRAGA\). A ÚLTIMA FOTO INEXPLICADA É DO PAUL DA SERRA NA MADEIRA](#)

## 13. (MARIA) HELENA FERREIRA DA COSTA SIMÕES CHRYSTELLO, EB 2,3 MAIA & VICE-PRESIDENTE DA AICL HELENA.CHRYSTELLO@EBIMAIA.NET

### APRESENTA A OUTRA ESCOLA – O PROCESSO DE MUDANÇA - HELENA CHRYSTELLO

A língua é o principal meio disponível para indivíduos envolvidos numa interação, e a aprendizagem humana e o desenvolvimento estão inerentemente imbuídos nas relações sociais (Sanford, 1996) citado por Lantolf, J. (2001). A linguagem é vital para a transição duma atividade interpsicológica para uma intrapsicológica. Seguindo este raciocínio a função da fala começa por ser interpessoal evoluindo para uma função egocêntrica intrapessoal e cognitiva. A criança inicia a sua aprendizagem através das atividades em que a sociedade colocou algum valor (trabalho, atividades lúdicas, educação, literacia). Socioculturalmente, a criança é confrontada com um ambiente recheado de tarefas e exigências que requerem desta a utilização da linguagem como instrumento, enquanto ela se mantém dependente dos adultos que a rodeiam para saber como fazer, o que fazer e não fazer.

Dado que não podemos negar a nossa existência dialógica parece óbvio que uma das razões para que os alunos falhem na escola seja a falta duma pedagogia dialógica. Segundo Freire, o desenvolvimento humano baseia-se numa certa qualidade de consciencialização da nossa temporalidade, o nosso lugar na história e a nossa realidade como passível de transformação através duma ação colaborativa com os outros. A isto chama-se consciência crítica. O diálogo para Freire é em si mesmo criativo e re-criativo. Isto não se pode explicar pela mera dimensão individual por se tratar dum acontecimento em que o saber é um acontecimento social com uma dimensão individual. A vantagem da pedagogia dialógica de Freire na educação é a de não entender os estudantes como indivíduos de mente rasa prontos para aprender. Os alunos e os professores penetram numa dimensão crítica e criativa durante o processo de aprendizagem ligados às suas próprias experiências existenciais e ao seu passado cultural. Desta forma, apercebem-se criticamente das suas realidades e criam um conhecimento dentro do próprio diálogo. É esta perspetiva epistemológica dentro dum processo de criação de conhecimento que é relevante.

O processo ensino-aprendizagem é complexo e implica que se conheçam os seus mecanismos, o funcionamento, os fatores com o intuito de suscitar mudanças. O ensino é um processo interpessoal e intencional que utiliza essencialmente a comunicação verbal, o discurso dialógico finalizado como meios para provocar, favorecer ou alcançar a aprendizagem numa dada situação.

Vivemos numa época em que é necessário estabelecer equilíbrios, tanto fora como dentro da escola; a individualidade face à coletividade, o privado face ao público, a flexibilidade face à homogeneização. Há, sem dúvida, paradoxos que se têm de enfrentar no ensino, derivados da condição social pós-moderna: uma educação integrada mas especializada, homogeneizadora mas diversificada, local e global, autónoma mas sujeita a apresentação de contas, que procura a mudança mas que também necessita de continuidade... Nestas condições, os professores necessitam de rever e renovar continuamente os seus propósitos e princípios morais e, de forma mais ampla, repensar a educação.

A tarefa principal consiste em formar os professores em novas técnicas de gestão de aula, na aprendizagem ativa e cooperativa, no conselho individual e noutras atividades semelhantes. Apesar de importantes, o desempenho dos professores e o aperfeiçoamento do exercício docente implica algo mais do que proporcionar-lhes novos métodos.

Esta época de competitividade global, como em todos os momentos de crise económica, está a produzir um enorme pânico moral, perante a forma de preparar as gerações do futuro. Em consequência, como resposta à globalização económica e à migração multicultural, em muitos locais do mundo, espera-se que as escolas carreguem com grande parte do peso da reconstrução nacional. A qualidade, a amplitude e a flexibilidade do trabalho dos professores em situação de aula estão intimamente ligadas ao seu desempenho profissional, com a forma de estar como pessoas e como profissionais. As suas carreiras – as suas esperanças e sonhos, as suas oportunidades e aspirações ou a frustração das mesmas – são também importantes para o seu compromisso, o seu entusiasmo e a sua moral. Como são também as suas relações com os colegas que ao trabalharem em conjunto tentam conseguir objetivos comuns e um aperfeiçoamento contínuo ou como indivíduos que atuam isolados, com a insegurança que essa situação pode criar. Em princípio, a gestão organizada nas escolas pode ser boa ou má. A cedência de amplos poderes de decisão a cada escola, pode levar à diversidade, à inovação e ao *empowerment* do professorado. Mas, quando a gestão no nível escolar se



implementa num sistema cujo financiamento público é escasso e se mantém e reforça o controlo burocrático do *curriculum* e da avaliação, a situação pode desembocar numa competitividade fechada e egoísta, à volta de objetivos estritamente definidos por aptidões básicas e êxito académico (Hargreaves, A., 1994). Para melhor ou para pior, o ensino já não é o que era. Os programas curriculares estão em constante mudança, à medida que se multiplicam as inovações e aumentam as pressões a favor da reforma. As responsabilidades dos professores são mais amplas e os seus papéis mais difusos. O seu trabalho está a cair, cada vez mais, na rotina e a perder o seu caráter especializado. Os programas, os *curricula* impostos e os métodos de ensino, pouco a pouco, controlam, cada vez mais, os professores. O seu trabalho intensifica-se progressivamente, esperando-se que deem resposta a pressões mais fortes e realizem múltiplas inovações em condições que, no melhor dos casos, são estáveis e no pior, estão a deteriorar-se. Deste ponto de vista, o profissionalismo é simples retórica, uma estratégia para que os docentes colaborem de bom grado na sua própria exploração, deixando que se lhes exijam cada vez mais esforços. O conceito de “intensificação” deriva das teorias gerais do processo de trabalho, como expõe Larson (1980). Segundo este autor “a intensificação (...) representa uma das formas mais tangíveis de erosão de que padecem os privilégios laborais dos trabalhadores formados” citado por Hargreaves, A. (1998:132). A intensificação conduz à falta de tempo para reformar as próprias aptidões, reduzindo a qualidade do serviço.

A intensificação provoca uma sobrecarga crónica e persistente, que reduz as áreas de critério pessoal, inibe a participação na planificação a longo prazo.

Muitos professores apoiam voluntariamente a “intensificação” e confundem-na com profissionalismo.

O individualismo, o isolamento e o secretismo constituem uma forma particular daquilo que se conhece como a cultura de ensino. Há, contudo, outros tipos de cultura do professor que também são importantes para o trabalho que estes realizam. Em geral, estas culturas distintas proporcionam um contexto no qual se desenvolvem, se apoiam e acabam por ser as escolhidas como estratégias de ensino. Neste sentido, as “culturas de ensino” compreendem crenças, valores, hábitos e formas de fazer assumidos pelas comunidades de professores que têm de enfrentar exigências e limitações similares num percurso de vários anos. A cultura transmite, aos seus novos e inexperientes participantes, as soluções historicamente geradas e partilhadas de maneira coletiva na comunidade. Configura um marco de referência para a aprendizagem ocupacional. As culturas de ensino contribuem para dar sentido, apoio e identidade aos professores e ao seu trabalho. Constituem um contexto vital para o desempenho do professor e para a sua forma de ensinar. O que sucede no interior da sala de aula não pode divorciar-se das relações estabelecidas fora dela. As culturas de ensino, como quaisquer outras, têm duas dimensões importantes: o conteúdo e a forma (Hargreaves, A., 1994).

O “conteúdo” das culturas dos professores consiste nas atitudes, valores, crenças, hábitos e formas de fazer o que se considera fundamental e partilhadas no seio de um determinado grupo ou na comunidade docente, em geral. O conceito essencialmente normativo de partilhar (crenças, atitudes), de consenso explícito e implícito, é fundamental para a perspetiva das culturas dos professores em relação com o conteúdo.

A “forma” da cultura dos professores consiste nos “modelos de relação e formas de associação” características entre os intervenientes dessas culturas e o modo de articular as relações entre os docentes e os seus colegas. A “forma” das culturas dos professores pode ser individualista ou antagonista. A “forma” da sua cultura pode mudar com o tempo. Na realidade, através das formas das culturas dos professores realizam-se, reproduzem-se e redefinem-se os “conteúdos” das distintas culturas. Consequentemente, compreender as formas das culturas dos professores é entender muitos dos limites e possibilidades de desempenho do professorado e da mudança na educação. Segundo, Hargreaves (1994) existem formas de culturas dos professores, cada uma delas tendo consequências muito diferentes para o seu trabalho e para a mudança educativa: individualismo, colaboração e colegialidade artificial.

“O culto do individualismo”, afirma Hargreaves “infetou profundamente a cultura ocupacional dos professores” os quais “conservam zelosamente a sua autonomia” (David Hargreaves, 1980:187-198). Não gostam de ser observados e muito menos que os avaliem porque temem a crítica que pode acompanhar uma avaliação. “A autonomia é a palavra a que recorrem para mascarar a apreensão que sentem em relação à avaliação e serve de fundamento para excluir os observadores” (D. Hargreaves, 1982:206) citado por Hargreaves, A.(1994).

A colaboração e a colegialidade encerram várias virtudes. Apresentam-se como estratégias especialmente proveitosas para promover o desempenho dos professores. Desta forma, os professores podem aprender uns com os outros, pôr em comum a sua perícia e o seu desempenho. Estas promovem o crescimento profissional e o aperfeiçoamento escolar. Shulman (1989) reúne alguns argumentos-chave quando afirma: “A colegialidade e a colaboração dos professores não só são importantes para o seu ânimo e satisfação... como são absolutamente necessárias se quisermos que o ensino tenha mais qualidade... A colegialidade e a colaboração são também necessárias para assegurar que os professores beneficiem das suas experiências e continuem progredindo durante a sua atividade profissional” citado por Hargreaves, A. (1998:210).

O tempo é inimigo da liberdade, parece ser o que pensam os professores. O tempo é uma dimensão fundamental através do qual o seu trabalho é construído e interpretado não só por eles próprios, mas também por colegas e administradores. O tempo é um elemento importante na estruturação do seu trabalho.

Bird e Little (1986) defenderam que o tempo é particularmente importante para derrubar o isolamento dos professores e desenvolver normas de colegialidade: “O recurso mais importante para o aperfeiçoamento é o tempo que é passado com os colegas; o tempo para os professores estudarem, analisarem e fazerem avançar as suas práticas; o tempo para os presidentes/diretores de escolas, subdiretores, coordenadores de departamento e professores que ocupam posições de liderança apoiarem essas melhorias; o tempo para os corpos docentes examinarem, debaterem e apurarem as suas formas de civilidade, de instrução e de aperfeiçoamento. Deveria haver consideravelmente mais tempo para estas atividades durante o dia escolar normal, quer por adição, quer por eliminação de atividades menos importantes” citado por Hargreaves, A. (1998:107-108).

A história contemporânea demonstra, porém, que a maior parte destas tentativas de mudança dos professores e dos seus métodos tem tido um insucesso generalizado. Isto pode ser atribuído ao facto de serem reformas hiper-rationais e nada realistas, pois esquecem que os professores são antes do mais pessoas e as escolas são instituições sociais. A mudança quando é imposta enfrenta sempre resistência, pois, como Hargreaves, D. (1988) citado por Hargreaves, A. (1994) diz: “ao mudar o professor... implica mudar a pessoa e... implicitamente mudar a vida. Ora, os professores são mais pró-ativos que reativos, e optam por um determinado objetivo ou direção quando esse se adapta aos seus objetivos, convicções ou fins. Para se compreender o que qualquer mudança implica para os professores devem considerar-se quatro áreas:

- O professor como pessoa
- Os fins e objetivos dos professores
- Contexto de trabalho e condições
- Cultura de trabalho

Para o primeiro devem ter-se em conta as expetativas de cada professor ao longo da sua carreira e o ponto em que ela se encontra.

A seguir deverá analisar-se se o professor, apenas, desempenha uma função remunerada ou, se pelo contrário, luta pela qualificação dos alunos a seu cargo, ou qualquer outro ponto intermédio entre estes dois objetivos.

## Anuário 2021 Belmonte e PDL

Numa terceira fase devem estudar-se as condições de trabalho e ter em conta de que o facto de chover na sala, ou as casas de banho não serem apropriadas ou haver falta de materiais nem sempre afeta negativamente o desempenho profissional, embora possa contribuir para tal. É, por vezes, mais premente criar condições ou propiciar tempo adicional para que o professor possa desempenhar cabalmente as suas funções, mas o que muitas vezes falta é fazer sentir ao professor que ele é apreciado na sua missão.

Por fim, devem estudar-se as “culturas de ensino”, e ter em conta que as alterações exteriormente impostas colidem, muitas vezes, com a autonomia e os projetos próprios de cada escola, conduzindo ao desânimo e desinteresse. É nesta fase que se deve aproveitar a vasta experiência dos mais velhos para orientar os professores mais jovens e induzi-los no sentido da mudança antes de serem consumidos por um moral baixo, insatisfação e menos dedicação.

Uma formação que desenvolve a “especificidade do saber ensinar” que consiste na importância dos “saberes para ensinar” e o domínio dos “saberes a ensinar”. Trata-se duma profissão complexa que não pode ser definida na sua complexidade em termos de tarefas, métodos ou técnicas de planificação. A dificuldade na profissão para o ensino é que ela se realiza em situações profissionais de interações com alunos diferentes, caracterizada pela imprevisibilidade na gestão dos acontecimentos, pelas múltiplas tomadas de decisão, pela simultaneidade das tarefas. Nestas situações profissionais, o modelo do professor, perfeitamente racional “decisor” que planifica, gere à priori os seus atos através de estratégias, não funciona. A prática do ensino não revela apenas uma lógica instrumental, mas também uma lógica comunicacional. Uma formação profissionalizante abandona assim a utopia duma matriz racional em proveito duma adaptação a situações complexas. O profissional de ensino é, deste modo, aquele que sabe “enquadrar e reenquadrar” Clark (1988) os problemas complexos que enfrenta e que é capaz de se adaptar a situações novas. Uma formação profissionalizante prepara a uma reflexão sobre a ação, procura soluções para problemas reais. O “saber analisar” é uma meta-competência chave a desenvolver na formação (Altet 1996). O profissional de ensino é antes de mais um profissional da articulação do processo ensino-aprendizagem em situação, um profissional da interação de significações partilhadas.

O ensino é um processo interpessoal e intencional que utiliza essencialmente a comunicação verbal, o discurso dialógico finalizado como meios para provocar, favorecer, alcançar a aprendizagem numa dada situação; é “uma prática relacional finalizada” (Altet,1994); o professor é um profissional da aprendizagem, da gestão das condições de aprendizagem e da regulação interativa na sala de aula. A dificuldade no ato de ensinar provém do facto de não poder ser unicamente analisada em termos de tarefas de transmissão de conteúdos e de métodos definidos à priori, pois são a comunicação verbal na aula, as interações vividas, a relação, a variedade das ações em situação que vão permitir ou não que alunos diferentes aprendam em cada intervenção. Assim, as informações previstas são regularmente modificadas a partir das reações dos alunos e da evolução da situação pedagógica e do contexto. É nesta vivência, interativa de comunicação, em situação contextualizada, complexa, incerta de ensino-aprendizagem com alunos particulares que se realizam as tarefas. Daí a dificuldade em definir as tarefas, de as prever antecipadamente. O professor pode planificar, preparar o seu cenário mas tem de contar com os imprevistos provenientes destas ações em situação e reações dos alunos, o que obriga a tomadas de decisão, uma mobilização de saberes e mesmo uma modificação de decisões.

Mesmo quando os professores planificam cuidadosamente uma unidade didática, determinam os pressupostos, selecionam, analisam e organizam os conteúdos de aprendizagem possíveis, tomam em consideração as condições em que o processo se desenrola, planificam a participação ativa dos alunos, preconizam uma dinâmica adequada na utilização das formas sociais de trabalho, selecionando cuidadosamente os media e preparando a sua utilização, mesmo quando preveem medidas tendentes a evitar conflitos, analisando outros conflitos já passados e preocupando-se com a sua solução, mesmo quando escolhem uma conceção de ensino e os métodos que a suportam e pressupõem uma sequência lógica do processo ensino-aprendizagem, mesmo assim não podemos ter a certeza de que o referido processo vai decorrer de uma forma ótima (Becker, H. J., 1999; Riel, M. M., 1999).

*Planificar* é prever o desejável ou até somente o possível, mas este desejável ou possível podem deixar de o ser no decurso do processo. É preciso ser *flexível, rever, remediar, voltar a planificar*.

A avaliação deixou de servir para julgar ou provar, o que quer que seja. Ela serve para atuar e, neste sentido, encontra-se intimamente articulada com o processo decisório. A tomada de decisão em matéria educativa não deve ser pensada em termos de “uma grande avaliação”, mas com base num conjunto de pequenas avaliações que vão reorientando os processos de mudança.

A Escola dos nossos dias confronta-se com uma grande diversidade de alunos. O respeito pela diversidade, não se deve limitar a oferecer uma igualdade de oportunidades em termos de acesso à educação, mas uma diversidade de respostas na ação educativa que consiste em desenvolver uma pedagogia que respeite as suas características individuais. A diferenciação pedagógica, assume a heterogeneidade (diversidade) como recurso fundamental da aprendizagem.

## Bibliografia temática

ALTET, M. (1994): La Formation Professionnelle des Enseignants. Paris: PUF.

ALTET, M. (1996): L'analyse des pratiques professionnelles. C. Blanchard-Laville, D. Fablet (ed.). Paris: L'Harmattan.

BECKER, H. J.; RIEL, M. M. (1999): Teacher professionalism, school-work culture and the emergence of constructivist-compatible pedagogies. Irvine University of California, Center for Research on Information Technology and Organizations.

CLARK, C.M.; YINGER, R. J. (1988): Teacher planning in J. Calderhead (ed.) Exploring teacher's thinking. London: Cassel.

FREIRE, P. (1993): Pedagogy of the oppressed (Myra Bergman Ramos Trans.). New York: Continuum.

HARGREAVES, A. (1994): Profesorado, Cultura y postmodernidad – (Cambian los tiempos, cambian el profesorado). Madrid: Ediciones Morata.

HARGREAVES, A. (1998): Os professores em Tempos de Mudança – o Trabalho e a Cultura dos Professores na Idade Pós-moderna. Editora McGraw Hill de Portugal, Lda.

LANTOLF, JAMES P. et al. (2001): Sociocultural Theory and Second

Language Learning. Oxford: University Press.

### 14. MARIA JOÃO RUIVO, ESC SEC ANTERO DE QUENTAL, S MIGUEL, AÇORES. AICL

HOMENAGEM A ONÉSIMO TEOTÓNIO ALMEIDA ONÉSIMO PELAS SETE PARTIDAS DO MUNDO

Neste ano que a AICL dedica a Onésimo Almeida, presto-lhe a minha homenagem.

Falarei do homem pertencente a dois (ou mais) mundos, da sua energia inesgotável, do seu entusiasmo contagiante e do papel importante e altruísta que tem tido na divulgação da literatura de autores açorianos fora dos muros do Arquipélago. Falarei também do amigo que faz parte do clã de Fernando Aires há muitos e longos anos.

#### Onésimo – O homem das Sete Partidas

As homenagens são sempre difíceis. E, no caso do Onésimo, ficamos mesmo sem saber por que ponta havemos de começar e como é que iremos acabar. Até porque é muito provável que ele nos interrompa e que percamos o fio à meada. E o Onésimo é uma meada interminável. Prestar-lhe uma homenagem implicaria falar também do seu percurso académico e profissional, mas sei que outros o farão aqui muito melhor do



que eu. Além disso, ele ia fazer um frete a ouvir-me dizer aquilo que já se sabe. Assim, optei por uma outra via, a mais afetiva, porque foi muito por essa via que o conheci e me tenho relacionado com ele ao longo dos anos.

Quem o conhece entenderá de imediato o porquê do título deste meu trabalho. O Onésimo é um viajante incansável. Chego mesmo a acreditar que tem o dom da ubiquidade, não só virtual, mas real e física. Digo isto, por um lado, porque dele nos aparecem, nos nossos computadores, num mesmo dia, mensagens vindas dos vários pontos cardeais – de manhã chegam de Boston, à tarde da China, e na manhã seguinte do Cazaquistão. Ou recebemos um mail da América a dizer que vai estar em Lisboa e, quando o julgamos ainda numa sessão no Grémio Literário, já ele nos liga do aeroporto de Ponta Delgada, a dizer que está em trânsito para um momento de meditação no Tibete, mas que não precisamos de ir ao aeroporto, porque ele está na porta de embarque a escrever para todos nós, dizendo que vai só a casa trocar de sapatos para ir escalar os Himalaias mais ao final da tarde, depois da conferência que vai proferir às três horas em Lhasa.

Homem das sete Partidas também porque conhece meio mundo e mais um terço do outro meio e, se queremos um contacto, um endereço de email, uma informação, qualquer que ela seja, a quem nos dirigimos? E quem é que revolve o Planeta para nos dar resposta ao que pedimos?

É também o Onésimo que corre por quintais e salta muros e vedações para ir ter ao aeroporto, ao encontro de meus Pais, com quem ia embarcar, creio (ele contará esta história a quem não a conhecer). O mesmo que percorre os hotéis de meia América “looking for Jesus”, leia-se “À procura do Eduíno de Jesus”, que, numa das suas idas aos EUA se perdeu em trânsito (vá-se lá saber como) e deixou aflito o Onésimo, que o aguardava no aeroporto.

Mas as sete partidas dele são também as suas viagens no Rio Atlântico, lançando, entre as ilhas açorianas e a América, pontes por onde transporta a nossa literatura, para dá-la a conhecer na outra banda. Poucos como ele são tão empenhados em manter e estabelecer laços apertados entre as ilhas e a América, ligando-nos todos numa rede que se vai ramificando cada vez mais.

E são também as suas digressões entre a Literatura e a Filosofia, dois territórios por onde viaja entusiasticamente e que lhe têm dado inúmeros prémios a que ele liga pouco, mas que orgulham os amigos que o rodeiam.

É também ele que nos prega sete partidas por conta da sua amizade e permanente generosidade. É um amigo incansável, a quem custa pedir o que quer que seja, porque sabemos que percorrerá de volta as sete partidas para o conseguir.

Conheço o Onésimo há trinta anos, mas já antes tinha a sensação de o conhecer, pelo contar de meu Pai, que falava dele com a amizade e o entusiasmo tão seus caraterísticos.

Ouvia falar daquele professor da Brown, homem do mundo, de uma simpatia irresistível e uma jovialidade contagiante, amigo como poucos, e fui criando dentro de mim uma imagem dele que confirmei quando o conheci pessoalmente, num já longínquo verão na Caloura, o primeiro de muitos em que partilhámos aquele reduto mágico de meus Pais. Estes abriram-lhe as portas da casa e toda a família o acolheu de braços abertos. Batizou-nos como o “clã do Fernando Aires”, ao qual passou a pertencer, desde logo, mais a sua Leonor.

Da partilha desses verões na Caloura, muito teria aqui para contar. Era um estrépito de conversas e risos pela noite dentro. Ele reunia no relvado de meu Pai pessoas que vinham das sete partidas da sua vida, desde o tempo de infância, passando pelos colegas do seminário, amigos da América e de outras ilhas dos Açores ou vindos nem sei mais de onde. Também se convidava perversamente os vizinhos, porque sabíamos que o barulho ia ser muito e não queríamos ver um Professor da Universidade de Brown preso por desacatos à ordem pública. Era um pequeno universo que se reunia ali, nas noites estreladas da Caloura, ao som dos cagarros e das guitarradas, que música e cantorias não faltavam naqueles serões. Nem anedotas e risos, é claro.

Os dias eram mais tranquilos. No anexo por detrás da casa, com vista para o Ilhéu da Vila Franca, foram muitos os pequenos-almoços que tomei ali, com ele mais a Leonor, na mesa de pedra onde meu Pai escreveu muitas das entradas do seu *Era uma Vez o Tempo*, e onde pela manhã se ouvia as revoadas cantadas dos pássaros e os gritos assombrosos dos milhafres sobre as faias. Nesse tempo, ainda meu Pai existia e juntava-se a nós, mais a minha Mãe. E as conversas surgiam boas e tranquilas, numa partilha familiar à roda da mesa, pelo meio do cheiro do café e da manteiga a escorrer pelo pão quente, a que se juntava o rescender orvalhado dos incenseiros e a frescura da maresia vinda da ponta da Galera, se o vento soprava do sul.

Mas era frequente ver essa calma interrompida por um telefonema que o fazia levantar de um salto, porque queria ir tomar um banho na praia de Água d’Alto, mas antes ainda tinha de ir a Ponta Delgada dar uma entrevista e passar na lavandaria a levantar um *blazer*, o único que trouxera na viagem e que, a mando da Leonor, tinha de levar à palestra que ia fazer no Nordeste mais ao final da tarde. Mas, entretanto, ainda tinha de ir visitar uns familiares que estavam de passagem pela ilha e que não teria mais oportunidade de ver. (Não digas que estou a exagerar, Onésimo. Sabemos todos que isto ainda fica aquém da realidade.)

Foi o Onésimo que, em dezembro de 2010, tendo vindo da América à Terceira para um encontro já usual de ex-seminaristas, veio expressamente a São Miguel bater-nos à porta, para estar connosco logo após a morte de meu Pai, julgo que também para resolver dentro dele a perda deste seu amigo, quase um irmão, que ia sempre esperá-lo ao aeroporto de braços abertos e sorriso feliz, pelo gosto de o receber.

E desde esse longínquo verão de 1993 em que eu o conheci pessoalmente, o Onésimo é uma referência em muitas coisas. Tem uma energia e uma capacidade de trabalho invejáveis. Não sei como consegue gerir ao mesmo tempo os inúmeros trabalhos que tem sempre entre mãos e as tarefas académicas, ao mesmo tempo que ensina e orienta os trabalhos dos alunos, que não raras vezes partilha connosco, cheio de satisfação e orgulho. E, a par de tudo isso, ainda arranja sempre tempo para escrever aos amigos, para lhes dar atenção e para divulgar na diáspora o que se vai fazendo nos Açores e no Continente. Admiro muito essa energia e imensa capacidade de organização e de trabalho. Todos concordarão comigo se disser que ele tem, igualmente, uma forma única de ser amigo e uma generosidade sem limites.

A seu convite, colaborei com ele no livro de Homenagem a meu Pai e na reedição da obra diarística deste. E foi um gosto trabalhar com ele sentindo o empenho que punha nessas tarefas, a par com o valor da amizade que o unia a meu Pai e que nos aproximou ainda mais.

É isto, Onésimo. Tinha muito mais para te dizer, mas sei que já estás aqui ao meu lado a revirar os olhos e a pensar como vais deitar abaixo esta minha tese sobre ti. Estás à vontade. Eu não vou contra-argumentar, porque o que disse não é rebatível. Um abraço, caro amigo. Sabes que fazes parte do clã, mais a tua Leonor. E não olho para ti sem que me lembre de meu Pai e da amizade genuína que vos unia, de um passado tão cheio de boas e inesquecíveis memórias e de um presente que criará outras tantas.

maio, 2020  
Maria João Ruivo

## 15. PEDRO PAULO CÂMARA, AICL, ESCOLA PROF. APRODAZ, ESCRITOR, AÇORES, AICL

APRESENTA A SUA MAIS RECENTE OBRA “CONTOS DA IMPRUDÊNCIA”

Medo e Mito. Morte e Amor. Solidão e Desesperança. Talvez Medo e Mito, informes e famintos, alicercem o Amor ou a Solidão. E talvez tanto um como outro tenham garras e forças suficientes para rasgar o ventre e a alma de cada ingénuo humano. Desfazemo-nos no vagar dos dias e compomo-nos de Imprudências que se amontoam ao entardecer. Em Contos da Imprudência, forças titânicas assumem o controlo – e o destino - de cada personagem, reflexo de mil homens e mil mulheres sem opção, desarmados.



## 16. ROLF KEMMLER, AICL, ACADEMIA DE CIÊNCIAS DE LISBOA, UTAD VILA REAL – ALEMANHA

«São Miguel e os seus habitantes em *A Visit to the Azores, with a Chapter on Madeira* (1889) de Julia Anne Elizabeth Roundell (1846-1931)» Rolf Kemmler (Vila Real) \*

### 1 Introdução

Foi sob o semianonimato de 'Mrs. Charles Roundell' que a britânica Julia Anne Elizabeth Roundell publicou a sua obra *A Visit to the Azores, with a Chapter on Madeira* em 1889. Trata-se de uma monografia com [VIII], 197 páginas e nada menos de 25 páginas com gravuras. Como a autora dedica os primeiros 16 de 17 capítulos da sua obra ao arquipélago dos Açores, que a família dos Roundell visitou na primavera de 1888 (sendo o último capítulo dedicado à Madeira, cf. Roundell 1889: 149-197), o presente artigo pretende identificar as observações mais relevantes que esta autora tece sobre a ilha de São Miguel e os seus habitantes.

### 2 Julia Anne Elizabeth Roundell (1845-1931), vida e obra

Sendo a filha mais velha do militar britânico Wilbraham Spencer Tollemache (1807-1890) e da sua mulher Anne Tollemache, *née* Tomkinson (1814-1871),<sup>28</sup> herdeira da casa senhorial *Dorfold Hall* em Cheshire (Tollemache 1949: 143), Julia Anne Elizabeth Tollemache Roundell nasceu naquela casa, tendo sido batizada na igreja paroquial de Acton, nos arredores da cidade inglesa de Nantwich (1845, June 25). Foi na mesma igreja paroquial que contraiu o matrimónio com o jurista e político Charles Savile Roundell (também conhecido como Charles Savile Currer; 1827-1906)<sup>29</sup> em 10 de maio de 1873. Deste casamento resultou um único filho, Christopher Foulis Roundell (1876-1959; cf. 1876, August 13).<sup>30</sup>

Após uma vida dedicada à família e às letras, a nossa autora faleceu no dia 28 de dezembro de 1931. O seu óbito foi anunciado no diário londrino *The Times* como se segue:

ROUNDELL. – On Dec. 28, 1931, at a nursing home at Hove, JULIA ANNE ELIZABETH, widow of CHARLES SAVILE ROUNDELL. Funeral private (*Times* 1931: 1).

Pelo que informa a notícia, ela faleceu num lar à beira-mar, na cidade de Hove em East Sussex, próximo da cidade de Brighton de que esta faz parte desde 1997. Mais exatamente, ficamos a saber que o endereço onde faleceu foi 67 Brunswick Place em, Hove:

**ROUNDELL** Julia Anne Elizabeth of 67 Brunswick-place Hove **Sussex** widow died 28 December 1931 Administration **London** 31 March to Christopher Foulis Roundell esquire. Effects £271 1s. 8d. (*Times* 1931: 1).

Para além da obra que é o objeto do presente artigo, a nossa autora publicou outras seis obras, optando em todas elas por identificar-se através do seu marido, nomeadamente como 'Mrs. Charles Roundell'. A sua obra pode ser dividida numa vertente historiográfica, com quatro obras, e noutra culinária, com duas.

\* Sócio Correspondente Estrangeiro da Classe de Letras da *Academia das Ciências de Lisboa* (ACL) e investigador do *Centro de Estudos em Letras* (CEL) da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD). O CEL é uma unidade de investigação financiada pela *Fundação para a Ciência e a Tecnologia* (UID/LIN/00707/2019).

<sup>28</sup> Para efeitos de confirmação destes dados, veja-se o registo de batismo (1814, November 9) e a monografia genealógica de Tomkinson (1904: 22). Note-se que os pais da nossa autora foram sepultados no cemitério da igreja de St Mary em Acton, Cheshire, Inglaterra (*FindAGrave* 2017a e 2017b). Os pais tinham casado exatamente um ano antes do batismo da filha (1844, June 25).

<sup>29</sup> Natural de Clifton House, no distrito de York (hoje The White House, 10 Clifton, York), frequentou a universidade de Oxford desde 1847, tendo sido aprovado nos exames finais em 1850 (UO 1872: 325). No ano seguinte, foi eleito *fellow* do *Merton College* e foi premiado pelo melhor ensaio em língua inglesa do *Chancellor's Prize* (Roundell 1851). Foi nesta qualidade que serviu como examinador em 1862 e 1863 (UO 1872: 367, 369, 370). Tendo ocupado vários cargos públicos, foi eleito para o parlamento britânico entre 1880 e 1885 (círculo eleitoral de Grantham), bem como 1892 e 1896 (como liberal no círculo eleitoral de Skipton), vindo a falecer na sua casa em 32 Sussex Square em Brighton, Sussex em 3 de março de 1906 (*NPC* 1906: 379).

<sup>30</sup> Por consequência da morte do tio materno, Henry James Tollemache (1846-1839) em 2 de abril de 1939, o filho da nossa autora ficou herdeiro dos bens do tio (*NPC* 1939: 142), incluindo a casa *Dorfold Hall*, que ainda hoje pertence aos seus descendentes. Já trinta e três anos antes, o filho também ficara o herdeiro do seu pai Charles Rundell, que lhe deixou uma fortuna de £2826 2s. 8d. (*NPC* 1906: 379).

Anuário 2021 Belmonte e PDL

Ao longo de xiv, 178 do livro *Cowdray: The History of a Great English House* (1884), ela narra a história da família do monumento *Tudor* quinhentista *Cowdray House* do Visconde de Cowdray em Midhurst, West Sussex, que se encontra em ruínas continuam desde 1793 (cf. Roundell 1884: 21 e Woodburn / Guy 2005-2006: 42).

Semelhantemente, o livro *Ham House: Its history and art treasures* (1904), de xiv, 72 págs. e viii, 73-155, [1] págs. retrata ao longo dos seus dois volumes a história família dos Tollemache e Earls of Dysart e da sua casa nobre de *Ham House* (1610) no bairro londrino de Richmond upon Thames, sendo o livro *Lady Hester Stanhope* (1909), com as suas xii, 247 páginas, um retrato da vida da aventureira Hester Lucy Stanhope (1776-1839).

Já o opúsculo *Agnes Jones: or She Hath Done What She Could* (1896), com apenas 61 páginas, que vem acompanhado por um suplemento redigido pela famosa Florence Nightingale (1820-1910) e o Arcebispo de Armagh (Irlanda do Norte), William Alexander (1824-1911), é dedicado à irlandesa Agnes Elizabeth Jones (1832-1868), pioneira entre as enfermeiras.<sup>31</sup>

Para além disso, Julia Roundell brindou o seu público contemporâneo com duas obras pertencente à área da culinária, sendo *Mrs. Roundell's Practical Cookery Book: with many family recipes hitherto unpublished* (1898) um livro de receitas com viii, 580 páginas em 23 capítulos. Com um foco ligeiramente diferente, o livro *The Still-Room* (1903) que a autora publicou em conjunto com o médico Harry Roberts (1871-1946), dedica-se, entre outros assuntos, a preservar e conservar carne, peixe, legumes, frutas, etc., destilar e produzir bebidas alcoólicas e outras bebidas, fazer gelado, etc.

3 A Visit to the Azores, with a Chapter on Madeira (1889)

Com [VIII], 197 páginas, um mapa desdobrável e um total de 26 e não apenas «Twenty-Five Illustrations from Sketches and Photographs» (Roundell 1889: [I]), ou seja, ilustrações em forma de reproduções de gravuras e de fotografias,<sup>32</sup> o livro *A Visit to the Azores, with a Chapter on Madeira* de Julia Roundell foi publicado pelos editores londrinos 'Bickers and Son', tendo sido impresso, como informa Roundell (1889: 197), em Londres por pelos impressores 'Ballantyne, Hanson & Co.' (fl. 1889-1915, hoje 'Spottiswoode Ballantyne Printers Ltd.' em Colchester).

Com base nos 17 capítulos do livro e as datas explicitamente ou implicitamente apresentadas, podemos estabelecer o seguinte quadro da viagem da nossa autora pelos arquipélagos portugueses:

Capítulo	Páginas	Data de início	Data de fim
CHAPTER I. THE AZORES.	[1]-4		
CHAPTER II. MADEIRA TO THE AZORES.	5-7	Thursday, March 22, 1888	Friday, March 23
CHAPTER III. SANTA MARIA.	8-17	Saturday, March 24th	Palm Sunday, March 25
CHAPTER IV. SAN MIGUEL.	18-29	[Palm Sunday, March 25]	
CHAPTER V. LAS FURNAS.	30-43	Monday, March 26	
CHAPTER VI. VILLA FRANCA.	44-55		
CHATTER VII. SETE CIDADES.	56-58		
CHAPTER VIII. VOLCANIC ERUPTIONS IN SAN MIGUEL.	59-69		
CHAPTER IX. TERCEIRA.	70-78	[Monday, March 26]	Tuesday, March 27
CHAPTER X. HISTORY OF TERCEIRA.	79-87		
CHAPTER XI. SAN JORGE AND GRACIOSA.	88-92	[Tuesday, March 27]	
CHAPTER XII. PICO.	93-101	Wednesday, March 28	
CHAPTER XIII. FAYAL.	102-116	Wednesday, March 28	
CHAPTER XIV. FLORES AND CORVO.	117-129		
CHAPTER XV. THE RETURN VOYAGE.	130-138	Thursday morning, March 29	Saturday, March 31
CHAPTER XVI. BOTANY AND NATURAL HISTORY OF THE AZORES.	139-148		
CHAPTER XVII. MADEIRA.	149-197	Tuesday, March 6 Easter Monday, April 2	March 22, 1888 May 7

É digno de nota que a nossa família de viajantes ingleses, o casal Julia e Charles Roundell, bem como o seu filho Christopher de 12 anos,<sup>33</sup> não viajou somente para passar a Páscoa nos Açores, uma vez que a saída de Londres se deu na quarta-feira, 29 de fevereiro de 1888:

We left London, on board the *Pembroke Castle*, on Wednesday, February 29, 1888, [...] (Roundell 1889: 149).

<sup>31</sup> Não nos foi possível ver um exemplar deste opúsculo. Sabemos, porém, que existe um exemplar na *British Library*, com a cota 'General Reference Collection Tab.1281.a.2(13).28'.  
<sup>32</sup> Com efeito, o mapa «The Azores» (Roundell 1889: [X]), elaborado em «London, Stanford's Geog.' Estab'» (ou seja, 'Stanford's Geographical Establishment'), uma empresa especializada ainda hoje existente, dedicada à elaboração e venda de mapas, estabelecida em 1853 por Edward Stanford (1827-1904), não se encontra referido no elenco «LIST OF ILLUSTRATIONS» em Roundell (1889: [VII]). No respetivo verso de todas as páginas com ilustrações encontra-se uma página em branco. Estas páginas não são contabilizadas na paginação.  
<sup>33</sup> No início do seu diário, a autor oferece a seguinte informação sobre o seu grupo de viagem: «Our party consisted of my cousin, Miss E. V. H., my young nephew, C. S. R., and myself, all excellent sailors; and we were joined by two young English ladies who were spending the winter in Madeira» (Roundell 1889: 6). Não conseguimos descobrir quem são a prima 'E. V. H.' e o sobrinho que a autora menciona. Mais adiante, Roundell (1889: 194-195) deixa claro que não viajou somente em companhia do marido Charles Savile Roundell, mas que o seu filho pelo menos fez parte de uma excursão para o norte da Madeira aos 23 e 24 de abril de 1888, em que ela não podia participar por motivos de saúde: «Our son, however, with the daring of twelve years old, lay down to look over the edge, with a stout Portuguese sitting on his legs as a precaution». É possível que o filho não tenha acompanhado os pais para os Açores, tendo provavelmente ficado na Madeira.



## Anuário 2021 Belmonte e PDL

Isto quer dizer, que os Roundell permaneceram na ilha da Madeira durante cerca de duas semanas entre 6 e 22 de março, bem como durante pouco mais de um mês entre 2 de abril a 7 de maio de 1888, ou seja, fizeram à Madeira uma visita bastante prologada com muitas excursões, mesmo que este período só ocupe pouco menos de um quarto de Roundell (1889):

We left Madeira for the Azores in the afternoon of *Thursday, March 22, 1888*, on board the *Funchal*, an English-built steamer of 1100 tons, belonging to the Portuguese Company Empresa Insulana de Navegação (Roundell 1889: 5).

Assim, podemos estabelecer que somente permaneceram nos Açores durante uma semana, entre o sábado, 24 de março de 1888, e o sábado seguinte, 31 de março de 1888. Parece-nos, enfim, que a autora tenha sido literalmente fiel ao que promete no título da sua obra *A Visit to the Azores, with a Chapter on Madeira*, pois relata em primeiro lugar uma (breve) visita aos Açores e em segundo lugar dedica um único capítulo à Madeira.

Observa-se que sete dos 17 capítulos não apresentam qualquer data relacionada com a viagem, o que se deve ao facto de se limitarem a apresentar informações de natureza vária sobre os Açores que a autora retirou de fontes secundárias que identifica como se segue:

I append a list of books or articles on the Azores, which I have endeavoured to make tolerably complete. Most of the authorities named have been consulted during the progress of my own work.

1. "Natural History of the Azores." F. Du Cane Godman. Van Voorst: 1870.
2. "The Azores, or Western Islands." W. F. Walker. Trübner: 1886.
3. "The Atlantic Islands." S. W. Benjamin. Sampson Low: 1878.
4. "Among the Azores." Lyman H. Weekes. Osgood, Boston: 1882.
5. "A Summer in the Azores." Alice Baker. Boston: 1882.
6. "A Winter in the Azores, and a Summer at the Baths of Las Furnas." Joseph Bullar, M.D. 2 vols. Van Voorst: 1841.
7. Annual Register, vol. liv., 1812.
8. "Voyage of the Challenger." Vol. II. Sir C. Wyville Thomson. Macmillan: 1877.
9. "Notes of a Naturalist on the Challenger." H. N. Moseley. Macmillan: 1879
10. "Log Letters from the Challenger." Lord George Campbell. Macmillan: 1877.
11. "In the Trades, the Tropics, and the Roaring Forties." Lady Brassey. Chap. xx. Longmans: 1885.
12. "A History of the Azores in 1813."
13. Review in the Quarterly of 1814.
14. "Account of San Miguel." Masson. Philosophical Transactions. 1778.
15. "Captain Cook's Second Voyage."
16. Boid's "Azores." London Geographical Journal.
17. Pinkerton's "Collections of Voyages and Travels." Vols. I. and XI.
18. "Encyclopedia Britannica." 9th edition. Articles, Atlantic and Azores.
19. "Gentleman's Magazine." Vol. XXVII. 1757.
20. "Journal of Linnean Society." Vol. XIV.
31. "History of Columbus." Washington Irving.
22. "History of the War in Portugal." 2 vols. Sir Charles Napier.
23. "Last Fight of the Revenge at Sea." English Reprints. Arber: 1871.
24. "Volcanic Islands." Darwin. 1844.
25. "Vida do Infante Dom Henrique." Por Candido Lusitano. Lisboa: 1758.
26. "Coreographica Açorica, ou Descrição physica, politica, e historica dos Azores." Por um Cidadão Açorense. Lisboa: 1822
27. Notícia do Archipelago dos Açores." Dr. Ramos. 1871.
28. "Voyages des Hollandais." Hartmann's Edrisi. Vol. I.
29. "Les Iles Azores." Morelet. 1860.
30. "Eléments de la Faune Açoréenne." 1861.
31. "Lettres Açoréennes." 1862.
32. "Mollusques Marins des Iles Açores." Drout. 1858.
33. "Voyages aux Açores." Fouqué. Revue des deux Mondes. 1873.
34. "Description de l'Archipel des Açores." Kerhallet and Totten. 1874.
35. "Die Azoren." Hartung. 1860.
36. "A Summer Trip to St. Michael's in 1876." By Rupert Swindells. Privately printed (Roundell 1889: 3-4).

Sem dúvida esta lista de 36 elementos bibliográficos (dos quais 9 são dependentes como artigos ou capítulos e 27 são independentes como monografias ou partes de monografias ou obras afins) é impressionante, pois inclui um número impressionante de obras sobre a história natural em inglês, francês, alemão e mesmo português. Quanto à literatura de viagens oitocentista de expressão anglófona sobre os Açores (que já vimos estudando ao longo de quinze artigos desde 2012), deparamos com a falta de registo de três obras, nomeadamente as duas monografias *A description of the Island of St. Michael* (1821) de John White Webster (1793-1850; cf. Kemmler 2013)<sup>34</sup> e *A Trip to the Azores or Western Islands* (1867) de Manuel Borges de Freitas Henriques (1827-1873; cf. Kemmler 2015), bem como o opúsculo *Happy Days: a Summer Tour to the Azores and Lisbon* (1880) de Marianna Gibbons (1846-1929).

Parece evidente que a agenda dos nossos viajantes estava sujeita à agenda do navio a vapor *Funchal* (1884-1927) da *Empresa Insulana de Navegação*, que servia de pacote (cf. Leite 2010) entre as ilhas, trazendo consigo passageiros de luxo, correio e mercadorias. Baste como exemplo, que a autora informa que o seu grupo de viagem queria visitar as Furnas quando o navio chegou a Ponta Delgada, pelo que a excursão resultante tinha que ser realizada com toda a pressa, já que os viajantes nem sequer dispunham de um dia:

The *Funchal* anchored about two on Sunday afternoon, too late for any church service. We were most anxious to visit the wonderful Geysers of Las Furnas, twenty-seven miles from Ponta Delgada, and the captain kindly arranged for us to do so, as the steamer was not to start for twenty-four hours (Roundell 1889: 19).

Com efeito, a comitiva só saiu de Ponta Delgada às cinco da tarde do dia 25 de março (Roundell 1889: 21), para chegar ao hotel nas Furnas às vinte para a meia-noite, depois de uma viagem algo atribulada, não por último devido à chuva intensa (Roundell 1889: 27). Os viajantes regressaram ao navio cerca das cinco da tarde do dia seguinte (Roundell 1889: 54).

Considerando o pouco tempo que os Roundell passaram no arquipélago, a autora fez os possíveis colmatar lacunas ao aproveitar as obras *supra* mencionadas. Para além de obras mais generalizadas que não se dedicam só aos Açores, tais como a *Bíblia*, observa-se que quinze dos autores ou itens bibliográficos elencados pela autora são aproveitadas dentro do texto, quer por meio de simples referência aos respetivos autores, quer por meio de citações, por vezes bastante extensas. Também se observam notas de rodapé com referências explícitas a itens bibliográficos. Assim, Roundell (1898) aproveita os seguintes: número 1 (págs. 53, 128,

---

34      Mesmo assim, Roundell (1898: 39) menciona explicitamente este autor.

129, 139, 140, 141, 142, 146); 3 (págs. 97-98, 99); 6 (págs. 100, 128); 7 (págs. 60-67); 8 (pág. 103); 10 (pág. 56); 11 (págs. 25, 68); 15 (pág. 21); 17 (págs. 2, 14, 85, 112-113, 114); 19 (pág. 90); 23 (págs. 95-96, 122-127, 130); 25 (págs. 11-12); 29 (pág. 139); 30-32 (pág. 139); 35 (pág. 139).

O opúsculo, de que conservam vários exemplares conhecidos, foi digitalizado pela Biblioteca Nacional de Portugal, pelo que faz parte da Biblioteca Nacional Digital. Não consta que até agora não seja referenciada na geralmente bem informada *Bibliografia Geral da Açorianidade* de Chrys Chrystello (2017, I/II).

A obra de Julia Roundell é muito pouco conhecida e não nos parece que alguma vez tenha sido estudada a fundo ou que tenha sido o objeto de qualquer tradução. Em Faria / Alves (2014: 459), Rogers (1988: 145) só se encontram as respetivas referências bibliográficas, ao passo que a «Relação dos visitantes estrangeiros de cujas obras foram selecionados os textos que integram a presente antologia» de Leite (1911: 15) omite qualquer referência.

#### 4 Julia Roundell e os habitantes de São Miguel

No seguinte trecho a nossa autora faculta uma 'brevíssima' descrição do povo micaelense:

The people of San Miguel are very sallow, with dark hair and eyes, and large mouths. They live on poor food; the staple of which is the *milho*, or maize, mixed with water, and baked on stones into thick cakes; and *bacalhao*, or salt cod, of which enormous quantities are imported every year. The average value of the *bacalhao* supplied to Portugal and the Azores has been estimated at a quarter of a million of money annually. There is a Portuguese saying that "bread alone can make man healthy" (*Tudo compão faz o homern são*), and the amount of maize-bread eaten by the people of the Azores is extraordinary. Wages even are frequently paid in maize, at the rate of a gallon per man per day. The corn is freshly ground every day, and a man will eat at least a loaf and a half, representing two kilos of flour. The usual breakfast of the peasants in the Azores consists of the *acorda d'azedo*, or bitter mixture; this is half a loaf, boiled up with lard, garlic, onions, vinegar, and saffron. Twice during the day salt fish and bread are eaten, and supper consists of garlic and watercress soup, or chopped greens fried in lard, and seasoned with any quantity of the mild capsicum, called *Pimentão*, with the addition of more bread. Other dishes are fried sardines; *linguiça*, or sausage flavoured with capsicums; fish, especially the oily *bonito* (or *pelamys sarda*), the conger-eel, and the octopus, or *polvo*; yams, cabbage, and the universal *tramoço cortido*, or pickled bean of the lupin. Sacks of these brilliant orange beans are to be seen everywhere. Most of the cottages have tiny gardens, in which grow pot herbs, especially the *mangericão* (or sweet basil), pinks, marigolds (or *boliana*), rose bushes, the sweet-scented heath, *Lantana microphylla* (which is here always covered with white flowers, and called *Sempre noiva*, always a bride), and, above all, the scabious, named in Portuguese *sauadades*. This word admits to no translation; the meaning of it is partly that of loving remembrance, intense affection, longing desire to see some friend. The flower is given to those going on a journey, and a representation of it is carved on one of the only two Portuguese tombstones in San Miguel (Roundell 1889: 47-48).

À parte da frase introdutória, que se traduz como 'o povo de São Miguel é muito pálido, com cabelos e olhos escuros e bocas grandes', observa-se que a maior parte deste trecho se ocupa com fornecer uma descrição muito detalhada dos elementos da alimentação açoriana (no caso de animais e de plantas incluindo a respetiva classificação biológica em latim que também encontramos em Walker 1886: 136-137; 132). Considerando o grupo de viagens de que Julia Roundell fez parte e as circunstâncias da viagem em si, este trecho serve como um exemplo de como ela veio a complementar as suas impressões pessoais com informações retiradas da literatura secundária.

Por constar que somente privou com pessoas residentes no arquipélago quando esteve no hotel das Furnas, o mesmo aplica-se ao seguinte parágrafo que fornece informações sobre áreas tão díspares como os salários, a educação e a música em São Miguel:

Wages on the island vary from tenpence to two shillings a day, according to the time of year. Women can earn sixpence a day. There is a curious belief among the people that the last twelve days of December show what the weather will be in the new year; plates of water are filled with maize and beans, and if these do not germinate freely the crops are sure to be bad, and little interest is taken in fieldwork. Charms are in universal use and are even suspended round the necks of cattle to keep away the *feiticeiras*, or witches. There is little or no education for the peasants: only 121 elementary schools exist throughout the Azores, and of these forty-one are in San Miguel. The people are very clever improvisadores and accompany their songs with the guitar. They are fond of dancing, and have many different figures, all of which, however, are said to be more or less monotonous (Roundell 1889: 48-49).

Parece evidente que estes valores bastante exatos, assim como a frase «Wages even are frequently paid in maize, at the rate of a gallon per man per day» de Roundell (1889: 47) se baseie em Walker (1886: 285) que informa a este respeito:

Like the peasantry of France, these islanders are industrious and thrifty; in the ordinary way, labourers earn 10d. a day, and, during harvest-time, as much as 1s. 8d. to 2s. 2d.; women and strong lads earning 5d. per day. In some country places wages are still paid in kind – generally about a gallon of maize per man per day (Walker 1886: 287; cf. também Kemmler 2018: 332).

Semelhantemente, as outras afirmações oferecidas pela nossa autora como informação complementar, baseiam-se na mesma fonte, nomeadamente o tópico das 'feiticeiras' em Walker (1886: 288), que ainda constata «In the entire archipelago there are only 125 elementary schools, of which S. Miguel possesses 41 [...]» (Walker 1886: 126). Observações menos literais sobre a música e a dança em São Miguel encontram-se em Walker (1886: 160).

Perante a importância atribuída ao traje tipicamente açoriano, pouco admira que Julia Roundell dedique umas considerações bastante detalhadas aos elementos femininos do capote e do capelo, como ainda à carapuça dos homens açorianos:

Whilst we were waiting for the carriages, we had our first sight of the curious dress, cloak and hood combined, worn by the women in all the islands of the Azores. The effect is always the same, "des manteaux qui marchent", but on each island there is some distinguishing feature, so that the home of the wearer of the dress can at once be known. The *capote*, or cloak, is made of dark blue cloth, reaching to the ankles, and made very full, the fulness all gathered in at the neck. It is surmounted by the immense *capello*, or hood, attached to the neck of the cloak, and extending more than a foot in front of the face. The hood is covered with thin material matching the cloak in colour, the shape being made of cardboard, edged with whalebone, and the whole stiffened with gum arabic. Both capote and capello- fasten at the neck with a single clasp, and the two hands of the wearer are always occupied, one in pushing open the hood so as to see out of it, and the other in holding the cloak over her. Widows wear the same dress but made in black. I put one on in Fayal, and was surprised to find how light it was, and that the cloak did not swing as I walked. It would, however, be impossible to walk quickly when wearing this dress. The capello and capote cost about £6. We



saw one or two of the older men wearing the curious old-fashioned cap, or *cairapuça*, of the Azores. It has a very long peak in front, and a curtain hangs down behind, reaching from ear to ear. But straw hats are now general (Roundell 1889: 19-20).

A profundidade com que a nossa autora se dedica a falar sobre estas peças de vestuário sugere que ela própria, como mulher do seu tempo, estava interessada em oferecer a avaliação adequada, razão pela qual consideramos este parágrafo em particular como sendo inteiramente da sua responsabilidade intelectual. Já a aplicação da frase feita «des manteaux qui marchent» ao traje feminino açoriano ultimamente é uma citação do personagem 'Lorrain' no terceiro ato, quinta cena da peça de teatro *Napoléon Bonaparte* do dramaturgo francês Alexandre Dumas (père) (1831: 73) que reza: «Quant aux hommes en Espagne, voyez-vous, c'est des drôles de particuliers: des manteaux qui marchent et une épée qui relève; – voilà tout». Com efeito, a expressão francesa «des manteaux qui marchent, voila tout» já se encontra empregada no mesmo contexto em Bullar / Bullar (1841, I: 60).

O interesse da autora pelo traje feminino açoriano teve ainda outra manifestação, já que optou por reproduzir duas fotografias, uma sob a descrição «Un Manteau qui Marche» antes da página de rosto de (Roundell 1889: [I]) e outra sob o título «The Capello e Capote of the Azores» a seguir a Roundell (1889: 138).

Quando passou por Angra do Heroísmo, Julia Roundell ainda aproveitou para comparar os respetivos trajes micaelenses com os da Terceira:

In Terceira the real *carapuças* are worn, made of dark blue cloth, lined with blue, red, or orange linsey; the front of the cap projects some nine inches, and is about eighteen inches wide, this is turned up into two horns, which rise high above the crown ; a cape of blue cloth, also lined, is attached to the back of the cap, reaching from one ear to the other, covering the shoulders, and ending in a point half-way down the back. We noticed a difference in the *capello* e *capote* as worn in Angra; the hood and cloak were not quite the same shape as in San Miguel (Roundell 1889: 77).

Já no Faial, capelo e capote somente são mencionados de forma passageira, depois de a autora falar da habilidade das mulheres da Horta em ir buscar água ao poço e transportá-la na cabeça sem usar as mãos:

The women fill buckets, like churns in shape, with the handle at the side; these hold from six to eight gallons and are balanced so well on the head that the women walk along without ever touching them, spinning flax with distaff and spindle as they go. Green boughs float on the water to prevent its spilling. The *capello* e *capote* are much more common in Fayal than in San Miguel (Roundell 1889: 108).

Outro assunto que mereceu a dupla atenção de Julia Roundell foi um carrinho puxado por uma ovelha que viu em São Miguel:

Whilst we were waiting a sheep passed, harnessed to a little cart, which seemed to draw quite well; and we noticed other sheep tied to the sides of carts, no doubt practising in preparation for their future vocation (Roundell 1889: 20).

Para além deste comentário, que nos parece único dentro da literatura de viagens anglófona dedicada aos Açores no século XIX, é sob o título «Sheep Cart, San Miguel» que a autora junta uma fotografia de um tal carrinho à frente de um grupo de habitantes da ilha a seguir à respetiva página do texto de Roundell (1889: 20).

O seguinte parágrafo retrata a forma como a nossa autora viu o comércio de São Miguel naquele dia em que o grupo viajou até às Furnas:

We passed a great number of little shops, all without any windows; over the doors fluttered tiny models of the goods to be had within. A grocer had a hunch of onions, a candle or two, a couple of carrots, all tied to a stick; a draper had strips of printed cotton stretched on to a string across the doorway, and mixed with a miniature dress and an inch or two of ribbon; an ironmonger exhibited a tiny dustpan, a scrap of wire, and a doll's saucepan; the shoemaker had a quantity of strips of leather, and the butcher a bundle of the skins used to hold sausages, or else a hideous picture of himself in the act of slaughtering some animal; the tailor sat on his doorstep, with his "goose" (or tailor's iron) heating on a pan of charcoal in the street; the wine shops had a bush of *Faya myrica* – a shrub something between arbutus and bog myrtle –fastened above or beside the door; sometimes it was faded, sometimes fresh and green. If a bough of box is added, it means that spirits are sold as well as wine. Inside we could dimly see huge barrels, and men sitting about smoking cigarettes or taking snuff. Hardly any names appear above the shops. The most common sign is *Habilitado*, which means "Licensed to sell Wine and Tobacco": in some cases, it is put in full, "*Tabaco e Vinho Habilitndo*" (Roundell 1889: 22).

Se compararmos esta descrição com as afirmações de Walker (1886: 128-129), parece evidente que se deve tratar mesmo de próprias, já que o autor anterior quase inteiramente se limita a indicar o número das mais variadas lojas que havia em Ponta Delgada. Quanto ao aspeto do comércio que aqui dá mais nas vistas, Walker (1886) não menciona com qualquer palavra a inexistência das janelas constatada por Roundell (1889).

Por ser uma planta pouco ou nada conhecida na Inglaterra, a nossa autora faz questão de mencionar o cultivo do tremoço em São Miguel:

We passed fields and fields of lupin, the *Lupinus ternis*, which is much grown here for manure. It has an insignificant lilac flower and grows to a height of two feet. It is sown broadcast in the fields, and is dug into the soil, leaves, pods, roots, and all, and is said to be most stimulating; in fact, no other manure is thought to be so good by the inhabitants of the Azores. The lupin was introduced into Spain by the Romans, and the first seeds were sent to San Miguel in 1550 (Roundell 1889: 23-24).

Verifica-se que Julia Roundell misturou as suas observações próprias com a leitura dos respetivos trechos que Walker (1886)<sup>35</sup> e Baker (1882: 108) dedicaram aos tremoços. Para além disso, acrescenta ainda uma nota de rodapé que diz respeito à monografia *A manual flora of Madeira and the adjacent Islands of Porto Santo and the Desertas* do naturalista inglês Richard Thomas Lowe (1802-1874), que se dedica ao tremoço (cf. Lowe 1868: 120-121, 595-596):

The plant is called by the Portuguese *tremoço*, and the seeds are used, both in Madeira and the Azores, as an ingredient in *sopas* (soups). In the Canary Islands the plant is called *chocho*, and the seeds, after being steeped in cold water for twenty-four hours, are used for feeding cattle (Lowe's "Flora of Madeira") (Roundell 1889: 24, nota de rodapé).

Já quanto às atividadea económicas que antes da vinda das 'vacas alpinistas de São Miguel' foram determinantes para a economia da ilha, fica evidente que maior parte não se deve a observações próprias da nossa autora, mas a leituras de obras contemporâneas, sobretudo de Walker (1886):

The oranges are not nearly so good or so much grown as they used to be. The fruit was introduced soon after the discovery of the Azores, and some ten years ago half a million boxes of oranges were sent annually to England alone. The trees were allowed to grow as they liked, being merely protected from wind. Some sprang direct from the ground like a tree, others grew more like shrubs; the larger ones were often uprooted by the violent gales, but continued to bear fruit, and one tree, belonging to the Prior of Ponta Delgada, was supposed to produce 20,000 oranges at once. [...] Trees are grown on purpose to make the boxes: poplars, *Pinus maritimus*, and Eucalyptus as well as the *Cryptomeria japonica*. In 1875, 260,000 boxes, each containing from 700 to 800 oranges, were exported (Roundell 1889: 51).

35 Cf. Walker (1886: 93): «Almost the only manure ever put into the land here is the lupin plant (*Lupinus termis*), which is sown broadcast and then dug in, when it attains a height of two feet, strengthening the soil to a remarkable extent». Observa-se, no entanto, que Roundell (1889: 23) escreve '*Lupinus ternis*' em vez de '*Lupinus termis*'.

## Anuário 2021 Belmonte e PDL

But pineapples now form the great industry of San Miguel; they were only introduced in 1868, but now over 1 50,000 are sent every year to England. They are grown in *estufas*, or glasshouses, but without heat; it takes two years to perfect a plant, but the fruit will then weigh eight pounds. Those we tasted were delicious. Each pine-apple costs, to grow, from 4s. 6d. to 5s. 6d.; and each is packed in a separate box, in order that it may have sufficient air on the voyage. It seems a great pity that the orange trade should have been allowed to decay, for it produced an annual revenue of £177,000 a year, and the pineapples do not realize much more than £25,000 a year (Roundell 1889: 52). Tea is so heavily taxed throughout the Portuguese dominions, that we (who were smarting from the duty of 3s. 6d. per kilo in Funchal) wondered that there were not more tea plantations in San Miguel. We only heard of one large plantation; but everything in soil and climate favours the cultivation of the tea plant: the plants can be stripped six times in twelve months, and the quality is said to be excellent. (Roundell 1889: 52).

Tobacco, which in San Miguel grows to an unusual size, was the most severely taxed of all the productions of the Azores, the Portuguese Government alone having the right of selling it up to 1864. This monopoly has ceased, but the duty on tobacco still realizes upwards of £6000 annually in San Miguel alone. At one time, on the island of Pico, a cigarette was so precious that it had to suffice for quite a large party, each person in turn enjoying one whiff. The exportation of maize is forbidden throughout the Azores (Roundell 1889:53).

Mais uma vez, observa-se que Julia Roundell aproveitou as suas observações pessoais sobre o cultivo da laranja, do ananás, o chá e do tabaco em São Miguel, que fez todos os esforços para sustentá-los com informações atualizadas.

Quanto enfim, à língua portuguesa, nada nos leva a crer que Julia Roundell terá possuído qualquer conhecimento além da simples capacidade de leitura do português como língua românica. Assim, ela afirma desde já que o conhecimento da língua portuguesa não é absolutamente essencial para uma visita aos Açores:

Some knowledge of Portuguese is, if not essential, very desirable, and the language is by no means difficult (Roundell 1889: 5).

Mas mais adiante acrescenta uma nota de rodapé esclarecedora que dá para entender que sabia pelo menos alguma coisa sobre a língua:

No Portuguese would speak of Oporto; it is simply The Port, the "O" signifying merely the definite article (Roundell 1889: 105).

Já as grafias 'San Miguel', 'Las Furnas', indubitavelmente são hispanismos, tal como os encontramos no «Capítulo III Islas adyacentes: Archipiélago de las Azores» do 18.º livro sobre a geografia descritiva referente a Portugal no quarto volume da obra espanhola atribuída aos geógrafos franceses Saint-Martin / Maury / Beaudain / Malte-Brun, / Lavallée / Cortambert / Topinard (1879, IV: 780). Neste contexto, parece bastante concebível que o autor possa ter tido acesso a esta famosa obra em espanhol no seu país natal.

## 5 Conclusões

Publicado em Londres em 1889, o livro *A Visit to the Azores, with a Chapter on Madeira* da historiógrafa inglesa Julia Roundell (1845-1931) constitui a última obra de cariz monográfico dentro da literatura de viagens oitocentista, maioritariamente dedicada ao arquipélago dos Açores. Com onze livros de dimensões diferentes, esta vertente da tradição anglófona teve os seus inícios com a *History of the Azores, or Western Islands* (1813) do irlandês Thomas Ashe (1770-1835) e teve o seu apogeu nos anos 1880, com cinco publicações relevantes (cf. Kemmler 2012: 176-176) – sem tomar em consideração quaisquer obras monográficas em que os Açores são mencionados apenas de passagem ou os artigos publicados em revistas de divulgação (Kemmler 2012: 176-178).

A autora viajou a bordo do navio a vapor *Funchal* com um grupo de viagem de que fizeram parte o seu marido Charles Savile Roundell (1827-1906), uma prima e um sobrinho. A própria natureza do navio como pacote trazia consigo que os viajantes não dispunham de muito tempo para permanecer em terra firme. Assim, mesmo que o navio tenha viajado pelo espaço marítimo dos Açores durante uma semana, entre o sábado, 24 de março de 1888, e o sábado seguinte, 31 de março de 1888, os passageiros do navio só tiveram a oportunidade de fazer quatro brevíssimas excursões, nomeadamente para São Miguel (na ida e na volta), para a Terceira e para o Faial.

Como o programa turístico dos viajantes era muito limitado devido à falta de tempo, Julia Roundell teve, compreensivelmente, oportunidades muito limitadas de fazer observações bem fundamentadas sobre os habitantes do arquipélago.

Assim, a grande maioria das informações que encontramos no seu livro, vem da literatura de viagens contemporânea (especialmente de Walker 1886 e Baker 1882). Com efeito, Roundell (1889: 3-4) fornece pela primeira vez um catálogo quase completo de obras consultadas e menciona-as muitas vezes explicitamente como as suas fontes. Mesmo que a autora mostre aqui uma seriedade extraordinária em comparação com os autores de outras obras congéneres, seria naturalmente difícil esperar, neste contexto, que os dados bibliográficos fossem fornecidos com referências de páginas, como é habitual na investigação moderna.

No que diz respeito às observações de Roundell, muitas vezes parece que ela só pegou numa única frase de sua própria pena, para em seguida expandir a informação correspondente com base na literatura secundária de que dispunha. Este parece ser o caso das notas sobre o aspeto físico dos micalenses, onde as informações sobre nutrição, juntamente com os nomes latinos, parecem em última análise dever-se a Walker (1886), assim como as notas sobre os micalenses e as atividades agro-económicas, como o cultivo do tremoço, as plantações de laranja, abacaxi e chá, ou passagens de texto semelhantes. Neste contexto, no entanto, parece óbvio que os comentários de Julia Roundell sobre o capote e o capelo, em particular, se devem basear principalmente na própria observação da autora. Apesar de ser evidente que terá procurado informações adicionais nas suas fontes, o nível de detalhe dos comentários sugere que ficou profundamente interessada no assunto quando esteve em São Miguel, na Terceira e no Faial.

Também o carrinho de ovelhas, que a autora até documentou com uma fotografia, nos parece ser uma impressão muito pessoal da autora, o que também se aplica aos detalhes fornecidos sobre as lojas no centro de Ponta Delgada. Em suma, é de salientar que Julia Roundell, com *A Visit to the Azores, with a Chapter on Madeira*, promete nada mais, nada menos do que uma visita aos Açores e um capítulo sobre a Madeira. Apesar de ser evidente que a obra não é isenta dos habituais lugares comuns e preconceitos que estariam presentes no ideário de uma viajante protestante inglesa do tempo colonial britânico, parece-nos que ela cumpre a sua promessa, e pode muito bem assumir-se que os turistas britânicos, que vinham seguindo os seus passos ao viajarem pelo arquipélago em navios postais como o *Funchal*, podiam encontrar apoio para as suas próprias viagens no relatório de Roundell mas, acima de tudo, outras informações adicionais relevantes que um viajante interessado da época era capaz de apreciar.

## 6 Referências bibliográficas

1814, November 9 – Acton, Baptism of Anne, daughter of the Reverend James Tomkinson and his wife Julia, born November 3rd 1814, England, Cheshire, Parish registers for Acton-near-Nantwich, Bishop's Transcripts, Baptisms, 1741-Nov.1859, p. 20, n.º 159, image 502 of 748, in: [familysearch.org/ark:/61903/3:1:S3HT-XC7S-S7F?cc=1614792&wc=MJ4D-3TL%3A1042850102](https://familysearch.org/ark:/61903/3:1:S3HT-XC7S-S7F?cc=1614792&wc=MJ4D-3TL%3A1042850102) (última consulta: 27 de abril de 2021).

1844, June 25 – Acton, Marriage between Wilbraham Tollemache of London and Anne Tomkinson of Dorfold, England, Cheshire, Parish registers for Acton-near-Nantwich, Bishop's Transcripts, Marriages, 1836-1844, p. 74, n.º 148, image 675 of 748, in: [www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:S3HY-6Q97-SLF](https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:S3HY-6Q97-SLF) (última consulta: 27 de abril de 2021).

## Anuário 2021 Belmonte e PDL

1845, June 25 – Acton, Baptism of Julia Anne Elizabeth, daughter of the Wilbraham Spencer Tollemache, Esquire, and his wife Anne, England, Cheshire, Parish registers for Acton-near-Nantwich, Bishop's Transcripts, Baptisms, 1741-Nov.1859, p. 158, n.º 1261, image 646 of 651, in: [familysearch.org/ark:/61903/3:1:3SHT-XC7S-9V9?cc=1614792&wc=MJ4D-3TL%3A1042850102](http://familysearch.org/ark:/61903/3:1:3SHT-XC7S-9V9?cc=1614792&wc=MJ4D-3TL%3A1042850102) (última consulta: 27 de abril de 2021).

1873, May 10 – Acton, Marriage between Charles Savile Roundell, Esquire, of St. Mary Abbots Kensington and Julia Anne Elizabeth Tollemache of Dorfold, England, Cheshire, Parish registers for Acton-near-Nantwich, Bishop's Transcripts, Marriages, 1845-1874, p. 152, n.º 304, image 688 of 772, in: [www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3SHY-66B7-N8G](http://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3SHY-66B7-N8G) (última consulta: 27 de abril de 2021).

1876, August 13 – Farnhurst, Baptism of Christopher Foulis, son of Charles Savile Roundell and his wife Julia Anne Elizabeth, England, Sussex, Parish registers for Farnhurst, Bishop's Transcripts, Baptisms, 1874-1901, p. 90, n.º 716, image 15 of 728, in: [www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3SHT-D439-PJ7](http://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3SHT-D439-PJ7) (última consulta: 27 de abril de 2021).

A[she], T[homas] (1813): History of the Azores, or Western Islands, containing an account of the Government, Laws, and Religion, the Manners, Ceremonies, and Character of the Inhabitants and demonstrating the importance of these valuable islands to the British Empire, illustrated by Maps and other Engravings, London: Printed for Sherwood, Neely, and Jones.

Baker, C[harlotte] Alice (1882): A Summer in the Azores with a glimpse of Madeira, Boston; New York: Lee and Shepard, Publishers; Charles T. Dillingham.

Bullar, Joseph / Bullar, Henry (1841, I): A winter in the Azores and a summer at the baths of the Furnas, vol. I, London: John van Voorst.

Chrystello, Chrys (ed.) (2017, I/II): Bibliografia Geral da Açorianidade, 2 volumes, Apoios técnicos e científicos por João Paulo Constância e Rolf Kemmler, Ponta Delgada; Lomba da Maia: Letras Lavadas; Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia (ISBN 978-989-735-150-1, 978-989-735-151-8).

Dumas (père), Alexandre (11831): Napoléon Bonaparte, ou trente ans de l'histoire de France: Drame en six actes, par Alex. Dumas, représenté pour la première fois, sur le Théâtre Royal de l'Odéon, le 10 janvier 1831, Paris : Chez Tournachon-Molin, Libraire.

Faria, Claudia / Alves, Graça (2014): «Sobre ilhas, mares, destinos e escritas», em: Guerrero, Elena Acosta (coord.) (2014): XX Coloquio de Historia Canario-Americana, Las Palmas de Gran Canaria: Ediciones del Cabildo de Gran Canaria, págs. 453-462.

FindAGrave (2017a): «Memorial page for William Spencer Tollemache (15 Feb. 1890)», em: Find A Grave Memorial no. 179244763, em: [findagrave.com/memorial/179244763/william-spencer-tollemache](http://findagrave.com/memorial/179244763/william-spencer-tollemache) (última consulta: 27 de abril de 2021).

FindAGrave (2017b): «Memorial page for Anne Tollemache (20 Apr. 1871) », em: Find A Grave Memorial no. 179244802, em: [findagrave.com/memorial/179244802/anne-tollemache](http://findagrave.com/memorial/179244802/anne-tollemache) (última consulta: 27 de abril de 2021).

Kemmler, Rolf (2012): «Notas sobre a perceção dos Açores no mundo anglofono novecentista I: Os habitantes dos Açores segundo Thomas Ashe (1813) e Mark Twain (1869)», em: Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia (2012): Atas / Anais do XVII Colóquio da Lusofonia (Lagoa, São Miguel, Açores): 30 de março a 3 de abril de 2012, CD-ROM (ISBN 978-989-95891-9-3), ficheiro CD atas Lagoa 2012/atasXVILagoa2012.pdf, págs. 175-190.

Kemmler, Rolf (2013): «Notas sobre a perceção dos Açores no mundo anglofono novecentista II: John White Webster e A description of the Island of St. Michael (1821)», em: Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia (2013a): Atas / Anais do XIX Colóquio da Lusofonia (Maia, São Miguel, Açores): 14 -17 de março de 2013, CD-ROM (ISBN 978-9898607-01-0), ficheiro atas-anais 2013maia.pdf, págs. 169-185.

Kemmler, Rolf (2015): «Os Açores vistos por um açoriano na diáspora: A Trip to the Azores or Western Islands (1867) de Manuel Borges de Freitas Henriques (1826-1873)», em: Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia (2015b): Atas / Anais 2015 XXIV Colóquio da Lusofonia, Santa Cruz da Graciosa, 24-27 de setembro de 2015, CD-ROM (ISBN 978-989-8607-06-5), pasta 'CD ATAS', ficheiro 'ATAS 2015 graciosa.pdf', págs. [212-224].

Kemmler, Rolf (2018b): «São Miguel e os seus habitantes em The Azores or Western Islands (1886) de Walter Frederick Walker», em: Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia / Chrystello, Chrys (eds.) (2018b): Atas 30.º Colóquio da Lusofonia – 3-8 outubro 2018, Madalena do Pico, CD-ROM (ISBN 978-989-8607-12-6), pasta 'DVD', ficheiro 'atas 30.º.pdf', págs. 323-339.

Leite, João Emanuel Cabral (1991): Estrangeiros nos Açores no Século XIX, Ponta Delgada: Eurosigno, em: [hdl.handle.net/10216/19462](http://hdl.handle.net/10216/19462) (última consulta: 27 de abril de 2021).

Lowe, Richard Thomas (1868): A manual flora of Madeira and the adjacent Islands of Porto Santo and the Desertas, Vol. I, Dychlamideæ, by Richard Thomas Lowe, M.A: London: John Van Voorst.

NPC (1906): «Roundell, Charles Savile», em: National Probate Calendar (Index of Wills & Administrations) 1906, pág. 379, em: [probatesearch.service.gov.uk/Calendar/GetImgSrc?filePath=%2F1906%2FR%2F002230\\_roughton\\_1906.Png](http://probatesearch.service.gov.uk/Calendar/GetImgSrc?filePath=%2F1906%2FR%2F002230_roughton_1906.Png) (última consulta: 27 de abril de 2021).

NPC (1932): «Roundell, Julia Anne Elizabeth», em: National Probate Calendar (Index of Wills & Administrations) 1932, pág. 175, em: [probatesearch.service.gov.uk/Calendar/GetImgSrc?filePath=%2F1932%2FR%2F003134\\_roughton\\_1932.Png](http://probatesearch.service.gov.uk/Calendar/GetImgSrc?filePath=%2F1932%2FR%2F003134_roughton_1932.Png) (última consulta: 27 de abril de 2021).

NPC (1939): «Tollemache, Henry James», em: National Probate Calendar (Index of Wills & Administrations) 1939, pág. 142, em: [probatesearch.service.gov.uk/Calendar/GetImgSrc?filePath=%2F1939%2FT%2F004385\\_tolhurst\\_1939.Png](http://probatesearch.service.gov.uk/Calendar/GetImgSrc?filePath=%2F1939%2FT%2F004385_tolhurst_1939.Png) (última consulta: 27 de abril de 2021).

Rogers, Francis Millet (1988): «St. Michael's Hicklings, Fayal Dabneys, and their British Connections», em: Arquipélago: História (Número Especial) ISSN 0871-7664, págs. 123-148, em: [hdl.handle.net/10400.3/1060](http://hdl.handle.net/10400.3/1060) (última consulta: 27 de abril de 2021).

Roundell, [Julia Anne Elizabeth] (1884): Cowdray: The History of a Great English House, By Mrs. Charles Roundell, With Illustrations from drawings in the British Museum, and from sketches by the late Anthony Salvin, Esq., F.S.A., London: Bickers and Son.

Roundell, [Julia Anne Elizabeth] (1889): A Visit to the Azores, with a Chapter on Madeira, By Mrs. Charles Roundell, Author of "Cowdray: The History of a Great English House", With Twenty-Five Illustrations from Sketches and Photographs, London: Bickers and Son. [Biblioteca Nacional Digital; [purl.pt/17167](http://purl.pt/17167)]

Roundell, [Julia Anne Elizabeth] (1896): Agnes Jones: or She Hath Done What She Could, by Mrs. Roundell, with a supplement by Miss Florence Nightingale and the Archbishop of Armagh, London: Bickers and Son.

Roundell, [Julia Anne Elizabeth] (1898): Mrs. Roundell's Practical Cookery Book: with many family recipes hitherto unpublished, London: Bickers and Son.

Roundell, [Julia Anne Elizabeth] / Roberts, Harry (1903): The Still-Room, London; New York: John Lane.

Roundell, [Julia Anne Elizabeth] (1904, I/II): Ham House: Its history and art treasures, Volume I, With chapters on the library by William Younger Fletcher, F.S.A., & the miniature room by G, C. Williamson, Litt. D. London, George Bell and Sons. [Volume II com as mesmas referências bibliográficas].

Roundell, [Julia Anne Elizabeth] (1909): Lady Hester Stanhope, By Mrs. Charles Roundell, Author of "Cowdray: The History of a Great English House", etc., With Illustrations, London: John Murray.

Saint-Martin, [Julien] Vivien de / Maury, [Alfred] / Beaudain / Malte-Brun, [Conrad] / Lavallée, Théophile / Cortambert, Eugène / Topinard, Paul (1879, IV): Nueva geografía universal: completada con las exploraciones de los mas notables viajeros antiguos y modernos, y corregida su parte estadística segun los mas recientes censos y datos oficiales, Tomo Cuarto, Por Vivien de Saint-Martin, Maury, Beaudain, Malte-Brun, Lavallée, Cortembert y Topinard, Ilustrada con láminas sueltas, mapas iluminados y cromo-litografías, representando las razas humanas, Barcelona: Montaner y Simon, Editores.

Times (1931): «Death: Julia Anne Elizabeth Roundell», em: The Times 46017 (Royal Edition; Wednesday, Dec. 30, 1931), pág. 1.

Tollemache, Edward D[evereux] H[amilton] (1949): The Tollemaches of Helmingham and Ham, By Major-Gen. E. D. H. Tollemache, D. S. O., M. C., Ipswich: W. S. Cowell Ltd.

Tomkinson, Newton Powers (1904): Genealogical memoirs of various families of Tomkinson (1620-1904), s.l.: s.n. [edição do autor].

UO (1872) = University of Oxford (1872): The Oxford Ten-Year Book: A Register of University Honours and Distinctions, completed to the end of the year 1870,

Walker, Walter Frederick (1886): The Azores or Western Islands: A political, commercial and geographical account, containing what is historically known of these islands, and descriptive of their scenery, inhabitants, and natural productions; having special reference to the eastern group consisting of St. Michael and St. Mary, the Formigas and Dollabaret Rocks; including suggestions to travellers and invalids who may resort to the archipelago in search of health, London: Trübner & Co.

Webster, John White (1821): A description of the Island of St. Michael, comprising an account of its geological structure, with remarks on the other Azores or Western Islands: originally communicated to the Linnean Society of New-England, Boston: Published by R. P. & C. Williams.

Woodburn, Bill / Guy, Neil (2005-2006): «Cowdray House», em: The Castle Studies Group Journal 19, págs. 31-47.



## 17. SÉRGIO REZENDES, HISTORIADOR, IHC – INSTITUTO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA, INVESTIGADOR [SREZENDES@HOTMAIL.COM](mailto:SREZENDES@HOTMAIL.COM)

### BIBLIOGRAFIA36

#### 36 BIBLIOGRAFIA SÉRGIO REZENDES

Áreas de Investigação - História Militar Açoriana:

- Fortificação da Idade Moderna;
- I Guerra Mundial nos Açores;
- II Guerra Mundial nos Açores;
- A Guerra Fria nos Açores;
- Campos de prisioneiros nas ilhas.
- Património e Museologia:
  - O Património Imaterial das ilhas: crenças, medos e religiosidade;
  - O Património Imóvel e Religioso das ilhas: repercussões na emigração Santacatarinense (Brasil);
  - O Património Imóvel e Móvel: a constituição de roteiros por freguesias e a construção de núcleos museológicos locais.

Registo ORCID [0000-0002-8821-709X](https://orcid.org/0000-0002-8821-709X) 2017/2018 - [em atualização](#)

Alguma bibliografia:

(1999). “O Depósito de Concentrados Alemães na Ilha Terceira, as memórias de uma reclusão forçada,” *Insulana* vol. LVII. Ponta Delgada, ICPD: 67-143

(2003), “O Depósito de Concentrados Alemães em Angra do Heroísmo”. *Jornal do Exército* n° 524 dez° 16-18.

(2004), “A História de uma mudança atual: a transferência do B.I.I. n° 18 para o quartel dos Arrifes em S. Miguel”. *Boletim do Regimento de Guarnição* n° 2, n° 2- II Série, jun°: 89-96

(2004), “Anais da História do Regimento de Guarnição n° 2: o 2º Batalhão Independente de Infantaria n° 18, Expedicionário a Angola 1946”. *Boletim do Regimento de Guarnição* n° 2 II Série, jun° 97-105.

(2004), “A Bateria de Costa de Ponta Delgada”. *Jornal do Exército* n° 525 jan°: 12-16

(2004), “O Alto da Mãe de Deus em Ponta Delgada”. *Atlântida* vol. XLIV. Angra do Heroísmo, IAC: 93 a 122

(2005). “O convento de S João”. *Insulana*. ICPD n° 61: 15-38

(2006). “Ao serviço da Nação”. *Motociclismo* jan.º n° 177. Motopress Lisboa

(2007). “O património fortificado na ilha Terceira: o passado e o presente”, *Conferência Centro Cultural e de Congressos de Angra do Heroísmo*, 25 julº,

(2008). “A bateria da Castanheira em Ponta Delgada: da II Guerra à atualidade”. *Atlântida* vol. LIII. Angra do Heroísmo IAC: 207 a 222



## 2. APRESENTA

## 1. A ARTE DO BEM SABER MORRER NO BARROCO AÇORIANO

A ambiência dos rituais fúnebres, o movimento cénico do Barroco e o estilo de vida faustoso em oposição ao racionalismo renascentista manifestaram-se muito além da arquitetura, pintura, escultura, música e literatura. Esta particularidade fez-se sentir também na morte? A preleção avalia, a partir interpretação de fontes históricas originais, diversas formas de Património com ênfase para o *I Livro de óbitos do Faial da Terra* entre 1730 e 1751. Em recuperação do espaço perdido com a Reforma Protestante, e mediante monarcas absolutistas, a Igreja Católica procurou conciliar a espiritualidade e a emoção da Idade Média com o antropocentrismo e a racionalidade do Renascimento, desenvolvendo o drama e a opulência típicos da sociedade da época. Seria-o também nos rituais fúnebres? De que forma, numa sociedade dividida em pequenos povoados, profundamente estratificada em três ordens sociais?

Santa Cruz da Graciosa, à semelhança do Faial da Terra e de Água Retorta, é contemporânea do povoamento, tendo cristianizado até muito tarde os hábitos e costumes associados ao culto aos mortos, pelo que o *I Livro dos Mortos do Faial da Terra* não é só desafiante pelo estudo paleográfico como pelas conclusões que a partir daí se possam inferir.

## 2. UM PROJETO PARA O MANUAL DE HISTÓRIA, GEOGRAFIA E CULTURA, A disciplina de “História, Geografia e Cultura dos Açores – Passado, Presente e Futuro”.

Constituída por solicitação do Governo dos Açores em julho de 2014, a Comissão Científica e Pedagógica à qual Sérgio Rezendes pertenceu foi responsável pela produção das orientações curriculares e metodológicas da nova Disciplina de História, Geografia e Cultura dos Açores. Esta, desde então tem conhecido avanços e recuos para além de diferentes formas de implementação, aguardando-se uma nova orientação que se pretende clara e definitiva nos seus moldes gerais, a partir do XIII Governo Regional dos Açores.

A contribuição de Sérgio Rezendes baseou-se num desafio por parte da Direção Pedagógica do Colégio do Castanheiro que, em 2010 (ano da sua inauguração), solicitou a adaptação de conteúdos de natureza regional ao currículo nacional dos três níveis do Ensino Básico, evitando-se tanto quanto possível, desfaseamentos significativos em termos dos enquadramentos temáticos e cronológicos. Volvido uma década, tal projeto não só apresenta excelentes resultados como valiosos ecos na educação pré-escolar e naturalmente, no secundário.

## 18. URBANO BETTENCOURT, ESCRITOR AÇORIANO, CIERL-UMA, CEHU-UAC, PICO. AICL, AUTOR HOMENAGEADO PELA AICL EM 2015 E 2017

- (2008). “A Grande Guerra nos Açores. Memória Histórica e Património Militar”. Tese de Mestrado. Texto Policopiado. Universidade dos Açores.
- (2009). “A fortificação da idade moderna nos Açores: O caso específico das ilhas de São Miguel, Terceira e São Jorge”, V Bienal de Turismo Rural Atlântico 15-17 outº
- (2010). “O Museu Militar dos Açores e a fortaleza quinhentista de São Brás em Ponta Delgada”, VI Seminário Regional de Cidades Fortificadas, 1º Encontro Técnico de Gestores de Fortificações, Univ. Federal de Santa Catarina, Floripa, 31 mar - 2 abr,
- (2010). “A fortificação da idade moderna nos Açores: o caso específico das ilhas de São Miguel, Terceira e São Jorge”, VI Seminário Regional de Cidades Fortificadas, Universidade Federal de Santa Catarina, Floripa, Brasil, 31 mar a 2 abr,
- (2010). “As fortificações militares da idade moderna: as ilhas dos Açores como ponto de transição para o Brasil”, palestra de Mestrado, Universidade de Univille, em Joinville, Santa Catarina, 2 abr.
- (2010). “Memórias de uma avó: Água Retorta nos tempos de uma menina”, II Congresso Internacional A voz dos Avós: Migração e Património Cultural, Fundação Pró Dignitate
- (2010). “A Grande Guerra nos Açores”, Palestra na Biblioteca Municipal de Ponta Delgada 9 junº
- (2010). “O depósito de concentrados alemães na ilha Terceira 1916-1919: Memórias de uma reclusão forçada”, I Jornadas Luso-alemãs, 12 novº, Universidade dos Açores.
- (2010). “A Grande Guerra nos Açores: aspetos da evolução político-militar”, Congresso A República e as ilhas: História e Memória, 17 dezº CEGF e Universidade dos Açores.
- (2010). “Em memória de um Ás da aviação nos Açores”. Jornal do Exército nº 592, fevº, Exército Português: 20-23
- (2010). “O motociclo militar”, Frontline, nº 22, maio, HV-Press, Lisboa, 42-46
- (2010). “Um hospital da II Guerra Mundial, nos Açores”, Frontline nº 19, fevº, HV-Press, Lisboa, 42-46.
- (2010). “A fortificação da Idade Moderna nos Açores: o caso específico das Ilhas de São Miguel, Terceira e São Jorge”, Insulana, ICPD
- (2011). “Ou–139 e a odisséia dos marinheiros do Augusto De Castilho: A Grande Guerra Nos Açores no âmbito das II Jornadas Luso-alemãs”, palestra 11 novº, Dept.º de Línguas e Literaturas Moderna. Universidade dos Açores
- (2011). “A Grande Guerra Nos Açores: aspetos da evolução político-militar”, Palestra 5 abr, Colóquio Internacional “Os Açores, a 1ª Guerra Mundial e a República Portuguesa no contexto Internacional”, Angra Do Heroísmo, Terceira.
- (2011). “O Farol Da Ferraria na senda do futuro: do passado ao presente”, Palestra 27 novº, Comemorações dos 110 anos Marinha de Guerra Portuguesa
- (2011). “Os Açores na II Guerra Mundial: a ação da 5ª coluna e o tiroteio nas Capelas”. Boletim Do Regimento De Guarnição nº 1, III Série, junº: 61-68.
- (2012). “A Arquitetura Militar Dos Açores”, palestra 15 junº Turismo Cultural e Arqueologia, org. Direção Regional do Turismo, Arqueomac, Madeira
- (2012). “Os Açores nos primórdios da aviação: dos primeiros contactos às viagens de exploração alemãs, palestra 18 maio”. 3ª Jornadas Luso-alemãs, Univ. dos Açores
- (2012). “O Jornal O Templo: o papel de uma mulher no tempo das nossas avós”, III Congresso Internacional “A Voz dos Avós: Gerações e Migrações”, Univ. dos Açores
- (2012). “Memória de uma avó: Água Retorta nos tempos de uma menina”. A Voz Dos Avós. Migração, Memória e Património. Cultural. Colóquio; Fundação Pro Dignitate, Gráfica de Coimbra 2, Lisboa: 193-208
- (2012). “As fortificações militares na idade moderna, os casos de São Miguel e Santa Maria”. Palestra 15 ago. Biblioteca Municipal de Vila do Porto
- (2012). “As fortificações militares na idade moderna. as ilhas dos Açores como ensaio da experiência portuguesa: o caso da Graciosa”. Palestra 21 ago Centro Cultural da ilha Graciosa.
- (2012). “German Tecnology in the Azores between the two World Wars”, Seminário Internacional “German Science in Southern Europe” FCSH-UNL
- (2012). “Os Açores a ligar o mundo: do cabo telegráfico do séc. XIX À TSF da 1ª metade do séc. XX”, Seminário Internacional “Ligar o Mundo”, IHC, FPC.
- (2013). “Os Açores, A 1ª Guerra Mundial e a República Portuguesa no contexto internacional”, 1º Congresso 1ª República e Republicanismo, org. CEIS 20, Universidade de Coimbra, IHC, FCSH-UNL
- (2014). “Os Açores, A 1ª Guerra Mundial e a República Portuguesa no contexto internacional, seminário internacional “As relações transatlânticas entre a Europa, a América e as ilhas do Atlântico”, Centro de Estudos de Arqueologia Moderna e Contemporânea, Vila do Porto, Açores.
- (2014). “Os Açores entre Guerras”, II Encontro A Europa no Mundo, A Europa entre Guerras 1919-1939, UNL
- (2014). “A Lagoa e a I Guerra Mundial nos Açores: ecos e memória da I república nas relações transatlânticas”, Jornadas De História Local, Cineteatro Lagoense, Lagoa
- (2014). “A Grande Guerra nos Açores: aspetos da evolução político-militar”, “Small power is a power? the role and resilience of small and medium powers during the Great War 1914-1918”, Palestra 30 setº, Instituto De Defesa Nacional, Lisboa.
- (2014). “A Gripe Espanhola nos Açores: Memória e património durante a grande Guerra”, 2º Congresso 1ª República E Republicanismo, Biblioteca Nacional, Lisboa
- (2014). “A grande Guerra nos Açores e a concentração de prisioneiros alemães na ilha Terceira”, Prisoners of war in the twentieth century, actors, concepts and changes, FCSH-UNL, Lisboa
- (2014). O Depósito de Concentrados Alemães em Angra do Heroísmo, Açores, Prisoners of war in the twentieth century, actors, concepts and changes, FCSH-UNL, Lisboa
- (2014). A Tecnologia Alemã nos Açores entre as duas guerras mundiais, A angústia da influência. política, cultura e ciência nas relações da Alemanha com a Europa do Sul 1933-1945. Frankfurt. Peter Lang Edition
- (2014). “A Grande Guerra nos Açores: aspetos da evolução político-militar” Anais do Clube Militar Naval, julº dezº, Lisboa: 521 - 567.
- (2014). A Grande Guerra Nos Açores: Memória Histórica e Património Militar, Letras Lavadas, Ponta Delgada.
- (2015). “A Fortificação da idade moderna nos Açores: o caso da ilha das Flores, das fortificações militares ao Geoturismo: Património Histórico, Cultural e Ambiental da ilha das Flores”, 9.º Encontro Cultural, Associação dos Amigos da Ilha das Flores.
- (2015). “A Grande Guerra nos Açores e a concentração de prisioneiros alemães na ilha Terceira”, palestra 20 junº Museu Militar dos Açores, Ponta Delgada
- (2015). “Lieutenant Walter S. Poague, of the US Marine Corps: an American view of Azores in 1918”, Seminário Turismo, Lazer E Guerra, IHC, FCSH-UNL, Lisboa
- (2015). “A I Guerra Mundial nos Açores: aspetos da evolução político-militar”, palestra 4 julº Museu da Graciosa, Açores
- (2015). “A Ilha Graciosa durante a II Guerra Mundial 1939-1945”, palestra 6 julº. Museu da Graciosa, Açores.
- (2015). “À Conversa...Santa Maria nas duas guerras mundiais”, palestra 23 julº Biblioteca Municipal de Vila do Porto
- (2015). “O bombardeamento de Ponta Delgada na Grande Guerra”. Debater a História nº 7, Vila Nova de Gaia: 50-58.
- (2015). “Os Açores, a 1ª Guerra Mundial e a República Portuguesa no contexto internacional”, in República e Republicanismo, Lisboa, Ed. Caleidoscópio: 221-226.
- (2016). “Os Açores, a 1ª Guerra Mundial e a República Portuguesa no contexto internacional”, Congresso Internacional A Guerra no Mar: combates e poder naval nos sécs. XIX e XX, IHC, Centro Cultural de Cascais.
- (2016). “Os Açores na II Guerra Mundial”, A Rádio de ontem, a rádio de hoje, Colóquio comemorativo dos 75 anos do Emissor Regional dos Açores (RDP), SATA, BPARPD
- (2016). “A Emissora Nacional e os Açores na II Guerra Mundial”, Seminário de Investigação Permanente Grupo Economia, Sociedade, Património e Inovação, IHC



## 37 BIBLIOGRAFIA URBANO BETTENCOURT

1972, Raiz De Mágoa, Poesia, Setúbal, Ed. Autor

1976, Ilhas, narrativas; em parceria com Santos Barros. Lisboa, Ed. Dos Autores.

1980, Marinheiro Com Residência Fixa. Poesia e narrativas. Lisboa, Ed. Do Grupo De Intervenção Cultural Açoriano.

1983, O Gosto Das Palavras I. Ensaios sobre Antero de Quental e outros autores açorianos; o caráter cósmico de alguma poesia barroca, e os Apólogos Dialogais de D. Francisco Manuel de Melo. Coleção Gaivota, SREC, pp. 77-87

1983, Ensaios Sobre Antero De Quental E Outros Autores Açorianos; O Caráter Cósmico De Alguma Poesia Barroca; Os Apólogos Dialogais De D. Francisco Manuel De Melo. Angra Do Heroísmo, SREC.

1983, Antologia De Poesia açoriana in O Gosto Das Palavras I. Angra Do Heroísmo, Secretaria Regional Da Educação E Cultura, pp. 77-87

1984 com Costa Melo, Lúcia. Rota sibilina: pref. Maria da Conceição Vilhena. Vila Franca do Campo: Ilha Nova Ponta Delgada, Câmara Municipal.

1986 Rodrigo Guerra. Alguns olhares in Onésimo T Almeida Da literatura açoriana, para um balanço. Angra do Heroísmo, SREC, pp. 45-54

1987 Naufrágios/Inscrições. Poesia e narrativas. Ponta Delgada, Brumarte / Signo.

1987 Algumas palavras a propósito, in Terra, F. Água de verão, Ponta Delgada, Signo.

1989 Emigração E Literatura, alguns fios da meada, (ensaio que aborda aspetos da emigração açoriana nalguns contistas açorianos do final do séc. XIX), Horta, Centro de Estudos e Cultura da Câmara Municipal da Horta

1989, Emigração E Literatura. Ensaio Que Aborda Aspetos Da Emigração Nalguns Contistas Açorianos Do Final Do Século XIX. Horta, Gabinete De Cultura Da Câmara Municipal.

1989 O Gosto das Palavras I. 2ª ed., II [ensaios sobre autores açorianos e ainda Maria Ondina Braga, Helena Marques, António Tabucchi, Raul Brandão, entre outros], Ponta Delgada, Jornal de Cultura,

1991, Antero açoriano. Vozes em volta. Revista da História das ideias, vol. 13, Coimbra, pp. 221-229

1992 «Carlos Faria – de Nova Iorque às Fajãs de S. Jorge», in FARIA, Carlos, São Jorge Ciclo da Esmeralda, Signo, Câmara Municipal das Velas, 1992, pp. 3-8.

1993, “S. Jorge no Roteiro de Alguns Viajantes”, Revista Insulana, Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1993, pp. 385-402.

1995, Algumas Das Cidades, poemas em prosa. Angra do Heroísmo, Instituto Açoriano de Cultura, coleção Insula.

1995, O Gosto Das Palavras II. Da Literatura Açoriana, Notas Muito Lacunares Para Uma Aproximação, Ensaios Sobre Autores Açorianos E Ainda Maria Ondina Braga, Helena Marques, António Tabucchi, Raul Brandão, E Outros. Ponta Delgada, Jornal De Cultura, pp. 13-16

1995, Da Literatura Açoriana – Notas Muito Lacunares Para Uma Aproximação, In O Gosto Das Palavras II. Ponta Delgada, Jornal Da Cultura, pp. 13-16

1998, De Cabo Verde Aos Açores, À Luz Da «Claridade De S. Vicente. Ensaio sobre A Receção Açoriana Da Literatura Cabo-Verdiana.». Mindelo, Cabo Verde, Câmara Municipal

1998, O Gosto Das Palavras III, SREC, Angra, col. Gaivota, nº 31

1998, Bolos de mel, in Margem 2, Funchal, nº 10, dez. ° 1998, pp. 50-51

1998, A ilha de Fernão Dulmo em Mau Tempo no canal in Homem, M.A. ed., atas do colóquio As ilhas e a mitologia, Câmara Municipal do Funchal: pp. 117 - 123

1999, O Gosto Das Palavras III. Ensaios Sobre Literatura Clássica Portuguesa, Literatura Açoriana E Cabo-Verdiana. Lisboa, coleção Garajau, Ed. Salamandra.

2000, Nove Rumores do Mar - Antologia de Poesia Açoriana Contemporânea, organizada por Eduardo Bettencourt Pinto e Vamberto Freitas, Instituto Camões e Seixo Publishers

2001 Uma outra açorianidade, um texto esquecido de Vitorino Nemésio, in Vitorino Nemésio, 1º centenário do nascimento, 1901-2001, separata da Revista Atlântida, vol. XLVI, Angra, Instituto Açoriano de Cultura

2002, Introdução in Vitorino Nemésio, Paço do Milhafre, O mistério do Paço do Milhafre, obras completas, vol. VII, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp. 9-27

2002, Pedro da Silveira - escrita e o mundo in O Faial e a periferia açoriana, nos 550 anos do descobrimento das Flores e Corvo, Atas do III colóquio. Núcleo Cultural da Horta: pp. 597-604

2003, Ilhas Conforme As Circunstâncias. Ensaios Sobre Literatura Açoriana, Cabo-Verdiana E São-Tomense. Lisboa, Ed. Salamandra.

2004, José Martins Garcia, Boletim do Núcleo Cultural da Horta, vol. XIII, pp. 59-64

2004, José Martins Garcia: A Palavra, O Riso. Separata Da Revista Arquipélago -Línguas E Literaturas, vol. XVII. Ponta Delgada, Universidade Dos Açores.

2005, Lugares Sombras E Afetos (poesia e narrativas), com desenhos de Seixas Peixoto. Arganil, ed. Moura Pinto e Figueira Da Foz, Ed. Dos Autores.

2005, Santo Amaro Sobre O Mar Com Desenhos De Alberto Pêssimo. Arganil, Editorial Moura Pinto

2005, Santo Amaro Sobre O Mar Com Desenhos De Alberto Pêssimo, 2ª edição revista, Câmara Municipal de São Roque do Pico

2005, In Caminhos do mar, antologia poética açoriano-catarinense com Lauro Junkes e Osmar Pisani, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

2006, Manuel Lopes, escritor – Um cabo-verdiano nos Açores, 2006, Horta, Boletim do Núcleo Cultural da Horta, vol. 15

2006, Antero, com desenhos de Alberto Pêssimo (poesia). Arganil, Editorial Moura Pinto.

2006, Frases Para Ter Na Algibeira, org. De Sara Pais. Lisboa, Livramento.

2006, Mística E Nuvens Do Vulcão Do Pico, com Victor Hugo Forjaz, Zilda Tavares Melo França, Lurdes Bettencourt E Oliveira, João José Fernandes. Ponta Delgada, Observatório Vulcanológico E Geotérmico Dos Açores.

2006, O guardador de freiras, in Margem 2, Funchal, nº 21, abril, pp. 44-46

2006, In Pontos luminosos, Açores e Madeira, antologia poética do séc. XX com Maria Aurora Homem e Diana Pimentel, ed. Campo das Letras.

2007, Nas Lajes, Um Chá Imprevisível. Separata Da Revista Magma, 4. Lajes Do Pico, ed. Câmara Municipal.

2007, Entre Cabo Verde e os Açores, a literatura em viagem, in John Kinsella & Carmen Ramos Villar, eds. Lusophone Studies #5, Mid Atlantic Margins, Transatlantic Identities, Azorean Literature in context. University of Bristol, July 2007

2007, «Literatura açoriana – da solidão atlântica à perdição no mundo», in Tutikian, Jane e Brasil, Luiz António de Assis (org. de), Mar Horizonte: Literaturas Insulares Lusófonas, Porto Alegre, EDIPUCRS (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul), Coleção Memória das Letras, n.º 22, 2007, pp. 11-22.

2008, com Lauro Junckes, Coord Onésimo Almeida, Caminhos do Mar

2008, A afirmação de uma cultura própria, in Artur Teodoro de Matos, Avelino de Freitas Meneses, Guilherme Reis Leite, dir.História dos Açores, do descobrimento ao séc. XX, vol. II, Angra, Instituto Açoriano de Cultura, pp. 307-322

2008, O Tempo De Florêncio Terra. Separata Do Boletim Do Núcleo Cultural Da Horta, vol. 17. Horta, Núcleo Cultural.

2008, Novas do Achamento do Divino em terras brasileiras, in Jornal de Letras nº 114. Rio de Janeiro, Instituto Antares de Cultura, fevereiro 2008. Recensão ao livro Caminhos do Divino de Lélia Pereira da Silva Nunes

2008, Pedras Negras, Dias de Melo, in Jornal de Letras nº 119, Rio de Janeiro, Instituto Antares de Cultura, julho 2008

2008, Literatura açoriana – da solidão atlântica à perdição no mundo» in Jane Tutikian e Luiz António de Assis Brasil (org), Mar Horizonte: Literaturas insularem lusófonas. Rio Grande do Sul, EDIPUCRS [Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul], Coleção Memória das Letras, n.º 22, 2008.

2009, Manuel Lopes, escritor – um cabo-verdiano nos Açores» in José Luís Hopffer Almada (org), O Ano Mágico de 2006, Olhares Retrospectivos sobre a História e a Cultura Cabo-Verdianas. Praia, Instº da Biblioteca Nacional e do Livro de Cabo Verde,

2009, Signo Atlântico in José Martins Garcia, Português, contrabandista, seleção de contos, Lajes do Pico, Biblioteca Açoriana (Companhia das Ilhas)

2009, in Azoru. Dzejas antologija com Leon Briedis, Riga, Letónia

2009, Santo Amaro Sobre O Mar, com Desenhos De Alberto Pêssimo. 2.ª Edição Revista, Câmara Municipal De S. Roque,

2010 Que paisagem apagarás? Ponta Delgada, ed. Publiçor

2011, in Antologia Bilingue de Autores Açorianos Contemporâneos, de Helena Chrystello e Rosário Girão, AICL-Colóquios da Lusofonia ed. Calendário de Letras V. N. de Gaia

2011, IN Antologia da Memória poética da Guerra Colonial, Roberto Vecchi, Margarida Calafate Ribeiro (org.), Fotografias: Manuel Botelho, Notas biográficas: Luciana Silva e Mónica Silva, 1.ª ed. Porto: Afrontamento, 2011 (Poesia; Antologias, 2), ISBN 9789723611748, 648 pp.

2011, O leitor que se perdeu entre os leitores de nuvens (originalmente publicado na revista «Ponto Cardeal», n. ° 4. Madalena, Pico, Açores, Escola Cardeal Costa Nunes, novembro de 2011)

2011, Eduíno de Jesus, o Bar Jade e o jornal A Ilha, Horta, Boletim do Núcleo Cultural da Horta

2012, Fernando Aires e a Geração de 40, in Atas do 17º colóquio da lusofonia, Lagoa, S Miguel, Açores

2012, África frente e verso, Ponta Delgada, Letras Lavadas

2012, in Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos, de Helena Chrystello e Rosário Girão, AICL-Colóquios da Lusofonia ed. Calendário de Letras V. N. de Gaia

2013, O leitor que se perdeu entre os leitores de nuvens, IN revista Ponto Cardeal nº 4 Madalena, Pico, Escola Cardeal Costa Nunes, novº 2011. <http://www.enriquevilamatas.com/escritores/escrbettencourt3.html>

2013 Outros nomes, outras guerras, Lajes do Pico, ed. Companhia das ilhas,

2014, Garcia Monteiro, autógrafos e algo mais, in Boletim do Núcleo da Horta,

2014, Inquietação insular e figuração satírica em José Martins Garcia, tese de dissertação

2015, José Martins Garcia. A linguística vai à guerra, in Atas do 23º colóquio da lusofonia, Fundão

2015 Ser escritor nos Açores, in Atas do 23º Colóquio da Lusofonia, Fundão

2016. Germano Almeida in Atas 26º colóquio da lusofonia Lomba da Maia 2016

2017, Pedro da Silveira, – as ilhas da (sua) literatura in Atas do 27º colóquio da lusofonia, Belmonte

2017, O Amanhã não Existe (Inquietação insular e figuração satírica em José Martins Garcia). Lajes do Pico, Companhia das Ilhas, 2017)

2018, «J. H. Santos Barros, poeta» e «Dossiê crítico», em J. H. Santos Barros, Alexandrina, como era. Todos os poemas. Edição e apresentação de Jorge Reis-Sá. Lisboa: Imprensa Nacional.

2018. Vitorino Nemésio, Amor de Nunca Mais e Paço do Milhafre e O Mistério do Paço do Milhafre. Obra Completa. Teatro e Ficção I. Edição e apresentação da ficção por Urbano Bettencourt. Lajes do Pico e Lisboa: Companhia das Ilhas e Imprensa Nacional.

2019. Mulher de Porto Pim. Libreto sobre a obra homónima de António Tabucchi para cantata (filarmónica e coro) de Rui Souza. Apresentação no Festival Muma (Horta, 9 de maio)

3. TEMA HOMENAGEM A ONÉSIMO T ALMEIDA DA CRÓNICA E ARREDORES

A crónica enquanto lugar de registo do *tempo* (*cronos*) é um género discursivo aberto às mais variadas modulações: da narração à digressão, da reflexão à efabulação e ao comentário. Ancorada no real, por vezes num pequeno facto que lhe serve de pretexto, a crónica realiza-se como uma deriva entre o social e o pessoal, o olhar para o exterior e a auto-observação, não hesitando em lançar mão do humor e da ironia como formas de distanciação e de sedução também. A análise de algumas crónicas de Onésimo Teotónio Almeida permitirá constatar como nelas se verifica tudo isso e como, eventualmente, elas atestam variações sobre o «modelo» aqui descrito.

19. VAMBERTO FREITAS, ESCRITOR AÇORIANO, TERCEIRA, RADICADO EM S. MIGUEL

alguma bibliografia: 38

Apresenta UMA HOMENAGEM A ONÉSIMO T ALMEIDA

Apresenta o novo livro de EDUÍNO DE JESUS COMO TENUÍSSIMA ESPUMA DE LUZ

2019. Com Navalhas e Navios [Poesia reunida]. Lajes do Pico: Companhia das Ilhas.  
2019 Con Navajas y Navios [Poesia reunida 1972-2018 y dos ensayos]. Prologo y traduccion de Javier Hernandez Fernandez. Biblioteca atlántica. Islas Canarias: Consejería de Turismo, Cultura y Deportes. Gobierno de Canarias.  
2019. Pedro da Silveira, Fui ao mar buscar laranjas [Poesia reunida]. Coordenação, fixação do texto e introdução de Urbano Bettencourt. Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura.

38 VAMBERTO FREITAS Tem publicado dezenas de artigos de crítica literária e de opinião no *Diário de Notícias*, em Lisboa; *Açoriano Oriental* e *Correio dos Açores*, em Ponta Delgada

Alguns Trabalhos publicados em revistas, jornais e suplementos culturais:  
"O Homem Suspenso, ou um outro Livro do Desassossego", *Vértice*, nº 76, janeiro-fevereiro 1997.  
"A Critic's Notebook, de Irving Howe: Sociedade e Crítica", *Atlântida*, XII, 1996.  
"Lá muito Longe para além do Mar: A nossa imigração na Califórnia", *Atlântida*, XL, 1995.  
"The Western Canon, de Harold Bloom: Sociedade, Literatura e Crítica", *Atlântida*, XXXIX, 1994.  
"Culture and Imperialism, de Edward Said: da Ficção imperialista e da Viagem para Dentro", *Vértice*, nº 58, 1994.  
"História e Política em A Ilha de Aldous Huxley", *Arquipélago (Ciências Humanas)*, vol. XIII, 1994.  
"Crónicas da Diáspora: Um Espaço sem Fronteiras", *Arquipélago (Ciências Sociais)*, vol. VII, 1994.  
"Ida e Volta: À Procura de Babbitt, de Ilse Losa. A Outra América e o Outro Babbitt", *Letras & Letras*, nº 110, 1994.  
"José Rodrigues Miguéis e o seu Contrabando Literário", *Vértice*, nº 54, 1993.  
"Pós-Modernismo em Questão: The Critics Bear it Away: a Crítica da Crítica, *Letras & Letras*, nº 90, 1993.  
"William Faulkner e João de Melo: De Yoknapatawpha ao Rozário da Achadinha" *Atlântida*, vol. XXXVI, 1991.  
"Alguns Aspetos Faulknerianos na Obra de João de Melo", *Letras & Letras*, nº 39, 1991.  
Alguns livros:  
O imaginário dos escritores açorianos, ed Salamandra 1992  
Mar cavado da literatura AÇORIANA e de outras narrativas (COLEÇÃO garajau) (Portuguese Edition) 1998  
Para cada amanhã: jornal de emigrante 1993  
Entre a Palavra e o Chão. Geografias do Afeto e da Memória. Ponta Delgada, Jornal de Cultura. (1998), Mar Cavado.  
Da Literatura Açoriana e Outras Narrativas. Lisboa, Salamandra (1999),  
A Ilha em Frente. Textos do Cerco e da Fuga. Lisboa, Salamandra. (2002),  
O Homem que era feito de Rede, trad. do conto de Katherine Vaz, Man Who Was Made Of Netting. Lisboa, Salamandra. (2002),  
Jornalismo e Cidadania: Dos Açores à Califórnia. Lisboa, Salamandra (2002).  
o seu décimo livro de ensaios, Imaginários Luso-Americanos e Açorianos: do outro lado do espelho.  
BorderCrossings: leituras transatlânticas 2, 2014  
BorderCrossings: leituras transatlânticas 3, 2016  
BorderCrossings: leituras transatlânticas 4, 2017